

VIDA
OCIOSA
A FILHA

GODOFREDO
RANGEL

FALANGE

GLORIOSA

OS BEM-

-CASADOS

vol. 1

VIDA
OCIOSA
A FILHA
GODOFREDO
RANGEL
FALANGE
GLORIOSA
OS BEM-
-CASADOS

VIDA
OCIOSA
A FILHA
GODOFREDO
RANGEL

vol. 1

Belo Horizonte | MG, 2022

APRESENTAÇÃO

- 7 Tribunal de Justiça de Minas Gerais | TJMG
- 8 Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes | Ejef
- 9 Associação dos Magistrados Mineiros | Amagis

- 10 **GODOFREDO RANGEL, IMORTAL**
Rogério Faria Tavares

- 13 **VIDA OCIOSA**

- 127 **A FILHA**

- 214 **O MEU MESTRE RANGEL**
Autran Dourado

- 223 **LITERATURA CALIGRÁFICA**
Antonio Candido

- 237 **CRONOLOGIA**

ESTA reedição de quatro obras de referência de Godofredo Rangel — *Vida ociosa, A filha, Falange gloriosa e Os bem-casados* — é também uma forma de resgatar uma parte importante da história literária brasileira. Revisitar o escritor Godofredo Rangel é ser testemunha de um nobre clássico: o amor pela literatura.

A Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes (Ejef), a Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis) e a Academia Mineira de Letras (AML), responsáveis pela brilhante iniciativa, nos convidam a esta experiência mágica e transformadora que a leitura nos propõe.

Monteiro Lobato, grande amigo de Godofredo Rangel, em uma de suas cartas escreveu-lhe: *Parabéns! Enfim, Rangel, estás consagrado no nosso grupo como o grande romancista que o país esperava — a nossa roda sabe o que diz, e o que ela diz é a opinião de amanhã.*

Visionário, Lobato tinha razão. Rangel é e será eterno em sua obra. Os dois trocaram cartas durante 45 anos, 1903 a 1948, cartas também eternizadas nas 752 páginas em dois volumes sob o título *A barca de Gleyre*.

O roteiro intelectual e afetivo de Godofredo Rangel o tornou imortal da Academia Mineira de Letras. Isso já se constitui motivo suficiente para uma (re)leitura de suas obras, que emocionam, sensibilizam e nos convidam a viver a *Vida Ociosa*, assim, como deve ser.

DESEMBARGADOR GILSON SOARES LEMES
Presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais

MERCÊ da família de Godofredo Rangel, especialmente do fiel curador de sua obra, o Acadêmico Márcio Sampaio; da participação marcante e decisiva da Associação dos Magistrados Mineiros; da Academia Mineira de Letras, de onde se destacam a sensibilidade e o descortino do Dr. Rogério Tavares, seu Presidente; o Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, pela Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes, participa deste evento magistral: a publicação da obra do homem público, do escritor e juiz, do artista José Godofredo de Moura Rangel, ou, simplesmente, Godofredo Rangel.

De sua parte, a Escola Judicial empreende esforços para resgatar a memória histórica da magistratura e, ainda, possibilitar o acesso à instigante obra do autor, juiz e romancista mineiro, onde se retratam traços da vida interiorana (é no interior de Minas o *locus* da maioria das comarcas), bem assim, numa mirada humanista, possibilitar o contato com as letras e a literatura e a lida com a complexidade das significações jurídicas e os seus reflexos na vida social.

Do ofício de juiz destacam-se as letras. As letras são do ofício do juiz.

Godofredo é juiz. Juiz-escritor, juiz-professor, juiz-tradutor. Humanista. Ilustra a imagem institucional do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, que se projeta nesta iniciativa, com a participação na reedição de sua obra, em parceria com a Associação dos Magistrados Mineiros e a Academia Mineira de Letras.

TIAGO PINTO

*Superintendente da Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes
Segundo Vice-Presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais*

DIFUNDIR e celebrar o talento literário dos magistrados mineiros é uma das missões da Amagis há muitos anos. Uma divulgação mais intensa teve início a partir da criação da revista *MagisCultura*, em 2009. A partir de então, os magistrados e magistradas passaram a ter espaço próprio para exercer suas expressões artísticas. Além disso, a revista serviu de inspiração para que colegas magistrados começassem a escrever.

A ligação entre a Magistratura e a literatura, contudo, remonta a um tempo muito anterior. Personagens como Tomás António Gonzaga (1744-1810), muito conhecido como poeta e inconfidente, mas que também foi magistrado, e Hermenegildo de Barros (1866-1955), juiz que percorreu todas as instâncias e que também foi exímio escritor, são exemplos desse diálogo entre as letras e a Magistratura.

Outro grande magistrado, cujo talento literário é inegável, foi Godofredo Rangel. Sua trajetória está muito bem descrita em nota biográfica que integra esta edição, o que dispensa detalhes nesta apresentação. O mais importante é que, com esta obra que o leitor tem em mãos, o escritor Godofredo Rangel “renasce”. Seus romances podem ser apresentados ao grande público após longo tempo decorrido sem novas edições. É como se ele estivesse entre nós novamente, pois sua obra será eterna.

Assim, a Amagis cumpre a missão de entregar às atuais e às futuras gerações esses quatro inestimáveis romances de Godofredo Rangel.

Ressaltamos também a satisfação em dar vida a esse projeto ao lado de instituições como o Tribunal de Justiça de Minas Gerais, através da Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes, e a Academia Mineira de Letras. Não poderia haver companhia melhor para efetivarmos nosso propósito de difundir e celebrar a obra de Godofredo Rangel. Destacamos ainda o trabalho de Márcio Sampaio, que, por mais de 50 anos, acalenta e cuida do legado de Godofredo Rangel.

Por fim, registramos agradecimento às pessoas que trabalharam, direta e indiretamente, nesta obra, em especial ao ex-presidente da Amagis, desembargador Alberto Diniz Junior, em cuja gestão se iniciou este projeto.

JUIZ LUIZ CARLOS REZENDE E SANTOS
Presidente da Amagis

GODOFREDO RANGEL, IMORTAL

O corpo fenece. O legado, no entanto, é perene. Vence a morte e o esquecimento. Os quatro romances de Godofredo Rangel, agora relançados, oferecem às novas gerações eficiente testemunho do raro padrão de sua literatura, reconhecido e admirado, ao longo do tempo, por uma legião de leitores altamente qualificados. Como um dia escreveu Monteiro Lobato, com quem o autor se correspondeu por mais de 40 anos, a respeito de sua estreia: “Quero ter a glória de ser o primeiro a dizer que *Vida ociosa* só pode figurar em nossas letras junto ao melhor de Machado. Aquilo é uma obra prima de psicologia e realismo das mais puras. É um livro sedimentado e definitivamente lindo”. Sobre o mesmo volume, assim se exprimiu Antônio Moraes, seu sucessor na cadeira de número 13 da Academia Mineira de Letras (AML), em seu discurso de posse como um de seus membros, em 1952: “Em *Vida ociosa* os personagens vivem. Têm carne, têm músculos, têm coração, têm alma, têm nervos”.

Na oração proferida durante o velório do escritor, no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, o então presidente da Casa de Alphonsus de Guimaraens, Mário Matos, foi certeiro: “Godofredo Rangel é certamente o mais mineiro dos escritores de Minas. A sua voz literária, como quer que se manifestasse, transpirava o cheiro da terra, o murmúrio da água do córrego e a poesia do céu de Minas”. A respeito da convivência com o escritor, o mesmo Matos acrescentou: “Como homem e cidadão, era dessas raras criaturas que, depois de meia hora de conversa, deixavam no ouvinte o desejo de incorporá-lo a seu parentesco religioso e a sua amizade, o desejo de convidá-lo para compadre”. Para, mais adiante, concluir: “Há uma

palavra que lhe resume a vida toda. Suavidade. Viveu suavemente, tinha a palavra suave, com suavidade deslizava pela existência, amou em tom suave e suavemente sofreu. Foi uma criatura em surdina, assim como um canto de pássaro, a música na rua dos arraiais ou a melancolia do crepúsculo no campo”.

Por tudo isso, é uma satisfação para a AML estar ao lado do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, da Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes e da Associação dos Magistrados Mineiros no presente empreendimento editorial. Comprometidas com o direito à Cultura, garantido pela Constituição Federal de 1988, as mencionadas instituições executam, por meio de tal gesto, tarefa de inegável interesse público e de imensa repercussão nos meios sociais.

Fundada em 1909, em Juiz de Fora, para promover a Língua Portuguesa, as Letras e as Artes, e, igualmente, a Educação e a História, a Academia permanece leal ao sonho de seus idealizadores, passados mais de 112 anos. O resgate da densa contribuição de um de seus mais ilustres integrantes para a vida literária brasileira comprova e reitera sua vocação e seu destino. Que à recuperação da memória literária de Godofredo Rangel, aqui belamente realizada, se sucedam outros projetos de igual envergadura. Será bom para todos!

ROGÉRIO FARIA TAVARES

Jornalista. Doutor em Literatura

Presidente da Academia Mineira de Letras

VIDA
OCIOSA
GODOFREDO
RANGEL

A ESTRADA

Atravesso um longo trecho do povoado, que ainda dorme na penumbra. A orla do horizonte empalidece. Cantos roucos de galos erguem-se de todos os quintais. Arvoredos sonolentos debruçam-se sobre velhas cercas, sombrios e relentados, com um fulgor de diamante negro em cada folha. A aragem corta e ligeira névoa adensa-se nas extremidades da rua. Sorvendo até o imo dos pulmões o ar úmido e frio, sinto meu sangue reagir alvoroçadamente, dando-me uma doce impressão de bem-estar.

A estrada. Um resto da melancolia da noite ainda se exprime no cricrilar transnotado dos últimos grilos; em compensação, o hesitante rangido com que as primeiras cigarras ensaiam a música do dia, o crescendo de pios e gorjeios na grande mata do outro lado do rio, anunciam o dia que alvorece.

Essa hora exerce sobre mim efeitos contraditórios. Às vezes acabrunha-me, intumesce-me o coração com velhas recordações imprecisas; há em minha alma o renascer de sensações antigas, e que de longínquas jaziam em letargo, como mortas. Para despertá-las basta um quase nada: um reflexo alvacentos num alagadiço, um voo ondulante de pássaro, o sussurro da viração nas folhagens... De que me lembro? A que cenas deslembadas de minha vida se prendem essas fugidias sensações? Sabe-o apenas o subconsciente. Nesses instantes a alma tumultua-me; dentro de mim *alguém* debruça-se à janela do passado e alonga olhos nostálgicos para o que quer que seja que não distingo. Sim! Diviso às vezes, nuns como

toques imprecisos de paisagem entre névoas, minha mãe que com o lenço me acena, certa madrugada de despedida; um perfil de companheiro de infância, uma fita de fumaça imota no ar parado, desnovelando-se sem pressa, que o comboio ao longe continua a estirar, até o cabo de certa interminável várzea, minha conhecida da infância. Saudades, enfim, de pessoas e coisas velhas, ou de pessoas apenas, que as coisas dos antigos tempos como que se personificam e vivem, fitando-nos, como almas chorosas, do fundo de nosso passado.

Outras vezes causa-me um recrescer de vitalidade. Sinto-me germinar. Minh'alma desabrocha em aspirações, e julgo-me forte para realizá-las. Parece que todos os triunfos dependem da minha simples vontade. Um "quero" equivale a um "fiat". Se estou enfermo, esqueço a lazeira física, todo impessoalizado na consciência da força. Não! meu coração não desequilibra seu ritmo nem os pulmões arfam penosamente; não sou carne, não tenho besta! sou uma ideia que quer, uma energia que atua.

O caminho segue a cavaleiro do rio, que deriva à minha direita, encoberto pela vegetação. Às vezes corre tão perto que, arremessando-se uma pedra em sua direitura, se ouve o grulhar das águas deglutindo-a. Flui misterioso e silente, apenas espaço a espaço traíndo sua presença o marulho da corrente arrufando-se em coivaras, ou um breve reflexo prateado numa entreaberta das ramarias. E a estrada, sanguejante, com vincos de carros de bois e moldes de cascos de animais, prolonga-se à minha frente, orlada de laçarias bambas de cipós florescidos. Em certo ponto, numa surpresa de colorido, surge uma sempre-lustrosa revestida de flores roxas, alto a baixo, tantas flores que não se lhe vê outra cor; e, no chão, onde roja as dobras da rica túnica, esgarça-se num rastro de pétalas violáceas.

Nas vertentes o caminho abaúla-se em facões. Não raro, ladeando a estrada, cruces negras abrem os braços carcomidos; pecíolos ressequidos coroam o tope de uma ou outra, indicando que a criatura que ali tombou inda não está totalmente

esquecida; e, achegadas aos seus pés, pia oferenda dos viandantes, morouços de pedras soltas.

Que alegre tintinabular me canta agora nos ouvidos? Que lírico madrigal, cadente e argentino, vem carrilhonando estrada em fora? Ah, é uma tropa. À frente trota a madrinha, com um colar de campainhas por peitoral. Vem lépida, contente, estimulada pela doce música que suas passadas ferem, orgulhosa talvez dos laços de baeta vermelha que a adornam, como rústica divindade de um culto primitivo. Até ao alto do pau do arrocho, enristado sobre as cargas como uma haste de bandeira, ondula a flâmula ridente de duas tiras escarlates. Embala-me assim a alma com as suaves toadas de minha infância, canta-me essa velha cantiga serrana, simples e sem letra, ó doce aparição das estradas mineiras, poética fantasia de tropeiros roídos de saudades, que, se à noite descantam nos arpejos da viola as suas melancolias de eternos desterrados, de dia sentem que o jornadear é mais suave embalado pelo teu carrilhão sonoro e jovial, doce encantamento para os ouvidos e refrigério para a nostalgia.

E, repicando festiva, com o surdo acompanhamento do patear da tropa, a agreste harmonia perde-se a distância.

Agora a vetusta porteira, de largos tabuões horizontais. O coice é um tronco, malfalquejado, tendo ao topo uma abertura esculpida em cruz. Ao abrir, ela emite um rangido prolongado e sonoro; e volta silenciosa, para fechar-se em baque poderoso sobre o mourão-batente, o qual retumba pelos grotões como um tiro de peça.

Não sei por quê, é grande a força emotiva destes dois sons combinados; quando os últimos ecos se calam, inda noss'alma está a vibrar, ferida profundamente em suas mais íntimas cordas; e à boca vem-nos aquele mesmo ressaibo de vaga saudade, uma melancolia de recordações longínquas; talvez porque sugerem, com a influência do meio, na paz bucólica da natureza, a lembrança de velhos fazendões semiabandonados, onde as horas passam arrastadamente, apenas escandido o seu espesso silêncio pelo baque das porteiros lá fora e pelo fanho bater de horas do velho relógio, alto como um armário, empertigado a um canto do imenso salão de jantar.

Como toda a porteira de antigas estradas, esta é um monumento em que colaboram a mão do homem e a da natureza. Característica e pitoresca. Para cima e para baixo, valos divisórios colmados de um “betume” de raizadas, gramíneas, trapoerabas de florinhas azuis. A restinga de mata que orla em geral toda a beira de valo, ali arqueia as ramagens em túnel sobre a estrada. Unhas-de-vaca de folhas fendidas, angicos rendilhados, bicos-de-pato de bastas e miúdas folhas crescem ao lado dos mourões, entremisturando ao alto as verdes galhadas oblíquas, em tácito concerto para resguardar naquele trecho uma pouca de sombra fresca e preciosíssima.

Quando as soalheiras escaldantes zimbram as abundantes invernadas que margeiam o caminho, estorricando os capinzais, sutilizando em ondadas de pó a terra vermelha das estradas, procurando haurir, indessedentáveis, até à última gota de seiva da vegetação causticada, para aquele que andou longo percurso à inclemência do sol a porteira é uma surpresa e uma delícia. A urdidura das copas é impenetrável; das barrancas revestidas da verde cabelugem de avenças e musgos, poreja continuamente um pouco de umidade que não chega para empapar a terra mas sobeja para fazer da temperatura carícia e voluptuosidade para a epiderme. As próprias borboletas comprazem-se nessa nesga de sombra ilhada aí providencialmente; quem passa vê-as no chão úmido, aos enxames, pintalgando a terra, como pétalas soltas espalhadas pelo vento, pétalas de tonalidades vivas, com predominância do amarelo-canário e vermelho de fogo. À chegada do viandante evolum-se e revolteiam, como torturadas por um pé de vento; mas não fogem; e, esvoaçando às tontas, esperam que o importuno se afaste, para, estetas rústicas — quem sabe! — deleitarem-se em bordar de novo, na grata penumbra, ingênuas fantasias coloridas.

Agora, pela manhã frígida, este bosque põe-me um arrepio à flor da pele. As borboletas — preguiçosas! — ainda para aqui não vieram, “a espairecer as suas borboletices”. Das folhagens encharcadas, espaçadamente o orvalho goteja, crivando o chão de pequeninos furos; e, ao estrondear da porteira no batente, precipita-se numa chuva efêmera, rumoreja largamente e cessa de improviso.

Seguem-se duzentas braças de campo. Daqui em diante vai-se sempre subindo, suavemente, por um chão apisoado e enegrecido. O morro é todo encaroçado de cupins, a que as gramíneas põem cerco, num sem-conto de frágeis pendões aprumados. Aqui e ali vingam escalar os cômodos mais baixos, que abafam sob sua invasão, deixando apenas adivinharem-se as convexidades submersas. Quantas vezes, do eirado da velha fazenda do Córrego Fundo, que neste momento demandando, durante a estiagem das primeiras chuvas, contemplei, neste campo, o êxodo ascensional das aleluias! Então, de mil furos invisíveis, via borbotar como vaporizações turvas, cones de fumo vivo que subia e se espalhava, dando, ao raso do campo, um tom cor de fuligem, fino e vibrátil, que observado de perto era o debater de miríades de asas minúsculas. E divertia-me ver o alvoroço das galinhas de siá Marciana, o pescoço esticado para o ar, cacarejando aflitas, a regalar-se do farto maná que lhes caía do céu sob a forma de inseto.

Já do oriente, tangenciando a lombada da serra, e premido sob uma nuvem rosa e ouro, filtra-se o primeiro raio de sol. Pelas barrancas sombrias da estrada, em moitas de barba-de-bode, rebri-lha aqui e além oblíquo fio alvíssimo. Recrudescer a vozearia dos pássaros, e asas multiplicam-se nos ares, aos trinços, aos chilros e casquinadas de cristal.

Mais abaixo mostra-se enfim uma curva do rio, harmoniosa e suave como uma linha humana. À superfície líquida desfilam nevoaças, aos esquadrões, sopradas pela aragem matinal. Do lado da estrada as águas espraíam-se claras sobre areais; do outro lado, alto e ininterrupto paredão de verdura, exuberante, selvático, como se a correnteza delimitasse as terras habitadas do sertão bruto. E daquele tapume enredado com que a natureza parece entrincheirar-se contra a invasão dos pequeninos civilizados, daquela exuberância quase agressiva, do longe e confuso alarido dos seres da selva, do entrelaçado das copas, do perfume acre de mata virgem que em ondadas a viração

traz, vem-me uma atração conturbadora, a inculir-me o pesar de não ser fera ou jequitibá, para, integrado na natureza, viver a rude e misteriosa vida da floresta.

Mas meus olhos fogem à vertigem e atentam numa figura humana acorada, como um mocho, num cupim. É o Américo, meu amigo, que me espera. Radiante acena-me uma saudação e precipita-se ao meu encontro; alegremente correspondo; e em pouco estreitamo-nos em reforçado abraço.

Mais uma centena de passos, e eis-nos chegados à fazenda do Córrego Fundo.

RUÍNAS

Alquebrada de velhice, a casa mal se firma agora nos esteios oblíquos e comidos de cupim. Vergastada dos temporais e corroídas polegada a polegada pela ação erosiva do tempo, as paredes raras vestígios mostram da última mão de cal levada vinte anos antes.

As ripas, enxadrezadas com os paus a pique, exibem por toda a parte sua ossatura carunchosa. É um cadáver de casa, uma carcaça decomposta, já mostrando as costelas descarnadas. Ao lado, onde foram as tulhas, vê-se hoje um montão de escombros; e, no eirado, para onde se abre a porta principal, cresce o capim desafogadamente. Contrastando com esse ar de morte e abandono e dando uma nota ridente de vida ao vetusto pardieiro, sobe dos fundos uma espiral de fumo azul, que se desfibra lentamente no espaço.

Aí moram o velho Próspero e siá Marciana, pais do Américo. Já rumando os oitenta ou noventa anos (nem sei quantos!) dão exemplo de serena velhice, sem amarguras contra a vida, nem o pesar de deixá-la. Enquanto pôde, o velho trabalhou. Foi fazendeiro, teve grandes rebanhos de gado e extensos alqueires de plantações; mas, por ser bom e confiante, o que tinha foi-se rapidamente, quando sua atividade começou a declinar e ao peso dos gastos não podia opor equivalente receita. Ingratidões e abusos de confiança levaram-lhe até o último vintém; o que porém se lhe salvou do soçobro, e à sua companheira, o único e precioso tesouro inconsumptível de que não os puderam esbulhar, foi a branda alegria d'alma que os acompanhou em todas as vicissitudes do passado, e que dá à velhice de

ambos uns toques de mocidade vivaz, como festões de madressilvas alastrando sobre ruínas. Paupérrimos, a própria vivenda em que moram é alheia — pertence a um irmão mais moço de Próspero, fazendeiro “desempenhado”, e tão sovina que, o ceder-lhes por favor essa moradia, torna a todos boquiabertos. Os velhos nunca se queixam; mas sei que o proprietário, o major Claudino, não os deixa em completo sossego. É uns dez anos mais moço que Próspero. Foi este quem lhe deu a mão para começar a vida e continuá-la; e também foi Claudino quem abocanhou os últimos restos de sua fortuna, valendo-se de contas pouco compreensíveis e de juros misteriosamente intrincados. Nessa época, como quisesse expulsar os velhos da fazenda, levantou essa descaridade tal clamor entre os conhecidos e parentes, que Claudino cedeu, a contragosto, deixando-lhes o usufruto da casa e de algumas braças de terreno. “Estão velhos, pouco hão de durar”, dizia para conformar-se. Mas os velhos resistem valentemente aos embates dos anos e Claudino com isso impacienta-se, diz impertinências, reclama contra o descalabro crescente de tudo e quer levá-los para sua própria casa. Próspero limita-se a replicar sorrindo e sem levar a mal: “Tem paciência, mano! Espera mais um pouco. Para o ano eu e a prima já estamos pescando mandis no rio da eternidade...” (A “prima” é siá Marciana. Dá-lhe tal tratamento, por terem esse parentesco.)

Enquanto esperam, pescam mandis no rio que passa aos fundos da fazenda. Tanto basta para esquecerem os anos e as enfermidades. Toda a tarde, Próspero, com o rosto encoberto sob as largas abas de um chapéu achamboado, entra em sua velhíssima canoa de peroba, que é preciso tentear com cuidados infinitos para não fazer água, e vai distribuindo aqui e ali, pelas duas margens, anzóis de espera e laços de capivara; e, sobre a madrugada seguinte, lá volta a correr os mesmos sítios, a dar balanço nos rendimentos da noite... E longe em longe acontece acabar de matar no anzol, a pontoadas de chuço, um enorme dourado, que alegremente traz às costas, ladeira acima, e que, resfolegando, num gesto triunfal, atira pesadamente sobre a mesa de jantar.

Durante o dia ele, mais a velha, radicam-se à sombra dum ingazeiro, cujas ramarias espalhadas protegem do sol, e pescam no remanso que embaixo faz o rio e que transformaram em ceveiro. E vendo-os ali juntinhos, as varas paralelas curvando-se ao peso das chumbadas, cotovelo contra cotovelo, a gente adivinha que os dois irão juntinhos para a cova, quando algum deles assentar de zarpar para as trevas eternas, que talvez já estejam tão próximas como a primeira curva do rio.

O velho Próspero foi caçador apaixonado. Quando lhe peço que me conte trechos de sua vida vêm estes, as mais das vezes, misturados com episódios de caça; o primeiro parto de siá Marciana, ligava-se intimamente com a aventura de uma célebre Pirata, cadelinha onceira; quando lhes morreu o segundo filho, estava, havia três dias, batendo mato bravo, atrás duma bandeira de queixadas; e, ao voltar a casa, carregado de magníficos despojos, seus gritos de triunfo morreram-lhe na garganta, ante o cadaverzinho exposto numa mesa, entre quatro velas altas. Agora que lhe falta resistência para varar brenhas e desentocar onças, canaliza o seu furor venatório contra os peixes, contentando-se, quanto a caças de pelo, em armar às capivaras que lhe destroçam o arrozal.

Invejo-lhe a mania da pesca. Escolheu-a bem para passatempo da velhice, pois não depende de agudeza de vista, nem de músculos reforçados. Seus braços de canoeiro prático, embora trêmulos, ainda sabem o jeito de “temperar” uma canoa, sem excessiva despesa muscular. Lastimável é o escritor que, ao se dobarem os anos da segunda metade da vida, nota em si incapacidade crescente para obter a tensão espiritual que engendra as obras-primas; ao meticoloso sábio que esmiúça ao microscópio os elementos invisíveis das células, deve ir-se-lhe, com o acume da visão, o gosto pela vida. Ai dos que, em sobrevivendo o momento, não estiverem aparelhados para empunhar a filosófica vara de pescar do velho Próspero! E isso o torna feliz. Tiraram-lhe a fortuna — tomou do anzol; arrebatem-lhe o anzol, inda resta o rosário; de modo que, sua bondosa simplicidade, se lhe perdeu a abastança, granjeou-lhe

a conformidade na desgraça. Rememora os antigos anos de fartura, compraz-se às vezes em narrá-los, como um viajante relata as maravilhas que viu no decurso da viagem. Essas recordações têm para ele o doce ressaibo das boas coisas gozadas, sem que lhes sinta amargor por serem coisas idas.

Contou-me um dia que, no tempo de seu pai vivo, havia tantos escravos na fazenda, que davam de comer à molecada num cocho de que ainda no eirado restam vestígios. Despejavam ali dentro tachadas de canjiquinha e com uma buzina convocavam a miuçalha esparsa. De todas as senzalas, da casa, da horta, do pasto, negrinhos acudiam correndo, como uma horda de capetinhas nus. E as mãos avançavam sofregamente para a comida. “Ficava estivado de negrinho, tudo pelado”, explicou Próspero em sua linguagem pitoresca, acentuando a frase com um gesto para indicar a fila ininterrupta de petizes, de uma e outra banda do cocho. Por morte dos pais herdara bons lotes de culturas; veio depois a legítima da “prima”, o que ainda seu trabalho acresceu, nos anos felizes da mocidade. Por essa época povoavam-lhe a casa parentes e amigos. Até parecia hotel. Pessoas havia que lá passavam meses, a ares ou para caçar. Um tal Leonardo, comido de sífilis, permaneceu na fazenda mais de ano, em tratamento. Ao restabelecer-se, Próspero emprestou-lhe dinheiro para comprar um sítio. O pobre do Leonardo! se não tinha recursos para tocar a vida! Com esse princípio arranjou-a tão bem, que hoje é homem de largas posses. É verdade que os esqueceu e que, quando os cruza, mal bole no chapéu; mas anda tão atarefado, sua camaradagem é tão grande, que na cabeça, cheia de preocupações, não sobra espaço para cortesias fúteis. Negou-lhes uma vez auxílio — não por ingratidão, e sim porque o muito serviço põe a gente assim azaranzado e de mau humor, e a ele, coitado, serviço não faltava. O pobrezinho do Leonardo! Como a velha se lembrava ainda dele quase cego, babando pus, com a boca cheia de tumores que mal o deixavam alimentar-se, tanto que era preciso descerem-lhe leite à garganta por um canudinho de bambu! E agarrava-se a siá Marciana, chamando-lhe mamãe, e chorando, num retrocesso à infância, quase imbecilizado pela moléstia.

Entre outras passagens também contou-me que estanciara na fazenda umas semanas certo médico português. O Dr. Filipe, homem muito divertido, e a cuja figura evocada os velhos sorriam um para o outro. Sem clínica, vivia a correr terras, de sapatões ferrados e roupa no fio... Nem recursos tinha para viajar a cavalo; ia de lugar em lugar com a malinha às costas e bastão na mão, e por isso na cidade puseram-lhe a alcunha de Dr. De a Pé. Que maldade, coitado! Porém apelido num homem infeliz e sensível, que, ao falar na “terra”, marejavam-se-lhe os olhos, de saudades da mãe e da irmã, que lá ficaram tão longe, sem amparo, da outra banda do mar.

Mas os velhos sorriam, lembrados de certo episódio malicioso. Querendo aprender a caçar, esse bom Dr. Filipe mal sabia pegar numa espingarda. Deu ali seus primeiros tiros, e, a cada um, que assinalava um malogro, escapava-lhe um *má-raios* de desapontamento. Próspero, porém, não desanimava com o aluno, e repisava como estribilho: “Ainda espero ver um dia o doutor matar uma capivara!”. Afinal esse dia chegou. A mata virgem alastrava até tão perto da fazenda, que à tarde urus e inhambus vinham mariscar no terreiro, confraternizando com as galinhas e marrecos da criação doméstica. As capivaras, então, eram uma praga. Uma tarde foi visto um casal delas à beira do açude, ao fundo da horta. “Pegue na espingarda, Dr. Filipe, e venha!”, disse o velho. Foram até o açude. À sua chegada os grandes roedores mergulharam prontamente na água negra. Certo momento apareceu um focinho à tona, bem perto do Dr. Filipe. Ele atira à queima-bucha: “Má-raios!”. Outro tiro — por um milagre acerta. A cachorrada encarrega-se de tirar d’água o animal ferido, e sumariamente o acaba às dentadas. O doutor ficou radiante da façanha. Então o velho Próspero propôs-lhe uma questãozinha magana: “Doutor, o senhor, que é médico, entende muito de organismos vivos; por isso, diga-me se esta capivara é macha ou fêmea”. “Oh! nada mais simples!”, exclamou o doutor, ofendido pela insignificância da consulta. E olha o bicho despreocupado, depois examina-o atento, e concentra-se na análise e submete-o a uma inspeção conscienciosa e científica... Por fim desiste, no auge da perplexidade.

Então Próspero solta uma casquinada: “É macha, doutor! Olha o focinho... Capivara macha tem um calo no nariz”. E os velhos riam-se, à evocação da descocha do Dr. De a Pé, por levar o formidável quinau.

Chegada a uma recordação como esta, mistura de antigas grandezas com reminiscências de velhas caçadas, a retentiva do velho transvia-se do fio direito da narração, e, esquecido do mais, deleita-se em memorar proezas de caçador. E é sobremaneira agradável ouvi-las, principalmente em torno de um brasido, em noite frígida. Se o tempo é desabrido, e as chuvas fazem das estradas extensos lameirais, reúnem-se nesses serões mais pessoas na velha fazenda, viandantes colhidos pelo temporal e que, ao abrigo de suas telhas hospitaleiras esperam estiagem propícia para a continuação da jornada. E quando acerta serem caçadores esses viajantes encharcados, ainda aumenta o prazer da palestra, pois cada um desfia o mais interessante de suas recordações. Quanto a siá Marciana, essa limita-se a comentar as narrativas do “primo” com as suas impressões pessoais de esposa extremosa: as angústias das longas esperas, o olhar pela janela verrumando o oceano das copadas que se derramavam em torno, ou sondando as últimas curvas das estradas, a medir o tempo com as pulsações do coração... Como tardavam os caçadores! Prouvesse a Deus não houvesse acontecido uma desgraça! E quando Próspero voltava, que júbilo ao vê-lo são e salvo, e ao apreciar, como entendedora, o porte da suçarana que dizimara a matilha, ou o número de queixadas abatidos no bando!

ACOLHIMENTO CORDIAL

— Então, Dr. Félix! tardou mas sempre apareceu — repetia-me Américo exultando, ao abrir a cancela do eirado, deixando à esquerda a porta da vendinha da fazenda.

Ao chegarmos à entrada principal da casa, com o indicador cruzando a boca recomendei-lhe silêncio; e gritei para dentro, engrossando a voz:

— Ô de casa!

Respondeu-me de dentro uma voz de velha:

— Pode entrar, que desta vez não me assusta!

Ouvi no mesmo instante, vindo da cozinha, o arrastar conhecido das chinelas de siá Marciana e a voz do velho Próspero, já um tanto surdo, que lhe perguntava o que sucedia de anormal àquela hora tão matutina.

— É o tropeiro de fala grossa que me assustou o outro dia — explicou ela.

Penetrando a sala de entrada, depus o chapéu sobre uma mesa, negra de uso, chata e larga, desse estilo esparramado dos antigos estrados e arcas de guardar cereais. Relanceei as paredes fuliginosas, cobertas de desenhos de grandes peixes: dourados ao natural, pia-bas de três palmos, mandis gigantes ainda com os ferrões alvoroçados e as barbatanas em leque, prontos para a defesa — registro fiel das felicidades de pesca do velho Próspero, que Américo perpetuara sobre a cal, a carvão e urucu. Cada peixe grande tirado do rio, antes de ir para a panela fazia escala ante o artista primitivo, que lhe debuxava a effigie na parede.

Abracei os velhos, que tropeçadamente vieram ao meu encontro.

— Então, como vamos de doenças? — perguntei-lhes, encetando o assunto obrigatório à chegada, questão preliminar, como dizemos em nossa gíria forense (penso não haver dito ainda que sou bacharel, e juiz em um termo sertanejo).

— Ah, Dr. Félix! Andamos cheios de “não presta!” — exclamou a mulher. — Vamos pendendo de velhice. Minhas carnes secam, meu corpo é só osso. Também já estou uma irara velha — acrescentou mostrando os cabelos encanecidos.

Para despreocupá-la, disse Próspero que aquilo não era nada. A “prima” sempre tivera dessas alternativas de engordar e emagrecer dum momento para outro.

— Tem natureza de cachorro — terminou, rindo-se.

Siá Marciana protestou, escandalizada com a comparação.

Depois foi o turno do Américo, que se queixou do mal moral que lhe causava aquele ermo e a falta do convívio de homens superiores. Por fim tive de sofrer um interrogatório minucioso, que me obrigou a desfiar-lhes, à míngua de moléstias mais graves, todos os meus defluxos, dores de dentes e picadas de pernilongos, sobrevividos desde minha última visita; sussurrando a todo o instante um “coitado!” os velhos ouviram-me concentradamente. Siá Marciana receitou-me um simples, bom para tudo aquilo; Próspero contraveio, aconselhando outra coisa. Disputaram um pouco sobre este ponto, mas afinal chegaram a um acordo. Sobre que acordaram, não pus tento.

Conversando chegáramos à varanda. O descabro das paredes era o mesmo. Sobre os panos de cal empardecida escapos à ação roaz do tempo, viam-se novos desenhos de peixes enormes, alguns ainda de anzol espetado no beíço. A mobília ali compunha-se de um vasto estrado que podia servir de cama, de uma imensa caixa e duas cadeiras desconjuntadas, uma ainda com uns restos de palhinha e conservada com cuidado, porque era “a cadeira do Dr. Félix”. Para contentá-los, sentei-me um pouco

na alfaia privilegiada que me ofereciam quatro mãos solícitas; em seguida fui aboletar-me à oriental sobre a caixa, vindo o velho ladear-me, devido à sua surdez. Ouvi as recriminações que me faziam por minhas espaçadas visitas; que viviam a esperar-me, a fazer conjecturas sobre minhas idas, se era hoje ou amanhã ou a que hora, indo a todo o instante sondar a estrada, a ver se eu apontava. Quanto a Américo, dirigia-se toda a manhã para seu posto de observação, que era o cupim onde eu o vira acocorado.

— Se soubesse a falta que nos faz, viria todo o dia — rematou Américo.

Perguntei então ao velho sobre as últimas pescas.

— Ah! Dr. Félix! — exclamou apaixonadamente — fiquei hoje aborrecido. Os aruraus esta noite fizeram mutirão e rasgaram-me todas as redes da lagoa. Já esses danados do papo amarelo me comiam leitões, quando era o mangueiro no fundo da horta, e agora perseguem meus peixes!

E contou-me que entre a maçaroca das redes rotas encontrara a metade de uma piaba de dois palmos.

Enquanto Próspero falava, era visível o desgosto que sentia Américo, pelo rumo trivial que a conversação tomava. De espírito fundamentalmente científico, ansiava por abordar questões de maior tomo, mas repugnava-lhe profanar altos problemas, mesclando-os às frases dispersas de uma palestra vulgar. Por fim, não se conteve, e alvitrou um conhecido expediente:

— Dr. Félix, quero um particular com o senhor.

Nunca fui amante de conversas reservadas. Lembra-me que, a primeira, foi com o meu primeiro mestre, que me chamou a um quartinho, mimoseando-me aí com meia dúzia de varadas. Velhas varadas! Já lá vão mais de três lustros. A segunda, tive-a com um ex-futuro cunhado, que, em noite atra, os olhos fuzilantes, enorme cacete alçado, à guisa de mundéu, sobre minha inerme personalidade de estudante, me propôs um dilema: “Ou casar, ou...”. O lugar ermo e a atitude diziam o resto. Até hoje não sei

que milagroso santo me tirou dentre as aspas do terrível Minotauro. Que embirração, inventarem os filósofos essas especiosidades escolásticas! Desse tempo em diante, os colóquios à parte me causam horror. Sendo, porém, conhecida a natureza inofensiva do que me solicitava o bom Américo, acedi. Em consequência, meu amigo travou-me o braço e conduziu-me a seu quartinho.

UM GÊNIO ENCICLOPÉDICO

Os velhos não protestaram contra o despotismo do Américo, que assim me escamoteava, em dois tempos, ao seu convívio. É que adivinharam que íamos falar sobre os “estudos”. Mas a este ponto precisa ser focalizada à vista do leitor, nalgum dos seus aspectos, a alma e a situação do meu amigo.

Américo, apesar de seus quarenta anos, era ainda uma espécie de filho-famílias. Na fazenda sua única função consistia em gerir a vendola, que abria a porta exígua para a estrada, compartimento mais frequentado pelas mamangavas e maribondos, que pelos viandantes raros.

Usava a barba intonsa e arrepelada ao deus-dará, e, ao alto da testa, acidentada de várias bossas correspondentes aos seus vários talentos, rareava-lhe o cabelo em profundas entradas, apresentando um capucho revoltado, na linha de simetria. As bossas da frente e os olhos encovados davam-lhe uma expressão aquilina que parecia ter a virtude de revolver escaninhos d'almas.

Américo possuía assombrosas disposições para fazer a canivete, com pontas de bambu, pedaços de carretel e palhetas de mica, umas canetas de formas caprichosas, pintadas a urucu e pó de sapateiro, de um amarelo terroso listrado de preto. Dava-lhes ainda outros matizes com sucos de frutinhas silvestres. As canetas amontoavam-se aos molhos nas prateleiras da venda, e ali ficavam eternamente, visível mostra do desequilíbrio entre a oferta e a procura da mercadoria. Os pedaços de carretel serviam para tirar sortes: a gente

rodava-os, e, ao parar, um certo pique apontava no eixo uma letra ou uma frase que respondia à pergunta formulada a esse oráculo de nova espécie.

Nos intervalos dessa fabricação, mergulhava-se em suas leituras prediletas, entre elas um tratado de mesmerismo nunca assaz manuseado, outro de física, e qualquer coisa de Allan Kardec, o que tudo, agindo separada e conjuntamente, era para estremecer-lhe a fraca razão. Gostava das conversações científicas, não admitindo que se perdesse tempo em prosas de nonada; e, debatendo sua especialidade, sabia encantar o interlocutor desprevenido em questões profundíssimas, insondáveis, que explicavam a desusada proeminência de suas bossas frontais. Para isso tinha um jeito especial, uma certa manha em concatenar perguntinhas capciosas, na aparência inofensivas, que insensivelmente iam guindando a gente ao pináculo de altos problemas transcendentais. Estas questões constituíram o nobre emprego de sua vida. Na época em que todo o mundo se casa, ele esqueceu o matrimônio, todo embebido em resolver o problema do infinito do tempo e do espaço. Onde começa o mundo? Onde acaba? Seria o espaço o conteúdo de uma imensa bola de vidro? E para além desse vidro? Outras bolas? Quando começara o tempo? Se desde o princípio até hoje decorrerá o infinito, como poderíamos chegar até o hoje se de hoje ao fim há o mesmo tempo infinito e nunca chegaremos ao fim? E com a atenção aguda aplicada a estes altos problemas, não vira a mocidade que fugia, nem as roceirinhas casadeiras que o rodeavam, atraídas pelas culturas paternas. Só agora, depois que lhe demonstrei por uma série de finas induções e deduções que a conservação da espécie é um dever moral, porque a ciência não pode morrer, e porque se todo o mundo pensasse como ele a humanidade se extinguiria e a ciência com ela; e, como a única forma legitimadora da reprodução é o *conjugio vobis*, concluía-se que, etc. Américo convenceu-se; e depois ficou, além de convencido, altamente estimulado, quando lhe contei, com ar misterioso, existir uma viúva moça e rica, que só esperava, para aparecer-lhe, acabar de assimilar umas tinturas de magnetismo e eletricidade, com uns

toques de Kardec, para não ser uma esposa vulgar e incapaz de sustentar uma conversação instrutiva com seu científico marido.

Américo fora toda a vida o orgulho da família, o seu grande homem; e todos lastimavam que não houvesse seguido uma carreira superior. Desde criança revelara inclinações destoantes do seu meio. Em pequenito, enquanto os outros fedelhos andavam a correr pastos e pegar animais, ou brincavam de “tempo-será”, ele deixava-se ficar espichado, de queixo no chão, a passar figuras do *Manual de criador de galinhas*. — Era um amor pelos livros! — dizia siá Marciana ao marido, indo buscá-lo para vir de mansinho apreciar o sério aplicado do pirralho. E os dois ficavam a cocá-lo com o olhar repassado de comoção. E faziam planos: seria isto, seria aquilo. Mais tarde, nos tempos de estudante, firmou-se a vocação. Tinha uma memória para guardar as coisas! Depois que o mestre o deu como preparado, e que pediu, aflito, que não lhe mandassem mais o “Merquinho” (bons quinaus lhe pregará o pequeno!) este continuou a ser, só consigo, bom estudante. Conservara sempre, e sempre manuseada, a sua biblioteca de aluno, recapitulando, no intervalo de mais altas cogitações, a matéria aprendida, com uma sede de conservar que era quase avareza; e a conservara com tal aferro, que inda agora, que dobrava os quarenta anos, tinha fresquinha na memória a exótica onomástica das ilhas da Oceania e dos vulcões do México; sabia de cor todas as definições da *Gramática da infância*, e traduzia correntemente os exercícios do *Sevène*. Se não encorpou esse cabedal, também não desaprendeu o sabido. Às vezes pedia-me que abrisse ao acaso um de seus livros escolares e lesse a primeira linha. Eu o fazia. E Américo tomava-me logo o fio da frase, e desembestava por ali abaixo sem uma hesitação; a matéria saía-lhe fluente, corredia, sabidinha e em um nunca-acabar.

Depois de sair do colégio, nem tentaram os pais metê-lo na lavoura: ele revelara uma aversão profunda por tudo o que não fosse ciência pura e por isso também não aprendera ofício, nem ocupara empregos; vivia na fazenda à espera de uma oportunidade para continuar os estudos fora, numa grande capital; mas o amor materno,

hesitações sobre a carreira a seguir, o apego à fazenda, e, principalmente, um não sei quê muito imperioso e que nunca souberam o que fosse, não os deixavam encontrar uma oportunidade bastante oportuna para a execução de seus mimosos planos. E assim foi ficando e amadurecendo em anos meu bom e estudioso amigo.

— O Américo não é como qualquer um, ele tem qualquer coisa aqui — dizia ainda o pai, dando pancadinhas na cabeça. — Ele é porque nunca saiu da roça, senão poderia ser hoje médico, advogado... ou... ou mesmo professor (era uma escala ascendente).

E, se bem que melancolizados com o estéril fugir dos anos, os velhos ainda esperavam que o filho, *mais tarde*, atingisse uma daquelas sumidades.

Chegados a seu quarto, Américo fez-me sentar à beira da cama, para o misterioso colóquio. Em frente, sobre uma mesa, estava um armarinho. Em suas prateleiras via-se um caos de frutinhas secas, papéis amarelos, cascalhos de cor e forma esquisita, volumes desconjuntados, com folhas espessas e de bordos revirados, pelo aplicado manuseio em tantos lustros. À margem daquela mesa um velho *Delamarche* aberto exibia um mapa das constelações. Induzi que Américo andava virado para a astronomia.

— Senhor doutor — começou —, desculpe ter-lhe pedido este particular; mas, o senhor compreende, há assuntos de interesse, que não convém debater levianamente.

— De que se trata? — inquiri.

Sem responder, Américo concentrou-se, firmando dois dedos da mão esquerda nas arcadas superciliares. Passados instantes, perguntou-me:

— Acredita na pluralidade dos mundos habitados?

— Acredito.

— E... será gente pacífica, a que habita os outros planetas?

— Conforme o grau de seu adiantamento.

De novo a fronte pendeu-lhe sobre o polegar e o índice e Américo submergiu-se no subjetivo. Esperando a continuação eu examinava-lhe as bossas, comparando-lhes as dimensões respectivas

e conjecturando: esta, a mais chata, era a do magnetismo; outra, a mais pontuda, a das especulações filosóficas; aquela, sobre cujo cimo lustroso uma mosca deambulava em idas e vindas, era a do espiritismo; a outra...

— Porque o meu receio — continuou Américo enxotando a mosca — é que o cientista do futuro, que primeiro realizar a comunicação interplanetária, seja recebido num meio hostil, que o faça prisioneiro das alturas; e, semelhante desterro, como prêmio da arrojada tentativa, seria incomparável desdita.

Concordei que seria uma ocorrência lastimável; não acreditava, porém, que quem quer que fosse, em dias vindouros, chegasse a correr tal risco. As excursões intermundiais nunca seriam praticáveis.

— Como não! E o progresso da ciência, senhor doutor! — protestou Américo.

— Mas não crê que noutros astros, mais velhos que o nosso, esteja a ciência infinitamente mais adiantada?

— Sim...

— Pois bem, se fosse possível semelhante viação, já nos teria visitado algum habitante dessas regiões privilegiadas.

— Ora essa! E eu que ainda não o havia pensado! — pasmou Américo.

E, transparecendo-lhe da fisionomia o alívio de uma preocupação incomodativa, removida por aquele argumento, tomou-me a mão, asseverando com calor:

— Uma palestra com o senhor vale contos de réis!

Protestei modestamente; Américo insistiu que valia; teimei que não, ele que sim, e não cessaria a disputa se não ouvíssemos a voz alegre de siá Marciana, avisando:

— O café está na mesa! Não o deixem esfriar!

AO CAFÉ

Fomos ao café. Atravessando a casa, aspirei com prazer o recender a vassoura verde, que impregnava o ambiente, deixado pela varredura da manhã. Outras conhecidas notas caseiras vinham aumentar minha sensação de tranquilidade e bem-estar: cacarejos e pios no quintal, chios de filhotes de morcego entre a fuligem da telha-vã. Entrevi em sua placa o velho papagaio sorumbático.

Na larga mesa da sala de entrada já estava o bule fumegante, rodeado de pequenas canecas de louça e tigelinhas desbeijadas, com letreiros “Saudade”, “Amizade”, tudo sobre uma grande salva de prata, última alfaia preciosa dos velhos tempos de abastança, relíquia de família, que desde época imemorial vinha de pais a filhos. “Minha cadeira”, forrada com um couro de cachorro-do-mato, fora removida para ali. Ouviu-se na cozinha um estralejar de gordura frita e dali a instantes surgiu siá Marciana com um prato de biscoitos ainda quentes da panela.

Abanquei-me ao lado de Próspero, que estava solenemente sentado diante de um canecão cheio até à borda. Siá Marciana intencionalmente ofereceu-me a tigelinha “Amizade” e passou-me os biscoitos fritos, sentenciando:

— Diziam os antigos, Dr. Félix, que café deve ser assentado, assoprado e mastigado.

Sem cerimônias, pus diante de mim uma pirâmide de biscoitos e fiz o prato, sensivelmente diminuído, continuar o giro. Em movimentos ritmados, o canecão, espécie de patriarca do vasilhame,

ia até os bigodes aparados do patriarca da família e voltava para a mesa. O velho Próspero bebia silencioso, com a unção de quem segue um ritual. No espaçado e no calmo das idas e vindas, havia como que a afirmação segura de que Roma não se fez num dia e que mais tempo menos tempo se veria o fundo do canecão.

— Por que está quieto, Sr. Próspero? — perguntei-lhe, para puxar palestra.

Pousou a vasilha e, voltando-se para mim, disse:

— Ando mais surdo estes dias, doutor, e receio que minha prosa o incomode. Sei como é cacete conversar com surdos: é preciso gritar e ainda reter o riso, por causa dos disparates que se ouvem. No meu tempo eu também não gostava muito e só conversava por espírito de caridade. Por isso julgo os outros por mim...

Rematou sorrindo, como quem conta com um protesto certo e delicado. Protestei e perguntei-lhe se o incômodo não o fazia sofrer.

— Às vezes entristece-me um bocado. A gente, quando vai ensurdecendo, também vai ficando isolado. O som é um dos encantos da existência, e, sentir-se ele esmorecer em torno de nós, é como sentirmos o afastar da vida. Com o som, os homens nos fogem, de sorte que vamos ficando trancados no silêncio, como em nova espécie de deserto. Mas enquanto eu tiver olhos para ver minha velha, não desespero... — e fitou maganamente siá Marciana, que lhe chamou enjoado, caçoando:

— Isso da surdez do meu velho, Dr. Félix, acho que é um pouco de malandrice. Vêm aqui às vezes umas caboclinhas bonitas e, com a desculpa de não escutar, ele as vai renteando com desembaraço.

Houve risadas e o velho sentenciou, brejeiramente:

— Tudo neste mundo tem sua compensação. Essa é a da surdez. Deus quando dá o mal, também dá o consolo...

Contou-nos, em seguida, como começara aquilo, insensivelmente afetando a um tempo os dois ouvidos, lá iam anos. Defeito imperceptível a princípio, foi-se aos poucos fazendo doença incômoda. Parecia-lhe que todo o mundo falava enrolado, ou em língua estranha. Um dia teve um raio de esperança. Estava sentado na eira,

a apreciar a tarde, quando sentiu uma espécie de estouro na cabeça. A surdez cessou instantaneamente, por milagre. Ficou com o ouvido apuradíssimo como nunca o tivera. Ouvia nitidamente a conversa de dois canoieiros, ao longe, na curva do rio e o chapinhar compassado do remo na corrente. Levantou-se exultante, trêmulo, para contar à “prima” tal prodígio; nisto ouviu um segundo estouro, formidável como um trovão. E desse momento em diante teve oclusão completa de um ouvido. O outro piorava lentamente.

— Dizem que os moribundos têm, às vezes, visita da saúde. Isso foi, decerto, a despedida do som.

Após estas palavras, o canecão, em repouso algum tempo, começou seus pausados movimentos. Para espancar a nuvem melancólica trazida pelo assunto, resolvi entreter os altos espíritos de Américo com pouco de física recreativa. Com garbo de prestidigitador arregacei as mangas, pedi um copo d’água e um pedaço de papel, e perguntei:

— Conhece a experiência do copo invertido, cuja água não se entorna?

— Apenas de leitura. Mas supusera ser coisa que só existisse em livros.

— Pois atenção! Um, dois, e...

Fiz a sorte. O pasmo de Américo assumiu as proporções de êxtase.

— Sim senhor! Ora vê-se! Sim senhor! — era só o que sabia dizer, arregalando olhos admirativos.

Tais surpresas, que me divertia a provocar no espírito simples de Américo, constituíam um regalo de minha predileção. Todavia, em minha convivência com essas boas criaturas, mais de uma vez pungitivo remorso feriu-me a consciência. Parecia-me não haver lisura em meu procedimento e que, na corrente alternativa de provas amistosas que entretêm a verdadeira afeição, eu ali dava menos do que recebia. Sentia-me profundamente amado pelos meus amigos; era um filho dos velhos e um irmão de Américo; e, para mim, eram todos talvez mero divertimento; pois analisando, bem pela raiz, meu sentimento por eles, reconheceria serem os quitutes de

siá Marciana, as histórias de caça do velho e os espantos virginais do Américo, que o entretinham e viçavam. Depois de me doer com essas considerações, eu rematava comigo, para aligeirar escrúpulos:

— Afinal, tudo na vida corta-se pelo mesmo modelo; e é avisado, para a não desvestirmos do seu florente recamo, que nos contentemos com aspirar a flor dos sentimentos, gozando a sua superficialidade amável, sem cogitar das pútridas fermentações dos subsolos. Se remorsos me pungem, não é que eu peque muito, mas porque vejo claro. Não há como flutuar à tona dos sentimentos bons, levados pela sua onda mansa, sem que lhes descomponhamos a estrutura elemental...

O canecão, mais uma vez esquecido durante a sorte de física, já retomara seus movimentos regulares. Então Próspero pediu-me notícias da conflagração.

— A humanidade continua possuída de sua demência assassina — respondi. — Longe de abrandar, a luta se encrucece. Cada dia, na terra e no mar, a voragem da morte traga milheiros de vidas.

— Coitados! — murmurou siá Marciana, envolvendo a todas as vítimas no manto de sua piedade.

Brincando distraidamente com o copo da experiência, em cuja água um raio de sol, chegando obliquamente, acendia rebrilhos alegres, disse-lhe que desejaria estar lá, no mais forte da refrega, para apreciar a hecatombe.

— Apreciar! — estranhou a velha. — Como pode dizer assim de uma coisa tão triste!

— Siá Marciana — continuei —, o homem é um animal perverso. Somos parentes da pantera e do jaguar, e ainda remanescem em refolhos misteriosos de nossa alma, como uma ninhada de víboras numa greta de lajedo, velhos instintos vivazes, mal-acobertados pela fragílissima côdea civilizada com que campamos na sociedade; é um velho legado de sangue, atavismo de índole, de que não nos poderíamos libertar em poucos milhares de anos — um minuto na evolução. Em nós há rugidos adormecidos, crispações de garras dissimuladas no veludo macio das patas. Amamos o sangue e o espetáculo do sofrimento, das agonias horríveis...

Os velhos ouviam sorridentes, como se minha lenga-lenga os divertisse. Lançado no tema, e um tanto pela vaidade de exhibir, ante sua simpleza rústica, minha natureza perversamente refinada de homem culto, prossegui, balançando ligeiramente o copo, a cuja beira uma mosca pousara:

— Embora o neguemos, é-nos uma volúpia o espetáculo do sofrimento. O sentimento da comiseração é um enxerto das morais doentias e por isso como que nos demora apenas à flor da pele. Pois o preceito principal da nossa moral indestrutível e primitiva é que cada um de nós é o eixo, o núcleo da humanidade, a sua razão de ser. Só existe o nosso sofrimento. Cada um de nós tem todos os direitos imagináveis sobre as pessoas e coisas que nos cercam. Sabemos que a luta é necessária — pois desses fundamentos resulta um permanente e salutar estado de luta. Lutamos para a solução do único problema que nos interessa: o da nossa felicidade pessoal. E, se tudo foi criado para nosso gáudio, também o foi o sofrimento alheio, que não é a menor de nossas delícias. Que deleite estranho e sobre-humano o sentirmos — tigres travestidos de homens — a presa cobiçada impotente entre nossas garras! É um ser vivo que pensa ter os mesmos direitos que nós e que, com toda a sua arrogante presunção, está à nossa mercê. Saboreamos-lhe o susto, que se lhe acende no olhar esgazeado, voltado para nós a suplicar misericórdia. — Não terás quartel! — respondemos, cravando-lhe agudamente o olhar impiedoso, para aumentar o terror. E, como requinte da voluptuosidade da carnagem, brincamos primeiro com a presa inerme, alentando-a a espaços com uma falsa esperança. Simulamos descuido: pensa que pode fugir, tenta-o, mas reapoderamo-nos dela. O terror acresce. E isto se repete indefinidamente. Sente, enfim, que tudo está acabado; e, esgotado pelo seu próprio excesso, o terror começa a esmorecer em desânimo, em conformidade... E, na sua passividade descorajada, nesse languescer de desalento, há como o abandono voluptuoso de uma fêmea que se entrega...

Os velhos continuaram a sorrir. À beira do copo, em cuja água límpida uma flecha de ouro se abeberava, passeava a mosca confiadamente. Acendendo um cigarro, prossegui:

— Então esgotaram-se os aperitivos preliminares, acabou-se a fase preparatória. É a grande hora. Ajeitamos a vítima para o sacrifício. Vamos saborear a agonia física depois do sofrimento moral. Sedentos de sangue, e com o frenesi de um lascivo sedento de amor, cravamos-lhe os dentes agudos no pescoço. Há um ganir de dor deliciosamente cruciante. Nervosamente afastamos com o focinho o lanho de carne arrancada, e aplicamos a boca sanguissedenta bem ao fundo da chaga, no esguicho da artéria rompida; empurramos o focinho sôfrego até se justapor à ruptura dos tecidos, para que nós e a vítima façamos um só todo, um caso delicioso de xifopagia, de hermafroditismo de nova espécie, em que em vez da volúpia se bebe a vida. Está formado o novo e estranho ser! Somos um! E nos nossos braços felpudos, que embalam e dominam, sentimos a vítima barafustar impotente, com excitantes ralos de agonia, toda fremente, a estrebuchar, fazendo, a cada arranco, que o sangue borbote em golfadas mais vívidas; e, quando o corpo afrouxado dá de esmorecer, num colapso, e o sangue flui moroso, reexcitamo-lo com o entranhar nervoso das garras nas partes mais sensíveis, provocamos um último e poderoso entesamento que nos jorra na goela a última golfada quente. E, enfim saciados, a cabeça torva, os sentidos preguiçosos, a volúpia extinta, deixamos tombar dos braços, como uma trouxa inconsistente, o corpo da vítima inanida e, a passo bambo, vamos enrodilhar-nos sonolentos à sombra acalentadora de uma grande árvore da espessura...

Num estouvado movimento caiu n'água a pequenina mosca. Como se debate aflita! Estendo-lhe uma felpa da palha do cigarro, como ponte salvadora. Toda de seu desespero, espolinha-se e não a vê. Não vá a pobrezinha afogar-se!

— Pois somos assim. O medo das represálias, ele apenas, recalca-nos o natural bravio de besta-fera. Por isso a guerra é bela e natural. Traz a abolição momentânea de todas as ferropeias, de todas as mentiras jurídicas e morais — hipocrisias de nossa falsa civilização. Podemos ser tigres, ser humanos! Deixados à solta, como matilha desatrelada, nossos instintos recalcados cevam-se em todas

as grandes voluptuosidades: os estupros, os saques, as carnificinas, as flamas incendiárias... Somos selvagens, somos bárbaros, mas humanos. É a grande vida natural que ressurgue, é a natureza que reivindica os seus direitos imprescritíveis, é o eterno, o indestrutível, que fulgura à labareda dos incêndios, no resplendor de uma incomparável apoteose!

Afinal sentiu a mosca a fibra. Apegou-se a ela e começou a subir lentamente. Depu-la com cautela sobre a mesa. Andou um pouco, arrastando as asas pesadas. Tentou voar — caiu. Espanejou-se, deu mais forte impulso e, librando-se enfim no ar, alegremente voou pela réstia dourada, janelas em fora, a secar as asinhas úmidas à luz gloriosa da manhã.

Os velhos continuavam a sorrir...

Esvaziado o canecão, levantei-me, o que significava uma ordem para que cada um se desse às suas ocupações habituais; era já combinação nossa, imposta por mim, para que não perdessem o dia rodeando-me, esquecidos de tudo. Próspero foi ver se ainda salvava alguns palmos de malha das redes rompidas pelos jacarés; siá Marciana dirigiu-se à cozinha, provocando, no caminho, a palra do velho papagaio, acabado de velhice, que passava o dia a cochilar na placa da varanda; quanto a Américo, ficou comigo. Aproveitei o momento para passar-lhe um pacotinho de pratas, espécie de dádiva tira-remorsos, com que concorria, sem ciência dos velhos, para o custeio da casa, a fim de reparar o rombo que davam minhas visitas à caixa comum; este dinheiro aparecia como renda do negócio malsortido. Américo, meio distraído, e lançando um olhar vago para fora, enfiou o rolete no bolso. Estava agitado, cogitabundo; por fim voltou-se para meu lado e disse:

— Não sei se o José virá hoje; se o doutor permite, vou à casa dele saber.

— Pois não!

Américo calçou até às orelhas um chapéu abudo, tomou um bengalão que figurava uma cobra enroscada num tronco — obra-prima de seu canivete — e dirigiu-se para a cancela, que fechou sobre si.

José era um aluno, ou melhor, o aluno. Porque Américo ensinava. O quê, não sei. Por um certo pudor, se eu me avizinhava quando estava lecionando, ele parava, e por nada no mundo continuaria à

minha vista, como quem se considera muito humilde para tão nobre empresa. A verdade é que no cômodo de negócio, lugar das aulas, eu via à hora da lição profusas bolas de tabatinga, de vários tamanhos, que representavam, talvez, os planetas conhecidos — o que me fazia temer pelo miolo do seu catecúmeno.

Embora admitido grátis, era o José tratado com todas as considerações. Américo trazia-o nas palminhas, como um bem mui valioso que é necessário conservar. Se caía doente, velava-lhe à cabeceira, em aflições maternais; queria-o consigo às refeições, como pensionista semi-interno; e cedo eram inquietações de cada momento: o negrinho viria? não viria? (José era da cor da noite.) Comigo mesmo batizei o discípulo amado: “o hóspede do Grande Hotel”. A história da alcunha dava pano para longa novela, cômico-sentimental. Em poucas linhas passo a tracejá-la:

O Sr. Almeida vegetou trinta anos numas bibocas infrequentadas do sul de Minas. Assim vegetara seu pai, seu avô, seu bisavô, e assim vegetariam mais tarde os filhos, se os tivesse; mas era apenas pai de nove filhas casadeiras, as mais velhas bem passadinhas e, as mais moças, umas passando e outras no viço e frescor dos melhores anos.

Naquele desterro onde vivalma não estanciava, que valia, porém, a graça, o viço, o desabrolhar de tantas louçainhas? Ai das nove filhas solteiras! Ai dos ricos encantos que se fanavam na solidão! Feiticeiros sorrisos, voluntariedades feminis, fanfreluches cheios de encanto, momos caprichosos, tudo que faz da mulher um enteziinho apetecível, estavam ali como certas flores agrestes amoitadas no ermo e que esterilmente perfumam o ar com suas delicadas caçoilas aromais, sem um olfato que as aspire, nem olhos extasiados a quem maravilhem. As nove flores agrestes do Sr. Almeida tinham-se apenas, umas às outras, como espectadoras invariáveis de tanto encanto desperdiçado na solidão, e sabe Deus se se contentavam com tão pouco! A melancolia daquele destino infecundo azedava-lhes o gênio, ao ponto de passarem os dias a unharem-se umas às outras.

E o Sr. Almeida, por fim, coçava a barba, pensativo. Gostava de passar os dias pitando seu cigarrão de palha, um toco babujado que lhe filtrava doce quietude à alma, de envolta com a fumarada, acororado perto de uma bacia com brasas, a ralhar com os crioulinhos e a gritar com as nove; compreendia agora, porém, que sua

vida não podia cifrar-se naquilo. Esta ideia embutiu-se com tanto aferro no seu cérebro, que um dia resolveu quebrar as tradições da família, tomando uma grande resolução. O proprietário de um grande hotel, numa vila de águas, desejava pôr lavoura; o Sr. Almeida deu o que tinha pelo hotel e freguesia, e despediu-se definitivamente do ermo agrícola. Não vira solução mais acertada para seu caso melindroso. Pois um hotel, em tal ponto, é frequentado pelo escol da sociedade carioca e paulista, e ali, pondo à vista dos pensionistas as nove virtudes guerreiras enrijadas na vida da roça, não lhe seria difícil achar bons partidos matrimoniais.

E lá se foram. Infelizmente, porém, o Grande Hotel andava desconceituado. O dono alienara-o para livrar-se do alcaide. Tinha o prédio corredores imensos, quartos sem-conta, refeitórios amplos, era todo largueza e amplidão, mas não apareciam veranistas que lhe viessem despertar o silêncio claustal, animando aqueles corredores, longos e vazios como artérias cortadas, com um pouco de sangue corrente de gente viva. Mais cogitativo que nunca, e a recoçar o queixo, o Sr. Almeida resolveu instalar a um canto um fogareiro, para sentir acalantar-lhe a melancólica desilusão um pouco de borralho, a cuja beira passava as horas intermináveis a cuspir o sarro do toco.

Um dia, não se sabe como, surgiu lá o primeiro hóspede, homem dos seus quarenta. Foi um rebuliço na casa. O Sr. Almeida gaguejava e atarantava-se, e as nove musas, passadinhas ou não, ficaram num alvoroço de aleluias em tarde estiva, a trançar estonteadamente pela casa, numa boa vontade de servir e agradar, que era para pôr um homem rendido. O Sr. Garcia (este o nome do hóspede) não podia queixar-se de mau tratamento. Verdade que preferiria menos rebuliço e vaivém, pois, muito neurastênico, fora para calma dos nervos irritadiços que escolhera aquele hotel des-frequentado. Só encontrava um pouco de bem-estar no ambiente sedativo dos lugares ermos, na convivência consigo mesmo em infindáveis meditações, em que o ondeante mover do pensamento parece fazer-se fora do tempo e do espaço, e o espírito flutua, frouxamente, como uma penumbra de crepúsculo em nave abandonada. Com a sua chegada ao Grande Hotel, fez-se ali, na sua paz morta e atmosfera de estupor, a vida que ele evitava. O toco

do Sr. Almeida lá ficou a tostar-se nas brasas esquecidas; com a obrigação de dar prosa, não descolava do homem, interessando-se pela sua saúde e família e contando-lhe reminiscências da lavoura. O Sr. Garcia era delicado, e conversava. Se o hóspede queria água, o Sr. Almeida berrava para os fundos: “Água para o Sr. Garcia!”. A casa toda agitava-se, havia correrias, balbúrdia, rumor de lutas, trinclidos de copos, gritos como eco: “Água para o Sr. Garcia!”. E era um bater de portas, um alagar de torneiras, até que enfim, quando o Sr. Almeida berrava pela décima vez a reclamar a água, aparecia uma das nove musas, com um copo orvalhado numa salva, corada e pudica, e a fazer com os lábios uns trejeitinhos graciosos, que eram para bulir tentadoramente com um coração menos amante do ermo, como o do nevropático pensionista.

O Sr. Garcia ali viveu, adorado, benquerido, adivinhado, amimado, por espaço de algumas semanas; mas a situação tornava-se insustentável; com receio de levantar celeuma, ele procurava conter até as mais urgentes necessidades corporais. Chegava a passar fome e sede. Um dia, por fim, com o mal incuravelmente agravado, e com a obsessão das mais tétricas ideias, saiu do hotel sub-repticiamente, deixando a conta paga e sumiu para sempre.

MANEQUINHO

Dos fundos da casa vinha-me sem interrupção o incansável arrastar de chinelos de siá Marciana. O rangido da porta dum velho armário, e um barulho seco de milho mexido, indicaram-me que ia tratar da criação de pena. Aquele rangido conhecido alvoroçou o terreiro: ouviu-se um rumoroso frufutar de asas e uma orquestra de pios e grasnidos. Cacarejante e em andar cauteloso, atravessou a casa, da frente para os fundos, uma galinha cercada de pintos; ao cruzar-me, deitou-me a matrona com desconfiança o seu olhar perscrutador, esse olhar lateral das aves, que parece exprimir simulação. Com seu monótono *crocró*, saiu para o terreiro.

Fui apreciar a refeição das aves. Ao atravessar a varanda, o velho papagaio que continuava a cochilar na placa, despertando em sobressalto ao rumor de meus passos, caiu do poleiro; em seguida, com muito custo, à força de bico e unhas, conseguiu grimpar pela correntinha e alcançar o pouso, onde continuou sua interrompida modorra de velho.

— Quit! quit! quit! — gritava siá Marciana da porta do terreiro, dando tempo a que chegassem os últimos retardatários.

Debrucei-me à janela, a cujo poial se acostava um longo caixote, onde vicejavam manjericões e fúcsias trepadeiras. Dali eu via o chão batido do terreiro, onde apenas medravam escassos carurus e carrapichos-de-carneiro; e, além, o milharal já seco, pronto para a colheita; afogava-lhes os altos colmos vestidos de velhas folhas farfalhantes, o feijão de vara a subir triunfalmente até aos pendões,

enroscando-lhes suas espirais vestidas de folhas verdes e pesadas de longos e oscilantes molhos de vagens. Entrelaçando seu caule volúvel com o do feijoal, e misturando com as deste as folhas verdes, alastravam trepadeiras florescidas, abafando ainda mais os colmos ressequidos, que entreapareciam aqui e ali, estonteados e como faltos de ar, emergindo de sob aquela viridente alcatifa, profusamente estrelada de alegres campânulas róseas e azuis. Cobrindo totalmente as achas da cerca, que dava para a rua, com seus fofos de verdura, um chuchuzeiro proliferava em pendentes pesos brancos, de áspera casca.

Para ver-se livre da galinhada, que se apinhara à orla de sua saia, siá Marciana atirou o primeiro punhado de milho bem longe, no terreiro. As aves em confusão precipitaram-se para o cevo, e num momento cessou todo o rumor de asas, ouvindo-se apenas as pancadinhas secas dos bicos no chão apisoado.

— T'c, t'c, t'c — e nova mancheia atirada ao meio do bando, num rumor espalhado de grãos caídos.

— Chit! — fez a velha enxotando do ombro uma franga imprudente que lhe tomara de assalto o cogote. — Esta Quita é confiada, que é um precipício. Bem sabe ela que é a minha predileta. A culpa foi da criação.

E, continuando a atirar o milho, siá Marciana contou-me sua história:

— Era um pintinho doente, morre não morre, que um dia de chuva encontrei encarangado e nu, largado da mãe, debaixo do assoalho. Foi criado à beira do fogo, muito embrulhadinha e, à custa de mil cuidados, vingou. Com isso ficou mal-acostumada. Cresceu mansinha e hoje é essa agarração que o senhor vê. Não sai da cozinha e dorme na taipa do fogão. Anda atrás de mim, que parece um cachorrinho: a cada momento preciso enxotá-la.

A lata cantou à saída do resto do grão atirado a esmo.

— Então chama-se Quita?

— Está estranhando? — sorriu a velha. — Minhas galinhas têm todas nome de gente. Quem me deu a mãe desta, com a roda de

pintos, foi a Quita do compadre Elias. Aquele galo chama-se João de Melo — só porque este passou por aqui e o achou bonito. Ali está a Maria Justina, a Pinduca, a Amélia... Olha aquela arrepiada: tem um nome de homem... É a Dr. Félix...

E siá Marciana riu alto.

— Meu nome? — perguntei.

— Sim, porque a estou reservando para o senhor. Quero que também comece uma criação na sua casa, e sabe que galinha, para ir adiante, é preciso que a primeira seja dada.

Deu-me ainda outras instruções: que nunca eu chocasse número par de ovos, senão gorava. O número ímpar tinha virtudes, até nas crianças; nunca se vira nascer alguma de 6 ou 8 meses.

Num voo pesado, depois de escolher posição, a Quita alcançou o braço de siá Marciana, onde ficou a bater asas, procurando equilíbrio.

— Vem, tentação! — disse a velha, auxiliando-a a atingir o ombro.

A esse momento siá Marciana lembrou-se de uma operação que tinha que fazer. Acomodou a Quita na cozinha, e tirou de sob um jacá um frangote assarapantado. Munindo-se de tesoura e de agulha, foi sentar-se à porta do terreiro. O frango parecia doente, e fazia com o pescoço movimentos sacudidos, como para tossir, imobilizando-se depois com o bico aberto, anelante.

— Ainda tem o pau atravessado no papo, este coitado — disse ela acariciando-lhe a cabeça.

Contou-me que se chamava Manequinho e que era, havia cinco dias, mártir do galinheiro, desde que num acesso inconsiderado de gula abocara aquele graveto. Nada do que comia lhe parava no papo: vinham engulhos e vomitava. E o coitado, que era esganado, havia de sentir tanta fome! O resto da galinhada já o sabia, e, logo depois da ração matinal e da tarde, fazia-lhe numeroso acompanhamento, à espera do vômito suculento. E o cortejo punha-se em evoluções pelo terreiro, lento e expectante, o frango sorumbático abrindo a marcha, com os engulhos, e as cabeças ávidas a espreitar a hora, prestes para o assalto. Quando o vômito tardava, o augusto patriarca do quintal, o galo João de Melo, bicava-lhe a cabeça aflita, como

a dizer-lhe que se apressasse, por favor, que aquilo de andar tanto, era, afinal, cansativo e aborrecido. De repente, num engasgo mais forte, Manequinho estacava: era o momento. Havia então um precipitar-se geral e desordenado; as aves premiam-no num assalto terrível, pulavam-lhe às costas; outras, mais sófregas, bicavam-lhe a língua, e enfiavam o bico pela goela abaixo, de esganadas. Manequinho definhava. Aquilo não era vida!

Nesse dia siá Marciana resolveu livrá-lo do suplício ou matá-lo. Foi breve a operação: uma tesouradinha no papo, tirar o pau, uns pontos, tudo no meio de um exagerado bater de asas. Enquanto isso, ela animava-o. Ia ver como a vida lhe mudava! Todo o dia, quando chamasse para o milho, não viria ele desconsolado, sem entusiasmo, fechando a comitiva, como se acompanhasse a um enterro; podia agora comer muito, quanto lhe apetecesse, até ficar com o papo tumefacto. Tivesse paciência...

Um nó cego para rematar a costura e pronto. Acabou-se o estardalhaço de asas. E, como para demonstrar que a cesura não lhe diminuiria a voracidade do costume, Manequinho entupiu-se do milho, que a velha lhe serviu no covo da mão. Em seguida soltou-o. Onde caiu encorajou-se receoso. Mas as galinhas começaram a avizinhar-se. Rodearam-no. Premeram-no. Então, Manequinho pôs-se a andar, recomeçando sua Via de Amargura. E lá ia o acompanhamento. Pelo terreiro fizeram as evoluções do costume. Manequinho à frente, desconsolado, inquieto, e o galinheiro todo atrás, com pausa e pertinácia. Às vezes, porém, notava-se no olhar daquele uma fugidia expressão maliciosa, que parecia dizer: “Podem vir! Mas previno-lhes que perdem o tempo! Muitos dias regalei a vocês todos, com o máximo desinteresse; em vez de me agradeceram a magnanimidade, pagavam-me com maus-tratos. Pois bem, já que foram tão ingratos, hoje acabou-se. Podem acompanhar-me quanto quiserem! isto até me distrai... E favorece o quilo. Façamos de conta que estamos fazendo a Avenida”.

E, trocando com pachorra as longas pernas, guiava o povinho de penas por todos os cantos e recantos do terreiro. Certo momento

o galo João de Melo foi-se-lhe pôr à beira, como para oferecer-lhe o braço. Mas não. Intérprete do descontentamento geral das massas, deu-lhe uma bicada de incitamento. Manequinho piou e abriu as pernas, correndo... A galinhada atirou-se furiosamente ao seu encalço... Não vi o desenlace, porque o bando se afastou, sumindo-se na horta.

O DR. FORMIGUINHA

Batendo rijamente no assoalho a peroba do Américo anunciou-lhe a chegada. Suas primeiras palavras deram-nos a agradável segurança de que o José *viria*. Depondo o chapéu e o porrete, fez menção de sentar-se, para debater comigo um de seus temas favoritos; mas um tinir de níquel no balcão da vendinha, chamou-lhe a atenção.

Era a freguesia dos tostões de pinga, que reclamava Américo. Nada o molestava tanto como essas quedas no real, que lhe entrecortavam as altas lucubrações científicas.

— Se soubesse como esta vida me aborrece, Dr. Félix...

E lá se foi, displicente.

Siá Marciana, por sua vez, desceu à horta, a mexer-se para o almoço, que costumava ser em hora bastante matinal. De caminho cruzou Próspero, que já voltava da lagoa, com um bolo de redes sob o braço. Entrando a sala, o velho acomodou-as a um canto.

— Poucas se podem aproveitar — disse ele —; mas depois do almoço vou ver se restauro algumas.

E, ainda ofegante da empinada ladeira da horta, sentou-se no estrado, onde se pôs a arrancar rabos-de-burro e amores-secos aderidos à calça ensopada de orvalho.

Entrementes, eu revia, meio desatento, as figuras de peixe debuxadas na parede. Conhecia-lhes a história, como foram apanhados, a quem os enviaram, pois o melhor das pescas era sempre destinado a presentes a amigos. Deleitava-me ouvir Próspero recontar-lhes a história; punha-se o velho em pé, com o dedo apontava

uma das efígies e começava a narrar; e duma passava a outra, até corrê-las todas, memorando incidentes antigos, surpresas gratas de pescador: uma linha que amarfanha violentamente as capitivas num farfalhar tempestuoso que indica uma grande presa a debater-se na água; um formidável mandi amarelo colhido em pescaria de rodada, certa vez que levava a canoa rio acima, bem longe, e viera depois suavemente, trazido na correnteza frouxa, com uma das mãos a temperar a canoa, a outra empunhando a longa vara de vinte e cinco palmos, e graduando-lhe a altura de modo a trazer o anzol de arrasto pelo talvegue onde se alapam os grandes mandis triangulares, de pele dourada pintada de preto.

Com o dedo em alvo e acompanhando a parede, figura por figura, e com seu ar ancestral e barba longa, o Sr. Próspero sugeria-me Paulo da Gama a explicar ao malabar os fastos portugueses, bordados nas bandeiras da armada lusitana:

“Este que vês, pastor já foi de gado,
Viriato sabemos que se chama...”

A mais recente representava um dourado de três palmos, que fora dado ao médico que tratara a última doença da velha. E Próspero contava o prodígio: pegara-o num anzol pequeno, destinado a peixe de menor porte. Ao correr, de madrugada, as varas de espera espalhadas pelas duas margens, vira n'água um grande rebojo e uma larga forma refulgente que por momentos prancheava... Avizinhou a canoa, febricitante, em risco de cair; e, sem mais nem mais, foi-se abraçando ao bicho, quando o pilhou de jeito. Houve uma trovoadas no fundo da canoa onde o atirara; o dourado, espinoteando com valentia, queria saltar a borda; tornou-se preciso, para conter-lhe os assomos, que o velho se sentasse sobre sua grande massa viscosa e o sangrasse, ato contínuo, à faca.

Siá Marciana subiu a escadinha do terreiro com o côncavo da saia repleto de vagens e chuchus.

— Não muda a calça, primo? Tão molhada! — exclamou, entrando na varanda.

O Sr. Próspero meneou a cabeça, num trejeito de indiferença: “Para quê? Estava acostumado com a água. A umidade nunca lhe fizera mal”. Siá Marciana falou-me então das imprudências do velho. Julgava-se moço, não usava resguardos. Lidando n’água, tinha estouvamentos perigosos: no ano último caíra duas vezes no rio, e todo o dia era uma porção de “quases” de inspirar apreensões...

— Um dia cai a casa — sentenciou.

E acrescentou em alvoroço, como quem torna a si:

— E eu que estou a parolar, esquecendo o almoço! Quando o senhor vem ver-nos, Dr. Félix, nós todos ficamos com a cabeça à roda. Não avalia a falta que sentimos quando custa a aparecer! É só o nosso assunto de conversa... O Américo, esse que o diga! Trepá num cupim e aí fica horas, espiondo a estrada...

Américo, que vinha de atender à inculta freguesia, confirmou que sim — mas com uma certa circunspeção que denotava condenar fraquezas sentimentais e expansões excessivas. Acrescentou que a amizade que tinha por mim era um sentimento nobre e elevado, como a afeição que votava aos livros.

Eu achava graça nessas declarações amistosas e sentia-me bem, assim festejado e adorado por aquelas criaturas simples. Mas, para escandalizá-los, pus-me a narrar:

— Acredito que sintam essa falta... Nossa capacidade afetiva é tão grande, que às vezes se estende a coisas mínimas. Lembra-me o caso de uma formiga doceira, cujo desaparecimento muito me penalizou. Aparecia em certa hora da noite, à hora em que habitualmente escrevo. Surgia de um ângulo da mesa, atravessava-a em diagonal, passando sobre o papel, e quebrava além outra aresta, sumindo-se até o dia imediato. Foi assim muitas noites. Acostumei-me à formiguinha e, ao avizinhar-se a hora de seu aparecimento, tornava-me inquieto, expectante, fugiam-me as ideias, e nada mais podia fazer, até que surgisse, lépida, ligeira, alegrando o papel com seu passinho miúdo, a minha querida amiguinha. À sua passagem eu movia a pena em continência, arredando-lhe a ponta da trajetória conhecida. Era tão fragilzinha minha amiga! o mais leve de meus movimentos podia causar-lhe a morte. Nesses instantes eu interpelava-a: “Onde vais

tão apressada, minha diligente formiga? Parece que tens a cabecinha cheia de preocupações. Detém-te um pouco, conversemos! Queres açúcar? Reservar-te-ei toda a noite uma boa porção. Anda ao menos mais devagar! Repara que há vinte e quatro horas não te vejo, e sem te ver tenho que passar outras tantas. Vê bem: um oásis de meio minuto entre dois desertos imensos! Vou com a mão interceptar-te a passagem; para seguires, terás que transpor o obstáculo, ou esperar que eu te deixe continuar teu atarefado destino. É muito cedo! Não receies que te estranhem a falta, no formigueiro onde moras; são tantas as formiguinhas trabalhadeiras, e tão parecidas! Faze de conta que hoje foi tua excursão mais longa... Não me atendes, formiguinha ingrata? Então... até amanhã!”. Não me atendia. Era uma pressa, um frenesi de seguir... Não via a trilha de açúcar com que eu lhe pulverizava o caminho; se a mão lho cortava em barreira, não hesitava: subia por ela e descia do outro lado, deixando-me na pele um tênue prurido, que era como uma carícia afetuosa. E não se detinha. Toda ela era uma pressa nervosa, um andar aflitivo, uma celeridade de pequeninos meneios, que pareciam dizer-me: “É impossível! não posso, meu tempo está contado, só tenho prazo para vir ver-te de passagem e muito depressa. Posso apenas conceder-te uma visitinha de instantes, para matar a tua e a minha saudade. Não me detenhas! Tenho muito que fazer...”. E, acabando de atravessar obliquamente a mesa, quebrava a quina e desaparecia. Um dia... ela não veio mais. Fiquei imprestável, tive que depor a pena. Enchiam-me tristes apreensões. Que seria feito de minha formiga doceira? Aborreceu-se de mim? Esqueceu-me? Afogou-se numa gota de orvalho? Um passo brutal esmagou-a inconsciente? Eu sentia infinitos receios. Esperei-a uma noite, muitas noites. Nada! Nunca mais voltou...

Todos escutaram sorrindo minha história. Quando terminei, siá Marciana exclamou:

— Que graça, a da comparação! Vou agora mudar seu nome — d’hoje em diante é o Dr. Formiguinha.

Riu-se alto e foi para a cozinha com a arregaçada de vagens e chuchus.

BOCEJOS E GULOSEIMAS

Ainda desta vez o dia arrasta-se numa lentidão deliciosamente aborrecida. Vive-se mais, na fazenda do Córrego Fundo, que no resto do orbe. Invento mil modos de encher tempo e ainda há sobra para uma semana de *farniente*. Maravilhas da vida rural! Por isso é que o fazendeiro que passou anos a tostar-se ao calor dum brasido, tem a voz indolente, frouxa e de um fanhoso monótono com um sabor a confidências, que acalenta e entorpece. Por essa causa é que poupa os movimentos; para levantar-se não o põe alerta, de pé, a mola duma energia que atua de pronto; esse movimento é um capítulo do seu dia: primeiro hesita, pesa e resolve, depois começa — estira os braços, num bocejo hiante e sem fim, descai sem forças, corcovado, sobre seus próprios quadris, recomeça o bocejo e o espreguiçar, com a mão tenteia um apoio, mexe o pé e com um “ah!” interminável vai-se levantando, bambo, desconjuntado. Ganhou com isso alguns minutos.

Siá Marciana tem um bom sistema de encher-me o dia, vive a inventar comezainas. Lá surge da cozinha com um prato de pinhões. Tenho o que descascar e roer até o almoço. Enquanto o faço, Próspero encordoa anzóis, dando-me conselhos: devem-se encastoar com cabelos de cavalo-marinho, cuja transparência os torna invisíveis na água; se em vez de fio se usa arame, cuidado com as crocas! que, encrocando, a menor piaba o arrebenta; o fio deve ser do comprimento da vara, enrolando-se outro comprimento por esta abaixo...

De vez em quando uma discussão religiosa. Próspero aprecia a leitura da História Bíblica, a que dá interpretações pitorescas. Proponho-lhe uma questão difícil: se os pecados são sugestão do Demônio, não seria melhor que Deus não houvesse criado a este? Ele refuta-me calmamente:

— Se o senhor montasse uma empresa, não necessitava de um administrador? Assim, criado o inferno para castigo dos maus, era preciso um tomador de conta, e este é o Diabo.

Dou-me por convencido, e ele prossegue a encordoar os anzóis e eu a roer os pinhões.

Nesta conversa desatada e mastigação interminável, veio a hora do almoço. O aluno foi pontual. À mesa lá estava à beira do Américo, que se desmanchava em atenções. Era um negrinho de quinze anos, empertigado, de meia e chinelos, que em questão de decência o professor mostrava-se inflexível. Usava a carapinha levantada em topete, e a tudo só respondia “sim” ou “não”. Tinha ar sério de negro educado, que sabe ser negro só “nas cor”. Aquilo era obra do Américo.

Siá Marciana arrumou-me um prato alto como uma pirâmide, que lenta, mas seguramente, eu ia escavando e trasfegando para os mistérios do tubo digestivo. A cada momento eram instigações:

— Coitado do Dr. Félix! está sem fome! O senhor precisa tratar-se melhor...

Ao fim da refeição deixei-me ficar na cadeira, refarto, soltos os botões abdominais, sem coragem para deslocar-me. Sentia-me inerte, empanzinado, como feito de uma só peça indobrável. A barrega tumefacta dava-me sensações de gravidez.

— Coitado do Dr. Félix! Anda tão sem apetite... coma ao menos uma pamonha com o café... Agora é uma raridade milho verde, mas ainda aparece.

— Pamonhas? — hesitei, apalpei-me. — Venham! — resolvi, intrepidamente.

Como sabiam bem! Pena foi não poder passar de duas, que assim mesmo se puseram a brigar com o almoço e os pinhões, para

arranjar lugar. Convenci-me nessa hora que a impenetrabilidade é a mais secante das propriedades gerais dos corpos. Conciliei a pendência e compus-me com a física cedendo mais um botão da cintura.

Siá Marciana arranjou com sobejos o prato da gata favorita, que lhe puxava significativamente a barra da saia. Sopesando-a pelo ventre elástico, pô-la sobre a toalha, junto ao petisco.

— É um animalzinho tão manso e asseado! — disse ela, dando-lhe maternos olhares.

Sempre impliquei com bichanos. Detesto-lhes a música encatarroada do peito e a balda de coçar pulgas nas bocas das calças da gente, principalmente se são novas. Observei:

— Fie-se nessa cordura hipócrita! Não conhece o aviso popular “gato matou sô padre”?

A velha riu-se. Era uma antiquíssima história e provavelmente lendária. Já seus bisavós lhe contavam em menina o caso do padre que, armado de chicote, se fechara numa sala para castigar um bichano. O animal enfurece-se, encrava-lhe as presas curvas na garganta e... era um padre que morria e um exemplo que ficava para todos os séculos porvindouros. Que a história era muito espalhada. Ouvira-a do Dr. De a Pé, galego, e também um francês lha confirmara, pelo que um e outro ouviram na sua terra, deles.

— Caluniaram vocês, minha gatinha... — e siá Marciana amaciava-lhe a espinha ondulante, esperando a terminação do almoço, para acabar de tirar a mesa.

Fora a toalha, espalha-se o pessoal. A velha encafua-se na cozinha. Próspero vai buscar as redes necessitadas de reparos, e Américo, mais o empertigado negrinho, somem-se para o cômodo de negócio. Na sala só fico eu, empachado, o cóccix no rebordo da cadeira, a nuca apoiada no respaldo. Daí a instantes faz-me o velho companhia, consertando uma primeira rede que estende sobre a larga mesa de óleo.

Próspero absorveu-se no trabalho, pelo qual, meio distraído, eu me interessava. O novelo de barbante não tinha descanso. Durante meia hora acompanhei-lhe os movimentos, calculando comigo:

“Agora é um remendo aqui, um nó ali...”. Às vezes errava em minhas conjecturas, o que me dava uma leve contrariedade. Incansavelmente meu espírito formulava previsões: “Para consertar aquela ponta, o velho terá fatalmente que passar para o outro lado da mesa...”. Fatalmente enganava-me; ou virava ele o tecido, ou debruçava-se mais.

Isso fatigava-me extraordinariamente.

Com intervalos mais ou menos longos, Próspero ia ligando pedaços de frases, narrando-me episódios de pescarias a malhas. Nunca compreendi bem como se arma uma rede: sobre isso minhas ideias eram em absoluto falsas, o que me desgostava. Ao mesmo tempo receava que o velho mo explicasse. Aprender é tedioso. Os maquinismos, então, causam-me particular horror. Numa descasqueira, ao ver o café cair, deleito-me com isso; mas se querem contar-me o processo da descasca, supliciam-me inutilmente. O caso das redes enchia-me de apreensões, porque uma ideia falsa também causa tédio e eu tinha na boca uma perguntinha recalcada: “Como se arma isso?”. Previa já a intuitiva exposição: o velho que interrompia o trabalho e fazia gestos de fincar estacas, e outros gestos figurando a rede estirada... Provavelmente eu faria um esforço de abstração, mas continuaria na mesma, sem compreender.

Nesse em meio ia acompanhando o concerto, procurando, a espaços, divertir a atenção para o exterior, onde devassava um trecho de céu. Era cair de Cila em Caríbdis. Via corvos minúsculos ao alto, descrevendo serenamente grandes órbitas vadias. As extremas de suas parábolas, quase as encobriam os portais da janela. Era sempre *quase*. Por esse lado também vinham-me apreensões: “Desta vez encobre, porque a parábola é mais longa...”. Preparava-me para mudar de posição a fim de não perder as extremas da curva. Mas era escusado, porque, mal tangenciava o portal, o voo tornava em direção regressiva... Era intolerável. Antes as redes! Após um tempo infinito finalizou-se a primeira. Suspirei de alívio.

— Quantas faltam agora, Sr. Próspero?

— Nove.

Horripilado, levantei-me e fugi. Não foi bem fugir; a expressão é muito lesta para quem tinha meia arroba de mantimento no bucho; fui rebolando-me para o interior da casa com a lerdice dum cevado em ponto de faca. Ao chegar à varanda, novo susto do papagaio e a indefectível queda do poleiro.

— Por isso é que meu Louro anda acorrentado depois de velho — disse siá Marciana, que vinha trazer-lhe a ração. — Cai à toa! Velhice é coisa triste, não, meu negro?

Contou-me que não havia papagaio tão tagarela como aquele, no seu tempo. Sabia o nome a todos, atiçava cachorros, chamava os escravos. Toda a manhã descia da placa e ia postar-se na cerca que dá para a estrada, donde saudava os transeuntes conhecidos com um “boa-tarde” nasal. Para ele era sempre tarde, a qualquer hora... Em novo, muito dado, mas a idade tornara-o rabugento. Só tolerava o velho; os agrados dos mais, recebia-os de bico em riste. E que implicância tomara com o Leonardo, o hóspede comido de sífilis que ali fora curar-se da gafeira que o imbecilizava! Se, quando o via, estava solto, lá ia, pés impercussos, empoleirar-se em sítio propício e, zás! no lóbulo da orelha. Ainda agora, ao ouvir-lhe a voz na estrada, agitava-se, caía, batia as asas, febril, buscando libertar-se da corrente.

— Não é assim, meu Louro? — perguntou ela.

Não teve resposta, porque, depois de uma bicada inapetente na comida, a ave, sem esperar pela conclusão da biografia, recaíra em sua modorra habitual.

TÉDIO

Vagabundeei sem rumo pela casa, buscando algo em que me interessasse. Pesado e bamboleante fui ao negócio. Fora o sol reverberava, dando ofuscantes fulgurações de ouro à estrada poeirenta, onde rangia a intolerável serrazina do guincho de um carro de bois. Fartamente assoalhados pelo chispante estendal de luz, os campos também modorravam sonolentos.

Nada há tão vulgar como as horas dum dia de sol. O venerável astro-rei, tenha paciência, bem podia variar os seus processos de iluminação. São assaz estúpidas essas reincidentes ondas de ouro e mormaço, cegantes para a vista e atorporantes para o organismo. Não pensavam assim os altivolantes corvos, cujos remígio serenos se banhavam voluptuosamente no ar das alturas, refazendo, incansáveis, curvas enormes. Divisados de longe eram pequenos traços horizontais, rudimentos de monoplanos, as asas ligeiramente arrebitadas na ponta. Arranquei-me à sua vista obsidente e relanceei o cômodo. Nas prateleiras, meia dúzia de molhos de rapaduras, muitos feixinhos de canetas invendíveis, um litro de óleo de capivara, meia dúzia de peixes fritos num prato esbeijado e o garrafão de pinga. Um enxame de abelhas zumbia e rezumbia em torno das rapaduras, cujo cheiro enjoativo impregnava o ar. Em atitude correta, o José copiava, em bela vertical, uma historieta do livro de leitura. Perto, Américo sorria enfiado, julgando-se sem perdão aos meus olhos pela sua grande ousadia de querer lecionar.

— Também ensina estas coisas? — perguntei-lhe, mostrando o caderno. — Supus que apenas transmitisse ciência pura.

— O senhor sabe — desculpou-se ele —, é preciso começar por essas ninharias. Não faz dois meses que saíu do abecedário...

— Aprendeu com você? — perguntei-lhe, admirado.

Fiz o negrinho ler, ditei algumas palavras, passei-lhe uma conta — era surpreendente como acertava. Maravilhado encarei no Américo. Estava ali um bom corte de professor primário. Revolvi no pensamento certa resolução secreta.

— E gosta do ensino? — inquiri.

— Oh, senhor doutor! Se não fosse muita presunção eu arranjaría uma escola para lecionar de graça os moleques destes lados; mas, afinal, como diz o caipira, cada um deve pendurar o chapéu onde a mão alcança — ou quem tem perna curta não dá passo largo. Isso só para homens como Vossa Excelência.

Sorri com o “Vossa Excelência”, e internei-me de novo para a varanda. Sentia urgente necessidade de espichar-me em meu lugar de repouso preferido. No meio daquela pasmaceira soçobrança, a caixa antolhava-se-me como lugar de eleição. Estendi-me com gozo na larga tampa, e, dobrando o cotovelo, fiz do punho travesseiro.

— Já deu o ataque de preguiça, Dr. Félix? — casquinou da antessala siá Marciana, que auxiliava o velho.

— Já... Quantas redes prontas?

— Uma só, por enquanto...

Meu Deus, como era demorado! Aquela paciente tarefa enervava-me, como se estivesse eu próprio a trabalhar. Penosíssimo fardo é a ociosidade, algumas vezes!

No meu pouso não pude ainda cair em beatitude. O tédio é um estado fecundo às más sugestões. No meu cérebro o Sr. Próspero trançava barbantes sem cessar e regiravam preguiçosas rondas de corvos. Cerrando os olhos eu via estrias e manchas verdes e escarlates, doloroso decalque impresso na retina pela ofuscante visão das estradas e dos campos ensolados. Queria dispersar-me, devanear; puxei pontas de romances heroicos, cujo principal personagem era

eu; mas o enredo apagava-se como um rio sem foz que se evapora no deserto e a dispersão concentrava-se no importuno vinco daquelas impressões visuais.

Uma coisa pulou na arca. Era a gata predileta de siá Marciana, muito dada, esfregadeira, ronronante. Coçou as pulgas no meu pé, continuou a fricção perna acima, deixando na casimira um rastro de pelos caídos. Achei adorável aquela sem-cerimônia e, ajuntando paciência, resolvi comigo:

“Vamos ver até onde chega o atrevimento”. Fez-me massagem abdominal, coçou-se no meu cotovelo, encostou a bigodeira pruinete no meu rosto, rouquejando surdas catarreiras; fez menção de beijar-me, flossou-me no ouvido...

“Vamos ver até onde vai!”, trocadilhei, fulo de raiva. Foi a dez passos de distância, pois sem chamar mais paciência, apliquei-lhe um tabefe centrífugo: siá Marciana não estava ali... Perto dela é que eu tinha hipocrisias. Amimava o felino, tomava-o nas mãos, achava-o bonito e tudo o mais que agradasse à dona.

Escafedeu-se a gata aos pinchos e bufos pela janela do terreiro. Fez-me falta, porque então senti-me vazio. O vácuo pesava-me como chumbo.

— Quantas redes? — perguntei.

— Quase duas.

E eram dez, ao todo! Busquei alhear a atenção pensando em coisas da cidade. Evoquei a minha vida de homem civilizado...

O diabinho zombeteiro do tédio fez-me lembrar uma inquirição marcada para aquele dia. Testemunhas de longe, crime sensacional, com advogados, acusador particular... Pulei da caixa. E eu que me havia esquecido! Maldito azar!

Dias e dias que passo às moscas em meu gabinete, sem uma petição, um auto a despachar, sem um depoimento, apenas a encabulação da visita do meirinho bexigoso, reverente e correto, a perguntar-me inutilmente: “Senhor doutor, tem alguma coisa para os cartórios?” — tão correto que, ao chegarem as onze, já começo a enfezar: “Faltam cinco minutos... quatro, três, dois...”

e exaspero-me, apreensivo, certo de que daí a um minuto bate delicadamente à porta e na curvatura respeitosa do costume me estribilha o quotidiano: “Senhor doutor, tem alguma coisa...” — e espero que falte aquele dia ao menos, que quebre aquele hábito de pontualidade acerbante, novo suplício de Dâmocles — e passa o minuto, e aí vêm as pancadas e a pergunta e a minha resposta impaciente: “Nada, nada, homem de Deus!” — tantos dias assim vazios e, logo naquele, destinado a uma excursão de visita aos velhos, a tal encravação do sumário a berrar-me de longe a sugestão de um intolerável remorso!

Numa crispação raivosa procurei perto a gata, para um segundo revés de desabafo. Nada! Havia-se decerto eclipsado para o fundo da horta, suicidara-se no rio ou fugira para o fim do mundo, a evitar segunda aventura. Senti-lhe a falta. Serzinho inestimável, um bichano!

— Ora, que se arranjassem! Dar-me-iam como presente à inquirição, ou a deixariam para o dia imediato.

Estendi-me de novo na caixa. Mas já não tinha sossego. O aborrecimento moral comunicara-se ao físico: revolvia-me, remexia-me, voltava-me “como a porta em sua couceira”.

Só via autos, num ror de papelada com estampilhas e um desfile interminável de figuras de partes: este, rábula terrível, que achava em artigos tudo que eu fazia “radicalmente nulo”, por isso, por aquilo; uma rubrica malgatafunhada, uns minutos de atraso na audiência, o porteiro que apregooou só uma vez o requerido, e já se enfileiravam os “Provará...”. E era tudo catado, depurado, num espiolhar implacável; outro, figura manhosa e insinuante, a querer em palestras auferir conselhos ou previsões sobre o êxito de tal feito; um terceiro, berrador e impulsivo, possesso com um indeferido, a clamar que o juiz é prevaricador e comprado — uma procissão irritante de figuras irmãmente hostis, da surda hostilidade instintiva de classe, que separa os postulantes e os julgadores, e os põe, a uns e outros, numa eterna e irritante defensiva. Via-os a todos gananciosos e rapaces, com as unhas que esfolam o constituinte prontas

para agadanharem o juiz. Enxotava-os da mente e eles tornavam processionalmente, com as suas astúcias e exigências, protestando e recorrendo...

Por fim foi-se esfumando a turba vociferante, deixando apenas enfocados uns gordos autos de embargos por julgar, que estavam havia sessenta dias sobre minha mesa de trabalho.

Incoercíveis, os remorsos continuavam a pungir-me, com pontas aceradas.

Oh, esses malditos autos! Ter que meditar duzentas folhas ensebadas e arriar a livraria, procurar o caso nos praxistas, quando os praxistas preveem todos os casos, menos o que nos interessa! Ante a enormidade da tarefa os embargos lá ficavam dormindo sobre a mesa o sono dos prazos intermináveis...

Afogado sob tanta culpa, tive uma reação de desespero. Não! eu não era um mau juiz. Em mim sentia a massa dos julgamentos imparciais. Mas — diabo! — a justiça, como nós a compreendemos, esse tonto catar de artigos e retalhos de acórdãos, era excessivamente implexa. Em mim não faltava boa vontade para o trabalho nem amor acendrado ao monumento das leis; respeitava-as, admirando-lhes o alto espírito filantrópico. Respeitava os bons juízes e as sábias sentenças. O diário oficial, por exemplo, transcrevia sempre os julgados de um dos mais sabedores de nossos Papinianos, onde cada parágrafo tinha farta cauda de citações ponderosas. Eram sentenças de peso e tutano, via-se bem. E com respeito imenso eu as cortava e colecionava. Pode-se ser mais respeitoso? Não as lia, é verdade, mas — com mil raios! —, se não me faltava boa vontade para o trabalho, sobejava-me pouca para o começar e assim ficavam em perpétua esterilidade as minhas boas intenções. Que pena não estarmos na terra dos vizires autônomos e Salomões sumaríssimos, que numa frase deslindam uma pendência, sem inútil esbanjar de tinta e de praxistas!

A culpa não era minha, portanto. E, com esta convicção crescente, os gordos autos de embargos foram-se também reduzindo e esfumando a distância.

— Tome um travesseiro, Dr. Félix.

Agradei a siá Marciana, que vinha de rematar com o velho a segunda rede e ajeitei-o sob a cabeça. Boa e perspicaz velhinha! era decerto o que me faltava para calar a galhofa dos diabinhos do tédio. A cabeça azoinada achou-se bem naquele aconchego de paina macia e a alma dilatou-se satisfeita, predisposta a cair na beatitude de um longo cochilo.

Tudo começou a tornar-se em calma e incomparável mansuetude. Os escrúpulos das obrigações atamancadas e esquecidas, a hostilidade das figuras que à desfilada me traziam pungitivo anseio, o vinco luminoso do meio-dia ensoado, as repisadas órbitas dos corvos lentos, foram-se vaporando e dissipando no doce diluimento com que se esmaecia e se apagava no azul a nuvenzinha branca que nesse momento meus olhos contemplavam; até o conserto infundável das redes, em vez de nervosismo, trazia-me a tranquila certeza dum dia doce e sem fim. Parava o tempo, o mundo imobilizava-se na última postura das mãos e no derradeiro soído de voz, como no castelo da princesa adormecida, suspendia-se a vida numa última emoção, o ritmo do coração numa diástole final, tudo passava ao estado de irrealidade e de sonho...

Benigna sesta beatificadora! Não era bem dormir mas apenas entreviver, fazer na alma um grande vácuo, dar-lhe uma varredura nas ideias e preocupações, fazê-la uma coisa inerte e vegetativa que se abre ao sol e à vida com a passividade de uma fronde largamente espalmada na altura.

E, assim vazia, penetrava-a com suavidade o ambiente daquela quadra, o odor dos manjericões que viçavam à janela, sob as fúcsias que a emolduravam. Entrava-me uma sensação de paz, de lar e bucolismo. Era como um retrocesso à infância: sentia-me recuado vinte anos, tornava-me criança. E àquela hora nada me seria mais doce que uma cantiga materna à cabeceira.

“Dorme, dorme, meu filhinho,
Que o Tutu vem te pegar...”

Não ter a gente a vida toda quem assim nos embale, dando-nos a carícia de macia mão que nos alisasse os cabelos, a dizer-nos histórias de fadas e príncipes encantados e a chamar-nos filho, uma asa imorredoura sob a qual nos pudéssemos fazer pequeninos, encolhidos, escondidinhos...

Mal-organizada, esta complicação dolorosa da vida!

Mas naquele momento parecia-me quase perfeita.

“Viver é bom!”, murmurava sonolenta minh’alma, dissolvendo-se.

Longe, na estrada, rangia ainda o carro, interminavelmente; e era como se o meio-dia se houvesse feito som e por essa voz atorporada e longa dissesse o desmaio voluptuoso dos grandes campos adormecidos ao sol...

UMA HISTÓRIA DE CAÇADAS

— Conte-me uma história de caça, Sr. Próspero.

Ultimado o conserto das redes, viera o velho sentar-se ao pé de mim. Sentei-me também; e, ainda estrouvinhado do longo cochilo, observava, um tanto abstraído do lugar e da hora, no alto de um portal negro, pequeninos túneis de barro estendidos lado a lado, povoado rústico acrescentado cada dia pela faina construtora dos maribondos. Saindo de seu profundo torpor, o velho papagaio dignou-se abrir um olho vidrento, com que nos inspecionou um instante; em seguida remergulhou na sua imobilidade de ave empalhada.

O Sr. Próspero pigarreou, sorriu, ajeitou-se e começou a história reclamada. Era um velho episódio, num tanto desairoso para seus foros de caçador feliz. Combinaram uma vez, ele e o Capitão Domiciano, passar a noite num barreiro, à espera de caça. Não sabia eu que era um “barreiro”? Ia explicar-me. Nas nascentes de certos córregos, há, nalgumas grotas, uma espécie de lama salitrada, que os animais gostam de lambar. A terra aí lagrimeja continuamente escassa umidade. Durante o dia e a noite reveza-se nesse lugar toda a sorte de caça. É o ponto de encontro das espécies mais desirmanadas, e algumas ali vão mais à cata de pábulo vivo, que atraídas pelo salgado marejamento do solo. De dia são os animais menos espantadiços e as aves de grande porte, até jacutingas: à noite é a assembleia transida das pacas e capivaras ariscas, cutias, cachorros-do-mato, que não raro são surpresos pelos temerosos povoadores da mata virgem: antas, onças, queixadas. Calcado por todo o feitio de patas,

o terreno é limpo em certo raio; e, pela ação erosiva de milhares de bicos e línguas, vai-se solapando em roda. Não há melhor posto para um caçador, que uma das árvores do circuito. É preciso, porém, que seja homem de coragem e use certas prevenções. Ora, para isso, era ótimo companheiro o Capitão Domiciano, pois mais de uma vez haviam-se arriscado em sombrias tocas de feras e acampado semanas em serras bravas, à caça de macucos. Durante o dia foram ao ponto escolhido, para os preparativos necessários. Procuraram uma árvore apropriada para construção dum estaleiro, e que não fosse oblíqua, nem muito grossa, que as onças grimpam de melhor grado nos troncos hartos lançados de viés. Feita a escolha, dois escravos, Adão e Pai Tomás, arranjam o ponto de pouso.

— Sabe que é um estaleiro ou jirau? É uma espécie de prateleira de paus encruzados, armada numa árvore. Estiva-se bem estivado, fazendo-se como um assoalho e dos lados levantam-se parapeitos. Fazem-se para uma e duas pessoas. Aí até pode-se dormir. Finalizando os escravos o serviço, fomos para a fazenda, a tratar dos últimos aprestos. Preparamos matalotagem, verificamos o bom estado e limpeza das armas, entrouxamos cobertas que nos defendessem do frio e nesses arranjos esperávamos a tardinha para partir. Precisa-se ir com dia e estar-se disposto a passar a noite no jirau, porque é perigoso arriscar-se a gente com o escuro em lugar rondado por tão perigosas feras. Depois do jantar chegou à fazenda, muito açodado, o Vigilato, nosso parente longe. “Soube que vão ao barreiro?”, perguntou. Respondemos que sim. “Pois vim para caçar com vocês.” “Impossível! o jirau dá apenas para dois. Se avisasse mais cedo...” “Não seja essa a dúvida! arranjar-me-ei de qualquer modo.” Pensei que fosse gracejo, porque era de gênio brincalhão e pouco dado a aventuras. Mas teimou que ia, que ia... Já vinha armado e pronto para o pernoite. “Pois então, Vigilato, faça o que quiser. Depois não se arrependa!” E, à tardinha, partimos os três, rumo ao barreiro...

Aqui o Sr. Próspero tocou-me o braço:

— Veja, Dr. Félix, a atenção do louro... Está-se recordando dos tempos antigos...

De feito, o papagaio, com os olhinhos agora vivos e brilhantes, desperto do seu sono de velhice, escutava com imensa atenção.

— São do seu tempo, meu louro, o Vigilato, o Capitão Domiciano, o Pai Adão...

E o velho prosseguiu na narrativa. Foram, pois, rumo da grotta. Chegados aí, Próspero e o capitão subiram, a experimentar o estaleiro. Pareceu-lhes pouco sólido e nele cabiam estritamente duas pessoas.

— Pois, Vigilato, arranje-se como puder, que não sobeja espaço para você.

O rapaz tomou em riso a dificuldade. Se ainda estava dia...

— Vou fazer uma estiva melhor que a sua — disse.

Numa árvore perto atravessou uns paus pelas forquilhas dos galhos, amarrou e encruzilhou em tudo sólido cipó e pôs-se à turca sobre a armação, gracejando:

— Daqui farei mais proezas que vocês, porque não há parapeito a estorvar-me.

E pilheriava, contava casos, atirava remoques aos companheiros.

Quando o negrume da noite deu de adensar aos poucos, o caso mudou de figura. Vigilato foi-se pondo mudo e de olhos arregalados.

— C'os diabos! — rosnou entredentes. — Não avisei a Maricota, que pode estar inquieta...

Devassou num relance o caminho a desandar; mas seguir um carreiro mal-amassado, por brenhas inóspitas, e àquela hora, e só...

— Vamos adiar a espera para outra noite? — perguntou em voz incerta.

Os companheiros, quietos.

— Que diabo! Não respondem?

— Pouco barulho — ciciou Próspero; — é tarde para lembrar-se da Maricota. Se tem medo, trocamos de lugar.

— Medo, eu?!

E tentou, para mostrar isenção, cochichar novas facécias, que lhe saíram miseravelmente sem sal. Os ouvintes, também, não lhe encorajavam a loquela, pois para o bom caçador é grave

pecado quebrar o silêncio solene da espera. E os bichos não iam tardar.

Fechou-se de todo a noite. Do barreiro subiam sons misteriosos, bruscas correrias, estranho amarfanhar de folhagens, guinchos abafados, longos silêncios expectantes...

Em forçada inação passam algumas horas. Felizmente a lua eleva-se e na clareira esmoitada espalha-se um difuso albor. Já se pode caçar. E, olhos à espreita, ouvidos fitos na calada da selva, ao menor rumorejo suspeito comprimem com o polegar o gatilho das armas, prontos para aperrá-las.

Raras formas assustadiças sombreavam o chão numa carreira, fazendo, pequeninas que eram, largo rumor. Um focinho minúsculo trabalhava o barranco, na faina de lamber. Nada que valesse uma carga de chumbo e o alarme de uma detonação.

Vigilato pôs-se a trautear entre dentes uma modinha, afetando desassombro. O focinhito riscou o chão de negro, numa fuga rápida.

— Pst! — recomendaram os companheiros ao cantador importuno.

Fez-se outra vez o silêncio... e, no silêncio, muito longe, rouquejou um urro sinistro.

— Nunca ouviu urrar uma onça, Dr. Félix? É uma coisa bonita. É um miado forte, mas um tanto engasgado, como o dos gatos em sanha. Quando ela urra, parece que tudo se confrange de medo e até a mata fica mais quieta.

No instante do uivo entreviu-se no barreiro um confuso debandar de formas antes invisíveis. Um trepidar seco vinha do estaladeiro do Vigilato. Ele tremia e os paus nos seus pés tremiam com ele.

— A bicha aí vem — murmurou o capitão.

Passou-se um espaço de calada absoluta. No céu sem brisa imobilizaram-se as ramas das árvores, negras e como petrificadas. Apenas longe em longe um lufo manso corria um frêmito pelas franças sombrias. E aquilo prolongava-se, sem termo... “Má noite!”, pensavam os caçadores.

Mas um segundo indício, bem próximo, preveniu-os de algo sensacional. Ouviram um taque-taque característico.

— É pintada — avisou Próspero. — Essa qualidade de onça tem o “sotaque” de estralar com as orelhas. Armas engatilhadas e silêncio. Vamos atirar todos juntos. Segurem o ponto e esperem o sinal.

Do negrume da brenha surge uma grande massa animada que avança lenta e ondulante. É um felino. Ao sair da orla de sombra, bate-lhe em cheio o luar. Tem o pelo mosqueado de negro e ouro. Na pausa solene dos quadris a deslocarem-se na marcha, há a segurança da força. Ondulante e lenta atravessa o barreiro, em direitura da árvore onde se acham os dois... Detém-se em baixo, como buscando sonegar-se-lhe à sombra, à espera, também.

Preparam o ponto, cautelosamente.

Os dentes de Vigilato estralejam, entrebatendo-se.

— Pst! — faz Próspero, a pedir-lhe silêncio.

Com o “pst” a onça olha para cima. Domiciano assusta-se e um seu movimento instintivo falseia um pau do estaleiro, e o estaleiro, mais os dois caçadores, desabam fragorosamente sobre a onça... A fera, surpreendida, atira-se, de salto, para a árvore onde está Vigilato. Vigilato despenha-se, num berro...

— Ah, senhor doutor, nem posso contar-lhe todas as peripécias dessa noite! Caímos de muito alto — ficamos machucados, uma espingarda quebrou-se e as outras ficaram sob os escombros... E, tropeçando no escuro, aos tombos, aflitos, a olhar para trás, fugimos correndo quanto podíamos, quase sem rumo, extraviados na escuridão da mata. Felizmente não fomos perseguidos. Então, recobrando alento, pudemos gemer as nossas contusões, e, acendendo pedaços de taquara e palha de pinheiro, conseguimos achar o caminho da fazenda.

E Próspero ria, da velha recordação. Siá Marciana, da cozinha, fez coro com ele. Eu ajudei-os. E, esperto na sua placa, revivendo também antiquíssimas memórias, na ilusão de um retrocesso aos bons tempos, o papagaio quebrou sua obstinada mudez, clamando em falsete estridente:

— Capitão Domiciano! Vigilato! Pai Tomás!

NO BARREIRO

Num barreiro — continuou Próspero, a quem escutávamos atentos eu e o papagaio — onde se reúnem espécies tão várias, dão-se às vezes interessantes episódios. Era testemunha, não de vista, mas de ouvida, de uma pendência entre uma onça e um bando de queixadas.

Os queixadas, acrescentou, não são os únicos animais que podem enfrentar o nosso jaguar; a anta defende-se dele perfeitamente, graças à sua rija couraça nativa. E sua arma de ataque é o arremesso da fuga. Nunca assistira eu à corrida de uma anta? Era espetáculo empolgante. Quando foge acossada pelo inimigo, tem o ímpeto de um obus; rompe desencabrestadamente em linha direita, varando, esmagando, sem encontrar obstáculo. É uma avalanche que despenha. E não há enredilha de touça ou tranqueira engrazada que ela, irresistível, não force. Malgrado a couraça encorreada, é atacada às vezes. A onça, num pulo, toma-lhe de assalto o cogote, onde se encarapita; e aí, aderida como emplastro vivo, forceja por estroncar-lhe o cachaço. Contaram-lhe de uma que, levando uma fera assim às cavaleiras, embarafustou mato adentro em rompente arremesso, que o peso suplementar não moderava, aprofundando um túnel no intricado da selva. Guiada pelo instinto, atira-se de raspão sob o primeiro madeiro deitado de través... Com o crânio estalado, a onça desmonta bruscamente, aquém do obstáculo, onde fica escabujando, no ralo último. Podia não ser verdade, mas era verossímil.

Atestava, porém, a veracidade do que passava a narrar. “Palavra de caçador, Dr. Félix!”

Desta vez era seu companheiro um vizinho, bom sujeito, o Prudêncio.

Estavam empoleirados num jirau. Noite negra e silêncio grande. Um rastilho prateado, no horizonte, anuncia a lua. Já as ramas mais altas se meneiam alvacentas sobre o bojo atro da clareira. Podem dormir, ainda é cedo para caçar, pois o luar tardará a banhar o barreiro emparedado pela grande mata, num profundo entresseio de serras. E, no estaleiro cômodo, dispõem-se a fazer cama... Súbito a atenção aviva-se-lhes. Ouvem um rumor longínquo, um vago crepitar que se torna cada vez mais nítido. Por fim é um vasto estrépito que se avizinha, tomando monte e vale, em convergência para um só ponto — o barreiro. À chegada, o rumor sinistro torna-se o formidável estralejar das presas de um cento de queixadas. De mistura soam roncões, grunhidos, acachoados farfalhar de folhagens destroçadas. E o terreno apisoado pela horda invasora é fossado e furiosamente revolvido, arado pelo cento de focinhos, que ávidos se cevam na salobra infiltração do solo.

No entanto, os caçadores nada veem. A treva homogênea, compacta, espessa como piche, enche o âmbito da clareira. A vida ali é apenas o confuso rumor da bandeira invasora — um grulhar múltiplo e um amortecido estrincar de presas. Aquela vida misteriosa no negror da noite, coa-lhes pelos nervos arrepios de pavor. Arriscar passos, àquela hora, sob as soturnas abóbadas da mata, seria buscar o perigo. Em cada ponto das pesadas trevas pode haver uma emboscada. A elasticidade do salto está pronta para o bote, as orelhas aplicam-se adivinhando a presa, as úngulas crispam-se nervosas no antegosto da posse... Mesmo protegidos pela altura, os caçadores estão emocionados e trementes. Oh, a forte sensação, eternamente renovada, da montaria às feras!

Embaixo, a bulha amortece. É agora um resfolegar exasperado de focinhos lavrando a terra mole, num grande raio. Improvado, ce-leuma terrível. Entrebatem-se as presas entre roncões ferozes, bufos

assanhados e confuso revolvimento da horda. Era uma onda infernal a investir contra um ponto e a recuar, como rolos encapelados abalroando um rochedo e refugindo com fragor. E a misteriosa investida arrancava para um mesmo ponto, sempre o mesmo... Para os caçadores só havia em baixo a homogeneidade do negrume; nem chispas, fosforescências, ou pálido delinear de contornos: a treva unida, igual.

— Sabe que significa este rebate? — perguntou Próspero a Prudêncio.

— Não.

— É um inimigo. Os queixadas defendem-se.

— De quê?

— Escute, escute!

Não tardou partiu de baixo um rugido fortíssimo, prolongado, que dominou a alarida dos porcos, enchendo a mata e a noite com um reboio de trovão; e embuzinado pelo vale, desconforme trompa, o rebramar da fera foi despertar até longe os ecos adormecidos dos rincões selváticos.

Aos caçadores, azoïnaram-lhes os ouvidos.

— É onça! — exclamou abafadamente Prudêncio. — Atire!

— Atirar como! — objetou Próspero. — Nada vejo! Mas sossegue, que, ocupada a caçar os queixadas, não dará pela nossa presença.

Com o urro espalhou-se o pânico no bando dos suínos, seguindo-se precipitada bulha de numerosa abalada. E, entre bufos, guinchos, matraquear de dentes e um farfalhar encachoeirado, a esparramada turba desgalgou pelo vale, tornando-se prestes uma crepitação longínqua. E então, já remoto, um segundo urro ecoou no silêncio e na treva. O inimigo também distanciava-se, na esteira da preia recalcitrante.

Esse incidente foi um azar. Subiu serena a lua, dealbando as entranhas do vale, um luar tão claro, que se desenhava no barreiro a sombra carregada do menor caule de erva. Era uma riqueza de minúcias no chão calcado e aberto, que mais claramente mostrava a falta de caça. Nem uma paca, nem um rato montês!

Pela madrugada desceram, com as cargas inexplodidas nos canos das armas. Viram em cada palmo do solo os vestígios da passagem do bando; e, num grosso tronco, para onde se concentrara a investida da bandeira, a casca, nalguns lugares escodeada de fresco e agatanhada de garras, mostrava a cautela da onça, em frente dos queixadas, não se aventurando ao duvidoso desenlace de uma luta rosto a rosto com a desaçaimada horda estrepitosa.

HORAS DE ÓCIO

Faltava carne para o jantar; por isso, depois do café da uma hora, meus amigos piraquaras aprestaram-se para a ida à beira-rio. Estava pronto o samburá com os roletes de angu, debulhos de frango e milho para rapar na ceva, como chamariz. Convidaram-me para participar da pescaria.

— Outro dia... — respondi. — Venho com tenções de pescar, e no entanto não me encorajo a arrostar sol e ladeira para satisfazer meu desejo. E a vida assim é que me parece razoável: um perpétuo aspirar, sem realizações.

— Tem graça, Dr. Félix! — aparteou siá Marciana. — Acha mesmo que o melhor da festa é a espera?

— Sou assim, na verdade, e entendo que é o mais lógico meio de evitar desilusões. É a causa de ainda estar solteiro. Não quero dizer que condene o amor...

Perpassou-me aos olhos da memória a estampa do tal ex-futuro cunhado, de marreta engatilhada: “Ou casar, ou...”. O desastrado espantara-me uma vez por todas do casamento, com grande consternação das amáveis pretendentes a sogras, pululante espécie que vive a tecer redes de agrados para que se lhes carregem as filhas do lar.

— Por exemplo: essa mata da outra margem, que não é como esta margem praguejada de caatingas e pastos, exerce sobre mim verdadeira fascinação. De contemplá-la a distância embriago-me, perturbo-me, imprecando os fados que me fizeram nascer civilizado e homem. A verdadeira vida é a da floresta, com os seus mistérios,

emboscadas, emanações de húmus milenário e florações ridentíssimas. Seu silêncio há de segredar-nos coisas nunca ouvidas, que valem os livros de todos os poetas e filósofos. Porque a sabedoria nativa e a poesia humana estão nessas vozes ciciantes das brenhas, no exalar mistérios do seu chão balofo e de seus troncos penugentos... Eu desejaria ser índio, ou fera, ou o que quer que seja que respira e sente, vivendo entre os jequitibás centenários, a conversar o ermo, deus familiar sempre presente onde haja uma árvore frondejante ataviada de bromélias e entrelaçada de lianas. Viver a floresta, entrever-lhe a alma bruta! Mas... lá não vou. É simples porquê. A desejá-la me inebriou; possuindo-a, ver-me-ia azoainado de pernilongos, ferretoado de outros insetos, de sorte que o tempo da visita iria em esborrachar essas pequeninas pestes. Além disso, as orquídeas não me pareceriam bem florescidas, nem os cipós bem tramados, nem os jequitibás bem anchos, nem o perigo bem real. Não sei se estarei a plagiar um romancista querido... Mas a verdade é que suas onças e queixadas já se estão fazendo lendárias, Sr. Próspero, mais as suas encorreadas antas. Já repararam que tudo que nos contam de bom e digno de ser visto, ou fica para muito longe ou se passou há muito tempo? Esses escritores que nos impingem suas maravilhas... Se fossem descrever uma pesca, mostrar-nos-iam dourados espadanejantes, a abrir n'água remoinhos espumosos, reagindo à tração da corda. Obrigassem-nos, porém, a tomar do anzol para provar com feitos a parolagem, garanto que somente ajuntariam numa farpa de capim meia dúzia de pratinhas anêmicos, do porte de um dedo minguinho.

De pé quedo, e sorrindo, ouviram os velhos o estirado discurso.

— Decerto que o peixe não vem quando se quer — disse Próspero —, mas há dias felizes, e então o extraordinário visita-nos. — Diga-me: já viu peixes subir cachoeira, aos milhares, aos milhões?

— Falaram-me nisso — respondi, cético.

— Pois, quando as águas crescerem mais um pouco, vou obrigá-lo a dar um passeio a umas três léguas daqui, para presenciar um pouco de maravilhoso.

— Três léguas! — exclamei horrorizado. — É como disse: ou fica muito longe ou foi há muito tempo...

— Há de ir longe uma vez na vida. Estamos combinados? Encarrego-me da condução.

Resolvi molemente que sim, que iria. Mal sabia — incauto que fui! — o terrível compromisso que acabava de asselar.

E, varas ao ombro, e armados de “coador”, “desabusa” de desenroscar anzóis, samburá de iscas e demais utensis indispensáveis, lá se foram os dois velhos, rumo ao rio.

Ficando só, revolveram-se-me na memória as últimas narrativas de caçadas. E, esperta pelo longo repouso, com sugestivo pábulo, teceu minha imaginação uma série de romances heroicos em que eu era o personagem principal. Em poucos minutos abati um casal de suçaranas e uma bandeira de quinhentos queixadas, a tiro e à faca. Saí com um ligeiro arranhão na perna e uma das mangas do paletó ligeiramente rasgada — coisa que com dois pontos e um pouco de arnica tinha conserto. Os despojos, carregados por uma caravana de burros, puseram queixicaídos meus jurisdicionados. Tinto de sangue como um magarefe, ia eu à frente do comboio triunfal. Das janelas espiavam todas as caras de minha implicância: o advogado dos “provará” esmiuçadores, o impulsivo, o meirinho cacete, um negociante que me não fiava, outro que me cobrava atrevidamente, todos corridíssimos de sua inferioridade.

Esgotadas essas sensações de triunfo, meti-me em empresas de pesca. Apanhei num dia quinze dúzias de lambaris, seguidas de treze dourados, um jaú e, por fim, um peixe-fenômeno que ia saindo, sem fim, da água. Eu a recuar morro acima e o monstro a deitar rabo: trinta metros, cinquenta, cem... A este ponto escandalizou-me o exagero do romance e deixei, ainda com farta rabada n'água, o mirífico peixe, capaz de embuchar uma geração de Jonas.

No entanto, sem temer aquele homem terrível sentado na arca, a esfregadeira gata de siá Marciana, já esquecida e confiada, fazia evoluções pela sala, a negacear um pinto piador extraviado da mãe. Eu olhava-a com uma certa amizade, com a afeição tolerante e um

tanto paternal dos poderosos e temidos, pela vítima inerte que já lhes sofreu o peso da cólera. Começava até a simpatizar com aquela figurinha de felino a fingir de onça. Na graça elástica do andar, no harmonioso de todos os seus movimentos, havia o garbo clássico das grandes espécies, o que lhe dava, por parentesco remoto, uma certa nobreza. Como se as pernas das cadeiras figurassem reboleiras soturnas, encolhia-se entre elas a preparar o salto; e, pé suspenso, acompanhava depois ocultamente os vaivéns do extraviado, simulando, mais adiante, outro bote traiçoeiro. Por fim a piadeira desolada do pinto perdido enervou-me; ouvindo palavras de despedida no cômodo de negócio, para lá encaminhei-me, a assistir à partida do Discípulo, que era despachado mais cedo, em virtude do acontecimento extraordinário de minha visita. De caminho um mio lancinante: pisara o rabo da oncinha.

— Fez fiasco, senhora gata! Suas altas parentas têm mais cuidado com o nobre apêndice... A espécie degenerou, não há que ver.

Segurando a alça dos livros cuidadosamente empilhados, o pretinho partia, com uma caneta, de prêmio, no bolso.

— Amanhã bem cedo, não se esqueça, José! — recomendou-lhe Américo. — Temos muito que recapitular.

— Sim, sô Merco.

Da porta o professor olhava-o afastar-se; e, revendo-lhe a linha de discípulo impecável, saboreava-se em sua obra.

A certa distância José agachou-se e encheu os bolsos de pedras.

— Que é lá isso?! — bradou Américo, alarmado, saindo a apurar o caso.

Não se julgando observado, o negrinho sobressaltou-se; e, fazendo torcidas da aba do paletó, explicou, com vexame:

— É que, o senhor sabe, os meninos por aí me puseram apelido de Zé Correto, e eu queria quebrar a cara de meia dúzia.

— Não, meu filho! Não faça isso... À voz da inveja devemos contrapor o orgulho de nossa superioridade. Despreze esses remoques.

E esvaziou à sua Obra os bolsos cheios de projéteis.

De regresso, fez da mão sobrecéu, observando o sol.

— O dia está-se velando, Dr. Félix — disse. — Vamos ter, provavelmente, mudança de tempo.

Pus-me em defensiva, suspeitando os manejos conhecidos para a entrada em conversações científicas:

— É... E afinal, um pouco de fresca não seria mau. Se chovesse, ser-me-ia bom pretexto para dormir aqui. Prefiro não ver hoje meu pessoal da cidade, porque enforquei uma inquirição importante.

Mas, a sondar o céu, com a mão em pala, não aceitou Américo a desconversa; e, com pausa e tranquilidade, como quem formula a pergunta mais natural do mundo, começou:

— Senhor doutor, com a capacidade calorífica que tem hoje o centro de nosso sistema planetário, e dado o seu arrefecimento progressivo, qual será o lapso de tempo necessário para a extinção completa da energia solar?

O AGUACEIRO

Numa transição inesperada, o dia começou de embruscar. A atmosfera tornava-se dormente e abafada. A gente parecia mover-se num fundo opresso de água morna.

— E os velhos! — preocupou-se Américo. — Entretidos na pesca, talvez nada vejam...

la gritá-los; mas, da janela das fúcias, que meneavam os flexíveis caules florescidos, divisamo-los açodados, a vingar cansadamente a ladeira da horta.

Já os cabritos, salvando a cerca, recolhiam. As bafagens do vento, que levantava, encrespavam num sussurro as folhas do feijool, embalçando as campânulas que sobrenadavam nas ondulações da verdura.

— Quantos dourados? — gracejei, à fala com os velhos anelantes, já entrados no terreiro.

Siá Marciana, de rosto quase encoberto pelo chapeirão de palha desabado, tirou do cesto piriforme um peixe de palmo:

— Não caçoe, que aqui trago um dourado legítimo. Mas filhote muito novo.

A pesca fora má, explicou Próspero. Talvez porque o ceveiro estivesse rondado por algum pirata dos poços profundos. Por seguro, lá ficara um anzol, iscado com lambari vivo.

— E que seria esse pirata? — indaguei.

— Talvez um dourado dos grandes, que breve terá o Américo que desenhar na parede. Não se trata, Deus louvado, do minhocão ou do boi-d'água — sorriu o velho.

Disse-me do primeiro, que é crença ser enorme serpente que solapa as ribanceiras, mudando o curso aos rios; e muitos supersticiosos juravam já ter visto o boi-d'água, monstro que ama espaçar-se ao sol, fazendo seu pouso em lajedos ilhados no meio das correntes profundas; em avistando alguém, atufa-se no abismo; a água catadupeja e espirra, fechando-se em sorvedouro sobre seu gigantesco costado.

— Feche a janela! — interrompeu-se, a um súbito pegão de vento que revolveu a casa, despregando da parede velhos cromos de folhinhas.

Fora, a lufada assobiava numa cerquinha de bambus novos, arrancando-lhe uma assuada de mil silvos agudos e graves. Vastos turbilhões de folhas e poeira revolteavam no ar. De volta aos beirais andorinhas retardatárias lutavam com o vento; às guinadas daqui pr'ali, debatiam-se, buscando o rumo; por momentos, perdido o equilíbrio, descaíam, para, rasteiras com o chão, recomeçarem o voo e a luta, numa aflição de asas que traduzia o anseio pelo ninho; e, às vezes, como vencidas, levava-as o vento, coisas inertes, espaço em fora.

Pela porta do negócio, aonde eu fora acudir a batidas urgentes, de envolta com a ventania embarafustaram aos gritinhos duas mulatas, meio cegas do pó, acolhendo-se do temporal. Uma delas, papuda, trazia uma pequenita acavalada na cinta. À minha vista acanharam-se.

— Siá Marciana?

— Entrem — disse-lhes, apontando a portinha de comunicação.

Uma atrás da outra entraram. Observei-lhes o andar desengonçado, bambaleante, tão peculiar aos roceiros, e que é a adaptação do passo humano às desigualdades do chão habitualmente trilhado.

A tromba passou quase instantânea, como viera. Mas o dia sombreou ainda mais. Da porta do negócio, onde me deixara ficar, inspecionei o arredor. A poeira erguida flutuava imota, toldando a perspectiva com a sua cor suja; e revoadas de folhas, largadas na altura, desciam aos corrupios, ou em lentos vaivéns, juncando a

estrada. Suava-se. A pele, titilante, pedia o refrigério duma afusão gelada e o calmo espasmo das prolongadas imersões. Tudo gritava pela água, ansiava por aguaceiro diluvial que abeberasse o solo calcinado e em farta ablução abstergesse a natureza. No abafo abochornado da hora, havia uma como concentração de expectativa. A terra voltava-se para o céu negro, num boquear generalizado de poros sequiosos, suplicando a gota d'água de Lázaro; e, nessa dilatação de secura e anseio, o boleado dos campos parecia intumescer-se, para que mais fácil a fresquidão os filtrasse e embebesse, restituindo aos colmos estanques de linfa o alegre rugitar alvoroçado da seiva.

As primeiras gotículas, ainda invisíveis, disseminaram-se escasas; depois esboçaram-se, menos espalhadas, em tracinhos finos caindo. O céu mostrava-se taciturno, como fechado num rancor reconcentrado, rosnando. A súbitas um estampido seco explodiu nas entranhas das nuvens; e, em longo ecoar, uma cauda rumorosa de sons fez o circuito do horizonte, passeando pelas quebradas das montanhas seu rugido mordaçado.

Foi o sinal. Grossos pingões precipitaram-se em atropelo, empelotando a poeira, cerrando-se, premendo-se, a espipocar balofamente no chão; em pouco a bátega despejava-se em ondatas cheias. Colunas brancas corriam no horizonte, como batalhões de reforços, sucedendo-se num assalto. Despenhavam-se dos beirais as goteiras tensas, paralelas, estralando nas pedras da calçada; e, formando um reticulado de inumeráveis veios, a água confluía para o meio da estrada em enxurro barrento, que abria carreira morro abaixo.

Eu estava salvo. Não me linchariam, aquele dia. Fui logo avisar siá Marciana:

— A senhora tem hoje um hóspede para pousar.

Os velhos ficaram encantados. Américo irradiou, antegozando longas horas da noite fecundas em ciência pura: naturalmente eu seria seu companheiro de quarto.

Na varanda reinava penumbra, a que logo meus olhos se afizeram. Vi as duas mulatas sentadas na beira do estrado.

— O senhor deve sentir fome — disse siá Marciana. — Vou buscar-lhe uma coisa de que gosta muito...

Suas chinelas arrastaram-se, encaminhando-se para a cozinha. Trouxe-me um pedaço de mogango coberto com uma poça de melado. Cada um teve o seu naco e sua colher. Fez-se na sala um silêncio de mastigação. Fora, as goteiras trapejavam, em abafado escachoo. O feijoal, sob a corda d'água, abria um acachoeirado rumor, que nos chegava amortecido, através das janelas fechadas.

— Fenômeno curioso, um chuveiro assim repentino — murmurou Américo, cogitativo.

— O doutor não adivinha sobre que falávamos — disse siá Marciana noutro rumo, lançando um olhar malicioso à companheira papuda.

— Não seja linguaruda! — pediu a mulata, bufando de riso e escondendo a cara.

— Não é segredo — riu a velha —; diz a Clemência que implica quando encontra qualquer pessoa, porque a primeira coisa que olham é a barriga dela, e que o senhor foi mais delicado.

— Gente! a senhora diz tudo! — torceu-se Clemência, engasgada de riso. — A falar verdade, pois decerto! é coisa que implica, porque não foi roubado. Há criaturas que parece que nunca viram pança de mulher! Sabe, o sô Gaspar? Trasantontem teve o desaforo de perguntar-me se comi muita abob'ra.

Olhei-lhe o abdômen, que de fato era um monumento notável. Trazia sua possuidora as mãos enclavinhadas sobre o embigo, talvez com a pretensão de dissimular-lhe o volume.

— Tem mesmo muita gente desaforado — grunhiu a papuda. — Desde que fiquei com o pescoço grosso, é um gosto de reparar... Esta grossura...

Contou-lhe a história desde remotos antecedentes, fugindo, com eufemismos, à propriedade da expressão. Ouvindo a conversa, a menina, ainda enganchada na ilharga, pôs-se a brincar distraída com o par de cabaças.

— Fica queta, demoninho! — rugiu a criatura, estortegando-lhe a nádega.

A pequenita confrangeu-se, largando os pendurelhos.

Siá Marciana entrou a perguntar sobre as conhecidas das bandas delas. Miséria, doenças... Havia uma grande novidade: voltara de cumprir trinta anos na cadeia o Lourenço da Frederica. Lembra-vam-se? Da Frederica, que andava com o Martinho, de longos anos. Lourenço namorava-a. Num acesso de “canelagem” pica de faca um caboclo, que deitara vistas cúpidas à mulata. Não houve apelo nem perdão — gramou todo o tempo entre grades. Chegara aveluscado, quietarrão com inchação de membros, e arrastando de uma perna. Não sabiam que viera cheirar para ali. Estivera na casa da Frederica uma hora, e depois seguira pras terras dele que, parecia, eram além de Uberaba — coisa de léguas e léguas.

Interessei-me pelo caso e fiz perguntas. Nada sabiam... A Frederica era quem poderia contar.

— Ela mora no caminho da cachoeira, Dr. Félix — explicou Próspero. — O senhor ver-lhe-á o rancho quando fizer a viagem planejada. Falar nisso — não pode ser na quinta-feira próxima?

Assenti, de corpo mole; como quisesse...

Continuou a falar nesse passeio. Disse algo sobre cavalo arreado, e não sei que mais, o que ouvi desatento. Pois esse projeto pouco tentava-me a lesmice. Eram castelos no ar, pensava.

A chuva ainda cantava na coberta, coando fino pulverisco pelos interstícios das telhas. Com a garoa rarefeita, a temperatura refrescava, no interior fechado. Já as projeções das cordas d'água eram menos rumorosas. Cedia, o temporal. De goteiras aqui e ali, aparradas em latas, pingopingava a água com mais espaço.

Com satisfação atentaram as mulatas em seu declínio.

— Vai passar, sá Clemência — resmungou a dos papos.

— Deixe chover — disse a velha. — As senhoras estão em abrigo. Esperem a janta.

— Impossível, sá Marciana! É ida de muita urgência... Precisamos estar logo na cidade.

Coisas de doença. O marido da Clemência estava com febre e empachado.

— Será do lugar... Porque estamos mudados de pouco tempo. E aquela morada não me está quadrando nada. É na beira da estrada

e, na estrada, a senhora sabe, passa bom e passa ruim. Desde que fui pr'aquela casa não tive um dia de alegria. Nem a gente pode criar. Tenho uma paixão quando gavião come um pintinho meu, e lá já comeram oito, só esta sumana. E não combino com o novo patrão. Assim, a senhora vê — meu homem na cama, entregue, e ele passa pra lá e pra cá e não vai lá nem uma vez perguntar se morreu, se viveu.

E ainda insolências, “ridiquices”...

— Mamãe, quero água... — choramingou a pequenita.

— Fica queta, coisa ruim! — ralhou a papuda, com um repelão.
— Tu não qué água nenhum.

— Vou buscar, neném... espere!

E siá Marciana, tomando um copo, apressou-se para o pote. Destapou e tirou água com a caneca de borda repicada e cintada de furinhos sob as pontas — precaução para o asseio da bebida.

Mas o tempo estiara. Só se ouvia o pingar lento das abas do telhado e o rumor distante da enxurrada decrescida, afastando-se.

Perras de movimento as mulatas puseram-se em pé, gemendo a preguiça.

— Bem, vacês até outro dia.

Despediram-se de um em um.

Pela porta que lhes deu saída entrou uma aragem fresca e a palidez do dia enevoadado. Abertas todas as portadas, a casa alegrou-se com a suave claridade exterior. Frouxéis de nuvens brancas tapejavam docemente o céu. Ouvia-se ainda um murmurejar de águas remotas, perdidas ao longe. Escasqueada a paisagem de seu tisne poento, todas as cores se fixaram, lavadas, nítidas. O próprio som tinha um timbre mais claro e musical. Da terra, enfim saciada, brotava como um sorriso esparso, que cascalhava, argentino, nas surriadas dos caracarás pousados num sassafrás fronteiro, sorriso feito em frescor na aragem, em brando frêmito nos pendões penugentos dos campos e em alvura cariciosa nas lentas vaporações que já despegavam do solo, acamando-se maciamente nos refolhos dos vales.

PIRATA

Fechou-se a noite. Das margens empantanadas do rio sobe confusa vozeria de batráquios. Há o tantã dos tanoeiros, encambulhado com silvos, grulhos, coaxos, ladridos de matilha solta respondendo-se de ponta a ponta dos atascadeiros, regougos graves, espaçados — vozes de experiência e ponderação —, guinchos, grunhidos, timbres inomináveis, bufidos estranhos, onomatopeias bárbaras de todas as vozes animadas. E se se busca divisar, nos almargeais alagados, as manadas sem-número de bestas apocalípticas, que em tal soada povoam os ecos da noite, apenas se entrevê, fuscamente alumiado ao palor do luar nevoento, o nível palustre deserto e imoto, adormecido na calma da noite. Longe em longe vem da mata virgem um ulular soturno, voz de mistério que coa nos nervos um arrepio de pavor. É a vida noturna que começa. Insulada a fazenda em terras despovoadas onde abateu a sombra, só, no desabrigo e no abandono, traz doce sensação de segurança e conforto o ver-se a gente nesse conchego amigo a tais horas avançadas. O velado da entoação das lentas frases trocadas, o bruxuleio da lamparina empenachada de bulhões de fumo negro, o ambiente de “lar”, mergulharam-me num sopor agradável, propício às dispersões frouxas do espírito.

Mais uma vez o ulular remoto encheu a calma da noite com seu lúgubre ecoar.

— Que significa esse uivo, Sr. Próspero? — perguntei.

Fazendo um gesto vago, o velho respondeu:

— Não sei. A mata é misteriosa. Pode ser um pio de ave noturna ou o urrar de uma fera. Há certos sons indecifráveis, mesmo para

os que estão familiarizados com a vida nas brenhas. Daí as superstições, a crença no sobrenatural, tão comum entre os rústicos...

Rodeávamos, na varanda, uma bacia com brasas, uns no estrado, outros nas cadeiras. Olhávamos todos fixamente o lume, como hipnotizados.

— Mais uma história de caça, Sr. Próspero — disse eu, por fim, quebrando o silêncio que se havia estabelecido.

O velho sorriu, já esperando o pedido; e reconcentrou-se, cabisbaixo, como quem puxa recordações e escolhe. A sua testa avincou-se, nessa introversão cogitativa. Via-se que seu espírito adejava longe. Levantou por fim a cabeça, e disse:

— Vou contar-lhe a história da Pirata, a cadelinha onceira que tão tragicamente acabou. Uma figurinha de nada, pertencente ao Felício, nosso primo segundo. Tinha ele posses a um quarto de légua daqui, onde ainda se veem, afundidos em urtigas, os restos dos alicerces da fazenda do Fundão.

Nesse tempo era a cidade meia dúzia de ranchos esparsos. A mata inviolada alastrava por outeiros e gargantas, afogando as terras onde agora ondeia, na sazão das flores, o roxo furta-cordas invernadas. Onde se vê o rio escampo, águas fluentes abertas ao céu que se remira nelas, era um trançado de retorsos troncos e galhadas em abóbada, tapando o azul. Na meia-luz difusa do bojo da mata, a corrente sombria coleava em meandros as águas rebalsadas, que apenas esboçavam em seu espelho torvo os ziguezagueantes elances das cordoalhas de cipós monstruosos, que se atiram em fugas loucas de rama em rama, espirrando de si esguichos de folhas tenras, e embalançando-se em sanefas emaranhadas sobre o veio dormente. Havia ali ecos claustrais, estranhas sonoridades de nave deserta, que se fizeram hoje no flébil marulho das águas murmurilantes ao sol. A caça abundava. Onças vinham urrar à noite às portas dos currais. Certa vez apareceu morta no Fundão uma novilha, vítima de uma pintada. Felício, exaustinado de raiva, reuniu caçadores e camaradas para encaçar a fera. Os cachorreiros ajoujaram uma dúzia de cães

escolhidos dentre o melhor em várias fazendas. Prontos para a batida, Felício guiou a matilha ao sítio onde se achava o corpo da novilha; e aí disse à Pirata, apontando a “carriça”:

— Mataram minha novilha, Pirata! Descubra quem fez isso, Pirata!

A cadelinha fareja os restos, toma os ventos à roda, ensaia, afirma, e despede no cheiro da onça. Livre da trela, a canzoada emenda após ela, em festiva alarida. Mal os seguem os caçadores. A fera está farta, pesada do cevo, venceu decerto pouca distância. Mesmo assim, adentram-se muito na floresta, é um andar sem tréguas o dia todo. À tardinha a cachorrada assanha-se ao longe. Os caçadores precipitam-se, “estumando-a” aos brados. Ganindo alto alguns cães retornam, fundamente alanhados das presas felinas. À sua chegada, a onça, que ainda não trepou, embrenha-se para mais além, salvando pirambeiras e barrocais impérvios. Como cai a noite, é tarde para rodearem caminho até ela. Chamam a Pirata e reúnem o resto da matilha. Houve dois cães de menos, que acham nas vizinhanças, ventres abertos alto a baixo, entornando os intestinos moles pela fenda. Mau começo... Os camaradas armam rancho, onde todos pernoitam. Não vinham preparados para tanta demora; mas o espírito de aventura tinha-se-lhes atido de tal sorte, que, na ebridez da perseguição, pouco se lhes dava dos cuidados aflitos dos que esperavam. Fervia-lhes o sangue tumultuoso, e à noite foi o sono cortado de alertas sonambúlicos. No outro dia a Pirata reacha o faro, e partem na abalada da caça. Vencem mais léguas penosas na mata sem termo. Já traz por fim cansativa obsessão o varar de cabeça baixa espinheiros obstrutos, o meter-se de ombros em cerradas redouças que travam a passagem e o desfilar repisado dos grossos troncos acabelados de musgo e orquídeas ridentes, que em cachos pensos se premem a cada dispartimento de ramos. Topam a onça, não acuada, ao fim do dia. Escapa-lhes ainda. Quatro cachorros de menos. Rancho, pernoite. No terceiro dia foi liquidado o resto da matilha, menos a cadelinha. Os melhores cães eram feitos em tassalhos sanguejantes, alguns ainda trementes, num persistir de vitalidade sofredora, que movia dó. Acabavam-nos os próprios donos, que mal

reconheciam naquelas formas espostejadas os seus onceiros favoritos. E o ódio intumescia-lhes o coração, encruecido ao ponto que, obstinados na batida, esqueciam família e tudo. Tinham por pouco os sofrimentos que aturavam, de cansaço, contusões e fome. Porque um bocado para a boca já montava a problema. E com a roupa em frangalhos, os pés tumentes rompendo o calçado, aprofundavam mais a selva, num entranhar-se desvariado e sem fim. Da matilha, apenas, lépida e sagaz, sobrevivia a cadelinha. Sob as presas da onça era uma esquiwa gota de azougue, a sumir-se num pronto, e a tornar, buliçosa, incansável, ubíqua, torturando o colosso como o moscardo da fábula. Não havia bote que a colhesse. — Sim... colheu-a afinal a fera. Os caçadores ainda a encontraram arfando, e a revirar para o dono uns olhos lastimosos, que pareciam dizer-lhe: “Vê? Fiz tudo o que pude. Não me culpe!”. Já empedernidos pelo exaspero da perseguição baldada, os caçadores olharam-na indiferentes. Felício teve-lhe raiva de ser tão frágil, tão nervos, tão rudimento de coisa, que uma unhada canhestra bastava para levar-lhe o sopro da vida. A noite amarrou-os ali. Nem conversavam, trancados em taciturnidade rancorosa, sentindo o queimor interno da impotência em revolta. Um sugeriu: “Há mais de três dias a onça não come... Virá procurar a cadela...”. Era uma ideia. Engatilharam duas espingardas sobre o cevo que se confrangia na última contratura de músculos, presos a ele os pinguelos por atilhos de embira, e desandaram a arrancar longe. A insônia teve-os muitas horas febricitantes, o ouvido à escuta, naquele lance supremo. Alta noite, detonação. Como foi tardio o alvorecer da manhã! Então, correm à armadilha. Lá estavam as espingardas, gatilhos caídos, sobre a isca intacta. Mas há um rastro de sangue — a bicha tomara chumbo! Seguem os vestígios. Andam, pesquisam... e súbito sai-lhes de cara, dum engrazado de taquari, uma desconforme pintada. Há um grito de surpresa. O desenlace! Alçada sobre os pés traseiros, as presas cintilando, a fera emite um rugido e investe contra Próspero. Próspero mete-lhe pela goela o cano da espingarda. “Atirem!”, grita. No mesmo instante uma descarga troa, chamuscando o zagaieiro

improvisado, e a bicha, ainda alçando-se mais, num esgar de morte bambeia e tomba pesadamente de costas. Afinal, encerrava-se aquele capítulo palpitante. Os homens, tornados em feras durante a perseguição, restituem-se a seres de pensar e sentimento. No coração desafogado canta-lhes o júbilo da vitória. Riem, rouquejam hurras, bêbedos de alegria. E comovem-se então com a sorte da cadelinha, causa indireta do sucesso. Querem mostrar ao cadáver a pele da onça, pesada túnica felpuda. Voltam ao lugar da armadilha e defronte o corpo sacodem o troféu sangrento. E Felício, chorando, toma a cadelinha nos braços, exclamando: “Pirata! minha Pirata! mesmo morta soubeste ser boa!”.

— Nesse momento todos soluçamos — concluiu Próspero —; abalados como estávamos de cansaço e emoções, não era difícil passar rapidamente do riso às lágrimas. E estas justificavam-se. Só uma alma de caçador e numa conjuntura como aquela, pode entender uma afeição assim absurda por um irracional. E ali mesmo, à roda do cadáver, juramos não caçar mais onças em dias de nossa vida. Verdade é que nem todos cumpriram o juramento... Creio mesmo que nenhum de nós, à exceção do dono da Pirata. Dali, andando sem parar, e tomando atalhos, levamos dia e meio para tornar a casa. Só à volta nos inquietamos com cuidados da família. E eu com a “prima”... gorda, à espera qualquer hora... Por isso foi-me uma agonia o regresso. E, chegando à fazenda, encontro nascido o Américo.

O velho calou-se. Era, creio, a décima vez que me repetia essa história. E, pela décima vez, todos mostravam os olhos marejados, comovidos da sorte da cadelinha, que vivia em suas recordações como criatura amada. Siá Marciana, como de costume, juntou então à narrativa a sua nota pessoal. Que interminável angústia a dos cinco dias de espera! A demora alarmava a todos. As mulheres descabelavam-se, em desespero. Turmas de camaradas batiam as matas derredor, tocando buzina e dando salvas. Afinal a chegada, os caçadores esfarrapados, estrompados e semimortos de fome...

A recordação ainda fumegou, em volta do brasido, numa ou noutra frase solta, ao passo que as mãos instintivamente se rentavam sobre as brasas veladas.

Fora, uma harmoniosa serenidade baixara sobre a noite. Calara-se na mata o ulular misterioso, voz lúgubre de um ser estranho, que turbava, com uma ameaça de drama, a quietude universal. A matinada das rãs se ensurdecia, como se as ganhasse o torpor da noite. Em torno, o descampado, o deserto. Sós, ilhados no ermo, como era doce o conforto daquele abrigo, daquela rodinha de almas, banhados pelos dúbios clarões da lamparina! Dava uma calidez de ninho ao corpo e à alma. Também a mata silenciosa, com a sonolência de suas grandes frondes imóveis, parecia um carinhoso conchego de ramas sombrias. Ali embaixo, era só a paz, a calentura das tocas acolhedoras, a placidez dos ninhos, a segurança da vida. A natureza dormia e sonhava florações feéricas, frutescências opimas; e o sonho dos brutos, adormecidos na paz, flutuava brandamente sob as copas, como uma exalação de bruma...

Súbito, sobressaltei. Longe, de uma quebrada ignota, subiu um guincho agudo, torturado, espiralando para o infinito uma imensa angústia de vítima que implora o céu, um ganir que se vocalizava em agudo crescente de agonia inenarrável, e que instantaneamente calou, apenas revivendo na maquinal repetição dos ecos perdidos...

FUMIGAÇÕES

A palestra arrefecera em torno das brasas extintas. Cada qual se isolava em suas reflexões. Siá Marciana ciciava padre-nossos numerosos; a obrigação era grande, por isso começava cedo. Em certo momento, explicou-me:

— Antigamente, Dr. Félix, eu rezava um padre-nosso por cada defunto estimado; mas hoje são tantos, que dedico um a cada cinco mortos e dura horas o cumprimento da tarefa. Rezo até por gente que não conheci. Há tempos leu o velho num jornal que morreu afogado, não sei onde, um pescador; e de vinte anos para cá não me esqueci dele uma só noite, embora ignorando-lhe o nome. Chamo-lhe “o pescador do jornal”.

— Mas, siá Marciana — objetei — são tantos os pescadores afogados, cujo perecimento os jornais registram, que, ao cair sua prece na eternidade, pode haver disputa grossa entre as vítimas: talvez botem demanda uns aos outros, para destrinçar a propriedade do sufrágio.

— Se houver dúvida — sorriu a velha —, repartirão a intenção por igual. Assim todos se salvem! Simpatizei sempre com pescadores, Dr. Félix. Quem lida em cima d’água em regra é gente boa e pacífica. Por isso escolheu Jesus entre eles seus apóstolos mais amados.

— É que, ocupados em fazer mal aos peixes, não se lembram de o fazer ao próximo — sentenciou o velho.

Calamo-nos. Cada um passou a revolver seu próprio círculo de reflexões. Era esse cogitar mecânico das horas cansadas, quando as

ideias se soltam como presos desalgemados, e se juntam e dissociam sem espírito de sistema, agregando-se vadiamente em simulacros de raciocínios, fluidos, inconsistentes... São as travessuras das pobres encarceradas, em momentos de folga. É também o desagregar do sono que começa. Nos olhos semicerrados a retina semelhantemente se emancipa, desfilando sem método as impressões do dia: água a cair, uma árvore, um chuchu, andorinhas tontas a lutar com o vento...

— Traz a sanfona e toca, Américo — diz Próspero.

O instrumento, que o sanfonista pousa sobre os joelhos, absorve o ar num prolongado acorde. Àquela hora, soltas as ideias, a música penetra-nos como um bálsamo. Seu ritmo, assim doce e rústico, é a única linguagem compatível com o nosso estado de espírito. Soam velhas melopeias de mutirões, gemidos de escravos melancolizados em cantigas, toadas de extintos serões que a sanfona já sabe de cor, antiga como o são elas e que saem automaticamente dos dedos habituados do Américo. Seu timbre anacrônico ressurgem coisas remotas, esfumadas no passado. Cerrados os olhos, os velhos se impregnam desse odor ancestral, como se aspira o recender a alfazema de alfaias antiquíssimas. De quantos anos a sanfona do Américo espairose os serões da fazenda, com a sua voz fanhosa! Cada música prende a uma época, ou recorda um morto amado; antigas seroadas alegres, tempos de angústia, tudo revive, gravado nos acordes dolentes, refazendo a história de dias idos.

Eu achava encanto em vê-los, os três, tão absorvidos, inalando aquela revivescência do passado. Também a música influía sobre mim, mas o meu sonho era o sonho deles; buscava sentir o reflexo de suas cogitações, enxertar-me em seus pensamentos, como quinhoeiro deles. Não é que após mim não ficassem vinte e tantos anos de acervo próprio de recordações; mas só o passado dos outros parece-me interessante. É o meu uma série de fragmentos desconexos, um perpassar de silhuetas vagas, e tem o vinco preponderante das sensações desagradáveis; um mau romance truncado, sem interesse, de que de bom grado me alijaria, se pudesse deli-lo dos

refolhos d'alma, onde, por mal de pecados, se tatuou inapagavelmente. Esmaga-me a predominância dos maus momentos sofridos; meu passado figura-se-me um rol de misérias cujo cruciar, quando o evoco, lateja sempre atual. Não sei que malévolos ímãs me constituí o núcleo da alma, que só atraí, limalha imprestável, impressões sabendo a fel e pranto.

E, ao lado dessa, outras penúrias. Sei de pessoas que, de uma excursão pequena, fazem uma narrativa longa, vindo em ínfimas nadas peripécias atraentes. Creio que, o que nos torna a vida interessante, é sorvê-la com o apetite ávido de todas as curiosidades, o qual, em torno de incidentes mínimos, multiplica sugadores de polvo, bem como na mesa colabora o apetite no sabor das iguarias. Tenho viajado muito; mas em tanto correr terras não colhi uma anedota, uma observação rara, como se desprende num canteiro o pedicel de uma flor. Tudo encinzeira-me tédio na alma e escancela-me a boca em bocejos. Sou, talvez, um abortado da alma, inviável para a vida normal. É por isso que sinceramente invejo os que sabem ou podem viver. Oh, as simples criaturas, cujas almas se entreabrem como corolas para acolher o orvalho dos eflúvios do passado! Que livro interessante não folheiam, ao ritmo da sanfona roufenha que há tantos anos lhes acalenta os serões!

E a noite prolonga-se nessa beatitude sem fim — meus amigos todo recordações; eu, vampiro de nova espécie, avoejando pela sua cisma.

Encorujado na placa, o papagaio dorme, com o bico aninhado nas penas das costas.

A CAVALO

Serviço até o pescoço. É uma enchente de autos. Esta atmosfera de petições e arrazoados produz-me, como a pasmaceira habitual, efeito desalentador. As impertinências dos advogados, longe de me espicaçar brio, tiram-me até a coragem de levantar a pena empoeirada da mesinha de trabalho. E já entreouço à volta um zum-zum de descontentamento que me turba o *farniente*. Preciso fugir, cobrar um pouco de vitalidade para enfrentar com valentia os desgostosos. Na minha cabeça soa como refrão incansável uma frase do velho Próspero: “Quinta-feira, sem falta! Quinta-feira...”. E como é hoje uma quinta, alicio resolução para zarpar para o Córrego Fundo.

Fecho meu ninho de solteirão e saio. Nuvens algodoam-se esparsamente no céu. Como tem chovido, palmilho com esforço o chão barrento. Meus sapatões roceiros produzem borborismos na lama peganhenta. Detenho-me rente a uma cerca, observando uma moita de taiobas folhudas, consteladas de pérolas d’água. A intervalos uma gotícula corre sobre os folhões e perde-se como estrela cadente — um risco de prata e sumiu-se. Muitas vão engrossar outras pérolas, que hesitam bamboantes, límpidas, na superfície glauca.

Desprendo-me dessa vista e continuo, meio arrependido, o meu caminho. Dia péssimo para uma excursão! o serviço largado, o lameiral extenso, chuva à tarde, provavelmente... Meus pensamentos levam-me para trás mas as pernas instintivamente avançam.

Hoje não há cigarras. Provavelmente tiritam, sob o abrigo de uma folha, não se sentindo de veia para a música azoinante.

Parafusam, porventura, sobre o caso da formiga. Má coisa, a imprevisão! Agora que o sol não as embriaga, filosofam, fazem exame de consciência e juram tomar rumo mais sensato. Entreluzam, porém, o primeiro raio de ouro, e as tontinhas, esquecidas dos protestos, serão todas para a luz e para o céu, numa generalizada orquestração sonora, afronta de arte à labuta utilitária das formigas.

Sucedem-se os conhecidos marcos de minha rota: a sempre-lustrosa, opada de roxo, alcatifando o chão de pétalas caídas; a porteira, frígida, sob a arqueadura das ramarias encontradas; a curva do rio, o campo entressemeado de cupins... Enfim, a fazenda. Tosando a relva da eira, um animal, já de arreios postos, espera alguém.

— Ô de casa!

Vêm os velhos, vem o Américo.

— Aqui está o homem! — exclama Próspero. — Já tomou café? Então não o convido para entrar. A cavalo!

— Que é isso?! — espantei-me.

— Pois hoje é quinta, não se lembra? Os peixes já estão pulando na cachoeira. O doutor sabe o rumo, é tocar. Nada de preguiças. Estou hoje disposto até a montá-lo à força no animal.

Pedi, objetei, reagi — tudo baldado. Vi-me, sem apelo, escanchado no quadrúpede. Supliquei ainda, quase lacrimoso, mas uma palmada na anca da montaria cortou cerce as últimas esperanças, despedindo-a em trote acelerado. Eis-me a jornadas. Miserável de mim! Meu espírito, desdobrando-se, apiedava-se da misérrima vítima que a cavalgadura sacolejava num trote duro. De longe gritou-me Próspero que fizesse isto ou aquilo para amaciar a andadura. Não entendi bem, nem me esforcei por entendê-lo, devido à minha preguiça de assimilar aquisições novas — do que depois me arrependi. Convenci-me nesse dia de que é sempre bom saber. Primeiro, caí num estado de resignação acomodaticio. Meu *eu* que sofria, vendo o outro *eu* doer-se evangélicamente de sua sorte, assumiu atitude de mártir, para que o outro lacrimejasse mais condolências. Dizia o primeiro:

— Vês como me componho? O trote vascojeja-me tão duramente, que nas minhas entranhas é um confuso misturar e abalroar de vísceras. O estômago embica com o fígado, o coração se atraca com as pacueras e nos convólculos das tripas é um emaranhado labiríntico. Sou um infeliz! E não me queixo. Sei conformar-me.

Ao que o *outro* respondia:

— Pobre amigo! Sua paciência raia pelo grandioso. Está aí um caso desses heroísmos obscuros, mas nem por isso menos meritórios, que a fama não celebra. Continue a sofrer paciente, bom amigo!

Algum tempo depois as consolações do *outro* pareceram-me sensaboronas, e meu estoicismo improfícuo. Então refundi os dois personagens e busquei lembrar os conselhos do velho, gritados à partida. Mas nada me acudia. Eu tivera preguiça de escutar. E esses conhecimentos agora me seriam úteis, para conseguir a reversibilidade do trote em cadência mais aceitável. Pelos modos, os bichos dessa espécie sabem várias maneiras de andar, escolhíveis à *la carte*. Faltava-me somente um meio de correspondência. Era o diabo! Procurei, então, recurso, na caixa das ideias. Era homem de luzes, tinha obrigação de saber. Revolvi o mofo dos velhos preparatórios, evoquei o capítulo dos paquidermes, pedi auxílio à história dos cavalos célebres: nada que me valesse naquela conjuntura! Nem o velho cabedal de humanidades cavалares, nem Incitatus, Rocinante ou o cavalo branco de Bonaparte me deram um rastilho de clarividência. Por fim a Lógica refulgiu, com soberana luz, lembrando-me que há induções, deduções, experiências e contraexperiências para arrancar as verdades do seu poço escuro. Era isso! O método experimental! Atinaria assim com a receita do velho.

Submeti a azêmola a uma porção de manejos. Dei rédea, puxei rédea, sofreei de arranco e com amabilidade, toquei-lhe as orelhas, escoicinei-lhe os ilhais com os tacões das botinas. Nada! Minhas vísceras, aos gritos, pediam urgência. Redobrei os recursos, combinando-os, alternando-os, e mais além iria, se o animal súbito não assentasse de reagir, procurando cuspir-me da sela e

ameaçando andar de dois. Convenci-me esse dia de que as experiências *in anima vili* têm seus senões. Apressei-me a amaciá-lo:

— Que é lá isso? Acalme-se, que o caso não é para tanto. Entremos num acordo, criatura! Sou homem pacato e razoável — aceitarei condições.

Fez-se o acordo tácito. A montada voltou a andar de quatro, com a cláusula de me pôr eu o mais quieto possível. Em compensação, buscou variar o mais possível o cardápio. Às vezes abria um galope macio, dando-me ao corpo agradável galeio; outras, servia-me o trote de má morte, lardeado de um horrível picadinho sacudido; por fim caiu num passo preguiçoso, melancólico, que parecia sentenciar:

— A vida é triste. Para que pressas, se ao cabo de tudo é sempre a morte? Uns trepam, outros são trepados, qual corre, qual anda, mas no fim a dentuça da megera abocanha a todos.

Aquela andadura dizia-me coisas. Eu edificava-me, traduzindo seu compasso significativo. Quando me senti saturado de filosofia cavalina, lancei vistas aos arredores. Campo, campo, campo... Monotonia exacerbante. À margem da estrada, o mesmo ervaço tolhiço de juapoca rajado, de gerbão de pendão negro e florinhas roxas, barbascos felpudos, manojos de carqueja. Cupins bojavam a flux, como a furunculose da terra. Nos espigões, a eterna crista de arbustos, debruando valos ocultos. Era secante e vulgar. Como os grandes artistas, nem sempre a paisagem tem gênio.

E assim corria a viagem. Quanto custa às vezes viver a compridez do dia, cuja lentidão ainda frisa mais, pautada por uma andadura lerda de rocim!

O SENTENCIADO LOURENÇO

A vastidão dos campos sem veios d'água, dera-me sede. Avistei um rancho à beira da estrada. Defrontando a porta, defendida por um cancelo, gritei pelos moradores. No mesmo instante vi agitar-se no cômodo da entrada, que também servia de cozinha, uma mulata obesa e velhusca.

— Um pouco d'água, faça favor?

Trouxe-ma numa cuia, pedindo desculpas: casa de pobre...

Regalei-me com a frescura nevada da bebida.

Nesse momento uma voz de homem chamou da horta:

— Frederica!

Frederica! Este nome lembrou-me o sentenciado Lourenço, que matara um homem por ciúmes. Aquele escombros de gente, aquelas roscas de toucinho velho com figura humana, aquela criatura fora a fatal inspiradora do gesto homicida, no frescor de seus dezoito anos tentadores, que tinham a virtude de açular os homens uns contra os outros, em fúria de morte, na disputa de sua posse. Que descabro! O que os anos levam de graça e provocantes atrativos!

E, com o vivo interesse que me causara a narrativa das duas roceiras no dia do temporal, borbulhavam-me à boca muitas perguntas sobre o encontro com o Lourenço após trinta anos de cárcere; recalquei-as, porém. Decerto fora banal e desinteressante. Duas respostas que me desse, e lá se desentorava a mente do romance que eu tecera sobre a volta do sentenciado. Era melhor não saber.

Entreguei a cuia, agradecendo; e prossegui.

Fora melhor não perguntar. Porque, afinal, bastava-me a minha visão interior, que sobrepujaria, certo, a realidade. E evoquei a figura do Lourenço, demandando a casinhola, meio inchado, deslumbrado do sol a que se desabitudara, arrastando de uma perna. Passara trinta anos a antegozar aquele momento. Nele via a razão de ser de sua vida, o ponto de convergência de seus mais caros pensamentos. Pela ilusão da ausência, acarinhara todo o tempo a imagem da mulata, como a vira pela última vez. Nos primeiros anos esperava com ânsia a saída; entretinham-no as apelações, o perdão em festas nacionais... De cada vez era um alvoroço. Via-se chegando de surpresa; e, na alegria do amor reatado, causa dela, desfechava o romance de sua vida.

Mas os anos se escoavam, os últimos recursos foram baldos e o perdão não viera. Sem esperança, aquietaram-se os assomos de sua mocidade insofrida, recalitrante entre as grades e começou a ganhar uma calma filosofia de conformidade. Sua vida não era mais um romance com desfecho e sim uma interminável biografia incolor, que, decepada em qualquer ponto, aí ficaria bem rematada, sem que se lhe notasse descontinuidade. A Frederica, se pousava de ordinário na sua imaginação, nela chumbada indelevelmente, não lhe acelerava o ritmo do sangue. Evocava-a melancólico, como um bem inatingível, raio de luz que tangenciou o deserto polar de sua vida com uma promessa e presto se eclipsou esquivo. Se a sorte houvera sido outra! Se não lhe truncassem o encadeamento da vida! Porque a liberdade era uma porta longínqua, a tremeluzir baçamente no cerraceiro da velhice, como uma luzita hesitante na sombra vasta.

Volveram-se os tempos e ele saiu. Ei-lo trôpego, aturdido pelo ar livre e espaço despeçado, buscando, em terras longes, o paradeiro da mulata. Por que o fizera? Último anseio pela felicidade? Atração? Monomania de pobre-diabo um pouco virado do juízo? E o ar livre o oprimia, o mundo aberto e imenso dava-lhe vertigens. Talvez lhe passassem pela imaginação cenas de outrora e, permisto, os sorrisos feiticeiros duns dezoito anos túrgidos de seiva, boleados em tentações de carne, inspiradores da acre tonteira que o arrastara ao desvario e ao sangue. Velhas exalações...

E trôpego, arrastando a perna, chega, afinal. O sol abrasa. Esbaforido pouso o bordão e a trouxa, limpa o suor. Que canseiras de estradas longas!

Antes de bater olha o céu e o arredor. Não tem pressa. Fere fogo, remexe a cinza do cachimbo e chega a isca. Devassa outra vez o arredor e o céu puxando a primeira fumaça. Ainda arqueja. Que estradas sem fim! Que mundo imenso! O pensamento lerdia-lhe com as baforadas indolentes. Bambo, acocora-se, cravando os olhos hipnotizados numa volta da estrada coruscante de luz. Revê a prisão, o carcereiro de sorriso amável, os outros sentenciados. Boa gente! Sentira deixá-los. O coração ainda apertava-lhe a essa nova ruptura do encadeamento de seus dias. Ia encetar uma terceira existência, ele que se contentaria com a embriaguez da primeira ou com o tédio sonolento da segunda. Má coisa, o recomeçar!

Enfim, repousa na derradeira etapa; e, daquela soleira terminal, como dum píncaro sobranceiro, aprazia-lhe olhar ao longe o caminho andado e balancear as fadigas retrospectivas. E, assim, queda largo tempo. É com esforço que resolve reentrar no presente. Ergue-se a custo e dá “ô de casa”.

Chegando do fundo, Frederica assoma à porta.

— Boas tardes.

— Boas tardes.

Ela entreabre a cancela e espera, de pé, no limiar. Ele observa-a em silêncio. O silêncio demora-se. Por fim rompe-o:

— Vacê é a Frederica?

— Sou.

— Eu sou o Lourenço.

Recai o silêncio. Observam-se longamente.

— Entra.

Frederica escancara a cancela, dando-lhe passagem.

— Senta.

Apresenta-lhe uma tripeça, indo acomodar-se no toro do pilão. Continuam a observar-se mudamente. Ela, primeiro, quebra a mudez:

— Antão vacê é o Lourenço?

— Sou.

O sentenciado atíça o fogo do cachimbo e recomeça a baforar. Seu pensamento também bafora, em visões esparsas. Era a mesma necessidade de relançar, ao cabo da jornada, o caminho feito. Sentia uma grande calma, o sedativo bem-estar de quem chegou e pode, afinal, espaiar-se. Mas a vida sabia-lhe amarga. Precisava conformar-se. O que a gente se ilude, sequestrada entre grades! Cá fora também a roda do tempo não para de girar. O mundo, para seguir seu curso, não espera trinta anos a libertação de um qualquer Lourenço. Seu pensamento flutuava, de reminiscência em reminiscência. Coisas antigas!

Grita de crianças, no terreiro, chamou-o à atualidade.

— Vacê mora com homem? — perguntou.

Com o Martinho. Tenho onze “famílias” dele.

A vida sabia-lhe amarga. Havia mudanças. Não lhe haviam de embalsamar o passado, imutável, aguardando os trinta anos. A roda do tempo girava igual em toda a parte, e em toda a parte a vida revezava seus cambiantes aspectos, em agregamentos e desintegrações. Invadiu-o então um grande cansaço.

Bamboleando a custo o corpanzil anafado, Frederica tirou o coador do arco, espetado na parede. O condenado seguia-lhe os movimentos; viu-a enxaguar o pano, assoprar as brasas arrefecidas, ajeitar a chocolateira no borralho, depois sentar-se na taipa, à espera, sem desprender os olhos das brasas, que a fascinavam.

O pensamento de Lourenço esvoaçou frouxo, para a prisão. Revia o carcereiro, de sorriso amável, bom homem. Envelhecera na faina e o mister lhe não empedernira o coração. Longas prosas tiraram ambos, separados pelo engradado da porta. O tempo fizera-os amigos. O Sr. Pedrosa, que assim se chamava, poupava-o na faxina e facilitava-lhe a venda de seus artigos de trançador, ofício aprendido na cadeia — o que procurava o encarcerado compensar-lhe com a prestação de pequeninos adjutórios. E a cada momento reciprocavam-se desses miúdos obséquios que, mesmo impalpáveis

e ínfimos, firmam a amizade, sem a onerar com o compromisso de obrigações que cativam. Era o Pedrosa, por ter melhor cabeça, quem fazia o cálculo do tempo a cumprir: “onze anos, dez meses e cinco dias, Lourenço...”. Uma folhinha animada, impaciente por não soltar mais prestes os folhelhos, exulando-os ao vento em revoada, ao ritmo do seu desejo, para soltar o amigo. Depois a despedida: não houve prantos, mas íntima agonia rebuçada de frases vulgares. “Você sabe, aqui um criado para o servir.” “Disponha, sem cerimônia.” “Até um dia!”

E aí começara a odisseia do preso, a angustiosa freima com que tentava recolher os restos do passado, para com eles recompor sua existência mutilada.

Primeiro a Frederica. Vagara de déu em déu recolhendo notícias. Tudo vago. “Léguas além...” E, sublinhando esse vago, as mãos acenavam molemente, significando distâncias sem fim. Felizmente havia economias. Com parcimônia nos gastos poderia correr muitas terras. E, ademais, tinha pernas. Meio inchado, e perro, o andar muito talvez lhe destravasse as juntas e adelgasse a compleição. Provavelmente não seria logo — um mal-andado em anos, levaria outros tantos a desandar. Era também um modo de desferrar-se da clausura. E metera-se longânime pelas estradas. Mesmo pequena, contentava-se com a aquisição do dia, desde que significasse mais umas braças trilhadas. Assim vai-se longe, embora arrastando um membro imprestável. Pois trinta anos, infinitamente lentos, não passaram?

Jornadeara meses, em rumos incertos. A obsessão das estradas rubras, coleando infindáveis, tornara-se-lhe dolorosa; era o suplício perene do eterno recomeçar; a reverberação da luz dava-lhe ofuscações oftálmicas; os incômodos não melhoravam, antes agravavam-se. Tudo, porém, tem seu termo. Descobrira a mulata. “Adeus, canseiras de estradas longas!” E, chegando, ao enxugar da testa as bagas de suor, era como se se despedisse do longo azar que o tolhera na vida e, depondo a trouxa e o bordão, depunha o passado. Mas as coisas haviam mudado. Isso é que era mau.

Soerguendo a cabeça, assoprou para o alto uma lenta baforada.

— O Martinho é bom sujeito?

— Bebe, às vezes. Do mais não tenho queixa.

Enfim, a vida é a vida. Cada um tem lá a sua sorte, como diz o outro, e da sorte de cada um só Deus sabe. É quem ajunta e separa, trama e destrama. A Frederica parecia remediada a seu gosto dela.

Então encarou-a melhor, analisando-lhe as feições. Estava bem diferente. E a esse ponto evocou os velhos tempos de namoro. Viu-a provocante e roliça, na graça dos seus anos floridos. Estimava um colar de grandes contas douradas, que lhe dera ele num caxambu. Adornava-se sempre com o singelo adereço, cuja cor fulgente casava bem com o seu colo de âmbar; e, quando ela sorria, brilhavam harmoniosamente o seu sorriso e as contas. Furta-lhe beijos à boca rosada, que lhe sabia a polpa de frutos. Certa vez, num abraço, sentira contra o peito áspero de cavador o suave premer de seus seios turgentes. O sangue fervera-lhe aos borbulhões, incendiado de desejo. Era rapariga de virar a cabeça e fora má sorte do *outro* vir cobiçar-lhe a criatura. O que tem de ser! Mas tudo, velhos casos. O passado, passado.

Desligou-se da recordação. Todavia, uma lembrança puxa outra. Acudiu-lhe a mãe, já por aqueles tempos velhinha, a bater roupa, e os manos pequenos. Não vira mais a família e nem tivera notícias. Na sua memória, porém, vivia ela embalsamada, sempre a mesma, no mesmo rancho, com as mesmas idades e a vida enquadrada na mesma paisagem da roça. E vieram-lhe saudades da mãe e dos irmãos. Trinta anos longe! E fora ingrato, poucos pensamentos lhes dera nesse trajeto de tempo. Tinha economias — iria levar à velhinha um pouco de descanso. Tanto bater roupa na fonte há de dolorir o braço, inda mais a ela, que sofria de reumatismo. Parecia que ainda a ouvia queixar-se das juntas, em frases gemidas, quando o frio enevoava o ar, acamando geada brancacenta nos campos. Boa mãe! dar-lhe-ia ele o que economizara, tudo, tudo! não queria um vin-tém para si. Fariam uma casinha de telhas no lugar do rancho velho e haviam de morar juntinhos.

Já ansiava pela chegada. Mas uma dúvida doeu-lhe no coração: trinta anos!

— Vacê, tome café.

Frederica apresentou-lhe uma tigela fumante. Para si aparou noutra vasilha, sob o bico do coador suspenso da parede. Beberam. Ouvia-se no silêncio o gluglutar espaçado dos goles. De longe vinha vozeria de crianças, garrulando.

Lourenço depôs a tigela e reatizou o cachimbo.

Trinta anos! Os irmãos pequeninos, que via como um bando trêfego a derriçar pitangueiras, estavam já homens maduros. Talvez nem todos fossem vivos. E a pobre mãe, que deixara de cabelos algadoando-se de velhice... Mas onde quer que houvesse farrapos do passado, cumpria ir recolhê-los, em romaria piedosa, para ver se do acervo esparso reconstituiria um simulacro de vida. Era alheio aquele lar onde pensara repousar, apenas sofrendo em retrospecto mental as canseiras sentidas: nele não podia acolher-se. Era vomitado dali como o fora da prisão, em cujo vegetar achava mais suavidade, que naquele jornada sem paradeiro. Era mister seguir avante. Procurou entrever os dias vindouros. Tremeluziu-lhe outra vez na imaginação, numa fulgência doce, a casinha materna. A velha, os irmãozinhos... Mas a fulgência desbotou. Tantos anos de permeio! Invadiu-o de novo um tédio infinito. A vida pesava-lhe.

Cumpria, porém, partir. Ergueu-se penosamente.

— Antão, adeus.

— Adeus, Lourenço.

A custo deslocou a perna enferma, buscando a porta. A inchação, agravando-se, punha-o oprimido. Era um mal-estar, um sibilo no peito... À soleira, defendendo a vista, sondou a estrada, assuntando concentradamente, como se sondasse o futuro. Lonjuras infinitas, sol escaldante, o impreciso além...

— Adeus — repetiu.

— Adeus, Lourenço.

Guardou o cachimbo, retomou a trouxa e o bordão, e afastou-se, trôpego, paciente, rebocando a custo a perna enferma, como um casco desarvorado, sem rumo, toando ao léu...

CRESCITE ET MULTIPLICAMINI

Às nove horas senti fome. Foi quando me avizinhava da fazenda da Paineira, de sô Quim Capitão. Conhecia vagamente o velho, que vivia entrevado, com a ciática. “Bom ponto de almoço”, pensei. “E de repouso também, pois a cachoeira ainda dista uns três quartos.”

A fazenda era um casarão achaparrado, com capacidade para aposentar um corpo de exército. Circuitavam-na culturas em abandono, que se asselvajavam em capoeirinha. Ouvia-se o trapejar de água a cair e o rumor de um moinho, trabalhando.

Ao ranger a porteira do curral, saiu afobado da fazenda, ao meu encontro, um homem dum olho furado. Soube depois que se chamava Sontonho.

— Veio buscar o fubá do Totó? — gritou-me ele, a plenos pulmões, chegado a meio passo de distância.

— Não senhor; eu...

— Você então é o camarada do Zaeca? — secundou semelhantemente, espichando o pescoço para reconhecer-me.

— Também não! Eu...

A esse ponto enxergou-me gravata e colarinho, e disse, descobrindo-se:

— O senhor desculpe, eu vejo pouco. Veio buscar fubá?

— Não! Desejava apenas, se não incomodo, descansar um pouco e almoçar, sendo possível.

— Decerto que há de ser possível! Uma quarta só?

— Como lhe dizia, não vim precisamente para isso...

Aí Sontinho fez da mão porta-voz e berrou-me na concha do ouvido:

— Meio alqueire?

Larguei a rédea e fugi para a máscara da fazenda.

— Trouxe saco? — gritou ainda ele, no ouvido do cavalo.

Não sei como findou o diálogo, que foi longo, a avaliar pelos brados que soavam para os lados da porteira.

Bati e introduziram-me no quarto do velho. Sô Quim Capitão recostou-se na almofada para conversar. Estava escanifrado, de olhos fundos, muito nos cambitos, desenhando-se-lhe a ossatura acidentada sob a colcha de retalhos. Um bentinho untuoso aninhava-se-lhe entre as falripas do peito descarnado e a cabeleira branca arrepelada dava-lhe ares de Jeová em fúria, a deitar maldição.

Depois que me identificou e reconheceu, pediu notícias do povo do Córrego Fundo e da cidade. Quis saber da guerra, da crise e abismava-se de tudo, como se a fazenda fosse uma ilha deserta, e ele, Robinson. Detinha-se, às vezes, num esgar de dor e contorcia-se no catre, onde seus ossos secos estralejavam, como varas dum feixe mal-atado. Depois, acalmado de súbito, pedia desculpas da pausa, e recomeçava a “especulação”. Fazia-me repetir as coisas duas, três vezes e dar de tudo explicações miúdas. Era um anseio de saber, de inquirir e um regalo das notícias sabidas, que por momentos esquecia os estortegões dos nervos gritadores.

Arrancaram-me do seu quarto para o almoço.

— Fique aqui hoje! — disse ele. — Viroca, manda as meninas desarrear o animal.

As “meninas” eram três filhas bobas, cobertas de molambos, e com farrapos de saias até os joelhos. Malgrado meus protestos, passaram as três para o curral.

O almoço já fumegava em terrinões claros, altos como monumentos, na mesa da varanda. Espantava-me de tanta iguaria numa casa aparentemente despovoada, quando começaram a concorrer, de todos os cômodos, os numerosos membros da família. Eram uns homens barbaçudos, de olhar palerma, ainda remelados de sono, e

de andar desconjuntado; e eram bojudas figuras de mulheres, mais ou menos matronas, de ar atarefado de galinhas chocadeiras a cuidar dos pintos. Não havia braço sem cria. Os ventres bolevam-lhes, em competência de fetos; a primeira empinava o embigo, já nos nove meses; na segunda espinoteava o filho já viável; e, em todas, as proeminências, mais ou menos acentuadas, assinalavam as fases várias da gestação. A essa vista afigurava-se à gente estar na matriz inicial do orbe terrestre, ponto de difusão das raças.

Cumprimentei a todos e a todas, aturdido de tanta cara nova. Só mais tarde consegui rotular cada uma com um nome e destrinçar o mesclado parentesco. Havia ali um Tavico, uma Zoca, Bié, Biela, Carrinho, Viroca, Bastião, Tintina, Cocota... Apareceu também Sontinho do Olho Furado, que se mostrou muito meu amigo e me convidou a sentar a seu lado.

— O fubá está pronto — avisou-me.

As três bobas, de volta do curral, passaram para os fundos, carregando os arreios. Essas serviam, almoçando depois na cozinha.

O pasto foi suculento e o pantagrulismo generalizado dos convivas dava-me por sugestão um apetite que raiava o esganamento. Comia-se muito e depressa. As três bobas, atarantadas, nunca sabiam bem a quem acudir primeiro; e se não serviam presto, era uma saraivada de epítetos:

— Ó saranga, a caçarola da fritada!

— Que pamonha! há ques tempo 'tou te pedindo o revirado!

Era incrível o que aquelas bocas, enormes como furnas, se bastiam de mantimento. Os homens não proseavam, com o tento nos terrinões e a se vigiarem de esguelha, prontos para a ofensiva, no caso de saque de algum bocado precioso. Se ia alguém espostejar um frango, as queixadas paravam de mastigar e os olhos convergiam terríveis para a travessa, a fiscalizar o operador; rateada a ave em quinhões equitativos, recomeçava em torno da mesa a mandibulação interrompida.

Cruzados os talheres após as repetições do estilo, foi cada um servido de uma pratarrada de leite com angu; ao cabo chupei os

bigodes, como os demais, para aclimar-me aos novos costumes. Seguiu-se café com bolinhos. E eu já estava tão bem assimilado àquela companhia que em seguida obliquei como todos um olhar inquisidor para os lados da cozinha, a ver se apontava ainda alguma coisa. Após razoável espera, convictos de que havia acabado a refeição, cada um de nós se apossou de alguns punhados dos bolinhos remanescentes e dispersamo-nos. Os varões, refartos e bambos, retiravam-se, na maioria, para os seus aposentos.

Por desencargo de consciência fui espiar meu animal. Vendo-o desarreado e a comer milho, invadiu-me um grande desânimo de continuar a viagem.

— Não tem nada que olhar para o cavalo — disse-me D. Viroca, que me observava —; papai já disse que hoje o senhor fica aqui.

— Impossível, minha senhora!

Demonstrei-lhe por mil razões, qual mais convincente, que estava seguir minha viagem; primeira — era juiz e não estava em férias; segunda — viera em animal alheio, que devia restituir à tarde; terceira... quarta... milésima...

Ela calou-se, convencida, depois de opor-se muito, e mui amavelmente; eu, porém, cedera apenas à mania dos considerandos, pois estava inclinado a bater pouso naquela mansão que me quadrava tão bem; por isso, foi com espanto que ela me ouviu pedir umas chinelas, quando esperava agradecimentos e despedida. Ordenei às três mudas que me aprontassem um banho com salmoura, requisitei um terno de brim do Totoca e uma camisa sem goma do Sontinho e espapei-me, por fim, regaladamente, na marquesa de volutas da sala de jantar. Estranhei somente que apenas me dessem para companhia três canzarrões de colmilhos brilhantes, Nimrod, Piquete e Danúbio, cujas boas graças conquistei com um punhado dos bolinhos enceleirados e que eu tivera o cuidado de baldear aos bolsos do terno de brim. Estranhei — mas depois compreendi que havia ali hábitos arraigados a tolerar e respeitar.

— Por que não vai para o quarto de papai, dar uma prosa? — disse-me D. Biela, passando.

Respondi-lhe que estava bem e deixei-me ficar. E as horas corriam nessa doce inação. Quando o silêncio me pesava, retinha ao pé de mim o primeiro que passasse pela sala e fazia-lhe perguntas, inquirindo do pessoal e do parentesco, pedindo pormenores, como contagiado da inextinguível curiosidade do velho paralítico, eu que sempre procurei desinteressar-me do que se passa sobre este planeta tão pouco interessante. Talvez a esfrega do cavalo me tivesse ensinado uma vez por todas a não descurar das pequeninas coisas que convém saber e a supersaturar-me da ciência das insignificâncias importantes. E só então começou a fazer-se luz em meu espírito, sobre a intricada genealogia e correlatividade do pessoal da fazenda. Aprendi que sô Quim Capitão era pai do Carrinho, casado com a Saninha. Estes geraram o Tavico, casado com a Tintina de olhos sapiroquentos. Carrinho, filho de sô Quim e pai do Tavico, tivera fazenda e terras. Quando casou o Tavico, pôs-lhe negócio de gêneros na cidade. Em dois meses o casal comeu o sortimento e o filho levou a mulher para a roça, aonde ia “ajudar” o pai. Aí ele e a Tintina geraram uma porção de filhos e filhas... Na fazenda paterna já estavam outros filhos “ajudando” o Carrinho. O eufemismo encobria desemprego e dava recacho para enfrentar de cabeça alta os maldizentes. Em poucos anos todos de parceria comeram a fazenda e as terras, e foram para a Paineira “fazer companhia” ao velho entrevado. Chegando aí o sistema solar do Carrinho, composto de sol, planetas e satélites, já encontraram na fazenda outros sistemas solares, que todos rodavam em torno de sô Quim, que era uma espécie de ponto fixo desse novo universo. Tal união tornava-se edificante e levava os fazendeiros das cercanias a exclamar, apontando-os como exemplo:

— Família unida como a de sô Quim, eu nunca vi!

Havia, sim, congraçamento, e o mútuo desejo de prestar serviços. Se ali estava a família da Cocota, era para esta fazer companhia a sá Tuda, perto das dores; quando a Tuda “desocupasse”, seguraria a Cocota, que também estava muito “pesada”; e, livres as duas, não podiam desamparar a Biela, que já tinha enjoos e vágados; e nesse gangorrear de panças ia passando o tempo.

Malgrado tanta companhia, mirrava-se na soledade de seu quarto o venerando tronco daquela proliferação copiosa. Dali mesmo, esteio sólido da fazenda, administrava os pastos de aluguel, principal fonte de renda. Seu braço direito eram as três bobas, “guerreiras” para o trabalho; trindade inseparável, iam todo o dia, simétricas, para o eito; roçavam, plantavam; e ainda cozinhavam, lavavam, com os três pares de pernões em perpétua exibição, sob os farrapos dos saiotes. Braço esquerdo era Sontonho do Olho Furado, que cuidava do fubá com uma dedicação sem igual; impaciente, numa freima de mania, vivia da fazenda para o moinho e do moinho para a fazenda, um pouco desperdiçadamente, porém, pois seus sentidos avariados o faziam andar um pouco mais do que o estritamente necessário; tanto era que, empurrasse uma criação a porteira do curral, lá saía com a chave do moinho na mão, muito apressado, perguntando:

— É p’ramorde o fubá? Trouxe saco?

E, sem atentar mais, nem esperar resposta, enveredava diligentemente para a engenhoca.

Com exceção do Bié de barba comprida, frases sentenciosas e músculos dignos do guatambu, que passava os dias no terreiro, capão da pintalhada, a fazer carrinhos para as crianças, os outros varões reservavam-se para a reprodução da espécie, mister de mais nobre alcance. Viviam pelos quartos, derreados da faina de procriar, a refocilar os órgãos trabalhados em intermináveis sonecas reparadoras. Apenas deixavam, estremunhados, os leitos prolíficos, à hora das refeições.

Essa inércia geral ia-me ganhando, de sorte que eu não deixava o sofá de volutas da sala de jantar, o qual, à noite, me servia de leito. Aquela atmosfera de langue despreocupação antolhava-se-me como sumo bem e único modo de vida razoável. Quantos dias encalhei ali, como Aníbal em Cápua, integrado na família de sô Quim Capitão na qualidade de satélite avulso? Nem sei. Em certas disposições de ânimo devolve-se o tempo unido, como uma sombra que perpassa lentamente e sem fim, sem repartições de dias e de noites. Não era, todavia, totalmente feliz; acabrunhava-me a vaga consumpção dum

Adão solitário, que boceja no meio da perfeição do seu Paraíso, sentindo pesarem-lhe várias costelas sobressalentes.

No meu sofá, saboreava-me do silêncio e da penumbra do amplo salão de jantar. O mulherio atropelava-se ao longe, na cozinha, inventando quitutes; dali vinha um afastado chiar de panelas, cascalhadas, exclamações joviais. Em cabides de pau embutidos nas ombreiras, canos para o alto, pendiam espingardas presas pelas correias e buzinas retorsas, que sonorizavam o silêncio com recordações de caçadas. O alto relógio secular contava os segundos, e tempos a tempos batia nasaladamente horas frouxas. E, naquela estagnação de sombra e mudez, produzia ecos sonoros a tosse do velho, aos fundos, ou a carreira de algum dos canzarrões de guarda, únicas almas vivas que a espaços a animavam e que, em demanda da cozinha, onde iam pedinchar os sobejos, levavam tempos a vencer o varandão, desesperando a gente de vê-los chegar ao cabo do imenso cômodo. A intervalos, uma alegre alarida: são os quitutes que vêm em bandejas e travessas:

“Senhor doutor, corá? Pipocas, senhor doutor?” E às vezes milho ou batatas assadas, ou talhadas de moranga. Tomo às mãos ambas meu quinhão, já espartado pelo apetite; e em seguida o bando esparcela-se pelos quartos, onde os machos, estrouvinhados, granjeiam com os petiscos um precioso reconforto para a substância fatigada.

E os dias eram todos assim parecidos...

A CACHOEIRA

Enquanto reino sobre meu sofá como único e indisputável senhor, a vida parece-me amável; mas o velho piorou e o curandeiro que o trata veio arraigar-se a meu lado, refugindo do enfermo, cuja loquela interrogativa não se compadece com sua veia filosofante. Se meu vizinho fosse um ser inofensivo, eu poderia tolerá-lo; mas o homem fala, fala, fala... Procuo dispersar-me; numa fuga de atenção analiso-lhe a cabecinha ruiva de formiga e orço-lhe trigonometricamente a proeminência do nariz pontudo; minha atenção, porém, resvala para a perlenga ininterrupta e eis-me de novo a ouvi-lo:

— É como lhe digo — sou carimbamba por muito fuçador e querer saber coisas que não me competem. Sou peneireiro, fazedor de pilão, de colher de pau e de gamela, e devia ficar só nisso, porque é como lá diz: “Quem é mão não faz pé” e “Quem nasceu pra cachorro há de morrer latindo”. Pois eu, o senhor sabe, não tive princípio nenhum; o pouquinho que aprendi foi escutando aqui e ali e conversando com os entendidos, que eu, Deus louvado, sei pôr-me no meu lugar. Às vezes sou poeta e gosto de especular os médicos; foi assim que, pedindo uma explicação a um deles, do que me disse compreendi que a saluva é a graxa do estamo. Guspir é um vício. Veja as criações, que não gospem. À proporção que a saluva vai marejando na boca, a gente deve engolir, porque assim ela vai desenvolvendo pra dentro e não faz falta para a digestão. Creio que é por isso que meu estamo é bom. Aquilo que caiu dentro dele, vara. Como de tudo. Só não gosto de caça de rabo, porque é parente de cachorro. E como, sempre que meu estamo pede. Numa comparação: um moinho,

se tem milho na moega, vai moendo; se não tem, azanga. Assim também o estamo: é preciso ter nele sempre alguma cousinha pra não trabalhar em seco.

Abundei na mesma opinião e o meu interlocutor prosseguiu:

— Sou peneireiro e lavro madeira, mas não tenho mais tempo pra dar ao ofício; são muitos os doentes e vivo da casa deste pra daquele. Ainda agora... ainda agora...

Veio esta repetição porque comecei a abstrair noutras coisas e o homem o percebeu. Com o segundo “ainda agora” ele exigia que me fixasse na sua exposição. Concentrei-me a escutá-lo e ele continuou:

— Ainda agora venho de trás da serra, onde fui ver um compadre com um berne arruinado; e dei volta pelo Engenho, por causa duma esporada de mandi na mão do Zé Vicente. Aí estão duas doencinhas que parecem de nada e ameaçam levar os doentes. Dou mais por sô Quim Capitão, que não é homem de ir assim entregando a palha com a rapadura. Esse é dos antigos, a vida nele está mais agarrada. Porque hoje, senhor doutor, com a descoberta desses vapor e desses automóvel, a gente anda mais depressa, mas também vive mais depressa. Tudo vem mais cedo, até a morte. No meu tempo criança começava a adentar depois de um ano; hoje, com cinco, seis meses... Antigamente as criancinhas nasciam de olhos fechados, feito cachorrinho; só os abriam no fim de oito dias; hoje tudo nasce arregaladinho e esperto, como se já entendessem as coisas. Sô Quim é duro, não vai assim em dois arrancos. Se me atendesse, eu o punha bom, porque doença que entra com a friagem, cura-se pelo sistema antigo, com tártaro em folha de laranja; se o estamo não aceita, a gente põe uma chave na mão, pra não vomitar; no dia seguinte, sangria, pra força da doença sair; depois, qualquer cordial cura. Enfim... enfim...

Sofreu de novo minha atenção erradia, prosseguindo:

— Enfim, se faz bem ou mal, não seguindo meus conselhos, só Deus sabe, porque tudo neste mundo é o destino. Eu, na minha compreensão, senhor doutor, acho que Deus criou o mundo com tudo o que é necessário para nós, e deu, a cada um, um destino.

Veja, numa comparação, uma gata que acaba de parir. As mamiquinhas são umas coisas de nada, umas berruguinha que a gente custa a enxergar. Se der, cada uma, meia colher de leite por dia, é o mais. No entanto, os gatinhos, quando nascem, a mãe vai ficar deitada, e eles vão fuçando no pelo da gata, até dar com as berruguinhas. Durante dois meses só vivem daquela miséria de leite. E assim mesmo ficam gordos, lustrosos. Que é isso? É o destino. Noutra comparação... noutra comparação, senhor doutor...

— Arreiem já meu cavalo! — ordenei às três mudas, que passavam. Arreado, despedi-me, montei e fugi.

E foi assim que num dia de sol quebrou-se o encanto e pude despegar-me daquela deleitosa mansão.

Toca para a cachoeira. Receei recomeçar experiências para pôr o animal em andadura aceitável; por seu lado, também receoso, ofereceu-me ele o acordo de um galope macio que, jubiloso, aceitei.

Carrascals de candeias tortas bordejavam agora a estrada, interpoladas de ásperos pés de fruta-de-lobo. Não temesse eu melindrar a montada, apearia para colher gabirobinhas do campo, que recendiam convidativamente da orla do caminho. O chão arenoso e declivado pouco empapara a água caída nos últimos dias, que decorreram num chuva pertinaz. A aragem era fresca e o sol, doce; e, contrastando a penumbra de meu prolongado encerro, sorria-me a natureza o melhor de seus sorrisos.

Aqui e ali fugiam roscas do rio, que carregava águas barrentas. Às suas margens multiplicara a vazante espriados tranquilos, que cintilavam ao sol. Já audível, o rumorejar da cachoeira encorpava-se a cada passo avante; era uma cortina de sons que se erguia numa nesga do horizonte e que, em pouco, alastrando, ganhava todo o circuito da paisagem, estrondejando compactamente.

Meto-me por um trilho que se desgarrá da estrada, em direitura da cachoeira. Cruzo pedestres, já de volta, com sacos e jacás atastados de peixe. Conversam gritando como surdos, para fazerem-se ouvir. Avisto por fim, constringidos entre paredões de rocha, os rolos de água, despenhando-se. São os degraus em que a torrente rabeia, fustigando o leito, como serpente assanhada a encrespar a cauda

nervosa. Muita gente: homens nus, ou com tanga, ou só de calças, munidos de toda a sorte de utensílios de pesca, ou outros objetos momentaneamente adaptados a esse uso — balaios ou coadores na ponta de bambus, guarda-chuvas, balaios sustidos nas mãos, peneiras, redes ondeantes como bandeiras, na extrema de varas longas.

A torrente despeja-se aos fluxos e refluxos. Quando a ondada passa, pulam os peixes em cada poço, inumeráveis, projetando-se para o ar, a despedir chispas de prata dos corpos retorsos nervosamente enovelados e vibráteis. E aqueles aparelhos visam todos colhê-los no salto. Se recresce o rolo líquido, aquieta-se o peixe um momento, esperando que passe, para, em cada socalco, entre o esfervecer dos borbulhões tumultuosos, recomençar o seu projetar incessante, que o caipira compara a pipocas arrebetando. Abaixo da cachoeira, onde o caudal se rebalsa e retoma a majestade de seu curso lento, a água é torva, quase negra; e, ao olhar que lhe escruta a profundidade, essa negrura revela-se feita de cardumes de dorsos escuros, que esfervilham, evolucionando processionalmente no bojo dos remansos, esperando o seu turno de lançar o salto. Lembram correição de formigas, faixas migratórias de gafanhotos, perpassando inumeráveis. Lateralmente derivam fios escassos, delgadas fitas que traçam sinuosidades no lajedo, fazendo escala em caldeirões cavados na rocha. Esses filetes que mal umedecem a pedra, são o varadouro dos peixes ínfimos, dos embriões de polegada para menos, que sobem, miniaturas de peixes, por aquelas miniaturas de rio. Nos caldeirões enxameiam aos milhares, negreando em espirais — simulacro de nebulosas movediças, que são, em vez de formigamento de astros, um reboir de gergens. Sobem como vermes, reptando, e aos pequeninos arrancos; e, nas intercadências dos estos, que estancam os exíguos manadeiras, aderem ao limo, expectantes, em formas glutinosas de sanguessugas.

Por toda a parte é a obsessão do peixe. O ambiente tresanda a peixe podre. Ao andar, patinham os pés numa lama mucilaginosa de peixes esmagados. Nas mãos, nas vasilhas, aos montes na margem, há o contorcionar epilético de formas prateadas. Só se vê peixe e só se pensa em peixe. É a luta sem tréguas declarada aos pobres viajeros.

Onde os esquece o homem, caçam-nos seriemas, socós, marrecas, espécimens sem conto de parasitas do rio.

— Pode ser belo — mastiguei —; mas monótono e repisado como uma descrição de Zola. Havendo satisfeito uma velha curiosidade, eis-me enfarado, com a saciedade da posse. Isto me confirma a cômoda filosofia...

Está visto. Agora, rumo da cidade. Já míngua ao longe o trapejar da cachoeira. Desobstruídos daquele som e daquela vista, meus sentidos se deixam impregnar da suavidade da hora. É um dia precioso, tocado discretamente a ouro e repassado do perfume do assa-peixe branco, cujos capulhos recendem às margens da estrada. Meu animal chouta inteligentemente. Já diviso, espapaçada e imensa, a fazenda da Paineira, que dormita no silêncio dos vastos campos, alheada da vida, num infindável coma de gestação.

Quando fronteiro o curral, ouço berros e a porteira rechina, dando passagem a alguém, que nesse dia viu demais. É Sontonho do Olho Furado, com dois sacos na mão.

— Sô doutor Félix! — grita estentoricamente.

Tive um arrepio de terror. Se a tentação vencia, e me ia esquecer de novo ali, outra temporada! Enrijei minha vontade com a evocação do curandeiro terrífico.

— Pois o fubá, Dr. Félix! Não é que já ia sem ele?

— Ora, Sontonho! não é preciso... Até outro dia!

Piquei de esporas, ou, mais propriamente, de calcanhares, tentando fugir; mas, implacável, meu amigo travou solidamente do freio.

— Neste saco — disse e apontou — está sua encomenda: meio alqueire; neste outro, mais meio, que lhe dou como lembrança de amizade; porque — não é por estar em sua presença — fiquei gostando muito do senhor.

— Obrigado, Sontonho... Mas, co'os diabos! não hei de levar isto comigo.

— Pus em dois sacos para fazer um picuí — explicou a criatura.

E, malgrado minha relutância, depois de atar, uma na outra, as bocas dos sacos, atravessou-os na cabeçada dos arreios.

— Então, como não quer portar, boa viagem — disse ele.

— Adeus, Sontonho.

E, dando aos calcanhares, afastei-me precipitadamente.

Agora já não me corria a viagem tão bem. Sentindo o acréscimo de peso, o animal rezingava, socando-me com um trote duro e ameaçando-me com várias acrobacias. Eu deixava-o ir, encolhendo-me na sela, para evitar movimentos que irritassem o bucéfalo. O que não parava, eram os sacos. Sacudidos daqui pr'ali, batiam-me em compasso os joelhos, polvilhando-me de branco as calças. Tive a ideia de largá-los à beira da estrada; mas receei consequências imprevisas, dado o gênio incerto e esfoguetado da montaria. Achei melhor deitar fatalismo. A viagem, com aqueles sacos, já estava, por sem dúvida, prevista na minha página do Livro do Destino. Todavia, se assim me vissem a recovar fubá, eu, o juiz municipal do termo! — receei.

Se viram! Comecei a cruzar gente da cidade. O médico, acudindo a um chamado. Os irmãos Faria. A família Gonçalves. A família Guimarães. Diabo! Todo o povoado se baldeava nesse dia para outra parte. Cruzou-me o meirinho, um advogado. Santo Deus! Mais duas famílias... Agora o interminável cortejo de um casamento: um cavaleiro, dois, três, vinte, trinta... Santa Bárbara!

Uns cumprimentavam-me, todos observavam-me obliquamente, a maior parte ria-se sob capa, cochichando entre si o que quer que fosse. A face, esbraseando, ardia-me. Suava. E com o suor o corpo pinicava-me, dando-me uma coceira infernal, principalmente no fio da espinha, no ponto exato onde as mãos não alcançam. Um estirão deserto — graças a Deus! — e a fazenda do Córrego Fundo.

Apeio, tiro os sacos e entro pisando duro, para desemperrar as pernas.

— Ô de casa!

— O Dr. Félix! O homem sumido! — exclamam os velhos.

— Sim, meus amigos! Mas que reaparece com um presentinho para siá Marciana!

Entrego-lhe a sacaria. E assim liberto-me, radiante, do picuá de má morte.

DUPLA SURPRESA

— É como lhe digo, sô doutor: a linha da divisa passa por esta cova, a vinte braças de um óleo pardo; por aqui vai descendo...

E o dedo do meu jurisdicionado ia descendo por um papel sujo, esboço de mapa, de dobras rustidas de velhice.

— Sim, sim! Já me disse isso; mas não posso, absolutamente, dar opinião; procure um advogado de sua confiança, exponha-lhe o caso...

— ... vai descendo, até esbarrar no corgo do Zé Elias. Aqui faz um bico...

Levantei-me, impaciente e pus-me a passear, agitado, pelo escritório. Forte maçada! Precisando ir ao Córrego Fundo e aquele estupor a moer-me a paciência, com a história infundável de seus litígios! Se o não despejei vinte vezes pela janela, é que me comovia a humildade paciente com que acolhia meus frenesis. Desta vez ainda emudeceu, com o papel sujo estendido sobre a perna, à espera.

— Pois vá, vá perguntar a um advogado o que quiser. E olhe, tenho serviço, não posso atender ao senhor toda a vida.

Malgrado estas palavras ásperas, meu consulente continuou incrustado na cadeira.

Recomecei meu passear agitado, buscando divertir o pensamento. Sobre a mesa vi, dobrado, o papel azul recebido de manhã. Um doce calor de júbilo filtrou-se-me no espírito. Senti-me feliz. Mas uns gordos autos de embargos, que avultavam logo adiante, esfriaram-me consideravelmente a alegria. Diabo! Tanto atraso no

serviço... Os prazos findos rabujavam em minha consciência lenga-lengas intermináveis, atassalhando-me de remorsos.

Afastei essa vista importuna e voltei-me para o gramofone. Era uma velha máquina, preciosa, que, de empréstimo em empréstimo, se desgovernara desoladoramente. Mas o último empréstimo dera-lhe virtudes raras, muito de meu agrado. Mesmo sem disco tocava músicas de Wagner, ricas de estrépito. Desloquei a mola e ele começou. Primeiro foi um roncar surdo de tempestade que cresce; súbito desencadearam-se trovões rolantes de mistura com guinchos inexprimíveis. Em seguida amainou e pôs-se a piar e a ringir com um acento tão animal, que bulia nas fibras do coração. Foi nesse ponto que bateram palmas à porta.

— Senhor doutor, licença para três! — exclamou uma voz de velha.

— Oh! que boa surpresa! — retruquei, correndo ao encontro dos meus amigos do Córrego Fundo.

Era a primeira vez que os via na cidade. Viviam tão consigo e ilhados na sua pobreza, amavam tanto seus hábitos tranquilos, que a novidade quase me alarmou.

— Pois aqui estamos! — disse o velho Próspero, entrando. — E especialmente para ver o doutor.

Recebi-os jubiloso.

— Um homem solteiro morando sozinho num casarão destes! — admirou-se siá Marciana.

Mostrei-lhes o interior da casa, a cozinha, onde o meu moleque queimava sistematicamente o feijão, a horta afundada em ervas altas; depois levei-os ao escritório, onde acendi o fogareiro de álcool.

— O senhor também é meio cozinheiro — gracejou siá Marciana.

— E faço questão de que me conheçam a força.

Ofereci-lhes cadeiras, nas quais silenciosamente se sentaram. Notei algo de estranho em meus amigos. Raras frases proferiam, como se os ganhasse uma grande preocupação e, a miúdo, trocavam olhares de inteligência, que me intrigavam.

Notei ainda que o Sr. Próspero vestia a sobrecasaca de grande gala. Muito deveriam ter-se alarmado as borboletas de minha

porteira! Pronunciei algumas palavras para puxar palestra; elas, porém, congelaram-se no silêncio dos três. Trocaram, a esse ponto, novos olhares significativos.

Então o Sr. Próspero levantou-se solene.

— Américo — disse —, dê-me os óculos.

Os óculos! Era grave. O velho só os punha em circunstâncias excepcionais.

Ajeitou-os atrás das orelhas e, voltando-se de novo para o filho:

— Américo, dê-me a caixinha.

Recebeu das mãos do filho um pequeno volume embrulhado em papel de seda e amarrado com uma fita; e, voltando-se para mim, começou em voz pausada:

— Senhor doutor, nós temos contas velhas que ajustar. Faz alguns anos que o senhor nos dá o prazer de frequentar o nosso rancho. Lá o recebemos, não como hóspede e sim como filho. No entanto, o senhor — e aqui brandiu o indicador ameaçadoramente — de cada vez que nos visita deixa um pacotinho de pratas, como se lhe cobrássemos nosso feijão. Nunca nos recusamos a recebê-las, para pô-lo mais à vontade; secretamente, porém, conspiramos uma vingança, isto há meses, há anos, esperando que não a levasse a mal.

— Mas... — ia-me eu defendendo.

— O senhor é muito orgulhoso — e o dedo brandiu de novo —, muito mesmo, por isso, como não queria nosso feijão, também, orgulhoso de pobres! não queríamos as suas pratas. Se tivéssemos recursos, nossa vingança seria fazer-lhe um belo presente; não sendo isso possível, eu, notando que em seus dedos faltava alguma coisa, disse à prima: “Vamos juntando as pratas da *hospedagem* (senti nas faces o grifo da palavra) e lhas devolveremos sob a forma de um anel. Se não aceitar como devolução, receberá como brinde de amigos”. E aqui está, senhor doutor Félix, a vingança dos seus piraquaras...

A estas palavras abriu o estojo e estendeu-mo. Era uma joia belíssima, deitada sobre veludo, tendo no aro as insígnias da

justiça. No engaste, uma grinalda de brilhantes chamejava à roda de sanguíneo rubi.

— Que beleza! — exclamei, examinando o mimo —; a lição foi boa — castigaram-me o orgulho. Mas os senhores estão também mareados deste pecado...

— Nós? — e os velhos admiraram-se.

— Decerto. Castigaram-me por não aceitar seu feijão. Precisam de castigo por enjeitarem minhas pratas...

— O caso não é o mesmo — protestou Próspero.

— É, sim — atalhei. — A minha desforra, porém, será imediata.

Depus o estojo na mesa e, tomando o papelucho azul, entreguei-o solenemente a Américo, dizendo:

— Senhor professor, aceite meus cordiais parabéns!

Américo leu — tremeu-lhe a mão, tremeu-lhe o beijo, ficou pálido e sem fala; e súbito atirou-se sobre mim, estreitando-me convulsivamente:

— Ó senhor doutor... senhor doutor...

Estava um tanto teatral, mas era sincero; mais do que eu que, em vez de rejubilar com o seu júbilo, divertia-me com a situação, que me obrigava a atitudes de quinto ato. Essa coisa tão importante para Américo, para mim pouco significava, pois, criar uma escola rural no Córrego Fundo e nomeá-lo professor, não fora êxito em que despendesse grande esforço, graças a certas facilidades de ocasião e ao influxo de prestantes intermediários.

Enquanto Próspero arrancava o alvissareiro telegrama das mãos de Américo, tartamudeava este que nunca ousara esperar que se realizasse um dia o seu sonho secreto. E, lançado em contrastes de sentimentos, ora irradiava, felicíssimo, ora turbava-se, duvidoso dos seus próprios méritos, achando a tarefa muito grande para seus ombros frágeis.

— Duvida, Américo, duvida bastante, meu amigo — filosofei —, que as realidades mais doces são as que saem das dúvidas mais amargas.

Inteirados por sua vez da nova, os velhos ficaram uns instantes sem voz, como o Américo; depois, identicamente, tremeram de mãos e lábios, e abraçaram-me, e exultaram, e duvidaram — o que

me ensinou que os lances da vida são muito parecidos, duas alegrias, pelos modos, assemelhando-se entre si como duas gotas d'água.

Mas a máquina, roncando, anunciou-nos pronto o café. Servi. Bem salgada pareceria a bebida a Próspero, tantas lágrimas nela misturava!

Passamos largo tempo juntos. Prometi ir à fazenda no dia seguinte, para orientá-los sobre as formalidades da nomeação. À saída foi um não acabar de mútuos agradecimentos.

Retiraram-se, por fim.

Tornado ao escritório, retomei o estojo e contemplei melancolicamente a joia coruscante de rebrilhos, calculando comigo o quanto de privações e amarguras se condensariam naquela cercadura chispante e naquela gota de sangue vivo mineralizado. Em vez da festiva alegria com que os pobrezinhos contavam, com que aperto de coração eu recebia a sua dádiva!

E considerei a joia, longo tempo, absorto, até que uma voz cava, saída de algum ponto misterioso da quadra, veio subitamente despertar-me:

— Como lhe dizia, sô doutor, aqui a divisa faz um bico. Ao depois a gente garra corgo abaixo tuda vida, até o angico do pasto do João Juca...

me revocasse as amarguras do presente, e as
ezas do futuro, enxugou uma lagrima. E fos-
e julgasse ter ao pé um coração que o enten-
ou necessidade de expansão á dor, poz-se a
r a sua vida, o futuro que com Flavia sonha-
s fadigas da viagem, o grande impasse fi-
. Concluiu vertendo ~~amargas~~ ~~barçadas~~. Por-
ão morrera ainda? Que destino lhe estaria re-
lo? Ia talvez pedir esmolas? Pedir esmolas!
um aleijado...

sua narração impressionou profundamente Da-
ue admirad~~amente~~ o fitava. Como nunca ~~via~~
elho chorar, via, com um mixto de dó e ~~de~~ com-
ação, escorrerem-lhe as lagrimas pelos sulcos
ugas, indo empastar-lhe as barbas. Ouvindo fa-
n esmola, elle machinalmente, com uma especie
mor religioso, e a encaral-o com ~~uma~~ insisten-
e hypnotisado, ^{meteu} a mão no bolso do dol-
d onde tirou uma moeda.

- Tomá, João... Póde ficar com a pratinha,
e dou mais, porque não tenho.

- Não, meu filho, não quero, recusou o velho.

- Tomá, tomá!

E como ~~teve~~ repellida a mãozinha dadivosa,
deu um pulo e introduziu-lhe a moeda no bol-
teimando ~~sem não acceitar a restituição~~, João
ou-lhe que a guardaria como lembrança.

Então ~~o pequeno~~ começou a queixar-se, por seu

Dario

eu pae a encher a pança na escola nor-
e elle esquecido alli, na estrada, sem almoço!
a com tanta fome! Pois o pae já não podia
deixado no gymnasio, entregue ao Meira, o sub-
or? Mas qual! Chegando ás Tres Barras era
al assanhamento com o Navarro, que se esque-

~~mais~~ de tudo.

prauto.

lagrimas

prosecução

o menino

A FILHA
GODOFREDO
RANGEL

La fixité de la personnalité dépend uniquement de la constance du milieu. Dès que ce milieu subit un changement, les équilibres des éléments de la vie mentale se dissocient. Il en résulte, chez le même être, la naissance d'équilibres nouveaux et, par conséquent, d'une personnalité nouvelle.

LE BON

A LOUCURA DE AMAR

Das alegrias e desventuras idas o que a memória conserva nem sempre é o essencial. Fotógrafo negligente, apanha ao acaso os instantâneos com que forma o álbum de imagens do passado de cada um. De um amigo querido que perdemos, de uma cena antiga que profundamente nos comoveu, fica-nos muita vez, como lembrança, um gesto apenas, um sorriso, uma atitude. A representação mental não vai além. E esses traços ligeiros tornam-se figuras alegóricas daquilo que um dia nos fez gozar ou sofrer.

Certas épocas felizes fixam-se destarte num ponto de luz em nosso espírito, como, no céu, um ponto luminoso também resume a imensidade de um mundo.

Quando Sálvio evocava o período em que sua felicidade culminara, via, sempre, mentalmente, o mesmo quadro: um quarto claro, pela manhã; através das vidraças, pouco além, um trecho de muro, onde grimpavam roseiras florescidas; e, rente ao muro, Leila, um lindo serzinho branco, em seu roupão também branco, colhendo rosas para as floreiras da sala.

Cada vez que procurava ter a representação mental de sua felicidade, era sempre o que via: o dia limpidamente a filtrar no quarto, e Leila, o muro, os festões das roseiras... Ainda mais (a fotografia era sonora) — ouvia a canção que a esposinha chilreava, com sua voz docemente velada, mais velada ainda a soar através das vidraças descidas. Esse gorjeio amortecido dava-lhe a impressão da distância. Era como se Leila estivesse longe, ao cabo do mundo... Sentia

saudades, e seu olhar dizia-lho se ela casualmente se voltava. Leila então sorria-lhe, feliz de sentir-se adorada por aquela alma toda sua. E buliçosamente prolongava o martírio da espera, sabendo que mais doce tornaria o momento do regresso.

Colhidas as flores, entrava. Ouvia-lhe Sálvio o piso leve na areia do jardim, e, depois, no interior da casa.

Oh, o rumor de seus passos. Que música deliciosa aquele tique-tique miúdo, de seu andarzinho ligeiro, que a levava como num voo feliz! Enlevado, ele se concentrava a ouvi-lo, pois aquele som pertencia a ela, era também ela e por isso o seu ouvido queria-o todo, avaramente, sem o desperdício de uma vibração.

Girava a maçaneta e Leila entrava, numa irrupção de vivacidade e alegria, mostrando-lhe a colheita de corolas orvalhadas:

—Vê, Sálvio! que lindas!

Ele dizia-lhe:

— Que linda és tu, meu amor!

Cingia-lhe o corpo branco. Sentia-a toda fria, contra si, rorejada também de orvalho, como uma grande flor matinal.

Ela oferecia-lhe as rosas para que as beijasse. Seu rosto sorridente emoldurava-se na braçada florida. E era a boquinha ridente e esquiva, mimo de graça, que o seu beijo buscava.

E as rosas desfolhavam-se. Choviam pétalas no leito e no tapete. E Leila, em lindo amuo, contemplava seu pobre ramalhete destroçado...

Tivera outros momentos de ventura, mas nenhum se lhe imprimira na memória com a mesma nitidez de visão desta cena tantas vezes repetida; empastamento de imagens... o impreciso... névoa... névoa amável, que através dos tempos ainda lhe impregnava a imaginação com o saudoso ressábido das venturas passadas. Oh! a felicidade não se entesoura; flor de um dia, colhe-se no presente; e ao colhermo-la, toda ela arde intensamente e nesse flamejamento se consome. Restam depois cinzas, saudade...

Na felicidade dele estava sempre Leila. Amava-a tão agudamente, que o assaltava de contínuo o receio de ver fugir sua ventura. “Minha

felicidade causa-me pavor”, dizia-se, tentando analisar os próprios sentimentos. “Sinto-me criminoso de um crime que desconheço, como se houvesse culpa em ser feliz. Será vedado à alma humana atingir os cimos da felicidade perfeita? Infringe assim o seu destino?” Ou talvez — refletia anos após — o infrator fosse ele apenas. Nascera predestinado ao sofrimento e instintivamente pungia-o a culpa de resistir a esse pendor fatal.

Amava-a com exaltação de demência. Muita vez, tendo-a entre os braços, cingia-a violentamente, em frenesi incontível, como se quisesse reter uma ventura fugidia. E parecia-lhe ser incompleta a posse. Magoava-a... E Leila fitava-lhe uns olhos de muda exprobração, sem compreender-lhe tumultuoso amor.

O excesso de sua ventura, por absurdo contraste, chegava a torná-lo infeliz. Nessa dúvida sem causa, nesse recear inexplicável, sombreava-se-lhe o espírito. Como o criminoso, tomado de horror, vê, em tudo o esgar agônico da vítima, também em seus momentos de ventura erguia-se-lhe diante o espectro misterioso de uma desgraça iminente. E embora a evidência o desmentisse, pressentia ante si o resvaladouro fatal, que o levaria despenhado, de transe em transe, ao abismo da dor sem intermitência nem limites.

Em desvairada ânsia de posse queria Leila integralmente sua, em cada ato, em cada pensamento; queria-a fora do mundo objetivo, como um pensamento nascido em seu espírito e que apenas vivesse em seu espírito. Tomava zelos de tudo. E, quando no segundo ano de casados lhe nasceu Noeme, chegava a senti-los do amor que ela dedicava à filhinha. E ai! este sentimento mau ia mais tarde infligir-lhe remorsos cruéis.

Compreendia o que havia de excesso nos próprios zelos, que sobrepujavam seu desejo de ser razoável. O país em que sua paixão nascera confinava por todos os pontos com o impossível. Seu irreflexivo sentimento de poderio sobre ela, de domínio absoluto, nunca o teve o senhor mais despótico sobre o escravo mais humilde. Para exercer esse ilimitado império queria que Leila fosse um objeto que se pudesse ocultar do mundo, retirar da vida comum,

para que vivesse nele e para ele exclusivamente. Desejaria cercar sua felicidade de todas as precauções como à princesinha malfadada os pais receosos de que se cumprisse o vaticínio da fada má. Se pudesse, ergueria entre ela e o mundo as paredes graníticas de uma prisão, tão altas, que do mundo apenas se avistasse, muito longe, onde pairam as nuvens altas, um pequenino retângulo azul. E nessa prisão far-lhe-ia esquecer tudo o que vivera, tudo, até seus pensamentos mais castos de menina inocente. Toda sua! Como uma Lorenza magnetizada, sob a hipnose de uma inextinguível paixão, a iniciar, desde essa amnésia, um novo ciclo de existência mental, só para ele, oclusa a memória para o que fosse lembrança diversa, toda ela voltada para a ideia fixa, para ele, para seu amor, totalmente sua, cada parcela de seu corpo, cada vibração de sua sensibilidade, até o esvoaçar efêmero do mais sutil pensamento. Em verdade: o impossível delimitado em todos os pontos por outros impossíveis. Era uma loucura amorosa que o enervava, uma como demência lúcida, porque bem reconhecia quanto tresvariava; a razão, vencida pelo sentimento, embalde repetia-lhe que cada qual apenas aquinhoa uma parcela da existência do ente amado; cada ser vive a fragmentar-se, a dispersar-se como um aroma; a beleza, a graça, todo o encanto da mulher, é um trescalar sutil que se irradia. Quantas vezes o fito de uns lindos olhos não põe um tumulto na alma daquele em quem negligentemente pousaram? E a modulação de uma voz doce, que ouvimos proferir uma frase vulgar, não instila, como a música, enlevo e turbação? E tanto basta para endoidecer o zeloso. O amor extremo aspira o irrealizável, e, por isso, infelicita, sentindo a cada momento a própria imperfeição. Como seria bela a completa fusão das almas, sonhada pelos românticos e pelos místicos! É o amor real pequena coisa, tosca e incompleta, feita para contentamento da animalidade rudimentar. Toda a grande paixão é um relâmpago de demência, é a revolta do homem contra a sua humanidade. Nasce votada à morte. É o relumbrar de um grande clarão que prestes se extingue.

À proporção que corria o tempo, mais se avolumava essa infelicidade, nascida de sua grande ventura. Embalde ele perguntava-se:

“Por quê? Leila ama-me...”. Rebuscava atentamente a causa do seu sofrimento e não a descobria. E nem com isso lograva modificar seu estado de ânimo.

Certo dia, em um livro, deparou-se-lhe esta reflexão: “Em todo o amor correspondido há um que ama a outro que se deixa amar”. Este pensamento caiu-lhe talhante n’alma, despertando-a, num sobressalto para a evidência. Não se esclarecia tudo? Leila amava-o, sim, mas seu amor, certo era a própria paixão dele, Sálvio, que irradiava para ela, iluminava-a e volvia restituída a seu foco de origem. Os grandes amores não fazem mais que amar a si mesmos. É a história de Pigmaleão... Têm eles poderosa força de contágio. Assim veria o sol, pela própria luz iluminada, a ronda fria dos planetas. Refrangência de luz... corrente induzida... sombra gerada pelo corpo, eco gerado pelo som.

Leila amava-o... mas em seu amor havia unicamente a passividade de uma alma que se abandona. E na inércia de seu sentimento não poderia um dia germinar a semente do fastio? Ele já pensava entrever, em seu olhar tão lindo e meigo, como um desmaio de tédio, a embaciá-lo. Receava perdê-la, e este receio já era talvez a intuição da verdade e por isso se lhe tornava em vivo sofrimento, objetivando-se em zelos absurdos. Mas a verdadeira causa de sua infelicidade não poderia encontrar-se em nítidos motivos. Ainda estava em ser, toda em pressentimento, vaga intuição, nesse como senso divinatório que será porventura a secreta comunicação das almas.

Em uma noite inesquecível ele, com a supervisão dos zelosos, teve a impressão viva do afastamento de Leila. Sentada ao piano, suas mãos corriam o teclado, negligentemente. Sob os dedos ágeis nasciam os compassos de sua *berceuse* favorita, tão modificada, porém, que era como se ela improvisasse, aprazendo-lhe, não reproduzir a inspiração alheia, mas embalar-se em cadência e em harmonia em relação com o ritmo secreto de seus sentimentos. Além da alma do compositor, habitava a música a alma dela. Modificavam-se, uma e outra, completavam-se, num sentimento comum e poderoso. No lânguido correr das mãos sobre as teclas, exprimia-se um

anseio que ousava, hesitava, esmorecia, numa agonia de incerteza e desalento e volvia, impetuoso, numa onda de desvairamento, para quebrar-se ainda num estranho e surdo queixume doloroso como o de um ser sepultado vivo nas entranhas da terra. Naqueles sons harmoniosos estava veiculado o que quer que era do recesso da alma, que se não pode exprimir em palavras; eram a expressão simbólica dum sentimento recalçado que asfixia e que, assim expresso numa linguagem de sons, desoprime da angústia inenarrável, conservando o segredo; ou seria a expressão de sentimentos informes, embriões indecisos, apenas esboçados no íntimo, além da percepção da consciência e já imperiosos perturbadores.

Leila embalava-se na cadência lenta da música, tocando-a interminavelmente. Sálvio contemplava-a absorto. Via-lhe sobre as madeixas negras o branco nascer das espáduas, parecendo manar do fulgor leitoso de seus ombros a luz branca que iluminava a sala; fitava-lhe os braços pulcros, que em movimento harmonioso acompanhavam a cadência da música. Tão harmonioso que o objetivo do compositor parecia ter sido apenas criar-lhes o ritmo silencioso. A cabeça flectia-lhe em imperceptível cadência e o corpo, erguendo-se do mocho como capitosa flor humana, obedecia também, ligeiramente, ao ritmo suave. Sálvio, suspenso, contemplava-a. Para ele o maior gozo não era tanto ouvi-la, porém vê-la tocar. Arrastava-o uma invencível necessidade de adoração. Era preciso esforço para dominar-se, conter o ímpeto de interrompê-la violentamente, arrebata-la ao piano em loucura de amor; e quedava-se imóvel, sofrendo o seu desejo, sentindo que ceder a este era uma sorte de profanação... Porque via-a transfigurada; não era Leila, mas entidade excelsa, superior à humanidade, alta e pura como uma ideia, a manifestação de um ideal de beleza. Era a Mulher, poderosa distribuidora dos destinos humanos, realizando inconscientemente sua divina missão de seduzir.

E essa noite Leila entregava-se com mais abandono ao embalar da música, à harmonia monótona e melancólica que brotava de seus dedos e parecia morrer e renascer de si mesma, como fonte

inexaurível de sons; repetição indefinida dos mesmos trechos, que lembrava o eterno suceder-se dos insignificantes acontecimentos da vida. E arrebatada pela linguagem dos sentimentos perturbadores que pela primeira vez encontravam expressão, Leila, tocando a harmonia interminável, gozava como um langor nascido num momento de volúpia e que prolonga indefinidamente a persistente memória da sensação esvaída.

Sálvio sentiu-o... E seu enlevo, essa noite, tornou-se, pouco a pouco, tortura incomportável; zelos encapelaram-se-lhe n' alma em maré tumultuosa... zelos do artista morto que concebera aqueles sons venenosos e sua cadência hipnotizante, e que vinha do fundo do passado trazer a Leila a morbidez de seus sentimentos, seduzindo-a para aquele consórcio subjetivo; zelos de todo o incompreendido que pulsava na harmonia letal.

E a música expirou-lhe sob os dedos. Leila ainda se quedou um tempo suspensa... Por fim tornou a si e fremiu, em sobresalto, ao sentir-se de novo no ambiente real. Volveu o olhar em torno e seu olhar encontrou o de Sálvio. Que estranho brilho ele surpreendeu-lhe no fito das pupilas! Era como a revelação de misteriosa febre que lhe devorasse a alma. E certo que se ela própria então se perguntasse “Que sinto?” reconheceria surpresa que não o saberia dizer.

A Sálvio foi como se naquele momento ouvisse o fragoroso desmoronar de sua felicidade. Mas Leila ainda fitava-o sorridente... E seu olhar fascinou-o e seu sorriso atraiu-o. Avizinhou-se dela, e, trêmulo ainda de emoção, cingiu-lhe o corpo. Inclinou-se para a fascinadora, rosto contra rosto, imersa a cabeça sob as suas madeixas soltas, aspirando-lhes o odor acre e feminino. Estando assim, esquecia o sofrimento. Junto a Leila, era como se fizesse das mãos conchas, e, curvo sobre o Letes, bebesse a água do esquecimento. Agora, na alma dele, que se anulava, apenas estava Leila. Embebedava-o o esquisito aroma de flor que se exalava de seus cabelos, de seu corpo branco, como se no sangue lhe ardesse um raro incenso cuja fragrância lhe filtrasse na pele sedosa e quente. Sentiu-se ébrio,

tomou-o uma vertigem de amor, que lhe enfebrecia os nervos, como um tóxico violento. Era feliz. E compreendia então que o destino o encadeara àquele grande amor, que o arrastaria após si na vida, inelutavelmente, quebrantado e inerte como uma coisa...

Depois, quando a lufada de loucura passou, Sálvio recaiu no seu estado de sofrimento. Volveram exacerbados, os ciúmes atrozes. E desse dia em diante odiou o piano, por onde se comunicavam com Leila as almas perturbadoras do passado. Ela é minha, *minha*, dizia em seu imperativo sentimento de propriedade. Quero-a toda, “cada átomo do seu corpo, cada vibração de sua sensibilidade”. Se o ciúme for avareza, como o disseram, sinto-me o mais mesquinho usurário que nunca existiu.

“É um sentimento absurdo, raciocinava ainda, uma exaltação mórbida que terá capítulo próprio num tratado de patologia. Devo ser um demente. Como as moléstias são o exagero ou a atenuação dos fenômenos comuns, minha loucura será a intumescência absurda dos sentimentos e pensamentos normais.”

Desejaria curar-se... mas então era o nadador exausto que a onda afastou da praia; quer voltar, mas a onda arrasta-o para mais longe, mais longe ainda. Levava-lhe a alma o turbilhão que arrebatou Francesca, e, nesse turbilhão interno, seu querer era pluma leve, poeira, fumo... Via como os catalépticos, reduzidos a espetáculo de si mesmos. E, se a razão ainda o iluminava, era, em sua impotência para dirigir, a fim de mostrar-lhe, sob luz mais viva, a desordem interior.

E o invencível sentimento enleava-lhe cada dia mais uma espira de seus cíngulos fatais.

Tinha, no entanto, seus momentos de pausa. Um nada aplacava-o; a voz de Leila, o perfume de seu corpo, seu passo leve... Aclarava-se-lhe a vida. Enchia-a alvorada sobrenatural. Mas súbito, impetuosamente, renascia o desespero. Este era como um monstro satânico, que o elegera vítima de um lento sacrifício. Nos momentos de calma, sabia que a emboscada estava próxima. Sua alucinação corporizava-o, fazia tangível. Era uma forma sinistra que lhe espreitava os passos e

os pensamentos, prestes a colhê-lo, a cada instante. Ignorava onde o encontraria: se no jardim, no leito, no gabinete de trabalho... Mas sentia-a, à Forma Horrenda, quando ela se aproximava. Como que a ouvia descerrar as portas, que não lhe punham vedação. Anunciava-a estranho arrepio de pavor. Avizinhava-se... O horror avolumava-lhe n'alma, encrespavam-se-lhe os nervos. Fugir? Mas como? E súbito sentia-se empolgado. E, presa da figura apavorante, todo ele tremia, convulso, no paroxismo da raiva impotente. E, então, caoticamente lhe tumultuavam no espírito as imaginações torturantes, os sofrimentos absurdos, os ciúmes atrozes, obumbrando-lhe a lucidez mental...

— É demência, repetia-se, pura demência...

Mas o conhecimento da moléstia não tem eficácia curativa. E sua escravização cada dia se tornava maior.

Leila também parecia sofrer. Tinha o desalento e a tristeza de uma alma em desterro. Como que a realidade das pessoas e das coisas que a cercavam se apagava para sua sensibilidade e esta apenas reconhecesse Noeme, a filhinha pequenina. Sálvio desejava saber que estranho mal a consumia e lhes matava a felicidade, aumentando sem cessar a distância que mediava entre ambos. E angustiadamente perguntava-lhe o que a fazia sofrer. Receava que a amasse menos? Humilhava-a a mediocridade de sua condição, ou a sua pobreza? “Que tens?”, insistia ansiosamente.

Ela, forçando-se, entressorria melancólica e murmurava: “Nada”. Outras vezes seus lábios sussurravam um esboço de resposta que não chegava a precisar-se em palavras; e alheia e esquecida, perdia-se de novo em seu viver remoto.

Para ter a intuição do mal ignorado, Sálvio analisava-lhe os cambiantes da fisionomia dolente. Seus olhares enfocavam-se para ela em estranha fixidez, como se quisessem penetrar-lhe o interior do espírito. As pupilas, coruscantes, dilatavam-se, na imperiosa necessidade de adivinhar. Embalde. Quanto mais pertinazmente lhe fixava as pupilas viperinas, que cresciam como as de um intoxicado de beladona, mais a visão se empastava e panejavam os véus da indecisão e da dúvida. E o mistério permanecia imperscrutável.

A alegria de Leila expirara-se. Fora sua vivacidade de passarinho feliz. O piano, mudo, recolhera-se em si mesmo, como alguém que, cansado de viver, se introverteu em meditação. E, para Sálvio, sua forma sinistra, na penumbra da sala, era a de um monstro saciado que dormia. Não soavam mais na casa as endechas que lhe penetravam tão fundo o coração, e raro se ouvia no pavimento o tique-tique sutil dos sapatos de Leila. E desfeita e branca, envolta em seu roupão alvo, passava as horas na sala, reclinada num divã, tendo na mão um livro que seu olhar desatento não lia. Sua expressão era de estar lendo através daquelas páginas, ao longe, no infinito. Seu rosto não exprimia êxtase, como Sálvio o surpreendera ao executar a música perturbadora e sim um anseio que afinal esmorece em desalento. Mesmo perto de Sálvio, era como se estivesse só. E seus lábios de rosa a esmaecer em neve apenas se entreabriam, espaço a espaço, para murmurar: “Que tédio!”.

“Mas não haverá um meio de volver a felicidade perdida?”, perguntava-se Sálvio. “Não a conheceremos mais?”

E, para aplacar a sede de ventura em que se consumia, fechava os olhos e evocava o passado de amor. Via o trecho de muro branco quase ao alcance da mão, via os festões de rosas. Através das vidraças claras entrava o albor da manhã e o canto esmaecido. O estalido da tesoura cortando as hastes, o pisar levípede na areia... Tempos que pareciam ir longe! Mas a lembrança da ventura passada, ao invés de aplacar-lhe a sede ardente, mais a apurava... E um sinistro sentimento dizia-lhe que a felicidade não tornaria mais. Ele e Leila foram dois astros cujas rotas se roçaram numa encruzilhada do céu e que depois divergiram, a distanciar-se sempre... como se a força que orienta os sentimentos houvesse analogias com as leis da gravitação que a seu sabor cruzam e descruzam as órbitas, não se lhes dando da saudade que porventura deixem os astros que passaram.

Leila como que jazia adormecida por um sortilégio fatal. As lembranças de seu amor não lhe reavivavam na alma a emoção extinta. E Sálvio, em palavras candentes de paixão, tentava despertá-la do letargo.

— Amo-te tanto — dizia-lhe —, que nem sei como cabe esse infinito na estreiteza de uma alma. Minha paixão por ti é uma dessas dádivas totais, como as faziam os ascetas à sua divindade; sinto-me teu até à mais pequenina parcela de meu ser. Minha paixão está sempre dentro de mim abrasando-me como uma flama inconsumptível e pervertendo-me o senso da realidade; parece um desses mórbus fatais que geram o delírio e exasperam até à loucura os sentimentos. Quanto mais meu amor é imperioso, mais desejo anular-me, rojar-me em adoração, beijando-te a fímbria do vestido e o pó dos teus sapatos. E quanto mais me anulo, sentindo-me uma coisa, um objeto teu, por absurda contradição tanto mais me ergo dominadoramente e quero-te minha, como uma escrava. Adoro em ti uma santidade extraterrena. És uma dessas visitasões que fulgem no êxtase dos místicos, a revelar o céu, e que desejo adorar prostrado, a frente no pó. Tudo o que é teu e tudo aquilo em que tocas reveste-se logo a meus olhos de um prestígio sobrenatural. Os frascos de teu toucador, o pano de teu vestido, tuas joias, figuram-se-me relíquias preciosíssimas, com as quais o mínimo contato é profanação. Se te acaricio os cabelos, como agora, minha mão branqueia e treme, como se cometesse um sacrilégio. Não sei como ousam meus braços cingir-te, como se atreve a macular-te o meu desejo... Indecifrável dualidade esta que vive em mim — a do justo que se prostra e adora, e a do demônio, que ardendo num desejo mau, profana a santidade...

— Ama-me, toma-me — prosseguia ele, e suas palavras eram como flamas de desespero. — Serei um objeto de que uses para teu capricho. Sê totalmente minha... Quero haurir toda a vida que em ti se contém, como se refresca uma sede inextinguível em uma fonte perene. Dá-me de novo tua alma que me foge, colhe-a no voo e traze-a para que nosso noivado recomece. Vejo em ti uma perpétua noiva nunca maculada, sempre virgem para o meu carinho. Quando te beijo é sempre com a emoção do prometido que, trêmulo, comete a primeira ousadia de amor. Olha-me, fala-me... Tua voz tem sobre mim magnetismos sobrenaturais, revolve-me interiormente,

como se cada palavra houvesse virtudes cabalísticas, produz-me um espasmo de volúpia tão grande, que cuido morrer. Fosse assim o canto das sereias e não me deixaria amarrar, como Ulisses, ao mastro da nau errante; entregar-me-ia à venenosa harmonia e me lançaria ao mar, vítima voluntária em holocausto à eterna beleza. Mal sabes o senhorio despótico que exerces sobre mim! Em ti terminam sempre os ciclos de meu pensamento, como os do justo se fecham em Deus. És a minha razão de viver. Quando a vida me esmaga e os inimigos me hostilizam, quando, durante o dia, sinto o amargo sabor da luta estéril e sinto-me demasiado oprimido e prestes a desfalecer, penso em nossa casa, em nossas noites de amor como remate dos dias de trabalho, e tanto basta para restituir-me a coragem perdida. Não sabes, querida, que te amo, que te amo?

Leila fitava-o esmaecidamente, falava-lhe, mas a alma estava ainda longe das palavras... se é que não lhe desertara do corpo branco, deixando-o em postura de estátua do sonho e do desalento.

Exasperava-se a paixão de Sálvio; e, de rojos, junto a Leila, reclinada, branca e ausente, no divã, memorava episódios passados:

— Lembras-te quando lias na rede, sob as árvores do pomar? O resplendor causticante do dia fazia mais suave a sombra e o perfume das laranjeiras florescidas. Eu vinha sorrateiro, de manso, turbar-te a quietação da leitura. Vendo-te embebida a acompanhar um enredo de amor, sentia ciúmes do livro e de seus heróis imaginários. Lias absorta... E eis que a meio da página mão importuna te vela os lindos olhos... Não te assustavas, sorrias. Sabias que o impulso de minha saudade me levaria até junto de ti. Se eras meu exclusivo, meu constante pensamento! Enquanto te velava os olhos, eu sentia no côncavo da mão a carícia de teus cílios, que batiam, em doce impaciência. Tuas mãozinhas afinal não se continham e tomavam a minha manípula pesada e a arredavam. Que pequeninas e brancas eram, em contraste com a minha rude mão de homem! Como eram brancas e frágeis! E bem sentirias, vendo-as assim às três, que na fragilidade de tuas mãos estava o meu destino. Soltavas depois a prisio-neira, e desistindo de ler, abandonavas o livro. Fitavas-me docemente

e tuas pálpebras batiam, fatigadas da leitura; e semicerrando os olhos pedias-me que te embalasse... Ia e vinha a rede em lento balouço... Entre teus cílios coava-se num desmaio de cor a luz verde das copas do arvoredado. Reacendia o ar e havia um sussurro de abelhas e pipilos de aves; e as vozes dos insetos e das aves, em surdina, eram como um perfume de som a impregnar o silêncio. Num langor de preguiça e de abandono pedias-me que te contasse histórias. E eu dizia-te as lindas fantasias orientais, com princesas prisioneiras em altas torres, fadas, príncipes encantados, gênios poderosos e escravizados, que com um aceno fazem brotar do solo palácios de ouro, carvões que se mudam em diamantes, tesouros sob a guarda de gnomos vigilantes...

Tuas pálpebras lento e lento cerravam-se; a magia da hora mergulhava-te a alma num estado intermédio da vigília e do sonho. Flutuavas, no irreal. A realidade fazia-se sonho e o sonho realidade... Nas copas do arvoredado, semeadas de sol, frutesciam pedrarias; inclinadas sobre ti as boas fadas sorriam-te; zumbiam no ar os gênios serviçais e humildes... Nos papeios das aves queixavam-se princesas infelizes, que a um aceno da tua mão se livrariam do encanto... O tom verde do ambiente, eram porventura águas marinhas, vistas através das paredes de submerso paço de cristal...

Súbito despertavas. Surpresa, vias-me ao pé de ti, de joelhos, a embalar-te. Meigamente teus braços fechavam-se em meu pescoço e sussurravas: “És meu palácio de ouro e meu príncipe encantado!”.

Sálvio colhia uma das mãos de Leila e beijava-lha no dorso cetíneo e no rendilhado da palma; em seguida, revertia às suas evocações:

— E nosso passeio à grotta, no seio da grande mata? Era um recanto selvagem de natureza primitiva e parecíamos os primeiros humanos a desvelá-lo. A vegetação tinha aí o tumulto desordenado de uma grande luta silenciosa. Da cólera soberba dos veludos troncos ressumbrava uma impressão de suavidade e paz. Era, no recolhimento, a aparência da calma e da concórdia... E nós hauríamos essa ilusão até o mais profundo de nosso ser. E eu disse-te: “Querida, se mil anos se condensassem numa hora, presenciáramos a pugna

tremenda da floresta; veríamos brotar os ramos como enormes braços furiosos, atirando a todos os pontos grandes gestos agressivos; umas árvores a se aprumarem resolutamente, em sede de dominação, outras a se debaterem semiasfixiadas, sem ar e sem sol; outras, vencidas, amarelecer e secar; e o chão a esferver de contínuo, em ondas sucessivas de verdura, para os novos assaltos ferozes... Vê esta flexão de galhos e seu estiramento robusto? São punhos cerrados em braços convulsionados de cólera silenciosa e lenta... Mas nada podemos contemplar da pugna formidanda. É mui breve o instante de nossa vida. Por isso, dessa epopeia apenas cai sobre nós esta paz, esta doçura, acolhendo a nossa ventura... Oh! Leila! Eu desejaria que tivéssemos a vida lenta das árvores, para fazer mil anos desta hora do nosso amor!”

Caminhávamos silenciosos, quase tristes, da tristeza das felicidades profundas, que pela nossa deficiência de expressão se exprimem como as dores profundas; mesclada, porém, à minha ventura, em promiscuidade insólita, eu experimentava a opressão de um grande pesar — o da insignificância do instante da nossa vida, da pequenez da nossa alma, para conter tão grande amor. Não sermos como os jequitibás, milenários e colossais, não termos, como eles, o espaço desmesurado e o tempo indefinido, para albergar o nosso imenso amor!

Subindo a grotta, nossos passos perlongavam o regato cujo marulho se ouvia sob as touças de caetés que lhe encobriam o curso. Subíamos, e a cada passo a mata se adensava, mais ínvia, e o vale se fechava, mais sombrio, como se nos encaminhássemos ao ádito de um templo onde se celebrassem os mistérios de um rito augusto. Detivemo-nos fatigados no sítio em que o regato, derivando acelerado entre pedrouços, se despenhava em pequenina cascata. Era um recanto aprazível, a que a calma da hora realçava o encanto e frescor; como que a cascata cantava naquele recesso da selva as endechas saudosas em que uma princesa prisioneira se queixasse da melancolia de sua prisão. Entre pedras retorcia-se sua cabeleira alva, que, ao cair, com argentino fragor, num côncavo de rocha cavada em

piscina, emoldurada de avencas e musgos verde-negro, se encrespava em rendas de espumas; daí, aos borbulhões irrequietos se evadia entre pedras, retomando mais abaixo o exíguo leito que descia a grotá. Estilhas de ouro do sol dançavam no chão com a sombra das folhas; e, no alto, pontilhado de azul, havia o dossel profundo das ramas superpostas. Na sombra louquejavam bandos de borboletas loiras; e era como se as estilhas de sol, ferindo o chão, se mudassem magicamente em esvoaçantes enxames de ouro.

O encachoeirado rumor não permitia que nos falássemos. Mas nosso maior prazer era então olhar. Absorvemo-nos em contemplação. Súbito, levada de impulso incoercível, começaste a desatacar o vestido. Tinhas, porém, pudor e a cada instante as mãos se te retraíam e hesitavam em revelar os tesouros de carne de teu corpo. Lia-se-te no olhar o susto de quem vai praticar uma ação má... Fitavas-me de soslaio... Eu distanciava-me, simulando-me ainda embebido a contemplar a selva e a água a descer tumultuosa entre pedrouços e fetos. Vendo-me absorto, porventura pensavas: “Ele, em êxtase, só vê a natureza e nem pensa em mim”. Tolinha! se era possível! Só amo a natureza em ti e por ti. Ela só é bela e sorridente quando a povoa o amor. Antes havia ali um vácuo melancólico, uma tristeza severa e secular, que tua presença encheu de beleza e juventude.

E procurando que te ocultassem as ramas, desfolhavas, em frenesi assustado, as cassas leves de tuas vestes. Os tesouros de teu corpo iam branqueando na sombra verde... E ainda hesitavas... E nas hesitações em que te detinhas em teu despir-se harmonioso, eras como certas músicas que se retardam em pausas para mais vivamente ferir a alma. Pausas onde ressoam subjetivamente os últimos compassos, como numa lagoa plácida, entre árvores, se retratam as frondes marginais, em doce prolongamento de ilusão. Lutavam fortemente o pudor e o desejo... Mas o níveo torçal das águas a desmanchar-se em espumas seduzia-te, com uma fascinação irresistível... O desejo venceu. Febril despresilhaste a compilação dos últimos colchetes e saltaste sob o rolo d’água espumarenta. Então, soando débeis entre o fragor da cascata, ouvi teus gritos assustados. Tinhas medo —

e ao mesmo tempo sentias o gozo daquela volúpia fria. Malgrado os acenos de tuas mãozinhas aflitas, que me mandavam afastar-me, não pude obedecer-te e fiquei a contemplar-te, bela, na piscina de pedra, onde rendas espúmeas te vestiam a nudez e a água corria-te sobre o corpo em serpes fluidas. Que encanto! Em cima as ramas sobrepondo-se até o céu; em torno, as cortinas de folhas entre as colunas dos troncos; e destacando-se na penumbra, vivo, branco, como feito de jaspe, o teu corpo impecável. Parecias brotar ali da espuma como Vênus renascente, para quebrar a fereza alpestre àquele virgem rincão de mata. Confusa de pejo, como Eva depois da culpa, retraías-te sob o fito de meu olhar que se paralisara a contemplar-te. E em tuas espáduas e teu dorso branco, coleavam as serpes fluidas vestindo-te caridosamente um manto líquido... Mas de que valeu? Colhi-te em meus braços, quando mal o pensavas, ao saíres d'água... e nos meus braços barafustaste, fria, coleante como esquiva náia de surpresa em terra. Escorregadia qual enguia humana quase escapavas... Mas meus braços implacáveis reapressavam-te. Subjuguiei-te... Esmoreceste vencida... E meu beijo ardente violentando teus lábios gélidos comunicava-lhes sua flama. E então sentíamos, entre o odor de musgos e folhas mortas que impregnava o ambiente, que a sombra se fazia mais doce e mais acolhedor o verde encantamento daquelas copas, onde mal filtrava o sol em retilíneas filandras de luz, que, ferindo o chão, se transmutavam em enxames de borboletas cor de ouro... Lembras-te, Leila, amor meu?

O passado revivia intensamente em Sálvio; e em sua voz exprimia-se a paixão enlaivada de loucura... Mas daquela forma branca reclinada no divã, a alma estava ausente. O sentimento dela unicamente via a filhinha pequenina, cujas madeixas acariciava entre os dedos adelgaçados.

Para Sálvio começou enfim o desalento. Reconhecia a inabilidade de seus esforços. E dizia-se que a felicidade não voltaria mais. Fora a passageira de um dia. E, malgrado seu tresloucado amor, sentia não poder vencer o irremediável. A separação crescia sempre, pelo

decreto de um implacável destino, que a marcara com o selo do irrevogável. Seus ditames eram inquebrantáveis. Vindas do Ignoto, as trajetórias das duas vidas cruzaram-se num ponto de luz e divergiram de novo para o abismo do Ignoto. Como em pesadelo atormentado, sentia ímpetos de invocá-la, “Leila! Leila!”, para a fazer voltar. Caía-lhe a ilusão vendo no divã seu vulto alvo, espiritualizado, como a sombra de um ente humano e ao ouvir-lhe a voz velada bocejar: “Que tédio!”.

E sua demência não conheceu limites. As ideias mais desvairadas possuíram-no. E repisava a antiga reflexão: “Humilha-a nossa pobreza, nossa condição medíocre; mas hei de erguer-me, triunfarei e reconquistarei o seu amor”.

E abraçou-o uma desmedida ambição. Seu trabalho foi uma luta corpo a corpo com o destino. Todavia, azar estranho anulava-lhe os esforços. Tudo inútil... Eram golpes de espada atirados pela insânia na água fugidia. A espada, em cólera, silva golpe sobre golpe; e a água ferida fecha-se de novo e corre, marulhando escárnios e risotas.

Sua condição, que era precária, fazia-se dia a dia pior. Nos negócios, os mais simples e os mais lógicos de seus atos tinham sempre imprevistas consequências de desastre. O que levantava aos outros, a ele, por estranho contraste, deprimia-o mais. E, certa hora, possuído pela angústia de nova catástrofe, afigurou-se-lhe o furto, em última instância, meio lícito de enriquecer. Lançado pela exasperação dos sentimentos além das raias do Bem e do Mal, para ele já não havia Moral nem Razão — somente o desespero de seu grande amor infeliz. Falsificou um documento. Sua inexperiência, porém, quase o traiu e a tentativa frustrou-se. “É difícil ser desonesto”, meditou, “o próprio crime exige um aprendizado que não tenho”. Fora um irresponsável. A loucura, tomando as rédeas da consciência, despeñara-o cegamente na perdição, pois as consequências dessa tentativa criminosa iria mais tarde influir poderosamente em sua vida.

Foi quando, adoecendo Leila, sucedeu abrir-se-lhe de improviso a boca de uma sepultura. Requeimou-a uma febre intensa, que era como a flama de uma pira votiva em que a oferecessem em

holocausto aos deuses de uma religião feroz. Morreu impassível, sem que seu rosto um só instante exprimisse sofrimento; exprimia, sim, cansaço; e, ao expedir o último alento, era como se aborrecendo por igual a vida e a morte, ainda sussurrasse: “Que tédio!”. Apenas teve, ao beijar a filhinha, em despedida, uma única vibração humana, um triste olhar de piedade — piedade ou arrependimento de havê-la feito viver.

Aturdido, com a alma túmida de sentimentos violentos, Sálvio vira-a morrer. Seu sentir compacto enublava-lhe a razão. No fundo de seu peito uma fibra dolorida desferia um queixume lancinante, como um grito agudo que se perde no ermo, com o timbre dilacerador de uma corda ferida em sua maior tensão, num violino delirante; e ele sentia que era algo dentro de si que também agonizava — o prazer de viver, talvez.

Leila morreu. E o inoportável sofrimento tomou toda a alma de Sálvio. Ereto, imóvel, era a aparência de uma coisa esboçada em forma humana, parecia petrificado pela dor e seu olhar inexpressivo lembrava as pupilas de pedra de uma estátua.

A espaços, clarões de consciência fulguravam-lhe na noite do espírito, e a noite, após, tornava-se a fazer. Eram fosfenas efêmeras, que fosforejam e esmaiam silenciosas, nas trevas de uma retina. E, nesses instantes, traduzindo o que lhe ia no íntimo, em suas pupilas de pedra acendia-se uma lucilação de loucura.

Ao sair o enterro, não houve contê-lo: acompanhou-o com os trajos em desordem, o rosto macerado, os cabelos revoltos. Automaticamente andava e imitava o mais que os outros faziam. Às vezes um frêmito de sensibilidade vibrava-lhe os nervos, mas a impassibilidade volvia e empedernia-o, como ao príncipe oriental tornado em mármore, pela eficiência de um sortilégio. A anestesia que se obtém pelo cansaço do sofrimento, também a pode causar o seu excesso. Naqueles momentos ele *sabia*, ele *via*. E estranhos pensamentos de sonâmbulo ocupavam-lhe o espírito. Suas ideias, incoordenadas, não tinham seriação lógica; nasciam-lhe como essas vegetações de acaso, irreflexivos surtos de vitalidade, que medram num

interstício de telhado ou entre as pedras da rua. Certo momento pensava: “Se não houvesse a decomposição dos corpos, eu guardaria Leila. Vê-la-ia insensível, mas ainda em adoração me rojaria, a seus pés. Dir-lhe-ia que a amava; relembrar-lhe-ia nosso noivado; e eu a traria escrava e oculta, como o tesouro de um avaro. Mas os vermes vão cevar-se em seu belo corpo, que todo se desfará, no horror da decomposição!”.

Sua exaltação amorosa e seus zelos absurdos sobreviviam a Leila. Eram como um ímpeto cego que desconhece obstáculos. A morte sobrevém e o ímpeto transpõe-na, perfazendo a parábola do projétil lançado. Sua paixão viventíssima, tardaria a bruxulear e a extinguir-se. Para seu sentimento, desdobração da razão e em contraste com a evidência desta, Leila ainda vivia. O sentimento tem o raciocínio tardio; guiado pela reflexão é como um louco cego, que um infante procurasse conduzir.

Na igreja, durante a encomendação, rasgou-se nova aberta de lucidez na sombra de seu espírito, voltando-lhe uma semiconsciência da realidade. No silêncio besouravam funebrememente as frases do ritual, enquanto, em torno à essa, os homens graves, expectantes, eram como estátuas negras em postura solene. Luzeiros de círios empalideciam a penumbra de manchas de luz mortiça e impregnava-se o ar de um aroma tumular, de cera, incenso e flores fanadas.

Jaziam abertos os tampos do caixão. No interior Sálvio apenas divisava uma almofada de cetim, e sobre ela um tufo de cabelos castanhos. Seu sentir estava paralisado pelo próprio excesso; atingira o ápice sobre-humano em que a dor pela própria intensidade se anula, como essas agudíssimas vibrações de sons que fogem à perceptividade dos ouvidos. Mas o seu espírito via e compreendia. E, em espanto, a contemplar-lhe os cabelos, uns tristes cabelos empastados, desfeitos sobre o cetim, exclamava consigo: “Ela era mortal!”.

Via-a sempre tão alta, tão soberana, tão senhora de seu destino e objeto de sua adoração, que a ideia de humanidade e de morte contrastava absurdamente com essa essência divina. Caía a realidade como uma surpresa aterradora e colhia-o o pasmo da revelação do não pressentido segredo.

“Ela era humana e mortal! Um ser frágil, sujeito como eu, como uma ave, uma flor, às contingências da vida e da morte. Leila, o pobre amor meu, também possuía uma alma sequiosa do impossível e sofria todas as torturas de uma aspiração incontestada. Possuía-a, quiçá, o mesmo desejo violento e desordenado que morava dentro em mim. Nosso desesperado e vão anseio eram duas gavinhas cegas, a enrolarem-se no ar sobre si mesmas, na impotência de um desejo inatingível. Sonhando o suporte da ventura, buscavam-no perdidamente, a tatear o vácuo, e, na ânsia extrema, crispam, enovelando-as, suas fibrilhas verdes. Ela era humana e mortal!”

A piedade queria viçar na mole anestesiada de seus sentimentos, como uma flor cujas pétalas fossem retalhos sangrentos do coração. Mas a inconsciência submergia-lhe de novo o senso do real.

O enterro seguiu. Como meada que se desenrola, saíram, do basto ajuntamento de homens lúgubres que enchiam a igreja, duas fitas paralelas que vermiculavam molemente, picadas de luzes pálidas, para o outeiro do cemitério. Entre elas, como um testudáceo aprisionado entre duas serpentes e movendo-se com pés numerosos, ia um bolo negro, carregando uma coisa sinistra. Nas alas, pinceladas de opas rubras, as luzes tristes dos círios morriam na clareza. Plangiam os sinos, cujos dobres lentos se arrastavam em ecos remorados e quando se calavam, ouviam-se no silêncio atônito galos roucos cocoricar. Os pés batiam o chão, ritmados, num trovoar ensurdecido, e as coroas funerárias, amontoadas no caixão, tilintavam, sacudidas pela marcha dos carregadores.

Sálvio seguia, sonambulicamente, a alma ainda insensibilizada pelo excesso de sofrimento. Confusos pesadelos povoavam-lhe a consciência adormecida. Sentia-se, num espanto, como pairando além-túmulo, num mundo de ignoto horror. A espaços um trovão surdo despertava-o em sobressalto: eram os pés da multidão batendo o chão duro, de envolta com o tilintar metálico das coroas sacudidas. Entre as alas o bolo sinistro tangava, como ébrio, avançando com os seus numerosos pés.

Os olhos dilatados de Sálvio, saindo do horror do sonho, enchiam-se daquela realidade de pavor... E o fluxo da inconsciência

enoitava-lhe de novo o espírito, abafando-o sob seu grande e espesso manto negro.

E entre os pesadelos horríveis súbito possuiu-o um sonho feliz. Viu-se numa paisagem refulgente, de matas redouradas de luz. O sol mesclava folhas de ouro às folhas verdes das copas. Caçada. Alegre fanfarra de buzinas. Cães corriam lançados como dardos, numa alarida estrangulada de prazer; e, empós a matilha, bêbedos de ventura, ele e os outros caçadores precipitavam-se, esporas, fitas, em esfuziantes corcéis. Que perseguiam? Nada... Era apenas a volúpia vertiginosa do arremesso, que tomara homens e cães, enquanto as buzinas soavam estridentes. Delirantes de prazer esfuziavam sob as abóbadas ouro e verde, naquela corrida sem fim. Súbito, estacam, pávidos, a um estrondo insólito... E Sálvio despertou ao trovão surdo de centenas de pés reboando no chão duro. E as fitas paralelas de homens negros vermiculavam, pintalgadas de luzes e de coágulos de sangue, colina acima, envoltas no crepúsculo que começava a baixar...

Esta imagem desvaneceu-se-lhe no espírito. E Sálvio sonhou ainda. Possuído de uma alucinação via Leila branca, reclinada no divã, a face marmórea, o olhar perdido ao longe, absorta num ignoto sonho de felicidade. E convulsivamente suplicava-lhe:

— Ouve-me! Não me reconheces? Fita-me tuas pupilas negras, para eu sentir-me no interior de tua alma. Oh, quando me amavas, como se iluminavam num brilho de paixão! Tinham em seu fulgor sombrio a expressão de uma alma que se concentrou num olhar. Teus olhos tinham sobre mim o império hipnotizante que possuem os fascinadores de serpentes. Se mos fitavas eu logo rojava-lhe, coleando como um réptil, a esmolar o teu beijo. Depois... embaciaram-se, porque tua alma fugiu deles. O tédio amortalhou-os de uma névoa opaca. E agora, se casualmente me fitam, são dois ceguinhos, não me veem... não me compreendem, como os pecadores de Babel que esqueceram a língua nativa e falavam idiomas estranhos... E, fitando-me, é como se perguntassem angustiados

onde fica a pátria que esqueceram... Olhos forasteiros, olhos tristes de quem erra perdido longe do país natal!

Sua atitude era de fervor e súplica e todo o seu ser, volvido para Leila, era deplorativo e pedinte. Mas em sua voz havia o desalento amargo de quem sabe que implora em vão. E a imagem diafanizava-se, Leila era como uma nuvem insensível e branca, a ascender. Quanto mais seu desespero a chamava, mais remota se fazia. O espaço entre ambos aumentava, aumentava sempre. E a imagem, esfazendo-se em névoa, crescia e subia... Via-a, em seu abandono de tédio e alheamento, alto, muito alto, no terraço de uma torre, que brotava da terra.

Em desespero ele chamava:

— Leila! Leila!

Estendia os braços suplicantes para a imagem distante. E a torre imensa subia, alargava-se, e Leila no alto era como uma nuvem branca estirada de um extremo a outro do céu.

— Leila! Leila!

Eram vãos os seus clamores. Sua voz soava sem timbre e as trevas o envolviam. Oh, ela não o veria, não o ouviria mais!

E ao sopé da torre gigantesca em cujo cimo resplandecia uma auréola de estrelas, ínfimo e todo voltado para a imagem branca, Sálvio clamava, clamava sem fim, bracejando perdidamente, na exaustinada alucinação de um desespero impotente.

A FUGA

Sálvio agora vivia como sepultado sob uma abóbada de chumbo. No interior eram trevas e silêncio. O doloroso amor, sua única palpitação de sentimento, ainda vivia-lhe n'alma. Morta Leila, sua paixão por ela perdurava, lançando-se sem objeto no vácuo do não ser. Tinha a vitalidade persistente de um tassalho de carne fresca, onde ainda se contrai um resíduo de vida que tarda a extinguir-se. Os atos da vida comum, exercia-os mecanicamente; as forças inconscientes renderam-lhe a razão no posto de comando e praticavam os mil pequeninos atos tediosos que constituem a vida ordinária.

Não via a filha. Entre ele e Noeme, o pequenino legado que lhe deixara a morta e que andava aos cuidados dos fâmulos, interpunha-se a oclusão de uma catarata mental. Se improvisamente o despertassem restituindo-lhe o senso da realidade, tomá-lo-ia um sentimento de surpresa, vendo a criança. Era mau pai. O amor, quando perfeito, exclui a perfeição dos outros sentimentos. É uma hipertrofia da alma, que se alimenta de todas as funções do ser, tudo transmutando em flama de paixão. Lâmpada custosíssima, nela arde todo o óleo da vida, num espasmo de voluptuosa agonia.

Nesse supremo paroxismo, consumida pela própria violência, sua paixão lentamente morria. Mas ai! o amor nunca morre só; arrasta consigo tanta coisa! Deixou-o vivo; Sálvio, porém, era como as paredes carbonizadas que fecham o vácuo de um edifício que o incêndio devorou.

Nessa ruína, nesse chão revolto por um cataclismo é que ia brotar, em messe tardonha, o sentimento da paternidade.

O interior de sua casa dava bem a impressão de um lar que morreu. Os sentimentos humanos comunicam-se também às coisas brutas, que refletem sua alegria ou tristeza. Os raios de sol como que desaprenderam o caminho de suas quadras, onde se espessava uma penumbra de crepúsculo. Desprendia-se de tudo um odor de mofo e de velhice e uma tristeza de fim. O piano, em mutismo tumular, avultava a um canto da sala; mão descuidosa erguera-lhe o tampo e ele assim permanecera; e, na penumbra, a mancha lívida do teclado abria um sorriso imóvel de caveira.

O viúvo era ali uma sombra confundida entre outras sombras. Os servidores mudos, e em piso manso, perpassavam-lhe ante a vista, como entes irreais. Sálvio não poderia afirmar se eram seres humanos ou visões da mente enferma. Sentia às vezes a impressão de ter diante de si um vulto grave a murmurar-lhe: “Coragem. Ficou-lhe uma filhinha... Cumpra seu dever de pai!”.

Ouvia-se também ali a vozita de Noeme, cujos passos erravam no interior sombrio, ninando o seu grande bebê, a articular uns sons que imitavam cantigas de adormecer crianças. Às vezes, cheia de aborrecimento, choramingava; outras, Sálvio sentia o que quer que fosse a repuxar-lhe o paletó; e, se ia sair retinham-no duas mãozinhas teimosas, de que distraidamente se libertava e ouvia distanciar-se, atrás, o chorito da filha que ficava.

Um dia, uma das sombras que deslizavam no interior avizinhou-se dele e falou-lhe. O eco de suas palavras surdas dissipou-se, sem que Sálvio lhes apreendesse o sentido. E a sombra esquivou-se. Passadas horas, a ama voltou, a insistir: “A menina está doente...”. Muda, de pé, aguardava uma ordem. Sálvio fitou-a. “Tem febre”, tornou a ama. Ele reagiu com esforço contra o marasmo. Acompanhou a ama até o berço da filha. Noeme dormia. O sono era-lhe sobressaltado e tinha o rostinho rosado de febre. A camisa branca tremia-lhe com os batidos do pequenino coração agitado. “Chamo o doutor?” O pai acenou que sim. Veio o médico nesse dia e nos subsequentes. À cabeceira da filha Sálvio auxiliava a ama a dar-lhe os cuidados necessários. A febre, com poucas remissões, persistia. E, na casa muda, soava às vezes, isocronicamente, o gemido da criança.

O diagnóstico do médico era hesitante. Todo de expectativas... Examinava-a meticulosamente, cada dia, a pesquisar a causa da moléstia... A arte não lhe valia. E, certa vez, como o pai lhe reiterasse a pergunta habitual sobre o estado da doente:

— Nada tem, respondeu. Ou antes, não descubro para a moléstia causa material... Tem os órgãos perfeitos.

Compondo os óculos, concentrou-se num sentimento de piedade, pois também tinha uma filha, pequenina como Noeme.

— Não há causa material — continuou. — São saudades da mãe. Saudades inconscientes. O carinho materno é elemento vital para os pequeninos seres. É como o sangue que alimenta o feto na vida gestativa — sangue espiritual, que vai de alma a alma. Mãe e filho se completam no começo da vida infantil. Há aderências invisíveis, uma como xifopagia moral. E a falta da mãe trunca a existência precária da criança, dá-se como um traumatismo, uma amputação e o organismo ressentido-se... É ao que nós, os grandes, chamamos saudade... Saudade que se gera automática e inconscientemente, como uma reação vital.

— E que fazer?

O médico enxugou os olhos. O ofício não lhe empedernira ainda suficientemente o coração.

— Amá-la, acarinhá-la... Suprir quanto possível a falta insuperável... — fez uma pausa. — Carinhos, a menina precisa apenas de carinhos...

Quando o médico saiu, Sálvio, debruçado sobre o berço da pequenina doente, meditava sobre o mistério daquela existência que despontava, daquele gérmen de ser que ficara confiado a seus cuidados e no qual já residia uma almazinha capaz de sentir tristezas e alegrias. Com uma primeira vibração a alma do pai despertava da sua letargia e essa primeira vibração era o remorso. No seu coração lavrado pelo sofrimento despontava a paternidade. E a pequenina doente, desse dia em diante não se sentia tão só, porque aquela figura devastada dia e noite reclinada sobre seu berço, não era somente o enfermeiro, mas também o pai. Este começava a conhecer as cordas da pequenina

alma, a adivinhar o que lhe dava prazer, adquirindo a divina ciência que as mães têm intuitivamente, e dava com o carinho o alimento espiritual, cuja privação rompera o equilíbrio daquela frágil existência. Melhoras se produziram e em pouco Noeme convalescia. E era então uma impertinência, a querer o pai constantemente ao pé de si, a ensinar-lhe a brincar com suas bonecas ou a recortar-lhe em papel figuras de bichos ou de homens. E Sálvio, encontrando um fim para seu viver inútil, resolveu dedicar-lho totalmente. Sua alma estava morta para o que não fosse o cumprimento de sua missão paterna. Não podendo viver — pensava — devia auxiliar a viver Noeme. E como um salgueiro, nascido à beira d'água, passa, a vida toda, penso sobre sua correnteza, sua alma, nascida para amar, inclinou-se dessa época em diante sobre a vida daquele pequenino ser, ficando fadada a permanecer assim o restante de sua existência. E, numa retribuição miraculosa, quanto mais dava sua vida a Noeme, mais recebia dela incentivo para viver. Seus olhos, cansados da dolorosa introspecção para as trevas de seu íntimo, já se dirigiam para as coisas exteriores. Quando melancolicamente fitava a filhinha, não era apenas, como primeiro o fazia, para investigar em seu rosto os traços da esposa morta; olhava-a por si mesma, como um ser frágil ferido no berço pela maior desgraça que então a poderia ferir. Que tristeza imensa, quando a via errando pela casa, a ninar a sua boneca! Tinha com esta um carinho, um cuidado, trazendo-a unida a si e bem recoberta, em cueiritos de trapos. Às vezes sentava-se ao chão, a um ângulo da sala, e dirigindo-se à boneca falava-lhe numa algargavia incompreensível, que tinha inflexões meigas. Lembravam na entoação as frases de carinho que a mãe costumava dizer-lhe. Outras vezes cortava-lhe o coração vê-la entrar na sala, e, como distraída, encaminhar-se para o divã onde costumava encontrar a mãe. Era ainda o hábito... e a saudade inconsciente... E Sálvio esforçava-se por preencher o vazio deixado pela morta, sentindo também que era cada vez menor o vazio da própria alma.

Era assim que ele renascia para a vida nova, que alvorecia como um diluimento branco de madrugada nos horizontes adormecidos

na noite. O sofrimento entorpecera-se, o doloroso amor expirara numa melancolia infinita. Veio a conformidade cinzenta e ele aceitou de novo a vida. Achava, porém, a esta um sabor aborrecido. Sentia anorexia de viver. Cada manhã, ao despertar, via ante si a compridez do dia como um prato nauseante, que precisava ingerir até às últimas migalhas.

Quando ele recomeçou a ver a vida comum, com os seus pequenos seres e os meandros de suas pequeninas preocupações, tomou-o uma impressão de espanto, por ver que fora do mundo de seus sentimentos havia o que quer que fosse real. O universo não era um imenso deserto! E, sentindo-se ainda muito longe, via confusamente em torno a si o formigar dos ínfimos humanos. Colhia-o a surpresa de quem, através de um telescópio, visse surgir da calma luminosa de um astro a complexa agitação da vida, num mundo semelhante a este, ao qual o afastamento funde no reflexo pálido que nossos olhos contemplam. Reconhecia os lugares e pessoas, reentrando na normalidade da existência habitual. Via o descabro em que iam seus negócios, esforçando-se debalde a fazê-los prosperar. Na luta da vida, ele fora o soldado posto fora do combate e que, volvendo depois, encontra nas fileiras seu posto preenchido. Enquanto jazera na torre da alucinação, os liliputianos eliminaram-no; e, como se isolara para sofrer, via-se agora só, no conflito de interesses, contrastado por adversários astutos e fortes. Mas não o abatia tanto essa hostilidade, no que tinha de lesiva, como o triste espetáculo da desenfreada cobiça. Oh, os pequeninos seres, os ínfimos embriões! Cada qual era uma potência. E cada qual era um inimigo, trazendo consigo, como uma vespa, sua dose de peçonha e pronto a instilá-la em seu opositor.

Finda a labuta do dia, ele encontrava o conforto necessitado, na companhia da filha e na paz de sua casa. Frequentava-a à noite, desde a morte de Leila, o major Mourão. Provedor da Santa Casa, não se limitava a exercer a sua filantropia nos enfermos do corpo; acolhia também sob as asas protetoras a viuvez, a orfandade e as outras formas da miséria e do desamparo. Se havia um golpe d'alma a ser

pensado ou bens de órfãos e viúvas a acautelar-se em mãos impolutas voltavam-se para o major todas as vistas, como à única pessoa naturalmente fadada à investidura desses encargos.

Seu exterior dizia com a austeridade do moral. Sisudo, fronte vincada de rugas reflexivas. Fechado em sua sobrecasaca negra, cobrindo-lhe longa como uma sotaina o porte corpulento, respirava um ar sacerdotal, que era acentuado pelo gesto lento e pela voz grave, profundamente persuasiva, que descia como um bálsamo nas chagas vivas do sofrimento e que, falando do Além, assumia um tom profético, repassando-se dum reboio tumbal, que abalava a incredulidade.

Essa visita noturna era sobremaneira grata ao insulamento de Sálvio, contribuindo a sacudir-lhe a atonia e a preencher-lhe os melancólicos serões.

Decorreram semanas. Sálvio reerguera-se moralmente. Conformado, repetia então consigo: “Ser feliz não é o essencial, e sim, viver. Que é a felicidade numa vida? O trânsito luminoso de um meteoro, que deslumbra e se esvai. O essencial não é ser feliz. Depois que tivemos nosso quinhão de ventura, ficamos quites, nós e a sorte. Então resta-nos auxiliar os outros a viver e nisso também se encontra uma espécie de satisfação funda e grave”.

E, contemplando a filha pequenina, ele tinha a impressão de que suas vidas, que corriam paralelas, haviam começado no mesmo ponto.

Súbito, porém, foi a catástrofe. Renasceu o processo do documento falso e apareciam provas contra Sálvio. Como a labareda, adormecida em rescaldo, renova mais impetuoso o incêndio, resurgiu com escândalo, apaixonando a opinião. Os ínfimos insetos, coligados entre si, volviam para o concorrente os pungitivos ferões, a fim de definitivamente o eliminarem.

Sálvio, lembrando o passado, não se reconhecia culpado. Sua impressão, julgando-se a si próprio, era a de que outrem agira em si. Modificara-se a identidade de seu “eu”, desse equilíbrio mental que as circunstâncias, criam e refazem, variável como elas. Agiria outrem em si, um ser diverso e efêmero, que se lhe assenhoreava

do governo da razão. Como havia, porém, de justificar-se, sem profanar seu drama íntimo, assoalhando-o inutilmente à incompetência julgadora dos estranhos? Quem o compreenderia?

E um mutismo doloroso selou-lhe os lábios. Sentia-se inocente, mas no olhar de todos lia a acusação “falsário!” e a convicção unânime começou a gerar-lhe na alma uma confusa consciência de culpa.

O major frequentava-lhe ainda a casa, mas espaçara as visitas. Em suas relações com Sálvio notava-se um esforço, um constrangimento. Sua voz era mais grave, suas expressões mais sentenciosas e Sálvio sentia que quando elas consolavam, arguíam também. Seu olhar severo intimava-lhe: “justifique-se!”. Mas o doloroso mutismo soldava os lábios de Sálvio.

E quedava-se numa inércia abúlica, sem raciocinar, sem prever, valendo-se da resignação fácil dos simples, ao murmurarem: “tem de ser!”.

Uma noite, a horas desusadas, entrou-lhe o provedor à casa. Sua sobrecasaca negra parecia então mais solene e seu porte mais agigantado. Na sisudez de seu olhar leu Sálvio que soara em sua vida uma hora decisiva. E o major abordando um assunto em que nunca diretamente tocara, começou sem rodeios:

— Foi lavrada a pronúncia. Há provas de sua culpabilidade e o senhor vai ser preso. Soube-o agora e julguei de meu dever dar-lhe este aviso.

— Preso? — parecia perguntar mudamente Sálvio.

— E talvez já — respondeu o major à muda interrogação.

E seu ouvido escrutava os rumores da noite.

Sálvio ficou paralisado. Caía em seu espírito, fulguramente, a evidência de sua situação. As palavras do provedor significavam: “fuga!”. E ele pensava em Noeme. Só então compreendeu achar-se na contingência de separar-se dela. E ideias tumultuárias encontravam-se-lhe no espírito: “Deixar-se prender e defender-se? Ficar, seria a condenação. Deixar-se condenar? E Noeme? A prisão os afastaria. Leva-a? Era impossibilitar a fuga, ou sacrificar em seus azares a fragilidade da criança. Fugir, era perdê-la. Matar-se? Matar-se? — E Noeme?”.

Na clarividência da nova situação, que caíra ante ele como enorme muralha a embargar-lhe o passo, abriam-se portas numerosas de soluções possíveis... Mas, às réplicas secas da razão, as portas estrondavam herméticas e ele defrontava-se com a muralha intransponível, tolhendo-lhe a vida. Amarrava-o a impossibilidade de resolver.

— Quer fugir? — interpelou-o o provedor. — O tempo urge — e, vendo-o ainda atado, o major impeliu-o à resolução extrema, decidindo por ele: “Fuja... Se lhe faltam recursos, comprar-lhe-ei a parte que pelo inventário lhe tocou na casa e no mobiliário. Oculte-se longe, muito longe, onde o esqueçam. A menina ficará comigo. Cria-la-ei como filha, educá-la-ei cristãmente, para que as suas virtudes resgatem a...”.

A frase concluiu-se por si, no silêncio, enquanto os braços do major se estendiam como protetoras asas, sobre o berço da menina adormecida.

E, na pausa que se seguiu, a Sálvio pareceu ouvir cair estas palavras duras:

— Livrá-la-ei do teu contato, mundificá-la-ei da peçonha original. Arredarei da inocente o lodo de tua vida, para assentar as bases do edifício da purificação.

Tirou dinheiro do bolso e deu-o a Sálvio, apresentando-lhe em seguida o documento que redigira. Era uma confissão de dívida. Munido dela obteria facilmente, depois, a transferência da proposta. Sálvio estendeu-o na mesa e tomou da pena, para assinar. E enquanto a mão hesitava, como se ele houvera esquecido o próprio nome, abriam-se-lhe no espírito novamente as soluções possíveis: Levar Noeme? Entregar-se? Matar-se? Implorar misericórdia? De novo as portas estrondavam inexoravelmente.

— Assine aqui — acudiu-lhe o provedor indicando a linha.

Ele obedeceu.

— Agora, parta — disse-lhe o major abafadamente, escrutando ainda os misteriosos sussurros da noite.

Sálvio, às pressas, emaçou alguns objetos; em seguida, beijou a filhinha adormecida e partiu.

A REPULSA

Sálvio homiziou-se num lugarejo remoto, onde a ação da justiça não o iria atingir. Adquirira modesta chácara à saída do arraial, em praça quase despovoada, a qual supriam da animação humana, que lhe faltava, bandos de aves pousadas em um grupo de corpulentas paineiras. Recuada do alinhamento, humilde e pobre, a vivenda parecia retratar a esquivança do dono ao trato social. A este não era difícil furtar-se ao mesmo, porque evitavam-no de instinto. Não lhe conheciam a culpa, mas, seu torvo aspecto, seu acabrunhamento, por si próprios geravam a repulsão, dando-lhe o estigma de um ser egresso da vida comum. Além da habitual prevenção das pessoas simples pelos forasteiros, seu todo, como marcado pela culpa, parecia dizer: “Sou um criminoso. Devo, como um poleá, viver à parte e só”. Entanto, se queria acusar-se, achava-se puro. Sua falta, como a oxidação de uma lâmina, gerara-se sem deliberação volitiva; arrastara-o o desvario da paixão infeliz, loucura lúcida que exalta o sentimento e anula a vontade. Então refletia: “Se me sinto inocente é que já se me perverteu o senso moral. Há em minha consciência zonas anestesiadas. Um tóxico ou um bacilo pestífero também se sentiriam inocentes...”.

E achava assim mais razões para isolar-se, anular-se.

De todo o seu passado, o sentimento que mais vivamente o pungia, era o pesar de haver começado tão tarde a amar a filha.

Quando a alma lhe latejava dolorida, pensando em Leila, o sentimento tangenciava essa recordação e ia pousar na filha. E aquele

pesar que sabia a remorso de uma culpa involuntária, dava-lhe incentivo para viver.

Satisfeito separava todo mês o dinheiro das despesas da menina, que convencionara com o provedor remeter-lhe por intermédio de uma firma do Rio (por intermédio da mesma, também o major lhe mandava notícias da filha); e, quando a quantia era mais avultada, sentia maior prazer. Mas seus recursos eram poucos. A venda da casa dera-lhe apenas para a viagem e para aquela compra. As culturas eram poucas e os rendimentos insignificantes; parecia que a própria terra, conhecedora de sua falta, se retraía também com ele, como os homens que o evitavam.

Seus dias festivos eram os em que recebia cartas dando notícias da filha. Com que impaciência as esperava! Vinham poucas — uma por mês — e uma ou outra vez faltavam. Hesitava um momento em abri-las, receando más notícias; expandia-se-lhe, porém, o coração lendo que tudo ia “sem novidades”. Eram sempre lacônicas e a redação pouco variava; acusavam o recebimento do dinheiro e em seguida “A menina vai sem novidades”, uma fórmula cerimoniosa para o remate e a assinatura. Antes de abri-las, Sálvio já podia repetir-lhes os períodos todos. Nem por isso, ao recebê-las, era menor seu alvoroço de ventura.

Um dia houve uma alteração em seus dizeres. Escrevia-lhe o provedor: “A menina está mal, com o sarampo, mas todos os cuidados lhe têm sido prestados”. E pedia remessa de dinheiro para as despesas extraordinárias.

Lendo tremulamente a notícia má, uma resolução sulcou-lhe o espírito: iria às ocultas ver a filha, e, estando já sã, trá-la-ia consigo. E, poucos dias após, um vulto resguardado pela escuridão da noite batia à porta do major. Sua temeridade causou espanto à criada que a foi abrir e o fez entrar. O provedor, já acomodado, tardou a aparecer. E, como perguntasse por Noeme, a criada, deixando-o na sala de jantar, foi buscá-la.

Sálvio relanceou o cômodo em que se achava. Bem que deserto, havia ali um ambiente de lar, que impregnava suavemente o espírito. No centro, a grande mesa, onde jaziam ainda em desordem as xícaras

do chá da noite. Próximo, a máquina de coser, aberta, indicando um trabalho interrompido. Num ângulo, a mesinha de estudo dos pequenos, com livros e cadernos esparsos, dando mostras de que estiveram seroando no preparo das lições. E, embora seu pensamento se focalizasse na filha, Sálvio sentiu saudades confusas... Eram como as pastadas de emoções que nos deixam os sonhos que nos visitaram durante a noite. Saudades de seu lar truncado e da sua meninice...

A criada reapareceu. Trazia ao braço a menina toda envolta em um cobertor, vendo-se-lhe apenas o rostinho magro, todo em escamas. Convalescia do sarampo. Seus olhos mortiços e as feições desfeitas mostravam que fora longamente martirizada pela moléstia. Não lhe viu as mãos, que deviam estar macérrimas, nos ossos.

Acompanhava-a a mulher do provedor, nutrida matrona de fisionomia severa, como se lhe fora comunicado, pelo contágio da vida comum, o ar de gravidade e ponderação que ressumava o rosto do major. Cumprimentou a Sálvio constrangida, não sabendo qual atitude assumir, ante o regresso inesperado. Proferiu frases breves sobre a doença da menina. Ouvindo-a, o pai alternava o olhar para ela e para a filha. Certo momento fez menção de tomar Noeme nos braços. A menina primeiro confrangeu-se, não o reconhecendo; súbito, porém, os olhinhos mortiços acenderam-se num brilho inteligente, que parecia dizer: “Este é o meu paizinho. Bem o reconheço!”. Ele sorriu-lhe, estendendo-lhe os braços, e Noeme, fitando-o, hesitava entre o acanhamento e o desejo de ir com o pai.

Foi quando assomou à porta o vulto do provedor. Embora simulasse calma, a indignação traía-se-lhe na lividez do rosto e no tremor das mãos. Estendeu-as, não para cumprimentar a Sálvio, mas como para lançar um anátema.

Começou a verberar-lhe a imprudência. Réu foragido, sua vinda podia ser sabida. E a ele, major, acusariam de pactuar com um falsário, podendo cair, talvez, sobre sua cabeça impoluta, o vilipêndio de uma suspeita infamante.

Sálvio, de cabeça baixa, ouvia-lhe as recriminações.

E o provedor prosseguiu. Suas palavras caíam cadentes, uma a uma, requintadamente lentas. Lembrou-lhe a culpa, o desamparo

da menina, a responsabilidade que assumira adotando-a, e, na noite da fuga, o seu aviso oportuno. Agora tinha o direito de pedir, exigir a sua prudência e gratidão.

Sálvio esboçou, humilde, a sua desculpa: À notícia da enfermidade da filha, não pudera conter-se. E desejaria levá-la, se já estivesse boa...

— Levá-la! Levá-la! E o provedor alçou as mãos ao céu. Seria possível abominação igual!

Relanceou Sálvio d'alto a baixo, o olhar carregado de desprezo. Acusava-o, nessa mudez eloquente, de querer a desgraça e a perversão da filha.

— Leve-a, continuou friamente, após uma pausa. Se quer, entrego-lha, lavando as mãos do mal que possa maculá-la. Mas há formalidades a preencher. Fui investido legalmente da tutela, por estar sua filha na situação dos menores abandonados, e, assim, depende minha destituição de ato judiciário.

Sálvio compreendeu-lhe o alcance das palavras. Perdera os direitos sobre Noeme. Em face da lei, o pai agora era o major.

E este prosseguiu:

— Como vê, para a solução alvitrada há dificuldades... O juiz não lha restituiria e eu teria que levar por diante minha missão. Levá-la-ei. O Bem é o meu Evangelho. O Bem, até ao sacrifício... Noeme continuará sendo minha filha. Mas o senhor não deve aqui tornar. Perdoo-lhe desta vez a imprudência; mas nunca, nunca mais reincida na mesma falta.

Ante a mole negra que investia para ele, Sálvio retraía-se.

A Moral, a Justiça, a Sociedade, todas essas coisas terríveis e imensas, como que se encarnavam na sua estatura formidável e se alçavam sobre ele, naquele momento, para esmagá-lo.

O braço estendido, a mão convulsa e anatematizadora, pareciam indicar-lhe a porta.

E, curvo, humilde, arpeso, transpôs a soleira, ouvindo mais uma vez soar cavamente a frase:

“Nunca, nunca mais!”

Aquela era, em última instância, sua sentença de condenação.

Regressando ao exílio, Sálvio levou consigo uma tristeza maior. Ao reentrar em sua vivenda rústica, dirigiu-se ao cômodo onde estava uma velha frasqueira, de cujo fundo retirou um precioso guardado. Era uma lembrança de Noeme, que levara consigo por ocasião da fuga, um vestidinho vermelho que ela usara muito tempo.

Pela primeira vez revia esta roupinha. Queria contentar o insatisfeito desejo de acarinhar a filha, com que tornara ao desterro. Não chegara a tomá-la nos braços, nem lhe ouvira a vozita... Apertou contra o peito a relíquia. Mas era uma consolação triste, como a de quem se abraça a um cadáver.

Foi nessa época que, relativamente a Noeme, compreendeu sua verdadeira situação. Perante a lei não era mais o pai. Até então alimentara não sei que ilusões, que agora totalmente caíam. Via bem que só poderia viver como um réprobo, sonhando-se na sombra, à margem da vida. Poderia ainda ser pai, mas ocultamente, no esquecimento e na distância, como uma dessas sombras invisíveis e protetoras em que os espíritas creem e todo o esforço para sair da penumbra redundaria em desastre. Devia renunciar, conformar-se com o seu destino de amar sempre e amar em vão. Aceitou a sua sorte. E dessa dolorosa renúncia tirava às vezes um bruxuleio de felicidade melancólica, porque imolava-se à filha, ao arroio querido, sobre o qual, salgueiro tristonho, ficaria, pensas as ramas, reclinado para sempre, para todo o sempre.

Na sua túrbida resignação e soledade continuavam ainda a cair momentos de ventura, com as cartas do provedor, sempre parcas

de informações e cada vez mais espaçadas. A filha restabelecida ia sempre “sem novidades”. Esta, a fórmula de que o tutor não mais se afastaria, para não correr o risco de despertar novo alarma. Longe em longe representava sobre a necessidade do aumento da mesada “devido às despesas maiores, com o crescimento da menina”. Sálvio, redobrando esforços, satisfazia-o, mas sempre aquém do próprio desejo, porque em sua luta pelo pão continuava a persegui-lo o azar. A terra, estéril e maldita, recusava-se a germinar a semente que lhe lançava. Enquanto seus vizinhos prosperavam, Sálvio, de seu perseverante esforço, mal poupava a mesada de Noeme. O pouco que colhia era como a esmola regateada por um coração duro, que contrafeito a lança no chapéu do pedinte. Se a geada queimou, se os gafanhotos devastaram, ou calcinou a seca à terra, podia-se afirmar que a principal vítima era ele. E Sálvio começava a murmurar sombriamente: “É sorte!”. Às vezes, cruzados os braços, quedava-se desalentado, cismando que no mistério do incognoscível havia o que quer que fosse que lhe era hostil. Às suas tribulações presentes reunia as do passado, e, dado o negro balanço no acervo de sua desdita, procurava esclarecer o mistério de sua condenação... Se Deus existisse, Deus não seria, por significar a suma bondade; nem o Demônio, porque favorecia aos maus. Haveria outra coisa, que não sabia o que era. Queria imprecisar o céu, mas via-o vazio; acusando a terra, achava-a inocente; acusando os homens, reconhecia-se culpado; mas, se acusava sua culpa, sentia-se imáculo... E ante essa potência incógnita que lhe era adversa ele se transia de vago pavor, como ante um oculto inimigo inexorável. “É sorte!”, murmurava, repetindo a covarde fórmula de resignação. Mas, acabrunhadamente, sem esperança, recomeçava a lutar.

Nas horas de repouso, quando se afastavam de seu espírito as preocupações do trabalho, seu pensamento, dando-se todo à filha, projetava-se fora do momento atual, em ascese evocativa, adorando-a a distância. Esta concentração pia adoçava-lhe o desterro, como o benefício apaziguador da adoração extática. Se o labor absorvente lhe tomava as horas todas, que surda irritação não lhe lavrava no

íntimo! O pensamento sofria sentindo-se preso, agrilhado à tarefa. Mas os domingos eram todos seus. Então, abria-se o espaço para o prisioneiro tristonho. E, movendo as asas fumosas, voava, em piedosa romaria, para o país melancólico da Saudade...

Nessas horas meditativas, inclinava a cabeça, e, cerrados os olhos, evocava a filha. Procurava reter-lhe a imagem, que a memória conservava, para que os anos não a desvanecessem ou modificassem. Via-lhe o rostinho cercado pelo cobertor, a pele pintada, escamando-se, a expressão entre acanhada e satisfeita, abrindo-se-lhe nos olhos mortíços de doente um lume de felicidade, que dizia: “Bem o conheço! Este é o meu paizinho!”. Nesse momento fora feliz. Oh, para que lhe dera o pai, com sua presença, esse instante de júbilo ilusório! Por que fora reavivar no espírito da criança sua imagem quase extinta! Certo, não o vendo mais, tivera saudades.

Doentinha, desejaria tê-lo junto a si, alegrando-lhe a convalescença. E ele partira, e o desejo de sua pequenina alma ficara insatisfeito. Talvez houvesse recaído, novamente atingida pelo traumatismo estranho que lhe causara a perda da mãe, pelo mal das saudades... Fora mau. Devia morrer de todo na lembrança da filha, amá-la em secreto, do seio da sombra, ser o salgueiro que a água passa e não vê, ser a raiz que a flor ignora. Havia na natureza bruta, que deveria tomar para modelo, o exemplo da abnegação ignorada.

Era, porém, difícil. Desejaria, ao contrário, que Noeme o reconhecesse sempre e se sentisse, sempre, impelida para ele... ufana de o ter como pai, forte com o seu amparo, invocando-lhe o nome quando a molestassem... Longe dele, ignorando-o, sua imagem dissipar-se-ia no espírito da filha. A princípio se lembraria ainda, vez em vez, de uma sombra triste e carinhosa, movendo-se na bruma de um passado longínquo. Depois, a última lembrança se apagaria. E dele apenas saberia o que com abjeção lhe dissessem, tornando-se para ela um espectro de pavor, a cuja só lembrança estenderia as mãozinhas, num instintivo gesto de repulsa. Morreria sem que ela o compreendesse, desconhecendo quanto a amara. Como era difícil desaparecer, quando, ao contrário, desejaria fazer-se-lhe

sempre presente; desejaria, ao pressentir que no espírito da criança desbotava a sua imagem, como velha fotografia que o tempo descora, ir sacudir-lhe a memória como quem desperta a um dormente, dizendo: “Olha-me! sou eu teu pai. Reconhece-me, sangue de meu sangue, alma de minha alma!”.

A espaços, vagas de desespero encapelavam-se-lhe na alma, mas logo se aplacavam, e Sálvio recaía na calma morta da resignação. Sua revolta abatia, como tormenta remansada; mas apesar da vitória, a independência selvática do egoísmo estremecia-lhe o íntimo em dolorosas convulsões.

Desamava olhar outras crianças, porque não tinha ante os olhos a que suas pupilas desejariam ver. Era incapaz de acariciar as cabezinhas turbulentas que via na rua, a brincar. Parecia-lhe que, dando-lhes um carinho, esbulhava a Noeme de um bem que só a ela pertencia. Evitava as crianças. E estas, vendo-o taciturno e esquivo, temiam-no como a um desses terríveis monstros que as amas inventam para as amedrontar. Nos lares, se os pequenos pirraceavam ou não queriam dormir, bastava dizer-lhes “Olha o homem da chácara”, e os olhitos enchiam-se de pavor e os petizes aquietavam-se.

Um dia, em sua soledade, apareceu-lhe um amigo. Era um cão que lhe entrava a casa, a pedinchar-lhe com os olhos famélicos umas migalhas do jantar. Entrava, e, desde esse dia, como achando-se bem naquele abrigo, deixara-se ali ficar. À noite, estava-lhe quieto, enroscado aos pés. Cedo, acompanhava-o ao serviço e seus giros inquietos de animalzinho folgazão tinham sempre como centro a pessoa do dono eleito, da qual não se distanciava. E, ao vê-lo assim rente a si, Sálvio lembrava-se da filha, quando ao sair à rua lhe sentia as mãozitas presas às abas do paletó, para levá-la também, rompendo depois em desconsolado choro, vendo-o afastar-se sem ela. Esse desejo de não o deixar um só instante era, em sua alma infantil, aquele mesmo instinto de afeto, instinto — Ai dela! — primeiro contrariado pela separação da morte, depois pela separação do crime. Esse contentamento que o pai não podia dar-lhe, dava-o a um irracional...

Sálvio admirava-se da sede de dedicação que pode residir na alma de um bruto, dedicação que não exige troco, toda contente da alegria de se dar. Bastava fitá-lo desatento e o canito estouvadamente, aos latidos e aos pulos, mostrava-lhe sua ventura numa agitação ruidosa, misto de alegria de viver e de alegria de amar. Entretanto, nos serões tristes, quando Sálvio, sentado, banzava, tendo o cão enrodilhado aos pés, no olhar do irracional ele via como a súplica de um agrado, do agrado que Sálvio nunca lhe dera e que saborearia mais do que os sobejos da mesa. Não tivera ao menos o contentamento de ter um nome, pelo qual se sentisse chamar. E quanto mais os seus olhos se faziam pedintes, mais a tristeza assombreava a alma do pai, lembrando-lhe o abandono de Noeme.

Gira o tempo, lento, caindo dia a dia, minuto a minuto, como a gota d'água duma clepsidra. Faz-se monotonamente a sucessão dos aspectos de um mundo que para Sálvio estava morto. Os ciclos das estações sucedem-se morosos, trazendo a reiteração dos mesmos atos, gerando nos espíritos as mesmas preocupações. Primavera, verão, outono, inverno... Primavera, verão... E os ciclos fecham-se e recomeçam, para tornar a fechar-se e recomeçar. No largo, roseavam-se de flores, as copas das paineiras, e depois juncavam a grama lençóis de pétalas caídas. Cresciam os frutos como longos pesos pendentes, que depois secavam e fendiam-se, evolvendo-se em paina. E o êxodo das sementes era como a migração das almas virgens, cheias de fé, buscando ao longe terras ideais; e era como o enxame dos pensamentos de Sálvio, evolvendo-se para junto da filha. Na primavera, ébrios de ventura, os sabiás cantavam; depois emudeciam e o céu peneirava dos nimbos esgarçados um choro de melancolias. E tudo ainda tornava... As próprias coisas brutas pareciam ter, como o homem, alternativas de alegria e tristeza e eram como um exemplo para a consolação dos infelizes. A cada dor de inverno, pareciam dizer: "A primavera voltará...". Mas Sálvio não a esperava mais. Sobrevivia-se. E a felicidade dos seres e das coisas refletia-se em sua alma como a luz que incide em um mundo extinto... Luz que não cria a vida e apenas serve a patentear, com crueza maior, o espetáculo da desolação e da morte.

O espírito de Sálvio continuava a hibernar em longos marasmos sombrios, mas vez em vez o lanceava a cutilada de uma dilacerante saudade da filha. O que a despertava era quase sempre a vista de outras crianças. Certos dias, ao entardecer, findo o serviço, sentava-se ao portão de sua propriedade, que dava para o largo, e via, então, brincar, sob as paineiras, turmas de meninas pequeninas. Sua turbulência enchia de alegria a quietação da tardinha, naquele recanto bucólico, com o reboiço e a grazinada de um bando de avezinhas felizes. Eram brincos de cabra-cega, de corre-corre-cotia, de tempo-será... Se brincavam de pegar, ele ouvia a voz compassada da mais velha, escolhendo à sorte entre as irrequietas comandadas a que devia ficar no “pique”:

Uma pulga
 Na balança
 Deu um pulo
 Foi à França.
 Os cavalos
 A pular,
 As meninas
 A correr,
 Vamos — ver
 Quem — vai
 Pe — gar!

Lançada a sorte, era uma debandada ruidosa, como um rebate inopinado num bando de aves.

Outras ocasiões, à noite, enquanto estralejavam as fogueiras de junho, as crianças, mãos dadas, brincavam de roda, ora entoando em coro a melopeia de ingênuas cantigas, ora cantando uma vozinha em solo. Suas vozes frescas, angelicais, soavam:

Se esta rua, se esta rua fosse minha
 Eu mandava, eu mandava ladrilhar
 Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante
 Para o meu, para o meu amor passar.

Ou então, em coro, a canção do “Barqueiro”:

Ao passar a barca
 Me disse o barqueiro:
 “Menina bonita
 Não paga dinheiro”.

E do meio da roda uma voz respondia:

Eu não sou bonita
 E nem quero ser;
 Eu tenho dinheiro
 Eu pago a você.

Os clarões das fogueiras banhavam a roda viva e aos seus reflexos via Sálvio, no rosário de anjos, as carinhas irradiantes, os cabelos revoltos, enquanto, segurando-se as mãozinhas, rodavam, rodavam. E naquele coro de vozes celestiais ele notava um vácuo de som. Fal-tava ali outra vozinha angelical, de outra criança que ali não estava, a vizinha de Noeme. E os olhos do pai se arrasavam de lágrimas.

Evitava andar pela povoação, porque em toda a parte tudo lha fazia lembrar: uma caminha de criança, entrevista no interior de um lar; uma pequenita a choramingar impertinente no braço da pajem que a levava à missa; um anjo de procissão, com grandes asas de libélula, levado pela mão do pai engravatado e todo ufano; um magote de pequenitas, de vestidinhos acima dos joelhos, acoradas sobre um pé de trevo, nascido entre duas pedras da calçada, procurando “bananinhas”; um choro impertinente em duo como uma voz carinhosa cantando cantigas de embalar...

E sem embargo do tempo passado era assim que a via sempre: criança, pequenina... Via-a ainda sarampenta, o rosto afilado e olhos mortiços, de quem foi martirizada pela moléstia... Olhos que ainda se acendiam em enlevo, com um fulgor que era uma explosão de alegria silenciosa ao reconhecê-lo, parecendo dizer-lhe: “És o meu paizinho, reconheço-te! Padecei muito, mas agora tenho-te a ti para me recompensar do que passei...”.

Embora se dobassem os anos, não venciam essa ilusão. As próprias cartas do provedor fortaleciam-na, como as frases usuais: “Recebi a mesada. Aqui, na forma do costume. A menina vai sem novidades”. As cartas não mudavam; o sentimento, também não; assim, em sua memória, o passado remanesceu integralmente.

Se na vigília o possuíam estas lembranças, dormindo eram os sonhos que avivavam o mal-entorpecido sofrimento. Oh, sonhos cruéis e repetidos, sempre travados de amargura incomportável e desesperação infinita! Sonhava uma noite que ia vê-la. Viajava indefinidamente. Afinal chegava. Mas, quanta atrapalhão! Nunca a encontra. Às vezes, quando chega, ela acaba de partir para muito longe, arrebatada num comboio fantástico, que ele vê distanciar-se, reduzindo-se daí a instantes a um ponto mal perceptível no horizonte. Outras vezes, ao chegar, dizem-lhe que ela está numa festa. Há repiques de sinos, estrondar de morteiros e multidão formigante, em trajos de festa, nas praças e ruas embandeiradas. E, de permeio à multidão, milhares e milhares de crianças, pequeninas como ela. O pai, aflito, a procurá-la, vai e volta, acotovela o povo, revolve as ruas. Examina vivamente as crianças, uma a uma. “Não, não é esta!” “Nem esta.” Em frenesi crescente, doloroso, perquire, indaga, rompe a mole do povo que se faz mais densa e quase o asfixia. Nada! Noeme, a pobrezinha! não estarão a esmagá-la? E crianças, torrentes de crianças... Para dar um passo, ofega, debate-se. E nunca a encontrará, santo Deus! Súbito entrevê longe um vestidinho vermelho, de manguitas curtas, como o que guardara. Noeme! Era Noeme! Precipita-se, rompe com esforço sobre-humano a espessa barreira. Mas chegou tarde. O vestidinho vermelho desapareceu. Apenas vê outras crianças, inumeráveis, aos milhares, pequeninas como a sua filha...

Sonha de novo. É um deserto de areia. Há pedras eretas como homens de pé, encapuchadas de bromélias, como de um cocar de guerreiro selvagem. Ele erra no deserto, que é sempre o mesmo: chão de areia, guerreiros eretos, incontáveis. E Sálvio vaga inquieto como procurando uma coisa que não sabe o que seja e que não acha.

Certo momento avista, ao longe, a filha. Só, naquele ermo, a pobrezinha! Decerto afastou-se de casa e perdeu-se no deserto, sem poder voltar. Chegou a tempo para salvá-la. Chama-a: “Noeme!”. Ela ouve-o, sua carinha chorosa ilumina-se. Corre-lhe ao encontro, jubilosa, exclamando: “Papai!”. Ele abre os braços e espera, curvado, a filhinha que se precipita, correndo em sua direção. E, quando já está perto, o pai, mal crendo em sua ventura, reflete: “É impossível! Não pode ser verdade. Separam-nos duzentas léguas! Certo estou sonhando”. Então olha e não vê mais Noeme. Desvaneceu-se. Chama-a uma, muitas vezes. Em vão. Ele está só. Em torno, apenas o deserto a desdobrar-se sem termo: pedras eretas, cocares guerreiros e areia, areia, areia...

Oh, sonhos cruéis! mil vezes mais cruéis que a realidade.

Momentos houve em que o incomportável sofrimento o fazia pensar: “Ir vê-la, mais uma só vez, e, em seguida, matar-me”. A morte para ele nada tinha de repulsiva. Com que apetite a desejava, como a ambicionava com todo o seu ser cansado de penar! Seria o sono repousador após uma jornada exaustiva. Deixar o sono pesar sobre suas pálpebras, sentir-se invadido do torpor do não ser, do não sentir, e, apagado o lume do pensamento, mergulhar enfim na sombra acolhedora, cuja quietude nada turba. “Morrer... dormir...” Mas... depois? Não o depois de Hamlet, os sonhos temerosos do Além, não o depois do que se ia, mas o da filha desamparada, que ficava. Não! Viver ainda! ainda! Sacrificar-se cada dia, cada hora, pela filha abandonada. Podia ele morrer, santo Deus? afastar aquela provação, que era a vida de Noeme? Viveria. Ser-lhe-ia ainda possível. Fosse embora imenso o quebranto d’alma, sentia, para valer à filha, as forças continuamente renascentes. Demais, todo o sofrimento tem intermitências de lassidão e letargia. Se hoje se escanzela na alma em abismo de desesperação, depois o abismo cerra a boca saciada e o infeliz, recaindo no marasmo, esquece e vive.

Viver para a filha: era o termo de suas hesitações. E, flutuando entre os contrastes de seus sentimentos, Sálvio continuou a vegetar no desterro.

Dobam-se ainda os anos, em giros lentos. Em sua primavera depunham as paineiras, aos pés, toalhas de flores róseas. Era como se se despissem de um manto régio, deitando-o mansamente no chão, a sussurrar consigo mesmas: “A nova primavera dar-me-á outro manto mais belo e rescendente!”. E, quando vinha o inverno, elas, em sua nudez esquelética, eram como almas cheias de esperança, contemplando o céu. E de novo revestiam-nas os mantos régios e novos lençóis de flores róseas desciam-lhes mansamente aos pés.

Na órbita sempre refeita girava o mundo no éter, fazendo a translação da monotonia das coisas. Quantas florações de esperanças, quantos invernos de desolações, não se alternavam, espaço em fora!

E, olhando em torno de si, Sálvio via a mudança dos seres e das coisas. Dezoito anos! tanto bastava para uma geração render a outra geração. As cabeças pretas punham-se grisalhas, as grisalhas encaneciam. Nas fisionomias moças cavavam-se rugas e onde espirecia um sorriso descuidoso nascia o vinco de uma preocupação dolorosa, como se as tristezas fossem as rugas das almas que viveram. As turmas dos velhinhos conhecidos iam partindo trôpegas e resignadas, como convivas transnotados de um banquete, que enfim recolhem, fatigados e cheios de tédio. E aos pés da geração antiga surdia, túmida de seiva, a onda grulhante da geração que a vinha render.

O canito folgazão, trazido pelo acaso, que um dia lhe entrara a casa para se lhe enroscar aos pés, também envelhecera e acabara. Não abandonara a Sálvio. Morrera lentamente, arrastando longo tempo suas mazelas de rafeiro velho. Não tinha mais a sua alegria ruidosa, ao ver o dono, expressa em ganidos e saltos de contentamento. Sua afeição permanecia inalterável, mas era austera e meditativa, mescla da alegria de amar e da tristeza de viver. Encarando o dono, com a alma afetuosa toda nas pupilas de bruto sensível, parecia exprobrar-lhe: “Fui-te fiel em todo o decurso de minha curta vida; nem um instante minha dedicação se desmentiu; ao passo que os homens te detestavam, minha afeição manteve-se profunda e leal; e nunca te mereci uma carícia!”. E, ao expirar, quando Sálvio lhe afagara a pobre cabeça agonizante, parecia que o velho

cão, recebendo essa carícia a vida toda esperada, experimentava, ao morrer, a sua maior ventura.

Um dia, observando-se casualmente a um espelho, Sálvio também viu-se envelhecido. Quê! Era ele aquela ruína, aquele rosto engelhado e aqueles cabelos brancos! Como o tempo devasta o corpo! Internamente, na alma, sentia a mesma devastação. Era bem um fim de vida. Ele nunca volvera a atenção para a saúde, pois a desordem das funções do corpo eram um acidente imperceptível no tumulto desordenado do espírito. Estava a acabar também, como o velho cão.

A própria vivenda, imagem do seu dono, desmantelava-se em ruínas. As fendas das paredes, onde pululava a fauna dos escombros, o teto selado invadido de trepadeiras daninhas que se insinuavam sob as telhas, o terreno em volta, afogado em pragas, exprimiam o desalento de uma alma, que, cansada de lutar, afinal se rendeu. E, à frente, o portão que abria para o largo, ladeado de taipas desmoronadas, parecia ter escrito na testada oblíqua o letreiro sombrio da desesperança.

Nas plantações a terra exausta retraía-se, por seu turno, empedrada e seca, como um coração mau, regateando-lhe as colheitas minguadas a ponto de, mês em mês, incutir-lhe o receio de não poder enviar, no mês seguinte, a pensão da filha, cujo aumento progressivo era reclamado nas cartas, agora raras, do provedor. Todas as calamidades do céu continuavam a chover na sua propriedade. Era, na desolação das ruínas, uma tempestade de azares e um concerto de presságios, para indicar-lhe que o fim estava próximo. E ele que às vezes desejara a morte, tomava-se de pavor à só ideia de que ela não poderia tardar. De sua alma subia o grito: “E Noemel!”. Não valer-lhe mais, não vê-la mais, nunca mais! E o grande pavor fazia que agora concentrasse toda a atenção em si; nunca pensara que o iam preocupar tanto as lazeiras do corpo. Uma vez, sentindo-se impossibilitado de trabalhar, sua inquietação foi maior; apenas melhorou, correu a um consultório. O médico arguiu-o e examinou-o atentamente. Findo o exame, disse-lhe: “Não é nada”. E sentou-se

para escrever a receita. Recebendo-a, Sálvio explicou-lhe: Não desejava somente aquilo! Eram desnecessárias palavras de animação. O que queria era um diagnóstico fiel. Expôs-lhe que a vida lhe corria difícil e que, morrendo sem o esperar, poderia infelicitar a outrem. Fez alusões à filhinha distante, da qual era o arrimo. Instou que lhe dissesse a verdade, para preparar-se para a morte, nada deixando confiado ao acaso. O facultativo fixou-o penetrantemente. Certo, viu-lhe através dos olhos ansiosos o torvelinho torvo de sua vida. Então renunciou à piedosa mentira. E como Sálvio, calado, esperasse a resposta, pousou-lhe a mão no ombro, dizendo-lhe em voz pausada:

— Seu caso é sério, meu amigo... Coração... Epilepsia larvada... Que sei eu? O diagnóstico é obscuro e complexo... Mas é sério... muito sério... Se tem providências a tomar, tome-as, que a morte pode estar emboscada no minuto que vai cair...

O médico fugia ao seu hábito de discrição profissional. Mas compreendera tratar-se de um caso de exceção, porque o seu cliente desconhecido era já um homem fora da vida.

Sálvio retirou-se aturdido. No cérebro lhe plangiam as lúgubres badaladas: “É um caso sério... muito sério...”. Achou inútil todo o seu esforço passado, estéril toda a sua vida sacrificada, já que ia abandonar de novo a filha, quando ainda necessário lhe era o seu amparo. Não transmutara seu longo sofrimento em uma auréola de felicidade para Noeme, não transformara seu desespero ignorado em suave claridade que lhe iluminasse o futuro. Sua missão, para ser perfeita, devia ser interminável, como a obscura tarefa do coração vitalizando o organismo.

Nem um instante possuiu-o o prazer covarde de acabar. Inquietações dolorosas borbulhavam-lhe na alma. E só agora lhe despontava a dúvida de terem sido eficazes os seus trabalhos passados, para aligeirar a vida à pobre filha criada sem pais, em lar estranho. Oh, se ao menos soubesse que não se sacrificara em vão!

Então, a revolta contra a sorte cresceu-lhe mais uma vez violentamente na alma. Embora houvesse fugido à condenação, sentira-se toda a vida condenado sem culpa, por uma sentença inapelável.

Os tratos de seu martírio iam-se, cada vez mais, premendo-se em círculos mais estreitos, em todo o decurso de sua vida. E embalde procurava conhecer o juiz que o sentenciara. Fora a sorte? ou o acaso? Mas os caprichos da sorte e do acaso às vezes desmancham-se em sorrisos; não se concentram assim, sem uma hesitação, sem uma diversão, como tendo o propósito deliberado de aniquilar lentamente uma existência. Atrás de seu destino ele pressentia a presença de uma perversidade apurada e poderosa a supliciá-lo. Títere da desgraça, o fio de sua vida fora tomado pelas mãos de uma divindade sombria e feroz, que se deliciava com o espetáculo das infundáveis agonias. E ele procurava embalde a mão que o esmagava, o deus feroz e ignoto, essa coisa misteriosa e terrível que voltara contra ele toda a sua capacidade de ódio, destruindo-lhe implacavelmente a vida. Queria conhecê-lo, a esse Deus, que não era nenhum dos que os homens adoravam ou temiam, queria vê-lo face a face, para com o coração transido de covardia implorar-lhe: “Piedade! já purguei na solidão as minhas culpas ignoradas. Vivi só e resignado. Acolhi de frente baixa os decretos da desgraça. Piedade! não por mim, mas pela minha filha. Feri-me com redobrado furor. Os recursos do céu, para causar a dor, são inextinguíveis. Continuai a exercê-los contra mim, mas deixai-me viver para a minha filha!”.

Mas este grito, Sálvio não o deixou sair da alma, sabia ser tudo em vão. Os fados regiam o destino dos homens, que toam pelo mundo como coisas brutas, levadas a esmo pelas forças ignoradas. No vazio imenso de seu desalento plangia ainda o refrão: “Seu caso é sério, meu amigo... muito sério...”.

Sua derrota estava próxima. “A morte pode estar emboscada no minuto que vai cair.”

E, súbito, numa instantânea e irreflexiva resolução, esqueceu seus protestos de renúncia, o futuro de Noeme sacrificado, a prisão iminente, para pensar unicamente em si, no seu desejo imperioso de ver ainda Noeme mais uma vez, uma última vez.

E erguendo violentamente todas as lousas superpostas que o oprimiam, surgiu de seu túmulo, e, presa da ideia obsidente, irresistível, absurda, Sálvio partiu.

A TURVAÇÃO DE CAIM

Na sala, por prudência conservada semiobscura, e aberta para a escuridão fechada da rua, o major Mourão passeia agitado, pois espera Sálvio, que por telegrama o avisara de sua chegada.

Múltiplos sentimentos lhe conturbavam o espírito.

Sua situação é difícil, porque sucederam graves fatos, que não comunicara ao pai de sua pupila.

Passeia febril e soturno, todo entrajado de negro, como de costume, e às vezes gesticula ante a ilusão de um interlocutor que procurasse persuadir.

O major não andava de sorte. Deixara de ser provedor, porque, sob sua administração envolta em arcanos só dele conhecidos, a Santa Casa falira; evaporara-se-lhe o avultado patrimônio e ignorava-se o destino tomado pelas subvenções do governo e contribuições particulares.

Seus haveres pessoais, dissiparam-nos os filhos precocemente dissolutos.

Sem embargo dos anos e dos dissabores, que pouco lhe alteraram o físico, apenas acentuando-lhe mais as rugas reflexivas da fronte e pondo-lhe nas têmporas duas pastas de cãs, ele ainda conservava a sua linha austera de apóstolo e anjo da consolação; mas as suas atitudes solenes e voz cava, convincente e apaziguadora, arrancada das entranhas da alma, incutiam desconfiança e por isso não se insinuava mais nos meandros dos corações malferidos. É que os órfãos e viúvas, cujos haveres gerira, viram-se afinal empobrecidos sem que

lhes fossem prestadas contas nítidas. Na balbúrdia destas, expostas com gestos majestosos e reboos de voz tumbal, apenas entendiam que sua necessidade se tornara penúria, agravando-se o desconforto d'alma com a falta absoluta de recursos.

Sentenciado pelo clamor de suas vítimas inumeráveis, o major encontrou-se um dia pobre e desconceituado. Fora bom ter nos tempos prósperos encarreirado os filhos; excetuava-se apenas o último, já moço, que ia começar tarde e em má quadra. Felizmente a mesada de Sálvio dava a manutença da casa, e, com algum acréscimo, daria também para os estudos do rapaz. Esta mesada era como uma aposentadoria merecida, suavizando-lhe os dissabores e dando-lhe tranquilidade à velhice incipiente.

“Com algum acréscimo...” Não seria grande sacrifício para Sálvio, pensava o provedor. Supunha-o essa hora riquíssimo. Não ajuizava claramente do modo como ganhava ele a vida, suspeitando vagamente que fosse em falcatruas e outras torpezas rendosas. Mas não se detinha em tais suposições. Evitava formular um juízo. Tanto mais que os juízos temerários eram pecado. Na dúvida, era de presumir-se sua honestidade. Naturalmente (dizia consigo) ele, provedor, nunca lhe aconselharia contumácia na senda do crime; e, se no dinheiro de Sálvio houvesse mácula, ao cair-lhe nas mãos brancas tornava-se límpido, como se a distância e o obscuro desterro lhe servissem de filtro purificador. Seria assim pura, numa taça de prata, a água que brotou da sordície do subsolo. Porque o major era austero a seu modo. Não aceitaria conscientemente, talvez, o produto de um crime. Em seu foro íntimo sentia-se ilibado de todas as culpas que a maledicência lhe assacava. Pelo desvio de dinheiro da Santa Casa e dos depósitos dos órfãos e viúvas, a consciência não lhe pungia, não só por se julgar credor de grande compensação, pelo dedicar-se toda a vida a minorar os males alheios, como porque, a gerir essas quantias, concebia sobre elas tão forte sentimento de propriedade, que era como se dispusesse do próprio patrimônio.

Mas se o dinheiro de Sálvio em suas mãos caía límpido e o contato metálico não poluía — estava-lhe neste ponto tão tranquila a

consciência! —, já sua presença causava-lhe repulsa. Repugnava-lhe, como o contato de um réptil. Era com displicência e fazendo violento esforço sobre si mesmo, que se submetia à necessidade daquele encontro. Irritava-o, ainda, a flagrante desobediência à antiga ordem. Se soubesse onde sua resposta o poderia encontrar, telegrafaria: “Proíbo-lhe que venha!”. Mas o aviso recente fora expedido do percurso, quase ao fim da viagem, precedendo algumas horas apenas a chegada do expedidor.

Preocupava-o, sobretudo, não poder dar boas contas do depósito que lhe confiara.

E, agitado, o ex-provedor espacejava pela sala sombria, a desmanchar-se em longos gestos, dialogando a sós consigo.

Era noite, e essa a hora em que esperava Sálvio.

Os momentos aborrecidos que ia passar com o falsário, aumentava-os os da aborrecida expectativa. A cada instante o major compunha-se e observava a porta, onde esperava ver aquele surgir. Na porta enquadrava-se a escuridão espessa da rua. Na escuridão podia estar o vácuo, mas podia estar um homem. Certo, o criminoso viria sorrateiro, para não se fazer pressentir, agasalhado nas dobras cúmplices das trevas. O major exasperava-se com essa própria convênção da escuridão protetora. Oh, não estar a noite clara, enluzeirada de astros, esplendente de luar, para que todos vissem e reconhecessem o criminoso foragido e lhe castigassem com a prisão o desfaçamento do regresso ao local do crime! Nesta própria circunstância revelava-se-lhe a tara do mal... E se ele próprio prevenisse a autoridade e o fizesse capturar?

Hesitou, num fulgor de esperança... Mas, preso Sálvio, lá se ia de vez a aposentadoria reconfortadora de seus cansados anos. Uma catástrofe! E, além das privações que passaria, cortava-se a carreira do rapaz, que pouco tempo antes, concluídos os preparatórios, seguira para São Paulo, a iniciá-la. A iniciá-la e também fazer esquecido o escândalo em que fora o protagonista e que tornara, ao seu lar, alvo da maledicência pública.

Esta objeção enfurecia-o; sentia o desespero de uma fera acuada; e como desabafo, improperava:

— A infâmia do pai infamou a filha, refluindo lama sobre mim. O mal contaminou o filho e nos enxovalhou a todos. E tudo partiu dessa alma pútrida, desse atascal maldito!

A veemência das apóstrofes e o exagitar-se possesso acalmavam-lhe, aos poucos, a exasperação. Apaziguado, enfim, submetia-se ao encontro inevitável.

Num dos momentos em que escrutava a escuridão, teve um sobressalto. Nela esboçou-se uma forma humana e Sálvio apareceu no limiar. Era uma figura curva e velhusca. E, ante a sombra, que parecia gerada pela condensação da treva exterior, aquela mole de egoísmo tremeu. A mão que o major lhe estendeu tinha a friez do suor da agonia; e em sua cabeça gerou-se confusão, porque aquela sombra murcha e curva mudamente dizia, com toda a sua pessoa: “Quero a minha filha”. O ex-provedor desejaria falar, mas as palavras negavam-se-lhe à prolação. É que agora lhe surgia um novo aspecto da catástrofe sucedida, na qual apenas vira a si e ao filho, esquecendo o pai da vítima. E turvava-se como Caim, ouvindo a voz celeste.

A custo recobrou sobre si algum império; e então começou, afetuosamente, paternal:

— Meu amigo, como mudaste! Vê-se que passaste a vida a penar... Os sofrimentos do espírito ficam-nos marcados no rosto como cicatrizes profundas... E os teus devem ter sido imensos!

A palavra, hesitante, formulava-se mais natural. E ele prosseguiu:

— O sofrimento é nosso destino comum, a nossa cruz pesada... Temos de levar aos lábios o cálix de todas as amarguras, para que o paladar conheça bem o sabor da vida... E, golpe sobre golpe, é uma tragédia que não tem fim... Digo-o eu, com a experiência das provações... Mas os sofrimentos como que nos revestem com uma couraça, para melhor resistir aos embates da sorte. Mesmo assim, meu amigo, arma-te de toda a tua coragem, para o novo golpe que te espera. Porque tua filha, Sálvio... nossa filha... perdeu-se.

A sombra, curva e humilde, como que se fez ainda menor.

— Uma desgraça, meu amigo! uma horrível desgraça. Faz meses... Uma catástrofe inesperada... inexplicável... Quis relatar-ta,

vinte vezes tomei a pena, mas a mão recusou-se a obedecer... Silenciei. Preferi manter-te na ignorância, e, se pudesse, prolongaria a mesma ilusão, até o fim de teus dias... Bastava que o golpe me ferisse a mim... E feriu-me duramente! Tantos os carinhos com que a criamos, tanto o recato com que lhe amparávamos a inocência, no sacrário do lar... e, um dia... a culpa ignorada traiu-se por si... Ia ser mãe... E eu, como um pai justiceiro e inexorável, como tu, meu amigo, que farias o mesmo, eu... expulsei-a.

Seu ouvinte, aniquilado, sumido, parecia prestes a acarear-se com o pó.

— Recolheu-a um lar honesto — continuou o provedor —, onde deu à luz o fruto de seu crime. Mas à criança, para que não a contaminasse a mácula original, acolhi-a em minha casa. Renova-se em tua netinha o legado que me deixaste. E oxalá a pequenina inocente resgate com uma vida de virtudes a culpa da concepção...

O ex-provedor senhoreara-se totalmente de si. Sua voz consoladora enriquecia-se de inflexões profundas e a mão traçava na penumbra largos gestos convincentes. Falou-lhe ainda longo tempo, com unção balsamizadora, pensando-lhe a chaga recente. E como a sombra, humilde, esmagada, recuasse lentamente, buscando a porta, ele exortou-a:

— Vai, meu amigo, torna ao teu ermo, retoma a tua cruz. Vai-te em paz. É pela soma de nossas provações que se faz grande nosso merecimento perante o Céu... Deus te acompanhe!

E, sobre a figura triste do pai, que se desvanecia na sombra exterior, suas mãos ainda se ergueram majestosas, eloquentes, a abençoá-lo solenemente, numa promessa de redenção.

SER OU NÃO SER

Sálvio sentiu-se então subitamente amputado da vida. No momento da terrível revelação seus ombros de cariátide sofredora, que estavam sob o peso de uma longa miséria, subitamente se aliviaram. Pôs-se a vagar nas ruas sombrias. Não se destinava a lugar certo; no apuro de sofrimento a que chegara, eram-lhe todos os caminhos indiferentes, contanto que conduzissem ao fim. Se procurava refletir, seus raciocínios dissipavam-se, sem concluir em juízos. Em momentos, dando acordo da realidade, admirava-se de ainda sentir-se viver e tomava-o impressão de que era no mundo como um intruso na propriedade alheia, um corpo estranho, uma excrescência, que tardava em restituir à matéria a sua porção de matéria, para, mesclada às substâncias elementais, remodelar-se em outros seres, em outras vãs tentativas de criação. A espaços, seu espírito se confrangia em uma palpitação dolorosa, gemendo: “Noeme!”. Mas a filha não existia mais. Como a realidade fora semelhante aos sonhos atrozes que lhe amarguravam o repouso noturno! E a ele, que vivera tão só, pareceu-lhe que somente agora se lhe fazia em torno a verdadeira solidão. Antecipadamente sentia-se tomado pela letargia profunda da morte. Mas, vez em vez, a noite do seu espírito se iluminava com uma doce aparição, um vulto pequenino de criança. “Noeme!”

Os passos incertos afastavam-no da cidade. Fugia de instinto à acumulação dos humanos, à oficina sinistra onde se engendravam todas as monstruosidades.

Agora não havia covardia em acabar. E, no ermo selvático, deteve-se, olhando o céu. Germinava-lhe na alma uma confusa necessidade de orar. E volvendo-se para o alto suplicou:

— Senhor! Minha missão está finda. Quero agora descansar. Trabalhei as horas todas do longo dia da vida. A fronte alagou-se-me em suor e trago as mãos calejadas e o coração sangrando. É justo que o servo diligente receba o seu salário. Se fui culpado, resgatei a minha culpa. Vivi para minha filha. Ela foi o tesouro que me confiaste, como os talentos da parábola. Dia a dia, minuto a minuto, zelei pelo meu depósito; dei-lhe a vigília do dia e a inquietação das noites. E agora as minhas mãos procuram-no e não o acham. Tomaram-mo. Se tive culpa, perdoa-me, senhor! Estou cansado, quero repousar.

E longo tempo quedou-se imóvel, o olhar fito na altura, como esperando uma palavra de consolação. Mas o céu parecia contemplar a sua dor com uma expressão singular, que não era a indiferença e o tédio com que via as dores dos humanos. No seu mutismo sombrio notava-se o que fosse de hostil; e num breve clarão que fosforeou, arrepanhando a fímbria do horizonte, o pai viu como um ríctus sardônico que insultava sua miséria. E nesse instante desvaneceu-se, rápido como aquele clarão, o seu momento de fé. Ai dele! residia muito longe, em altitudes inacessíveis, o Deus de misericórdia que um dia dissera: “Bem-aventurados os que sofrem!”. Se os sofrimentos lhe eram gratos, ele, como Jó, não era um monturo? Quem os via e se gozizava era a Potestade Ignota, essa outra coisa atroz, inexorável, que regia os destinos, talvez a fatalidade do Mal e da Dor. A esse instante os olhos hediondos da potência misteriosa deveriam rutilar como dois sóis sangrentos e sua boca disforme, babujando peçonha, deveria estorcer-se em alegria perversa, esperando ouvi-lo enfim clamar, esmagado, a palavra do apóstata: “venceste!”.

E Sálvio rebelou-se. Com o olhar alucinado circunvagou o céu. Oh, ele desejaria saber onde se ocultava a divindade terrível, para mostrar-lhe os punhos irados, atroando o espaço de blasfêmias.

Olhava o céu com rancor, culpando-o de sua vida esfacelada. Repassando os transe do passado via em tudo como um propósito

deliberado de aniquilá-lo. A essa hora já deveria estar morto, e persistir em viver era um ato de suprema rebeldia. A cada instante, em sua vida, sentira mão invisível impeli-lo para o fim, como se lhe dissessem “Anda! resolve-te!”, como se o suicídio fosse o gáudio maior para os deuses cruéis. E perdurara toda uma existência a revolta do infinitamente pequeno contra o infinitamente poderoso. Viu em seu passado, longe, um tênue albor de felicidade, uma remota esplanada de ventura, e, depois, o seu descer sem fim. Descer? despenhar-se. Quando se sentia infeliz, abria-se-lhe aos pés o vácuo de uma desventura maior. Despenha-se ainda. E, ao fundo, falseia-se-lhe ainda o chão, para rolar em novos abismos. É um suceder-se de funduras sem termo, convencendo-o, com sua triste experiência, de que infinita era a faculdade humana de sofrer. E, ao cabo de tudo, a absoluta inutilidade do sacrifício para a felicidade da filha. . .

“Noeme!” A radiosa visitação iluminou-lhe ainda a atribulação do espírito com a sua doce claridade. Viu-lhe o vulto pequenino. Parecia ter revoltado para ele os olhos lacrimosos, implorando socorro e proteção, como a vira um dia em sonho, perdida no areal sem fim. Deveria ter naquele tempo corrido em sua salvação. Agora, era tarde!

Não lhe restava, então, dever algum a cumprir? Ia abandoná-la mais uma vez, irremissivelmente?

Assaltou-o uma dúvida. E quedou-se de novo hesitante entre o ser e o não ser, agoniado, perplexo. . . E foi quando lhe pareceu ouvir, na confusão de seu espírito, ou em qualquer ponto da noite, um riso misterioso que mofava de sua miséria. . .

E seu espírito alteou-se outra vez, nova onda de revolta intumescceu-lhe o coração. Oh, ele afastaria todos os obstáculos que o destino interpusesse, separando-o da filha. Ainda persistia integral o seu dever de pai, como na remota infância de Noeme. Não morderia o pó, vencido, clamando a palavra de humilhação e ignomínia. Acabar, ainda era uma covardia. E surpreendia-se de ter sido tanta a sua cegueira, que pudesse um momento sequer pensar diversamente.

—Viver para a minha filha — murmurou. — Fazer-lhe até meus últimos momentos a oferenda de minha vida. Sempre, sempre! Se está humilhada, devo erguê-la de sua humilhação. Poluída ou pura, o meu dever permanece o mesmo: purificá-la, ampará-la, consolá-la, embora me esperem novos tormentos, embora sofra o suplício de não a ter mais, tendo-a junto de mim.

Viver, ainda, ainda! Continuar reclinado sobre a filha, em sua postura de carinho e proteção, como as ramas do salgueiro sobre a correnteza... Se o inverno lhe crestou as ramas e secou as águas do arroio, ainda assim haveria uma secreta correspondência entre a alma da árvore morta e a alma da correnteza estanque — ou haveria, ao menos uma ilusão consoladora.

NOEME

O major acordara bem-disposto. Depois do paroxismo de sentimentos do dia antecedente, dormira tranquilamente com o desafogo de quem se evadiu de uma situação intolerável. Trouxe-lhe a manhã a “serena claridade” que sucede às noites borrascosas. Seus sentimentos, exasperados durante algumas horas, retomaram o curso tranquilo. Seu alívio era repassado da agradável emoção de sentir restituir-se-lhe a confiança em si, a consciência da própria força, que lhe falecera um momento no dia da provação.

Naquela hora bonançosa cheia da embriaguez suave do triunfo, descortinava límpido o futuro; sem empecos a carreira do filho caçula (não fosse ingrato como os outros, que apenas criavam asas o esqueciam) e garantido o conforto e a paz tão gratos a seus dias outoniços.

A esse amanhecer ditoso estava reservada uma desagradável surpresa. Ouvindo bater à porta, foi ele pessoalmente abrir. Era Sálvio! Ainda! Em pleno dia! A víbora, cuja cabeça não fora bem esmagada, levantava-a outra vez, para ameaçar-lhe o sossego e o futuro do rapaz.

O ex-provedor, tomado de cólera, empertigou-se, para assumir a sua atitude mais majestosa; mas o seu desalinho matinal e as chinelas caseiras compunham-lhe uma figura cômica.

— O senhor! — exclamou. — Ainda!

E enquanto a ira lhe tolhia mais palavras, ouviu soar a voz mansa de Sálvio, voz de entoação abafada, como se em sua vida solitária houvesse desaprendido o articular sons humanos. E ao passo que o

major revezava atitudes dramáticas exprimindo-se com a mímica da indignação silenciosa, o pai explicava-lhe que ia levar consigo a filha e reclamava por isso a netinha, que lhe fora tomada. A vida resumia-se-lhe no cumprimento de seu dever de pai e esse dever era agora redobrado de encargos mais graves.

Como o major começasse a replicar-lhe com veemência, o pai atalhou-o e insistiu, calmamente, reclamando a neta. Em sua insistência havia a firmeza tranquila de quem tomou uma resolução irremovível.

Então a cólera do major desencadeou-se em reboos tremendos, nos mais atroantes improperios. É que na suavidade daquela manhã alvorecida tão linda, via agora o total desmoronamento de sua vida.

E, diante da persistência invencível do pai, precipitou-se descabelado porta a fora pregoando-lhe o nome em altos brados, mandando avisar a força...

Quando as praças chegaram, o pai saía do interior da casa tendo a criança nos braços. Deixou-se conduzir passivamente, relutando todavia em entregar a menina, que lhe quiseram tomar. Apresentaram-no à justiça. Mas não o detiveram preso: o crime estava prescrito.

Apenas livre, Sálvio pediu informações sobre o paradeiro de Noeme. Não lho sabiam dizer. Não a conheciam pelo nome. A alguém, todavia, lembrou perguntar-lhe se não era a “alugada do major”. À resposta afirmativa, deram-lhe a indicação; procurasse uma casinha pobre, no campo, a meia légua da cidade. Fora onde a recolheram, ao sair expulsa da casa do provedor.

O pai deixou a cidade, tomando o caminho indicado. Cabisbaixo, todo abstraído em suas cogitações, arredava-se maquinalmente dos carros e cavaleiros que encontrava. E a si mesmo repetia como um refrão: “cumprir o meu dever...”. E esta reflexão aligeirava sua alma fechada num círculo de pensamentos tristes — a tristeza da perdição de Noeme...

De uma volta da estrada avistou a casinha. E, instantaneamente, naquele ponto, uma onda de emoção fez-lhe esquecer a mácula da

filha. Houve um colapso na realidade e viveram apenas os sentimentos do passado.

Encaminhando-se para o casebre observou-o. Comparada com ele, a casa em que vivera em seu desterro era uma habitação confortável. Envolveria-o um silêncio profundo. Parecia deserto. Em volta, o silêncio dos campos. Não se ouvia um cantar de ave. E o coração bateu-lhe em sobressalto pressago... Após tantos obstáculos não iria encontrar ainda Noeme? A realidade iria ser como em seus sonhos aflitivos, nos quais, ao chegar, diziam-lhe que Noeme partira para longe, muito longe? Seria como uma dolorosa previsão o pesadelo em que agoniado a procurara em vão, no meio da cidade em festa, entre milhares de crianças pequeninas como ela, apenas entrevendo, a distância, o vestidinho vermelho, que logo se desvanecia? Ou estaria ainda a sonhar, supondo Noeme tão perto? Ia talvez acordar, murmurando: “Separam-nos duzentas léguas!”. Seria possível, santo Deus, que apenas estivesse de permeio entre ele e a filha a simples espessura de uma parede?

O receio de perdê-la ainda, congelava-lhe o sangue, corria-lhe no corpo um arrepio algido, tiritava... Murmurou consigo, buscando tranquilidade: “São vãos receios. Ela está aqui”. E, mais calmo, contemplou a paisagem que se estendia à frente do casebre: a tristeza dos campos, escalonados de pequizeiros raquíticos, contorcendo como supliciados os galhos misérrimos. Uma caravana de morros escavados fugia para o horizonte desoladamente, como em cumprimento de uma romaria dolorosa. Sálvio disse consigo ao ver um banco tosco, ao lado da entrada, que certo a filha costumava sentar-se ali, ao morrer melancólico das tardes e que aquela paisagem era a que contemplava a sua tristeza. E como se na paisagem que era familiar aos olhos dele também estivesse um pouco de sua filha. Sálvio fixou-a para se apossar dos pensamentos de Noeme que ali se dispersaram; e nunca mais lhe esqueceriam a faixa amarela da estrada, serpeando nos campos ermos, os pequizeiros retortos, emplastrados de cupins e a caravana dolente dos morros por onde viajara a mágoa de sua alma, a sua humilhação, a sua vergonha...

O coração confrangeu-lhe a esse pensamento. Era piedade, mas era também o amargor do desespero. Lembraram-lhe suas palavras: “Sofrer o suplício de não ter mais filha, tendo-a embora junto de mim...”. Mas para que pensamentos dolorosos em hora tão feliz?

Bastava repetir-se agora que ela estava ali, distante dele a espessura de uma parede apenas e que não haveria quem lha tomasse mais.

E, concentrando toda sua força de ânimo, bateu tremulante à porta...

Na casa fez-se pequeno rumor. Soaram passos em direção à porta. Assomou nesta uma moça.

Sálvio observou-a. Não teria ainda vinte anos. Os pés estavam descalços e vestia uns frangalhos de roupa. Sua fisionomia tinha expressão medrosa. Enquanto encarava com desconfiança aquele desconhecido, que trazia achegada a si uma criança, Sálvio observava-a muda e fixamente.

Era-lhe uma estranha. Não a reconhecia. E seus olhos ansiosos cravaram-se nela, agudamente...

Então deu-se uma deformação de imagens, como quando a vista fixa cansativamente o mesmo objeto... uma transfiguração... Aquele rosto, aquele ser desconhecido, foi desfazendo o seu sigilo e revelando-se lentamente a ele. Era um enigma que lentamente desvelava seus arcanos, uma nebulosa imprecisa que se ia esboçando em contornos e modelando em ser... Como na fantasia vertiginosa do retorno ao passado, na marcha retrógrada do tempo, apareciam no semblante da jovem traços infantis e o corpo reduzia-se-lhe numa figura de criança triste, presa de uma saudade imprecisa, a vagar pela casa, ninando a boneca... Feição a feição, renascia na moça a filhinha abandonada.

Era *ela*.

Mudamente, ante seu olhar de espanto e incompreensão, Sálvio mostrou-lhe o rostinho da criança e ofereceu-lha...

Ela precipitou-se a tomá-la. Em seu rosto não se pintava o vexame da culpa e sim uma expressão de alegria desbordante.

E no mesmo instante receosa, perguntou-lhe:

— Não a leva mais?

E na incerteza da resposta, sua expectativa era angustiada.

Sálvio murmurou apenas: “Noeme!”.

Ela encarou-o surpresa. Não o reconhecia.

O coração do pai abrumou-se. E lembraram-lhe as suas palavras do passado: “Oh! Eu desejaria que ela me reconhecesse sempre como seu pai, como seu protetor! Desejaria, quando a minha imagem se lhe desbotasse no pensamento, sacudir-lhe a memória entorpecida como se desperta a um dormente, clamando-lhe: — Olha-me, reconhece-me, alma de minh’alma, sangue de meu sangue! Sou eu, teu pai!”. Em seu espírito talvez já ele estava morto. Morto ou infamado... E se acaso o reconhecesse, ia retrair-se num momento de repulsa e de pavor...

E o coração do pai mergulhou-se numa agonia “mais amarga do que a morte”.

Fixou-lhe ainda um longo olhar de desesperação infinita... como se quisesse atingir-lhe, através dos olhos, os meandros mais remotos de sua memória, para que, através dos anos, ressuscitassem as lembranças antigas...

— Noeme! — murmurou de novo, com infinita tristeza.

Abalada por aquele olhar profundo, Noeme estremeceu... Aquela voz como que a ouvira já... Há muito tempo, em sua infância... Nas suas reminiscências remotas houve um sobressalto, fulgurou-lhe no espírito uma súbita intuição...

E o olhar da filha iluminou-se, a fisionomia expandiu-se, e a expressão de felicidade que lhe transfigurou o semblante parecia dizer-lhe, como em outros tempos:

— Oh! Eu te reconheço! És o meu paizinho!

TREVAS...

Anoitecia.

O comboio corria, rumoroso e em seu ímpeto selvagem era como um animal noturno, que exulta com a chegada das trevas.

Sálvio, a filha e a netinha formavam um grupo silencioso no recanto de um vagão.

Noeme, envolta em seu vexame, conservava-se quieta e humilde, com um vago receio de tudo e de todos.

Sálvio também estava mudo. No isolamento em que vivera, desabitudara-se do uso da palavra. Sua boca silenciara a vida toda, e ele apenas conversava com a filha em pensamento. Tinha-a agora definitivamente, mas seus lábios fechados como por um selo de chumbo, ainda nada conseguiam dizer.

Suas almas, que se haviam aberto no instante do mútuo reconhecimento, não se comunicavam mais; isolaram-se de novo, concentradas em seus próprios sentimentos, fechadas, distantes...

Ele queria agradecer-lhe, falar-lhe, fazer planos de futuro, mostrar a melhoria de situação que a esperava, desejaria, forçando o próprio acabrunhamento, dizer-lhe ao menos frases triviais, que rompessem o silêncio penoso. Não o conseguia. Se queria a boca proferir alguma palavra, seus lábios, dolorosamente comprimidos, negavam-se a pronunciá-la.

É que agora, vencidas tantas dificuldades, acalmada a exasperação da luta para reconquistá-la, volvia-lhe o senso da realidade, que momentaneamente lhe fugira e uma onda negra de desespero, lento e lento, voltava a senhorear-se de seu espírito.

Levando consigo a filha, tinha a sensação de que a perdera irremissivelmente. Noeme era a outra, a doce visão do seu passado, o pequenino ser inocente que lhe aclarava a noite do espírito com um doce fulgor de aparição. E ela morrera como um sonho, dispersando-se nas brumas do passado, amortalhada em sua saudade.

Sálvio vencera o destino... Mas que valia a vitória? Nela achava um amargo sabor de derrota.

E, sombra a sombra, desciam de novo ao seu espírito os sentimentos tristes, como bandadas lúgubres de corvos, de grandes asas de luto, abatendo-se em longos giros sobre a presa inerte. Fora também a noite baixava, sombra a sombra, e, na tristeza universal das coisas, fazia estranho contraste a alegria selvagem do comboio, que era como uma grande besta noturna, que se compraz, com a chegada das trevas.

Noeme, Noeme! Era ela aquele ente maculado, que acalentava nos braços uma criança? O pai a contemplava em doloroso espanto.

Noeme, curva sob sua vergonha, continuava silenciosa. Temia o silêncio do pai. Sabia que em seu foro interior a estava julgando, e — ai dela! — entre todos os seus julgadores não encontrara uma alma compadecida.

Certo momento a criança acordou chorando. Sentia frio. A mãe aconchegou-a mais contra si. Não tinha outro agasalho nem levava outra roupa a não ser os farrapos que vestia. A pequenina aquietou-se. E Noeme, vencida afinal pelo cansaço, acabou por adormecer também. A cabeça reclinou-lhe sobre o seio e mesmo a dormir sua postura era de humilhação e de vexame.

Sálvio contemplava-a, trespassado de dor. Era, em verdade, aquele ser poluído, a pequenina toda inocente por quem se definhara de saudades, e que, quando ia sair, lhe repuxava o paletó com as mãozitas insistentes? Cravava-lhe obstinadamente os olhos, e, quanto mais lhos fitava no corpo adormecido, mais a mancha crescia, alastrava-se, tomando-a toda, como uma úlcera maligna. Fazia sobre si um grande esforço para que em seu espírito dominasse apenas a piedade; mas uma repulsa incoercível o impedia, afastando-o dela.

Parecia-lhe ouvir o riso escarninho dos fados maus: “Não terás Noeme... Sentirás o horror de não ter filha, tendo-a embora junto de ti...”. Antes houvesse morrido, que suportar esse martírio. E ele achava em seu novo sofrimento um sabor diverso de todos até então sentidos. Figurava-lhe cada sofrimento ter seu sabor próprio e todos os sabores eram atrozes. Ele era na vida como o único condenado de um banquete macabro, condenado a alimentar-se, como Fineu, das iguarias nauseabundas temperadas pelas Harpias. O último prato requintava no horrível. E, tendo acordo de que o trem corria, Sálvio perguntava-se: “Para que viajar tanto? O mundo é em toda a parte igual para o desespero. Em qualquer ponto pode este acampar, sendo inútil o dispêndio de tantas fadigas”. A desventura, aninhada no coração de ambos, ia com eles, veloz como o comboio, através das distâncias vencidas.

A corrida na noite prosseguia rumorosa. Sálvio, oprimido pelo sofrimento, olhava desatento para fora. E os véus de sombras baixavam ainda na treva densa. Dentro das trevas havia trevas maiores, maciços de negrumes que não lembravam perfis de coisas conhecidas. Um velário negro cerrara sobre o céu uma abóbada de luto. Era como se todas as coisas fossem morrendo, envoltas em amplo sudário negro. Apenas, única parcela de mundo que ainda subsistia, via-se um recanto do céu ao longe, muito ao longe, iluminado pelo bruxuleio de um luar agônico, de um verde de gangrena. Naquela pequenina nesga de céu longínquo, que aos poucos se velava também, recortava-se um minúsculo perfil de palmeira, entre raras estrelas tristes. E nos confins do horizonte, aquele pequenino recanto de céu, era como a última despedida da vida distante, a imagem esvanecente da última esperança e quase uma recordação do que já foi.

Sálvio, para fugir à obsessão invencível, murmurava surdamente, como se repetisse com desesperado fervor as palavras de uma prece: “É a carne de minha carne, o sangue de meu sangue...”.

A AURORA DA RESSURREIÇÃO

E o galope sem tréguas rompia o seio da noite. Agora, galgando um aclave, a locomotiva arquejava, borbotando um repuxo de faíscas, que se desnastravam sobre o comboio, envolvendo-o numa coma ígnea.

Feria o olhar de Sálvio o oblíquo perpassar das faúlhas, estriando o negror das trevas; via-as como miríades de salamandras de fogo curvetejar em dança doida e se extinguirem. Cada qual era como agitada pela passageira alegria de uma vida breve; umas persistiam mais, outras menos tempo e todas alfim apagavam-se; havia-as que tracejavam no espaço uma curva louca, indo morrer ao alto; outras, mais vivazes, esteiravam o chão de uma sementeira de pontos ardentes, que logo se consumiam. E era como se as trevas, dilaceradas pelo efêmero meteoro, galopassem em rolo negro ao encalço do comboio, refazendo o rasgão de luz que se lhe abria no espesso luto. E a máquina, exausta, em resfôlego penoso, violentando o seio da noite com seu estridor e seu clarão, borbotava, como o jato de inextinguível fogo de artifício, novos turbilhões, que sem cessar renovavam a juba ígnea, envolvendo o comboio num chuveiro ardente.

E Sálvio meditou: Quem ao longe observasse o comboio, notaria apenas um clarão e o clarão pareceria cada noite o mesmo, como uma coisa que perdurasse idêntica a si própria. Aos olhos desse, a vida agitada das fagulhas era uma calma claridade que passava ao fundo da noite e que ao outro dia tornaria a passar. Todavia, instante a instante, já não era a mesma a juba de fogo, nem

as mesmas as faíscas, embora persistisse a revolver-se no espaço o seu bulcão de ouro.

E Sálvio disse consigo que a humanidade era aquele clarão, e faísca a vida atormentada dos humanos. Uma e outra tinham aqueles curveteios breves, que ora tracejavam para o alto uma espira louca, e ora iam acabar no chão... A vida era a dolorosa convulsão das salamandras efêmeras. E, semelhante aos borrões de sombra no encalço do comboio, iam os rolos negros da morte em pós do meteoro fugidío, na trajetória do tempo, refazendo os rasgões de seu severo dó.

E Sálvio achou a vida vã, o homem vão e o mundo vão.

Por que tanta inquietação, tanta luta e aflição d'alma, na existência breve do "bicho da terra tão pequeno"? Eram desnecessários tantos soluços, anátemas, blasfêmias, traições, anseios impossíveis, angústias sopitas, iras devastadoras, a amargar o trânsito da pequenina salamandra fugace. Não pela culpa dos homens e sim pela sua ignorância. Procurando saber tanta coisa, descuravam-se de aprender a viver. Postos em organização social em que não podiam ser bons, embora o desejassem, porfiavam, numa falsa compreensão das coisas, em torturar-se uns aos outros. Ignorância, rotina, erro nefasto... Condenando Noeme, a pobre filha que vivera sem viver, ele pensava como os outros, acompanhava a sugestão das ideias elaboradas pela razão do homem medíocre. Devia vê-la por si, julgá-la à luz da sua razão, repelindo a influência das ideias feitas, que eram a resultante grosseira de raciocínios de cérebros espessos, rudimentares, de inteligências em ser.

E agora ele não via que ela fosse mais maculada do que as consciências que se arvoravam em juízes. Dissera-o Cristo, à multidão, em defesa da pecadora: "Quem se sentir sem nódoa, atire a primeira pedra". E a onda humana estacou, pois todos se sentiram infames... Ela era, certo, composta, em seus elementos mais puros, de homens pacíficos, que venciam pela astúcia receando empregar a força, de ricos honestos, cujos tesouros eram a cristalização das lágrimas dos necessitados, de esposas fiéis, que não tiveram o ensejo de pecar...

Aos olhos de Sálvio, a humanidade não era mais que um sórdido mostruário de vilezas.

Lançada a semente à terra — meditou ele —, se esta for generosa, o gérmen desenvolve-se, rebenta em haste, frondeja em árvore, floresce e frutifica. Ele deitara ao chão da vida aquela semente preciosa — a filha, e dela fizeram uma árvore de miséria que fruteou em lágrimas e desonra. É que, adubado de torpeza, o solo era maldito, esvurmando a seiva corrupta com que se elaboram as abominações. Se em verdade era a vida os sete círculos da dor, também era os sete círculos da opressão iníqua, do crime impune, da perfídia vitoriosa... Círculos ascendentes, em espiras gigantescas, torrejando em monumento sinistro de apoteose da Corrupção e do Mal.

E instantaneamente, assim refletindo, viu cair todas as barreiras que o separavam da filha. No coração do pai viçava agora unicamente a piedade. Noeme não era culpada e sim uma vítima. E, enquanto contemplava a filha adormecida, humilde mesmo em seu sono, com a cabeça reclinada sobre o peito e achegando de seus andrajos a filhinha, como que para aquecê-la com o calor de seus braços e de seu seio, que era todo o agasalho que sua penúria lhe poderia dar, a flor da piedade vicejou maravilhosamente, tomou-lhe todo o âmbito do coração, que parecia prestes a romper-se...

Reviveu então o passado da filha, imaginando como ele deveria ter sido, em seu desconforto e abandono. Seu esforço obstinado, o sacrifício obscuro de toda a sua vida, foram inúteis, não concederam a Noeme o sorriso de um instante. Em benefício de estranhos lutara até a exaustão física e moral. Somente agora, pela primeira vez, lhe valia, não por um ato deliberado, mas em consequência de um impulso irreflexivo do desespero. Que longa e triste lhe deveria ter corrido a infância! Não sentir reclinado sobre si o desvelo do coração dos pais, palpitante de cuidados e pródigo de carinhos, em suas moléstias e desventuras, invejando os outros que os possuíam... Tanto confiara nele! Dissera-lho o seu olhar de doentezinha, quando o reconhecera, convalescendo do sarampo... Esperara que ele voltasse. Esperara-o talvez longos anos. E depois a esperança amorteceu-se. “Meu pai esqueceu-me”, dissera consigo. E, com o tempo

a esperança fanou-se e esqueceu-o também. E assim cresceu, entre seres indiferentes e hostis. Em sua nubildade a Natureza, mãe afetuososa, baixara até ela e ornara-a com as graças da mocidade. E então os seres indiferentes e hostis sorriram-lhe falsamente e macularam a sua pureza. E quando a falta não se pôde encobrir, foi a expulsão impiedosa e a filha arrancada de seus braços...

Era uma vida truncada, falha. Oh! ele devia ter compreendido o sonho pressago em que a vira, através de duzentas léguas, estender-lhe os bracinhos, implorando socorro. Deveria ter adivinhado tudo! Fora imprevidente e demasiado confiante. Para resgatar a própria falta acariciou um momento a ideia da vingança... Mas da vingança ainda poderia resultar a separação. Tornaria a perder Noeme. Agora que reouvera o seu tesouro, devia coser-se avaramente com ele, fugir, escondê-lo e nada mais...

Nesse momento sentiu ao ombro uma leve pressão. Era a cabeça da filha adormecida, que se reclinara contra ele. Oh, que ânsia mal sopitada lhe veio de abraçá-la, de acariciá-la delirantemente, beijar-lhe os olhos, os cabelos, chamando-lhe os mais carinhosos nomes!

Mas, receando acordá-la, ficou imóvel, retendo a respiração, no recanto obscuro do vagão, enquanto os arrebatava através da noite o ímpeto alucinado do comboio...

O MOMENTO DA FELICIDADE

Cerrara-se de todo o velário negro do céu. O comboio, resfolegante, trepidava num planalto. O olhar, que não encontrava ao longe pontos de referência, no empastamento uniforme das trevas, presagiadoras de tempestade, tinha a ilusão de que ele se conservava imóvel. O céu e a terra morreram. Era como se o único remanescente das vidas e das coisas se tivesse ilhado no interior daquele carro, iluminado pelos vasquejos mortiços de uma lâmpada de gás. E parecia que toda a felicidade do universo morto se tivesse ido refugiar ali, num recanto do vagão, no coração do velho pai.

Aquele momento ia ficar indelevelmente gravado na memória de Sálvio, como um momento de felicidade absoluta. Ao evocá-lo, ia rever sempre as trevas, o bruxuleio da lâmpada, e sentir aquela trepidação ruidosa, parecendo-lhe ter ainda contra o ombro a suave pressão da cabeça adorada. Era Noeme! sua filha! — repetia-se. E ele, imóvel, sem ânimo de fazer o menor gesto, contemplava-lhe as feições adormecidas e concentrava-se a ouvir o brando sopro de sua respiração... Era um êxtase religioso em que sua alma, como o corpo, também se imobilizara. Oh, ele desejava que o mundo se detivesse eternamente, naquele momento, para não findar a emoção incomparável!

O DESPERTAR

Quando Noeme abriu os olhos, pintou-se neles a surpresa.

Olhou em torno, viu o pai, e, então, tendo acordo da realidade, seus olhos surpresos baixaram-se, exprimindo vexame e temor.

Sálvio reteve-a contra si, cingindo-a brandamente, e, levantando-lhe o rosto, osculou-lhe a fronte.

Noeme fitou-o de novo, e desta vez seus olhos exprimiam uma surpresa feliz. Era verdade que tinha um pai que a amava, e que estava consigo a filhinha que lhe tomaram?

— Minha Noeme... minha filha... — murmurou Sálvio.

E desde esse momento reaprendeu a falar. E enquanto na noite prosseguia a fuga rumorosa do comboio, Sálvio desoprimiu-se da confiança há tantos anos recalcada: “Desejaria que ela soubesse quanto a amava!”. E a esse momento a alma aliviou-se-lhe, fazendo-lhe longamente a narração do seu passado, em todos os seus dolorosos transe. Fez-lhe sentir a melancolia dos longos anos envoltos em sombra funérea, a infinita saudade na amargura do desterro, a áspera luta contra a terra e contra a sorte, para fazê-la feliz. Cada ato seu, cada um de seus pensamentos, fora uma dádiva completa de seu ser à filha abandonada. Narrou-lhe a agonia mortal de seus sonhos, nada lhe esqueceu dizer do que lhe fizesse compreender que sua vida era totalmente, exclusivamente dela. E, enquanto falava, estreitava-a contra si, como para ter bem viva a sensação da posse e evitar que lha tomassem de novo.

A filha ouvia-o, presa de suas palavras, e, na expressão com que o fixava, liam-se a revezes, o pesar de saber-lhe os padecimentos

e o júbilo de ter sido tão amada. Cada frase proferida era novo elo unindo alma a alma. Noeme perto do pai já não se sentia ré em face do julgador; sentia-se filha. E, na doçura dessa sensação, nunca sentida, aconchegava-se mais contra ele, fazendo-se pequenina, tendo a impressão de ser a criança cuja imagem adorada Sálvio conservava no mais puro relicário da memória. Chamou-lhe pela primeira vez “papai”. E, seu rosto, iluminado pela ventura, assumira uma expressão de contentamento infantil.

Sálvio, com a alma túmida de paternidade, encontrava nesse sentimento a violência e a doçura de uma paixão. Quando se calavam, continuava no silêncio a comunicação das almas, multiplicando os vínculos do afeto. Às vezes, Sálvio dizia: “Fala-me, Noeme... Deixa-me ouvir a tua voz... Fala-me ainda... ainda...”.

O momento da felicidade prolongava-se e não findaria mais. Sálvio, todo de seu sentimento, não tinha mais acordo da realidade exterior. Não sentia os solavancos do trem, cuja corrida louca prosseguia, nem o retroar do temporal.

Esboçou-se enfim no horizonte o primeiro albor azulado da manhã nascente. No caos negro em que tudo jazia, recomeçou de novo a separação entre o céu e a terra, entre a luz e a sombra, como nos dias da criação. Depois da morte do universo da angústia sem limites, ressurgia o mundo novo, de paz e de ventura incomparáveis.

A essa hora, sentindo frio, a criança vagiu. Noeme chegou-a ao seio, aquecendo-a com o calor de seu corpo, que só esse era o agasalho que lhe podia dar. Ela também tiritava.

— Sente frio? — perguntou-lhe o pai.

Acenou que sim.

Sálvio relanceou em torno. Lembrou-se, porém, de que nada tinha para a agasalhar. Então estreitou-a mais contra si, como ela fizera com a criança.

Os três pareciam fazer um único ser.

E, reclinada contra o pai, que lhe acariciava as pálpebras cansadas, fazendo-se pequenina, como uma criança aninhada no regaço materno, Noeme readormeceu.

A PRIMAVERA VOLTOU...

A cidade pouco se alterara com o passar dos anos; por isso, a chácara era ainda num ermo agreste, na grande praça deserta, onde as paineiras se alteavam, majestosas e vetustas, voltadas em meditação para o infinito.

Mas agora, aquela melancolia de arrabalde, onde a sombra das grandes árvores eram como a condensação das saudades de Sálvio, não despertava pensamentos tristes na alma do venturoso pai. Em sua vida alvorecia. Havia uma doçura de amanhecer nas próprias sombras noturnas, que dantes, espessadas com suas tristezas, eram tão mais sombrias!

Com que alegria começou a reconstruir sua casinha em ruínas! Aprumavam-se as paredes, brancas de cal, sorria a tinta fresca nos portais. O que pudesse, Sálvio fazia com suas próprias mãos, dispensando o auxílio de profissionais. Seu desterro fora-lhe um aprendizado de todos os ofícios rudes... Dir-se-ia um noivo preparando o seu ninho de amor, mas não haveria noivado tão cheio de venturas!

A casinha, assim pequena e clara, emboscada entre festões de videiras, lembrava, em verdade, um ninho entre a folhagem. E que fazia ser pequena! Havia em seu âmbito espaço bastante para a felicidade residir. Porque a felicidade não é como a dor, que, quando borbota de uma alma, o mundo é pequeno para espalhar-se; deem-lhe um raio de sol, a graça de uns pâmpanos e um recanto de paz, que é tudo quanto pede... Falte-lhe ainda isto, e ela

se aninhará no pequenino espaço de um coração, que lhe parecerá imenso como o universo, porque ela traz todo o universo condensado em si.

Ninguém suspeitava o que ia de ventura na “tapera do velho louco”. Mesmo alindada, conservava no bairro a denominação que designava a um tempo a ruína da moradia e a do morador. Fora talvez para a velar, recatando-a dos motejos do vulgo, que as videiras, vegetando em assomos vigorosos, porfiaram em desdobrar-se em pâmpanos, recobrando-lhe as paredes. De seu surto indisciplinado Sálvio conservara o que aumentava o pitoresco da vivenda. As janelas e portais emolduravam-se em folhas verdes; “saborosas” carnudas debruavam-lhe o telhado; e, metendo-se de colaboração, o melão-de-são-caetano recobria-lhe largos panos de paredes, com sanefas de folhagens entremeadas de ásperos frutos amarelos.

Noeme sentia-se feliz e achava o mundo completo, estando entre a filhinha e o pai.

Cada dia os numerosos elos que cria a vida em comum tornavam-lhes mais suave a convivência. As relações com estranhos eram escassas; mas a repulsa instintiva que inspirava o velho, atenuava-se, porque sua fisionomia iluminara-se; procurava os vizinhos, mostrando-se-lhes afável; e os próprios pequenitos, de quem era o espantalho, tomavam-lhe amizade, porque lhes dava frutos do pomar.

Sálvio tornara-se outro. Seu espírito já não se projetava longe, sempre ausente do lugar e do momento atual; sua felicidade, tinha-a agora ali, ao alcance da mão, na hora presente e nos limites de seu pequenino lar. Nem lhe faltava saúde. Talvez pelo efeito tônico da alegria, aligeiraram-se-lhe os anos e a enfermidade esquecia; e a lembrança dos sofrimentos idos, o recordar a miséria *nel tempo felice*, requintava, pelo contraste, sua incomparável ventura.

Não o preocupava mais a avareza da terra, que continuava a regatear-lhe as colheitas mesquinhas, pois, vivendo com simplicidade, sem as exorbitantes exigências do ex-provedor, tinham o

suficiente para passar. E dava-se ao trabalho com renovado ardor, na esperança de que a terra, afinal reconciliada com ele, se desentranhasse em abundantes messes.

Todos os dias, despedindo-se de Noeme com um saudoso “até logo”, saía de casa e acompanhava os enxadeiros até o eito, a orientar-lhe o serviço e auxiliá-los. E a breve separação custava-lhe. Exigia-lhe o esforço preciso para afastar um corpo grave do centro de atração. Enquanto podia, volvia o olhar, pousando-o no querido ninho que se distanciava. Perdido de vista, era como se a desolação caísse em tudo o que seus olhos alcançavam. Não podia afastar-se muito tempo. Os mínimos pretextos faziam-no tornar a casa. Faltando-lhe aqueles, tornava do mesmo modo... Chegava anelante, com um ar atarefado, e procurava a filha. Se não a visse logo, chamava: “Noeme!”. Ela deixava o que estivesse a fazer, indo ter com o pai. Sorrindo, fixava-o interrogativamente, como perguntando por que a chamara. E ele desconcertava-se, não sabia o que dizer; por fim, sorrindo, confessava: “Nada... Era só vontade de te ver, filhinha”. Ela mostrava-se contente de ser assim amada; e Sálvio, tomando-lhe a cabeça entre as mãos, beijava-lhe a fronte. “Já aplaquei minha sede, dizia... Agora, torno à tarefa”. E, venturoso, partia de novo, a cuidar da lavoura.

Às vezes, estivesse o tempo firme e o sol não causticasse muito, Sálvio levava-a consigo. Escolhia uma sombra de arvoredos perto da lavoura, onde deixava a filha e a netinha. Para não estar ociosa, Noeme levava a cesta de costuras; e quando a criança se aquietava, sua agulha ia ponteando agasalhos para a pequenina ou meias de lã para o pai.

Nesses dias não havia pretextos bastante fortes que fizessem Sálvio tornar a casa. Com frequência Noeme levantava os olhos do trabalho e volvia-os cuidadosos ao pai, receando para sua saúde a canícula, o cansaço... A qualquer momento que lhos volvesse, era certo encontrar os dele a contemplá-la. Não só a contemplar: a adorá-la... Noeme, ao abrigo daquela sombra, figurava, aos olhos do pai, uma das antigas divindades agrestes, com que os lavradores

povoavam os seus ermos, a fim de não se sentirem ali tão sós. E um fruto saboroso que se lhe deparasse, ou uma bela flor ou avença, ia levá-los, singelas oferendas, propiciatórias, à divindade de seu culto.

E Sálvio dizia-lhe: “Quantas vezes, filha minha, no lugar em que te encontras, meus olhos viam um vazio doloroso, o mesmo vazio que eu notava em todo o circuito deste vasto horizonte!”

Malgrado sua felicidade atual, ele se entristecia. Todas as coisas ficaram tão impregnadas de seus sofrimentos, que nela restava ainda um obscuro resíduo de melancolia. Sofria retrospectivamente...

Certa vez, conduziu-a dali a um ponto mais alto, donde lhe apontou um sítio distante.

— Vês, Noeme, além, aquela depressão? Nela erguia-se, há anos, uma montanha de granito. Como escasseasse a pedra muitas léguas em torno, turmas de cavouqueiros, numerosos e pequenos como formigas, ali trabalhavam do nascer ao pôr do dia. A espaços, uma detonação surda atroava nas entranhas da rocha; e um eco doloroso e longo, como o lamento de um gigante, soluçava muito tempo, de encosta em encosta. Hora a hora, o gigante ferido reboava novos brados de dor... A cada detonação desprendiam-se moles de pedra e o formigueiro fervilhava, apossando-se dos destroços da explosão.

Passava-se o ano nessa faina incansável e a montanha de pedra era ainda a mesma. Novos anos volviam-se e a obra de destruição fazia-se apenas perceptível... E essa lentidão acabrunhava-me, dando-me a sensação da pequenez da vida para a realização das obras colossais... e porque encontrava não sei que analogias entre aquela montanha e minha dor infinita. Tinha como o pressentimento de que o arrasamento da pedreira era o relógio que marcava o tempo da separação, o tempo em que eu te deveria reconquistar... Oh, lentidão desesperadora a dos ponteiros desse relógio implacável... E que melancolia imensa a das horas sem-número que ecoavam gementes, de quebrada em quebrada...

Enfim, o colosso de pedra nivelou-se... O formigueiro humano retirou-se, levando em carretadas as últimas lascas do rochedo. E meu desespero, ao contrário, avolumando-se, era a mais alta montanha que

o céu via... E foi então que, num ímpeto de loucura, fiz num dia o que aqueles homens fizeram em anos... Soou a hora da felicidade... Parti e reconquistei-te, minha filha!

Noeme ouvia, rasos os olhos de pranto...

Havia, assim, em tudo, um testemunho de seu passado infeliz. Agasalhava-se uma sombra em cada árvore, em cada acidente do terreno. Mas essas sombras tristes iam-se aos poucos desprendendo das coisas, como as névoas noturnas à luz do dia nascente.

À tarde, saindo a empregada que auxiliava na casa, admitida com relutância de Noeme, que queria tudo fazer, saíam a passeio, permitindo-o o tempo, pelas cercanias da cidade. Procuravam de preferência as estradas desertas, cuja paz bucólica não quebrava o ritmo de sua harmonia interior. Ora calavam, contemplando o poente congestionado de luz, espalmando no céu faixas suavemente coloridas, espetáculo que era novo para eles, como se até então os olhos introvertidos para o sofrimento não tivessem dado acordo da realidade exterior; ora se falavam, e o silêncio da tardinha dava às suas frases a ressonância e como a profunda significação das palavras de uma prece. Assim em comunhão com a natureza, sentiam maior a comunhão das almas. Sálvio, em seus passeios, mostrava-lhe, onde as visse, as testemunhas do seu desespero e a cada confiança era maior a aproximação de ambos. Uma vez dissera-lhe: “Uma das ideias que mais me martirizavam em meu desterro era o receio de morrer sem que conhecesses a teu pai. Eu devia ocultar-me dos homens, mas desejava que soubesses que havia num lugar remoto um pensamento absorvido em ti, um coração que não tinha outra palpitação, que não fosse seu transbordante amor por ti. Não me conformava com a ideia de que, olhando o mundo em volta, te sentisses só. Por isso, a ideia de acabar incutia-me horror. Mesmo na morte há felicidade e desventura... Se morresse hoje, não me desse cuidados o deixar-te só, eu acharia na morte uma suavidade infinita... É que afinal meu coração se desoprimiu de seu grande pesadelo”.

A pompa do poente ia esmaecendo em azul e cinza. Baixava a melancolia do crepúsculo e com ela se acentuava o resíduo de tristeza

remanescente nas coisas. Mas era uma tristeza benfazeja, porque inclinava-lhes mais fortemente os corações à piedade e à ternura. Noeme ouvia lacrimosa a narração do que sofrera o pai e Sálvio comovia-se à evocação dos sofrimentos ignorados de Noeme. Se um cavaleiro os cruzava e a criança confrangia-se de medo, ou se o relento da noite punha Noeme cuidadosa pela saúde da filha, o que os fazia abreviar o passeio, Sálvio lembrava-se de que em sua infância Noeme não tivera um afeto a que pedisse proteção nem a solicitude de um coração materno, zelando carinhosamente pela sua saúde.

Outras tardes, se não podiam sair, sentavam-se ao portão que dava para o largo. Turmas de crianças ainda animavam a quietude do arrabalde. E Sálvio dizia à filha: “Quantas vezes meus olhos não contemplavam a tua figura ausente, entre as crianças das outras gerações que brincavam neste mesmo lugar e que já são hoje homens-feitos ou mães de família... Quantas vezes, ao cantarem, em roda, de mãos dadas, eu não prestava atenção senão a uma voz de criança que ali faltava... E a mim me parecia ouvir, nesse vácuo de som, a tua voz distante e triste, a chamar por mim!”

A noite, passavam-na a sós, no pequenino lar. Que suavidade a de seu querido conchego, cuja quietação era embalada pelo estalidar da lenha no fogão e pelo cricrilar dos grilos em redor da casinha! Seroavam na modesta saleta de jantar; e enquanto Noeme se entretinha com seus infindáveis trabalhos de lã, ou consertava as roupas do pai, conversavam tranquilamente, abaixando a voz, para não acordarem a pequenita, que dormitava ao lado da mãe numa caminha improvisada, a chuchurrear a chupeta. Mas a pequenita não dormitava sempre: às vezes intervinha na palestra, reclamando a atenção para sua minúscula pessoa. Para a verem satisfeita, era indispensável que lhe dessem a chupar o ovo de madeira da cesta de costuras, ou que o avô a pusesse nos joelhos e “conversasse” com ela, fazendo-a rir... Olhando-a, Sálvio dizia a Noeme: “Como se parece contigo, quando eras pequenina!”

Em certo momento Noeme aproveitava o repouso da filha, e ia tirar o que quer que fosse na gaveta da cômoda; e, ocultando as mãos nas costas, perguntava: “Adivinhe o que é, meu pai...”.

Sálvio sorria-se. Bem sabia que era a cartilha. Chegara a hora da lição... E um tanto vexada de começar a aprender tão tarde, Noeme sentava-se conchegadinha ao pai, na mesma banqueteta em que este costumava ficar. Encostava-lhe a cabeça ao ombro, e auxiliada por ele, ia decompondo as palavras em sílabas e as sílabas em letras... Num desses momentos, Sálvio dissera-lhe um dia, acariciando-lhe os cabelos: “Quantas vezes, longe de ti, quando eras pequenina, não desejei ser eu quem te ensinasse a ler! Realizou-se meu desejo... Quando estás junto de mim, estudando a cartilha, vejo-te ainda criança... Parece-me que estamos a reviver nosso passado... Nossa vida recomeça do ponto em que nos separamos. Tornamos a essa encruzilhada depois de haver errado em atalhos dolorosos e agora nada nos separará”.

Gostava de vê-la assim, através dessa ilusão, sempre criança, como a figurinha radiosa que dia e noite vivera em seu espírito, operando-se desse modo a identidade entre a Noeme do passado e a Noeme atual... Como adorava o seu riso claro e infantil, que lhe cavava covinhas nas faces, quando ele lhe fazia uma de suas habituais surpresas! Às vezes, chegando da cidade, entregava-lhe um embrulho, dizendo-lhe muito sério: “Trouxe-te esta lembrança...”. Noeme, tomando a dádiva, mirava-a, curiosa, desdava o nó do atilho, abria o invólucro... Uma caixeta. Que conteria? Erguia a tampa: “Uma boneca!”. Ela ria-se, dizendo: “Vou guardá-la, para quando a filhinha crescer...”. Assim dizia, mas às vezes o pai surpreendia-a, quando se julgava só, enlevada com a boneca, fazendo-a abrir e fechar os olhos... Havia também serões em que a agulha se cansava de pontear sapatinhos e toucas e entretinha-se a fazer vistosos vestidinhos para a boneca. “Quando a filhinha crescer já o enxoval está pronto”, explicava. Mas seria também para o prazer de seus próprios olhos e como um disfarçado modo de brincar também... Porventura lembrava-se da inveja com que vira outrora, em mãos de outras crianças, bonecas bonitas como aquela...

Sempre trazia-lhe os bolsos cheios de balas e outras guloseimas, que ela recebia com satisfação infantil, exclamando: “Oh, que bom paizinho eu tenho!”.

E um dia a satisfação culminou, a uma nova surpresa: dentro de uma caixeta, uma boneca viva, que miava e arranhava o papelão para fugir. Um gatinho, para empelotar-se-lhe ao colo, servir de brinco à filhinha e postar-se ao fogão, a contemplar, ronronando, com os olhos jalde, as labaredas serpenteantes e assustá-los um pouquinho, com as suas correrias noturnas. Era mais uma nota de “lar” que trazia à antiga tapera... Noeme logo o apelidou “Mimi”, como o gatinho da lição do dia antecedente.

O coração de Sálvio exultava com as expressões de ingênua alegria da filha. Entretanto, essa ventura ia despertar-lhe n’alma uma melancolia. É que, não estava em seu poder influir no passado de Noeme, fazê-la reviver aqueles anos perdidos, amparada a ele. Bem compreendia que cada um de nós é uma sucessão de pessoas que se revezam no tempo. Em cada época da vida somos diferentes do que éramos na época anterior. A carne muda-se, as ideias transformam-se, evoluem os sentimentos. É um incessante morrer e renascer, dando-nos, pela lentidão com que se operam, a ilusão de uma continuidade. Como herdamos os filhos as tendências e os traços paternos, transmitem-se também, essas “pessoas” sucessivas, similitudes de forma e os sentimentos e ideias fundamentais. E ele desejava fazer feliz não só aquela Noeme do presente, mas a todas as Noemes do passado... O seu anseio de infinito amor queria que estivessem ali em torno dele as Noemes todas, de todas as idades, trêfegas e ridentes, e a chamar-lhe “paizinho”, tão numerosas, que não poderia cingir a todas, como um feixe humano, no mesmo abraço... Oh, não poder o passado voltar!

A tristeza ensombrou-lhe o espírito. Era porém uma nuvem efêmera. Bastava fitar a filha e instantaneamente todas as Noemes se fundiam naquele doce ser, que lhe sorria com meiguice.

Muitas vezes, naqueles serões em que as almas se comunicavam estreitamente fundidas na mesma profunda afeição, vendo Noeme entretida a acalentar a criança, com a paciência infinita que a natureza só dá

às mães, ou a esmerar-se a alindar os vestidinhos com que embonecava a filha, Sálvio descerrava a penumbra triste do passado longínquo e evocava a esposa morta. E dizia a Noeme: “És para a menina como Leila era contigo. Parece-me que a vejo ainda, inclinada sobre teu berço, cantando cantigas de embalar, ou absorta a enfeitar teus vestidinhos”.

Mostrou-lhe um dia sua relíquia querida, a roupinha vermelha que tantas vezes vira em sonhos. E a Noeme marejaram-lhe os olhos, da alegria de sentir-se integrar em sua família, no passado e da tristeza de não ter conhecido a mãe.

Já tarde, Noeme lembrava ao pai que devia repousar. Acomodada a filhinha, ia a seu quarto preparar a cama e ver se não faltava nada. Em seguida pedia-lhe a bênção e separavam-se, desejando-se boa-noite. Mas de seu quarto, que era contíguo, ainda Noeme ficava atenta, preocupada com o pai. Quando Sálvio a supunha adormecida, ela ainda perguntava se não sentia frio, se havia agasalhado bem os pés. Sálvio submetia-se docilmente a seus cuidados maternos, vendo o prazer de Noeme em dar-lhos. Às vezes, fazendo que dormia, ouvia ainda a filha conversar baixinho com a criança que espertara; depois a casa aquietava-se e no silêncio apenas se ouvia fora o cricrilar amortecido dos grilos e o tique-taque pausado do relógio da sala de jantar.

Sálvio, habituado às longas insônias melancólicas, dormia pouco, por isso lamentava ser o dia tão breve e a noite tão longa de passar. Ter que estar só, tantas horas, ouvindo tantas vezes cantar os galos! Mas ainda encontrava prazer em escutar, do outro lado da parede, o brando ressonar da filha, ou em refletir no que poderia fazer no dia imediato, para lhe dar prazer.

Noeme levantava-se alegre como um passarinho. Certo, ao despertar, tinha a sensação de sua liberdade. Ninguém estava ali para ralhar-lhe... Tagarelava com a pequenita, fazendo-a rir, e, em seguida, deixando-lhe a chupeta na boca, abria as janelas da casa, onde entrava a carícia da viração, coada com a luz matutina entre as cortinas de pânpanos, e abelhava-se em pôr tudo em muita ordem, com exigência de zelosa dona de casa, satisfeita em ter, pela primeira vez, um lar seu.

Quando o pai aparecia, já encontrava no atalhado novo da mesa, esperando-o, sua xícara ladeada de uma fatia de pão. Ela saudava-o risonha e corria à cozinha a buscar a cafeteira.

Se o serviço desse folga, saiam após o café a dar uma volta pelo pátio das criações e pela horta, tirando os ovos nos ninhos e colhendo as verduras para o dia.

Às vezes, nesses passeios, Noeme não se continha, que não exclamasse alegremente: “Como nós somos ricos, paizinho!”.

As riquezas eram as novas arredadas de pintos, os coelhinhos ariscos que guinchavam da porta de suas tocas, reclamando a ração de couve, eram as ervilhas granadas, os repolhos que fechavam...

“Eram ricos, sim, muito ricos”, concordava Sálvio, ouvindo-lhe enlevado o tintinar do riso claro, seu opulento tesouro de felicidade.

Mas uma vez, num desses passeios habituais, um sentimento de saudade pungiu a Sálvio, que se postou pensativo diante de alguns palmos de chão conservados incultos, em um recanto da horta. “Minha filha”, disse ele, indicando o lugar, “aqui repousa o único amigo que tive em minha soledade. Era um cão. Apareceu-me um dia em casa e aqui ficou comigo, elegendo-me seu dono. Conservou-se-me fiel toda a sua curta vida. Morreu a meus pés, dando-me o seu derreadeiro e magoado olhar, que exprimia a um tempo a tristeza de deixar a vida e a tristeza de deixar o dono... Fui-lhe ingrato, tolerei-o apenas, não lhe aceitando a afeição, que para meu desconsolo era como a piedade importuna dos que não nos podem remediar o mal... Por isso, na recordação que dele guardo, há um tanto de amargor, que é saudade e que também é remorso...”.

Noeme ouvia-o comovida. A ambos, marejaram-se-lhe os olhos.

Pouco tempo volvido, tornando ao mesmo sítio, Sálvio notou uma mudança: sobre a cova do cão, piedosa lembrança de Noeme, viçava em canteiro de violetas.

Apriavam-se tanto naquele ermo povoado de afeto, que raro iam à cidade. Certo compreendiam também que a felicidade é planta melindrosa, cuja fragilidade ama o recolhimento, a sombra discreta, esquivando-se à aspereza do contato social. O próprio círculo de

suas relações, restringiram-no à amizade de algumas pessoas boas e simples. Quando, porém, sucedia saírem juntos para ir à missa ou fazer compras, Sálvio, observando disfarçadamente a filha, bem via quanto se sentia orgulhosa de ir assim a seu lado. Parecia dizer seu ar resplandecente de ventura: “Eu não sou só, tenho por mim meu paizinho, que me ama e me protege”.

Sálvio procurava adivinhar o que pudesse dar-lhe prazer, para satisfazê-la. Adivinhar, sim, porque a filha mostrava-se contente com tudo, em sua nova existência, nada mais parecendo desejar.

Em vão esperava que ela exprimisse um desejo, uma fantasia... E sua atitude reportada, sua perene docilidade entristeciam-no. Dizia consigo que a vida na opressão lhe mutilara a vontade; em pequenina veria sempre recalcados os ímpetos de voluntariedade e caprichos, com que os seres apenas entrados na existência afirmam a sua individualidade; abafando essa eclosão espontânea, habituaram-na à submissão e humildade... E lembravam ao pai esses moldes de bronze, com que os fazedores de monstros deformam as figuras humanas.

Mas não! A consciência da liberdade avivava-se em Noeme cada vez mais. Sentindo-se filha, reconhecia-se senhora... Sua doce autoridade de dona de casa começaria a impor-se... Por isso, com um misto de timidez e de meiguice, dissera um dia:

— Sabe, paizinho? acho nosso jardim tão pobre... Gostaria de que tivesse rosas, muitas rosas...

Ele a ouviu jubiloso formular o modesto desejo. Pouco depois saiu. Demorou-se fora. Voltando a casa, sobraçava um feixe de ramos de roseiras.

Plantou-as em torno da vivenda. E nesse dia e nos seguintes trouxe ainda novos feixes de varas. Confiava-as à terra com carinhoso cuidado, para que nenhuma deixasse de viçar.

Desse-lhe vagas o serviço, lá estava a plantar com suas próprias mãos outras mudas ainda. Arcadinho, a cavar incansavelmente o chão, dava ares de monomaniaco...

“Minha filha quer rosas, muitas rosas”, murmurava. E inclinado sobre a terra parecia sussurrar as palavras de misteriosa prece, dita com todo o fervor de coração.

Noeme, agradecida, batia as palmas, exclamando: “Que bom! Vamos ter tantas flores!”.

Sálvio regava-as às tardes e pelas manhãs, não deixando haste alguma esquecida. Conhecia-as a todas uma a uma, como o avaro a seus vinténs e cada qual dava desvelos de quem houvesse confiado ao solo, em vez de plantas, suas mais mimosas esperanças. E, nos tempos que se seguiram, contemplando os ponteiros hirtos a crivarem o chão em haste inumerável, impacientava-se, exprobrando-lhe a tardança em rebentar em festões de folhas e de flores.

Mas quando as roseiras viçaram e veio a primavera, foi um lindo estendal de rosas em torno à casinhola. Como que as mudas todas, infiltradas do desejo de Sálvio, porfiavam em ofertar a Noeme as mais ricas dádivas de corolas. E as ramas em que se desdobravam semelhavam outros tantos braços a oferecer-lhe, às mãos cheias, seus primorosos dons. Como que no plantá-las se transfundira nelas a alma do velho pai, e fosse aquela florescência todo seu coração que se mostrava transfeito em flores e perfume.

A casinha rústica era um batel de pâmpanos a vogar num mar de flores. E, Sálvio, à porta, tendo a seu lado a filha sorridente e feliz, dizia:

— A primavera voltou, voltou contigo, Noeme...

A aragem, arfando brandamente, envolvia-os em uma onda de fragrância.

E Sálvio dizia:

— Vê, minha filha — assim é que te quero... — O que as palavras não dizem, roguei à terra que o dissesse por mim; e a terra, ouvindo-me, descerrou o seio, desabrochando nesse mar de flores. Vê, minha filha! Assim é que te amo... com essa abundância... com essa profusão...

A filha, reclinando a cabeça ao ombro de Sálvio, contemplava extasiada. E o velho louco, exultando, repetia:

— A primavera voltou... A primavera voltou...

tentissimo e verdadeiro apóstolo do ensino
lhos, que se destinavam á Escola Normal,
contra a fadiga e puzeram-se a caminho
lesto, para alcançal-os e guiarem-se por ell

No meio do grupo mais numeroso, nota
moço melancolico, a quem todos prestavam
te attenção. Era Fortunato Marolo, um d
tes do gymnasio, encarregado pelo director
panhar á estação os paes que se iam de reto
perar os que ~~chegasse~~, por não tel-o pod
pessoalmente aquelle dia. Aos que não o
ainda o Navarro, e nem haviam experime
fructiferos methodos de ensino dos seus co
figura do regente, que os personificava tal
magnifica primeira impressão, que exigia
dispunha favoravelmente; pois, embora
sem alarde, nem muito asseio, o moço
uncção e santidade, como uma imagem que
da eterna postura de immobildade e extas
retabulo, se resolvesse a descer dalli e a
egreja, para misturar-se com os peccadores
andar havia o compasso solenne de quem
nha um andor; ~~uma~~ voz era lenta e nasal
inflexões de canto gregoriano; e com a m
cula ~~de~~ mollemente, ~~de~~ ares de quem a

Os velhos, que se avizinhavam, viram
de irmandade que lhe pendia sobre o col
Por fim, já conseguiam escutar ~~as~~ suas pal
— Graças a Nossa Senhora... Alumno
augmentando, doutor... — respondia a uma
grisalha, em cuja cara rechupada brilhav
socos.

E a nova pergunta de outro interlocut

— Só sarampo... constipaçãoezinhas...
que morreram? Eram cardiacos de nascença

O MEU MESTRE RANGEL

AUTRAN DOURADO

Entre as muitas pessoas que colaboraram para a minha formação, duas foram decisivas e a elas devo o que sou: Artur Versiani Veloso e Godofredo Rangel — o filósofo e o escritor. A Veloso, o ordenamento que procuro dar à minha mente e a minha iniciação; a Rangel, o aprendizado literário, a seriedade diante da obra, a humildade, a certeza de que ela é muito maior do que a nossa pessoa, que exprimimos para criar e não criamos para nos exprimir. Quando o escritor se sobrepõe à obra, estamos diante de um homem de letras, de um homem público, melhor seria dizer; quando se dá o contrário, estamos diante de um verdadeiro artista. Foi essa a primeira lição que recebi do escritor Godofredo Rangel.

A Veloso e a Rangel procurei deixar assinalada a minha dívida de gratidão dedicando-lhes o meu romance *Um artista aprendiz*, do qual são, com pouco disfarce e alteração, personagens. Veloso, junto com as aulas de Filosofia, me despertou o amor pelos clássicos; Rangel me ensinou que o simples amor pela literatura não basta, se ele não se apoia no aprendizado da técnica literária.

A primeira vez que vi o nome de Godofredo Rangel impresso num texto literário foi na biblioteca de meu pai, eu devia ter uns dezesseis anos. Folheando uma revista literária dei com um conto de Rangel, “Os óculos de vovô”, se não me engana a memória. Me impressionou a precisão do estilo, a simplicidade exemplar. Pequeno e conciso, bastante sentimental, é a lembrança que dele guardo. Procurei imitar o grande mestre e produzi o meu primeiro conto,

cujo nome a memória não guardou. Não posso dizer se era bom, certamente era ruim, a única coisa que nele devia prestar era a sombra de um grande escritor.

Perguntei a meu pai quem era Godofredo Rangel. É um escritor de grande valor, juiz aposentado, eu me dou com ele, você quer conhecê-lo? disse meu pai, que também era juiz, embora não fosse dado às letras. Não, é melhor eu conhecer os romances dele primeiro, disse eu.

Foi então que li *Vida ociosa* e *Falange gloriosa*. Comecei pelo primeiro. Tomado do maior entusiasmo pelo estilo conciso, pela ironia difusa, pela correção da linguagem (eu me preocupava muito então pela obediência aos cânones gramaticais, só mais tarde viria a romper com eles, violentando-os em favor da expressão), passei a *Falange gloriosa*, que me agradou menos do que *Vida ociosa*, pelo seu tom satírico às vezes beirando a impiedade. Mas os dois me tocaram muito, principalmente porque tratavam de matéria de que eu tinha alguma vivência: a vida roceira e apagada de uma pequena cidade, no primeiro, e o ambiente concentracionário de um internato no sul de Minas, no segundo.

Numa tendência que é própria do meu espírito, passei a mitificar o escritor Godofredo Rangel. Daí porque tive medo de conhecê-lo, não pedi a meu pai que me apresentasse ao grande escritor mineiro. Continuei a escrever meus contos, bastante anacrônicos, com forte influência de Rangel e dos naturalistas, quando o Brasil já se distanciava do Modernismo, cuja literatura eu desconhecía. Foi na década de 1940.

Aos dezessete anos eu tinha aprontado um livro de contos. Mostrei-o a meu pai, que resolveu dá-lo a Rangel para ler. Mas quis que eu mesmo fosse entregá-lo ao grande mestre. No dia seguinte me disse que Godofredo Rangel esperava por mim às oito horas da noite.

Às sete e quarenta e cinco eu estava na porta do escritor, numa casa modesta no bairro da Floresta, perto da igreja. Fiquei andando de um lado para o outro, as mãos úmidas, o coração pesado de

ansiedade e de medo. Ia finalmente ver um deus, era assim que antecipadamente eu vivenciava aquele encontro.

Às oito e cinco eu apertava a campainha e me fazia anunciar. Com a minúcia de ver as coisas com que procuramos vencer a angústia, nos fixar num mundo real, fiquei vendo os quadros e móveis da sala.

Quando surgiu Godofredo Rangel. Me pareceu muito velho e doente, magro, as bochechas chupadas, os olhos fundos. Veio na minha direção e me estendeu a mão fina e comprida. Era todo fragilidade. Delicadamente, a voz baixa, quase um sussurro, mandou que eu sentasse. Aqui deste lado, disse ele. Não estou ouvindo bem do ouvido esquerdo.

Não tive de falar primeiro, o que me aliviava, me dava tempo. E ele começou a falar. Se é verdade que estilo é o homem, ali estava, como um espelho, o seu contrário — o homem era o seu estilo. Apesar da voz baixa, o que ele dizia era límpido e perfeito, as palavras precisas, a emoção delicadamente domada. Como a sua forma literária, o estilo que ele alcançou.

Na primeira pausa que fez, eu disse que tinha relido há pouco o seu admirável *Vida ociosa*. Rangel esboçou um sorriso sem graça, a menção do seu romance, sobretudo o adjetivo assim à queima-roupa, parecia desagradar. Livro antigo e velho como eu, um escritor e juiz aposentado, disse ele. É literatura que não se pratica mais hoje em dia. O que está na moda é outra coisa, as novidades extravagantes que costumam ser passageiras, vindas pelo *dernier bateau*.

Não havia na fala de Rangel nenhum ressentimento, dizia aquilo secamente, como fria constatação. Ele correspondia ao retrato que eu fizera dele com o risco e as cores dos seus livros. Os olhos tristes e apagados, as delicadas e sofridas feições de quem tem um íntimo convívio com a dor, que ele disfarçara com um meio-sorriso irônico.

Dê-me o livro, disse ele finalmente. Aqui está, doutor, disse eu. Não me trate de doutor, afinal somos confrades... disse ele.

Muito desajeitadamente eu disse um “você”, ele sorriu do meu acanhamento. É um longo caminho de pedras este nosso, disse ele. Me lembro até hoje do seu sorriso, desta vez sem nenhuma ironia: era o meio-riso de um homem bom, bondade que a vida lhe obrigara a cobrir com o véu da ironia. Ficou de telefonar quando tivesse lido o meu livro.

Cheguei em casa possuído de forte emoção. Afinal conhecera um escritor, e o escritor que eu mais admirava depois de Machado de Assis, aquele que soubera transformar em obra de arte que eu achava perfeita uma experiência de vida. Não voltei a ler Rangel, tenho horror aos ídolos partidos, sobretudo quando a sua figura se entranha na nossa alma.

Naquele tempo eu usava ter diário. Nele escrevi: “Godofredo Rangel não é apenas um grande escritor, mas um grande homem. E o homem é o que importa, a literatura passa”. Eu não estava sendo sincero, para mim o que importava era a obra, o escritor sendo apenas um escriba da Ideia, como platônico gostava de dizer.

Vivi dias na maior ansiedade, Rangel custava a dar sinal de vida. Com certeza o autor de *Vida ociosa* não vira no meu livro nenhum talento excepcional, como eu, na minha ambição juvenil desmedida, me considerava.

Não foi através de meu pai que ele me mandou chamar. Pelo telefone ele mesmo falou comigo. Se desculpou da demora, ando muito apertado de costura, disse ele ironicamente. É o trabalho de traduzir, com que procuro completar o meu salário de aposentado. Eu não o conhecia, não sabia que era meticuloso, como riscava e mudava as palavras, como se a tradução fosse obra literária sua; uma tortura, foi o que ele disse. Aliás sempre fora assim, escrevia com muita dificuldade, o que não tinha a menor importância, disse; o que importa é o produto e não o suor, a obra realizada. O escritor medíocre tem o mesmo trabalho e o mesmo sofrimento do grande escritor, só que não é um grande escritor.

Desculpe-me, estou loquaz demais hoje, continuou depois de tossir. Acho que é um remédio que ando tomando, deixa-me

muito excitado. Disse que estava parecendo um velho maluco, aquilo não era conversa para telefone. Se você não tiver o que fazer, venha aqui em casa hoje à noite.

Fui recebido pela sua filha, que me levou ao escritório. Ali vivia o velho escritor no seu tugúrio. As paredes cobertas de estantes repletas de livros, a máquina de escrever numa mesa. Na máquina uma folha batida pela metade, devia ser a tradução em que vivia afogado. Um escritor como ele obrigado a se matar numa máquina de escrever, para traduzir livros com certeza sem nenhuma importância. Certamente mal pago pela qualidade da sua prosa. Quem sabe não tinha sido isso que o fizera parar de escrever romances? Naquele escritório se mortificava um romancista de verdade. Noutro dia lhe perguntei por que não publicara mais romances. Perdi o fôlego, disse ele. Ando penteando um romance há anos. Penteando? disse eu. Sim, cortando uns “quês” e possessivos desnecessários.

O velho estava mais animado, os olhos brilhantes, devia ser o tal remédio. As mãos magras e um tanto trêmulas brincavam com as folhas do meu livro, o que me dava um grande desconforto.

Vou dizer-lhe toda a verdade, como você merece, começou ele. Se eu não tivesse achado em você talento e embocadura, não diria nada de pessoal, usaria frases formais, você sairia daqui satisfeito comigo, mas eu não o teria ajudado. Pode ser franco, se quiser seja duro, cruel. Rangel sorriu, disse para eu não exagerar; não fosse masoquista, que ele não era sádico.

Li bem o seu livro, não o publique, continuou ele. Graças a Deus você não é precoce, posso fazer alguma coisa por você. Você escreve bem, escorreitamente, mas escrever bem é obrigação de todo bom escritor. Você parece ter boa formação escolar, obedece rigorosamente à gramática, o que me agrada. Foi nessa escola de respeito às normas gramaticais que fui criado, era como se usava escrever quando eu era jovem. Hoje os tempos são outros, outra a estética, o que não deixa de estar certo.

Rangel parou um pouco, tossiu ofegante. Perguntei se ele não estava se sentindo bem, eu voltaria outro dia. Ele me pediu que lhe

passasse um remédio sobre a mesa. É para a dispneia que às vezes me ataca, perrengue de velho, disse.

Assinalei apenas uma coisa, continuou. Onde foi que você aprendeu este arcaísmo “tanto que” em vez de “quando”?, nesta frase que começa “Tanto que o despertador tocou...”? Eu disse que em Fernando Lopes. Meu Deus, você foi longe demais, exatamente ao pai da prosa portuguesa! disse ele. Você lê essas coisas? Leio e gosto, disse eu. Mas isso não é leitura para a sua idade, disse ele. Eu também frequento de vez em quando os clássicos, principalmente frei Luís de Sousa, de cuja prosa precisa, límpida e seca eu me aproximo. Mas eu sou um velho, você é jovem. Devemos ler os clássicos no final da vida, no arrastado tempo da velhice. É quando a gente pode melhor compreendê-los e amá-los. Toda a minha formação foi muito ruim, disse eu. Ele me disse que eu devia aprender duas ou três línguas de densidade cultural literária como o francês e o inglês. A literatura de língua portuguesa é muito pobre, disse.

Saquei do bolso um caderno, perguntei o que me aconselhava a ler. Vejo que você é aplicado, o que é bom, disse ele. Sem aplicação e disciplina não se faz nada, principalmente romance. Dizem que os gênios não têm disciplina, mas os gênios não são modelos para ninguém. Eles criam a sua própria disciplina, que só serve para eles. Preparei aqui uma lista, vou explicar como e o que deve ler.

Em seguida perguntou se eu conhecia Machado de Assis. Respondi afirmativamente: todo ele, até as crônicas. Supõe-se que o escritor conheça bem os grandes escritores da sua língua, disse ele. Literatura é linguagem, e linguagem escrita só se aprende mergulhando na língua em que nascemos, em que escrevemos. Quando um jovem escritor está escrevendo, ele não está sozinho, como costuma pensar. Atrás dele, de sua mão apressada, estão todos os grandes escritores que escreveram antes dele e fizeram a sua língua literária. Portanto, todo respeito, todo cuidado é pouco. Seja metódico nas suas leituras, depois é que se permita leitura vadia, o puro prazer. Não perca o seu tempo com livros que, já pelas vinte primeiras páginas, você vê que não prestam. Não leia

romance policial nem mesmo para se distrair, o romance policial é uma máquina, pura racionalidade, lógica e dedução. A única emoção que há nele é o suspense e o enredo, mas o enredo e o suspense são coisas muito secundárias no romance, servem apenas para manter presa a atenção do leitor.

Rangel voltou a tossir, eu me sentia incomodado por estar perturbando a vida do velho escritor. Fiz uma seleção de autores, continuou ele. Dois ou três de cada grande literatura, que deve estudar bem. Veja por exemplo na França. Escolhi apenas dois autores que você deve estudar, Stendhal e Flaubert. Você há de me perguntar por que não Balzac? É evidente que você deve ler Balzac, se já não o leu. Mas tente seguir ordenadamente a minha lista. Procurei ser metódico, sucinto, e atender à sua finalidade, que é aprender a escrever ficção. Não se aprende com gigantes, mas com os bons artesãos, com os que conhecem bem o ofício. Não há nada mais ridículo do que um anãozinho procurando imitar os passos de um gigante.

Godofredo Rangel ainda me aconselhou a buscar depois a companhia dos escritores que, como eu, estavam começando a escrever. O aprendizado coletivo ajuda muito, disse ele. Perde-se menos tempo em procurar descobrir sozinho os livros importantes que merecem realmente ser lidos.

Muito do que escrevi acima é adaptação de um passo do meu romance *Um artista aprendiz*, em que o personagem João da Fonseca Nogueira é em parte eu e Sílvio Sousa, Godofredo Rangel.

Termino com as mesmas palavras com que acabei um dos capítulos daquele livro:

“Quando João saiu da casa de Sílvio Sousa, respirou fundo a noite fria e estrelada. Sabia que o caminho era duro e difícil, de pedras, mas se sentia confiante. Pela primeira vez desde que chegara a Belo Horizonte era um homem inteiramente feliz.”

Prefácio publicado originalmente em *Vida ociosa*

(Ed. Casa da Palavra/Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2000)

admirável dessas, sendo o mundo tão s
infimo como Tres Barras? Oh, o mais s
divel!

Ele não podia compre

por outras moças. Quando lia nos jorn
mava-se cheio de dó de um erro desse

Licínio esmoia mais

a trajetória habitual pela rua ~~de casa~~

reflexões ele ~~de~~ esmoia em qualquer pa

sonhos mentiam, « De dia em pensamento

cupareu
~~chpavam~~ poeticamente seu *espírito* pensamento

atos
pações mais prosaicas.

ele

LITERATURA CALIGRÁFICA

ANTONIO CANDIDO

Entre as ideias feitas, há uma que atribui a Minas e à Bahia certa preeminência entre os cultores do vernáculo — mineiros e baianos aparecendo não apenas como latinistas seguros, mas escritores depurados e corretos, cérberos da língua, intransigentes na colocação dos pronomes e na caça aos galicismos... O fato é que realmente há um pouco da voz de Deus na voz do povo, e no caso presente (da literatura, em geral, de Godofredo Rangel, em particular), é fora de dúvida que no último quarto de século, ou pouco mais, Minas forneceu alguns dos melhores exemplares de escritores apurados no estilo, medidos na composição, discretos na psicologia, um tanto fascinados pela miragem da correção impecável dentro de uma simplicidade voluntariamente construída. Escritores não machadianos, todavia, se estabelecermos que Machado de Assis foi por excelência homem de abismos interiores, enquanto esses de que falo — não obstante a densidade humana que atingem — são antes homens de profundidade demarcada, sem as infundas aberturas para o irracional e o drama. Léo Vaz seria em São Paulo o autor mais chegado à *maneira* deles, formando todos uma família de espíritos finos e medidos, cujo maior defeito estaria em certa propensão para rebuscar, ora a frase, ora o conceito, cujo maior encanto consiste na sábia modéstia da observação e no harmonioso equilíbrio da forma.

Em Minas, cabe citar como paradigmas Amadeu de Queiroz, Eduardo Frieiro, Ciro dos Anjos e o autor dos livros desta série, Godofredo Rangel. Um farmacêutico, dois funcionários, um

magistrado: homens de ordem e medida na vida exterior, de “inquietaude e melancolia” nas disposições do espírito.

É claro que são diferentes uns dos outros, desde o mais cortante e desencantado, Eduardo Frieiro, até o mais ameno e otimista que é o seu decano, Amadeu de Queiroz. Mas assentam naquele terreno comum de consciência do estilo e decoro da composição — terreno bastante rico para dar às frondes das suas obras elementos da mesma seiva que harmoniza e alimenta certas formas comuns.

Talvez seja o caso de dizer que a esta contensão formal corresponde outra, no plano do espírito — formando ambas as duas partes daquelas botinas de tortura a que Mefistófeles comparava, ante o Estudante boquiaberto, os preceitos estritos da lógica formal. Seriam escritores algo esmagados pela norma excessiva, peando as expansões da sensibilidade, recalçando desavisadamente riquezas interiores sob a pressão de uma regra fria, quando não despistando o leitor, partido ao seu encaço, com lantejoulas de estilo que chamam para outro campo e arrefecem a busca do que há neles de profundo, mas fugidio.

Convenhamos que há de fato um pouco disto nalguns deles. Não em Amadeu de Queiroz, por certo; mas já em Ciro dos Anjos, aparentemente risonho e todo confidências, há certos refolhos d’alma cuidadosamente ocultos pela cortina de fumaça da narrativa em zigue-zague, do estilo guindado que chama sobre si a atenção do leitor e o desvia de certas zonas mais íntimas e sombrias da alma do escritor. Verdadeira técnica de bandarilheiro, que esses homens discretos praticam em parte inconscientemente, e por meio da qual procuram esbater dramas que pressentimos, e se dissolvem na fita clara das garrochas.

Vale a pena acentuar que nessa literatura de escritores bem-dotados, mas que evitam falar de si (embora fascinados pelo que trazem em si de diferente e estranho), é frequentemente no conto, não no romance, que encontramos a marca mais clara e ostensiva desta riqueza. Parece que a explicação é a seguinte: exigindo menos confidência, menos derrame de personalidade, o conto é uma forma

objetiva, posta geralmente *fora* do escritor; forma na qual ele se coloca em frente, não dentro do assunto. Ora, justamente por isto os escritores discretos e pudicos, marcados por “esse alheamento a tudo que na vida é porosidade e comunicação”, empregam-no sub-repticiamente como instrumento de uma penetração psicológica e moral menos comprometedora que no romance, onde tudo envolve mais de perto a confiança ou a opinião pessoal. Daí encontramos em Minas a equipe porventura mais sólida do conto contemporâneo no Brasil, dando a este gênero aparentemente objetivo e impessoal aquelas capacidades de sondagem que o transformaram nas mãos de Machado de Assis, João Alphonsus, Rodrigo M. F. de Andrade, Aníbal Machado.

Voltando aos romancistas, podemos talvez dizer, à vista do sugerido, que a sua maneira literária se diria *caligráfica*. Sob muitos aspectos semelham de fato um grupo de calígrafos, profundamente sensíveis à beleza formal da página, trazendo à escrita uma aplicação minuciosa, caprichando os traços, embelezando as palavras pelo talhe elegante da letra. Os seus livros parecem revelar a cada passo, sob a monotonia tipográfica, um original amorosamente traçado a mão, segundo a velha arte que se foi perdendo com a imprensa, depois com a máquina datilográfica, e subsiste em espírito no estilo deles, animando, como a folha perdida mas estuante de um palimpsesto, o molde impessoal da letra de forma.

Nessa atmosfera de homens mentalmente ricos e apaixonados pelo mister de escrever, é que nos devemos colocar para compreender a obra de Godofredo Rangel.

* * *

Para o público e para a crítica ele é o autor de *Vida ociosa* e o tradutor consciencioso de milhares de páginas. Pode-se mesmo dizer que o seu nome se propagou nos últimos tempos graças a esta função, mas o lugar discreto e seguro no apreço da boa opinião literária veio-lhe daquele livro. A presente edição terá com certeza a impor-

tância, rara em literatura de trazer elementos para rever a fundo a sua obra e a posição, em face dela, dos críticos e do público. O aparecimento de um romance inédito mostrará que ele não pode caber doravante no nicho limitado e familiar que lhe tocou; será preciso abrir-lhe outro, porventura menos polido e regular, mas sem dúvida mais amplo e sólido.

Com efeito, para o leitor ainda lembrado das aquarelas pitorescas e lavadas de *Vida ociosa*, *Os bem-casados* revelam um romancista novo e vigoroso, em que as qualidades ali manifestadas se encontram no plano mais alto duma visão novelesca surpreendente pela densidade humana, o equilíbrio da fatura e a nítida linha diretora da concepção. Na literatura brasileira, Godofredo Rangel não será mais daqui por diante (penso eu) o autor plácido e humorístico de *Vida ociosa*, mas sobretudo o autor amargo e destemido de *Os bem-casados*.

Dos três romances desta edição, foram publicados parceladamente em 1917 *Vida ociosa*, na *Revista do Brasil*, e *Falange gloriosa*, n' *O Estado de São Paulo*, permanecendo inédito *Os bem-casados*. O primeiro saiu em volume em 1921 e houve projeto não realizado de dar igual destino aos outros.

Depreende-se das cartas de Monteiro Lobato (*A barca de Gleyre*) que a ordem cronológica foi: *Os bem-casados* antes de 1910, tendo os dois amigos cogitado, ao que parece, fazê-lo de colaboração; por voltas de 1914, *Vida ociosa*, que Lobato aprecia numa carta de fevereiro de 1915; pouco depois, *Falange gloriosa*.

No entanto, depois de lidos, fica-nos a impressão de que a ordem literária é inversa. O primeiro apresenta, com efeito, tal amadurecimento artesanal e humano, um modo tão mais adulto de encarar o mundo e as pessoas, que estranha ter sido anterior, e preterido pelo próprio Lobato, mais entusiasta, nos seus juízos, dos dois outros. É provável que a explicação se encontre no fato de a versão atual ser praticamente outra, beneficiada por longo trabalho literário que incorporou toda a experiência subsequente, de vida e de pensamento. O rascunho inicial ter-se-ia deste modo

enriquecido com uma firmeza de traços e um discernimento psicológico muito superiores aos dos outros dois livros.

Se for todavia o caso de esta ser a versão inicial, estaremos ante uma interessante regressão artística. Porque se há realmente em *Vida ociosa* mais polimento e finura, *Os bem-casados* não lhe ficam atrás quanto ao estilo, superando-o sem dúvida como romance, isto é, como estrutura literária, como criação de personagens, como atitude em face da vida. Do mesmo modo, a tendência caricatural é nele muito mais ponderada que em *Falange gloriosa*, o menos valioso dos três. Imaginemos uma outra ordem de composição, e tracemos um roteiro de leitura que mostrará melhor o verdadeiro perfil literário de Godofredo Rangel.

* * *

Falange gloriosa, praticamente inédito, não trará por certo acréscimo à sua glória, mas interessa como exemplo de vezos literários sublimados nos outros romances.

É uma sátira sobre um colégio feito para lucro e vaidade, onde se deforma o espírito das crianças sob uma fachada aparatosa de ciência e pedagogia. Como tema, liga-se a uma tradição rica, ilustrada por Dickens e, entre nós, Raul Pompeia e José Lins do Rêgo. Mas Rangel se afasta da linha destes autores, e mais ainda do *Coruja*, de Aluísio de Azevedo, deixando de lado a vida do aluno pela descrição do estabelecimento. Perspectiva mais pobre, pois a outra se presta admiravelmente a analisar o modo por que o menino e o adolescente interpretam o mundo dos adultos — que lhes parece um sistema iníquo e sufocante, imposto pela força, ignorante dos problemas específicos da idade, e contra o qual reagem, surda ou ostensivamente, pelas rebeliões da conduta e da sensibilidade. É uma elaboração própria do imaturo o seu modo de ajustar-se ao mundo, que hesitamos em qualificar de deformada, mesmo quando aparece pelas lentes fantasmiais de um Jean Vigo, cineasta cujo *Zéro de conduite* é talvez a obra de arte mais expressiva deste problema.

Rangel preferiu, contra a tradição literária, o ângulo menos rico, melhor ajustado, porém, ao seu evidente desígnio de sátira social, crítica moralizante e grossa caricatura punitiva — que nos faz pensar, numa curiosidade risonha, que modelos teria eleito entre os quatro ou cinco famosos colégios sul-mineiros, que certo tempo atraíram alunos de toda parte...

Esta veia caricatural, puxando estilo sobrecarregado, pode ser considerada como o estrato primitivo e a manifestação literária menos elaborada do nosso autor. Parece entroncar-se na sua experiência paulista, isto é, na vida de estudante, no *Minarete* e as ingênuas paródias de Daudet, evocadas pelo prefaciador de *Vida ociosa*; na admiração exaltada de todo o grupo por Camilo; na leitura dos naturalistas franceses. Por este costado aparenta-se de perto a Monteiro Lobato e Hilário Tácito, que gostavam de pintar a realidade com tinta espessa e pinceladas carregadas, parecendo traçar contornos menos de personagens que das sombras destes, grossamente deformadas por um foco de sarcasmo e pesada ironia.

Esta tendência é sensível, embora refinada, em *Os bem-casados*, atenuando-se em *Vida ociosa*; é pois um elemento vital da sua personalidade artística, que funciona bem quando subordinado a uma concepção ampla, não se mantendo por si, desajudada dos meios-tons, do senso de medida, duma visão menos esquemática da realidade — coisas que faltam em *Falange gloriosa*.

* * *

O título *Vida ociosa* exprime não apenas o conteúdo, mas a própria composição do livro. Há nesta uma certa divagação caprichosa, uma busca de pretextos para digredir, que fogem à ordem mais ou menos regular do romance esboçado no início, preferindo outra, fluida e impressionista, de descrições, cenas e perfis ligados pelo fio tênue das associações afetivas.

O capítulo inicial é dos mais belos trechos da nossa literatura descritiva — “A estrada” —, onde a caminhada matinal do narrador,

primeiro no escuro da madrugada, em seguida à luz do sol, vai descobrindo, quase suscitando pela evocação, um roteiro balizado por seres e coisas organizados na seleção poética da fantasia; cruzeiros, chocalhos de tropa, a porteira enramada, borboletas, o marco desolado dos cupins. Como o admirável princípio de *Inocência*, este tem um valor musical de prelúdio que prepara a sensibilidade para o tipo de paisagem humana descrita, por meio da interpretação prévia da paisagem natural. Mas enquanto Alfredo de Taunay constrói um largo panorama entre geográfico e psicológico — onde perpassam ainda em broto certos tons do drama subsequente —, o nosso autor apenas sugere uma atmosfera, propõe uma tonalidade plástica e emocional que predispõe o leitor para as coisas rústicas que descreverá tão bem daí a pouco.

Descreve com bonomia e apuro. Um grande apuro na língua, um trabalho cuidadoso de redação que faz fluir docemente a narrativa, a ponto de confundi-la com o desenvolvimento fácil de um colóquio, não fora o exagero de elegância vernacular. Já aqui reponta o pecado da literatura *caligráfica*: tendência para o rebuscamento, a que Rangel não escapa. E escapa tanto menos, quanto a própria frouxidão na economia do livro — não subordinada a uma linha definida de composição — propicia aquelas digressões em que o autor, dispersando-se, concentra-se em cada cena, cada episódio, cada diálogo, como se fossem peças autônomas, desligadas do contexto. Em escritor doutra índole, ou menos pulso, esta composição lassa poderia levar ao desalinho da forma e à confusão do assunto. No *calígrafo*, leva sobretudo a certa miopia novelesca, ao desconhecimento da estrutura em benefício dos pormenores, que avultam deste modo como pretexto de um lavor caprichoso e aturado. Daí, em *Vida ociosa*, o alinhamento excessivo, o rebuscamento de frase que turva a sua simplicidade campestre.

Outro pecado frequente entre os *calígrafos* é o referido pendor de abusar da caricatura. Vejam-se neste livro as descrições algo pueris de almoços arrasadores, digestões lentas e botões que cedem. Veja-se, na fazenda do Quim Capitão, a galeria de brutamontes e gestantes,

evocados com graça um tanto demasiada. Nestes passos, o *calígrafo* entrevê uma série de efeitos a tirar da caricatura e agrava a página de incisões, risonhas e risíveis, é certo, mas também vulgares: as pirâmides de arroz, as mandíbulas diligentes, frituras e pamonhas deliciosas, sestras pesadas.

Há em tudo isso candura de romancista acanhado, que procura oferecer ao gosto médio compensações para uma possível decepção. Mais autocomplacência encontra-se, porém, na tendência tanto ou quanto moralizante de certas páginas, tendência felizmente ocasional e constringendo no fundo o próprio autor — que após fazer o protagonista perorar em tiradas tão castiças quando banais, para edificação de Siá Marciana, colhe depressa o voo sentencioso na provida rede da ironia. Com menos tato, porém, do que faria um Léo Vaz, mestre perito desses negaceios em que as páginas dissertativas são corrigidas a cada linha pela própria *arrière pensée* maliciosa que atenua incessantemente o seu inchaço.

Estas falhas não invalidam a obra; apenas comprometem a sua tonalidade geral, simples e amena. Mas o fato é que a bonomia salva tudo — a graça leve que freia o sentimentalismo e o patético, recobrando-os com uma branda camada de ironia; e, de outro lado, amortecendo o sarcasmo, dissolvendo-o em simpatia piedosa.

Quando fechamos o livro não nos fica no espírito a lembrança dalgum episódio, o traço firme de um personagem, ou a sugestão de uma cena desenhada com vigor, mas um estado de alma; um sentimento brando e algo melancólico, preparado sabiamente pelo autor ao aplainar todas as quinas, ao nivelar todos os tipos, ao dissolver a narrativa num ritmo. O que sobreleva é este ritmo, este compasso de vida sugerido pela modorra das fazendas decadentes, os trabalhos lentos da pesca e da tocaia, a invariável rotina dos dias iguais, a memória amável do passado. Um livro de tonalidades, portanto, que certamente não é grande, mas penetra na sensibilidade do leitor, conquistando-a sorrateiramente sob o aspecto duma narrativa sem consequência.

* * *

Em *Os bem-casados* mais do que a intenção satírica expressa no título, há principalmente o trabalho profundo de definir e explicar uma situação humana, através dum sistema de personagens organicamente ligados e traçados com singular maestria novelesca. É preciso, como propus, ler *Falange gloriosa* primeiro, *Vida ociosa* depois, para sentir o amadurecimento deste romance — no sentido de que o autor valoriza as suas qualidades, atenua os seus defeitos, superando as posições dos outros dois livros.

O que há nele de mais visível desde logo é o contraste com *Vida ociosa* no tocante à concepção da existência. *Falange gloriosa* revela certo pessimismo e amargura, mas de tal modo envoltos nos traços pesados da caricatura que mais parecem atitudes literárias, condicionadas pelo assunto, do que propriamente sentimento verdadeiro. Aqui, porém, encontramos fundamente arraigados em cada página traços exatamente contrários aos do ameno livro que lhe deu fama. Amargura, pessimismo, sarcasmo, certos traços de sadismo, em lugar da bonomia otimista, da piedosa ternura que desabrocha lá num sorriso franco e puro.

É a história de um pusilânime, filho duma pobre viúva estoica de quem é a última esperança, e que se deixa pescar para genro dos graúdos locais, de capitulação em capitulação, até ficar totalmente à mercê da família da mulher — renegada a mãe, traída a vocação, abdicados os brios mais elementares. Tudo isto, expresso com um desencanto profundo, embora medido, um interesse pelo sofrimento, de que vislumbramos apenas os germes nos outros romances.

Com efeito, o narrador de *Vida ociosa* é um juiz romântico e desajeitado, amigo duma formiguinha que todos os dias vem à sua mesa e deste modo se torna indispensável à sua sensibilidade, até não voltar mais certo dia, deixando-o saudoso e desamparado. Os outros três personagens que importam são pobres-diabos, pequeninos e frágeis, que um repelão mais brusco do fado poderia anular. Mas o autor corrige este “gosto humilde da tristeza”, porfiando em arrimá-los, terminando o livro num conagraçamento amorável e comovido. Aí se revela, como nos contos d’*Os humilhados*, pendor

pelos fracos, os humildes, os seres à mercê da sorte — que aparece em *Falange gloriosa* na história incidental do par de velhos, a melhor coisa do livro.

N’*Os bem-casados*, não amparava mais os fracos, como Licínio, nem os bons, como sua mãe: abandona-os completamente ao destino, que os tritura, não sem haver primeiro macerado fibra por fibra a sua dignidade e os seus sentimentos. Os humildes dos outros livros tornam-se aqui “humilhados e ofendidos” de corte dostoevskianos. Foi como se ele achasse inócuo protegê-los, pois a vida se desenvolve de maneira a fazer pagar mais caro justamente o inerme, o puro de espírito, o fraco de vontade, o que não faz mal a ninguém. Fundamentalmente doloroso neste livro, constituindo uma das suas forças dramáticas, é justamente este afinco em trazer aflição ao aflito, em concentrar sofrimento no que sofre.

E os que não sofrem, os que fazem sofrer? Estes são aqui os vitoriosos; mas de vitórias pequeninas, mesquinhas, destilando a cada passo uma torpeza irremediável. E em face disto, o autor, contrariamente ao que faz nos outros romances, não toma partido ostensivo. Casado à força, escravizado pela sogra tirânica, ameaçado pelos cunhados brutais, humilhado em toda a vila, incapaz de voltar-se para a mãe que vai finando aos poucos — o protagonista acaba por se acomodar com certo prazer na vida que o destino lhe deu. Dobra a cabeça diante de tudo, nada há que não suporte, de tal forma que tudo acaba por entrar nos eixos e o livro termina como se o romancista estivesse sugerindo um trecho perfeitamente comum da existência como ela é.

Quando o fechamos, e nos lembramos dele em seguida, não nos vêm ao espírito tonalidades ou manchas impressionistas. Ficamos um conjunto entrosado de personagens, uma série de cenas bem-traçadas, todo um enredo admiravelmente bem-conduzido. É um romance.

Nele, com efeito, o esquema lírico de *Vida ociosa* e o esquema caricatural de *Falange gloriosa* cedem lugar a personagens complexos, embora descritos com a mesma técnica, entre humorística e

simplificadora. Rangel mostra aqui singular maestria em sugerir a vida moral pelas manifestações exteriores — o tique, a morfologia corporal, os pequenos detalhes que traçam na vida diária, em torno de cada um de nós, a atmosfera inconfundível que é o nosso modo de ser.

Muito mais que nos outros livros, os personagens são expressivos e bem-delineados — entre todos a sogra, a formidável sogra, espécie de sol doméstico, à cuja roda, em órbitas diferentes mas igualmente submissas, perfazem o circuito de suas vidas dirigidas os filhos, a avó, o estupendo marido, médico sem clientes, chefe de família sem iniciativa, concentrando todas as suas faculdades no esmero exemplar com que faz, a duas cores, a escrita da fazenda. A dinâmica da narrativa provém dos movimentos que vão absorvendo neste sistema planetário o protagonista, após havê-lo destacado da mãe, pobre foco de luz toda interior que se consome numa tragédia silenciosa e comovente.

Para esta forte história de sofrimento e crueldade (dissolvidos afinal numa crueldade maior: a rotina que tudo nivela, desvanece e extingue), Rangel não abandona os processos de calígrafo. Nem drama, nem patético, nem agitação vã. Tudo se resolve entre meias-tintas e meios-tons, num estilo polido e irônico, ataviando como sempre a simplicidade com os meneios antiquados de frase e vocabulário, que em certas páginas despertam em nosso espírito uma tensão quase intolerável, pelo contraste entre a dose de sofrimento exposto e o humor compassado da escrita.

* * *

São estes os três romances postos agora pela primeira vez em conjunto ao alcance do leitor. Diferem um do outro, e diversa é a experiência proporcionada em cada um; mas se adotarmos a ordem de leitura sugerida, veremos que compõem o traçado nítido e ascendente de uma evolução — iniciada com a *charge* meio primária de *Falange gloriosa*, desvendando a seguir o mundo plácido e algo

melancólico de *Vida ociosa*, para chegar finalmente ao livro denso, humano e artisticamente bem-estruturado que é o inédito, *Os bem-casados*. Nos três, subjaz como lençol subterrâneo a consciência artesanal do *calígrafo*; um tanto derramada no primeiro; contida e elegante no segundo; seca, em plena posse de todos os recursos no último. Este, redigido na verdade antes dos outros, mas sem dúvida modificado essencialmente depois, vem realizar o que se esperou, em vida, do grande talento de Godofredo Rangel, e se manifestara mais como possibilidade na obra publicada. Nele se equilibram finalmente o apuro impecável do estilo, a segurança da composição, a compreensão psicológica e a coragem moral de enfrentar com decisão os aspectos pouco amáveis da vida.

Esta retificação que certamente se fará, renovando o conceito do seu nome e o sentido da sua obra, ele não poderá mais vê-la, morto que está fisicamente desde há alguns anos. Na memória dos seus leitores viverá todavia com mais intensidade através dos seus livros, sobretudo o inédito, onde fixou na categoria da arte, com a sua maneira sutil e precisa, o sofrimento humano, que não o pode mais fazer sofrer, pela palavra escrita, que não pode mais traçar. Nos seus livros está doravante a sua vida, que foi, na terra, de homem justo e bom; nos livros, símbolos da ressurreição de quem não mais existe, como os de Bergotte.

Prefácio publicado originalmente em *Falange gloriosa*
(Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1955)



Godofredo Rangel com a primeira neta, Sandra, personagem de seus livros infantis. Fotografia, sem data. Acervo Márcio Sampaio.

CRONOLOGIA

JOSÉ GODOFREDO DE MOURA RANGEL

Nasce na cidade de Três Corações (MG), a 21 de novembro de 1884. É o quinto dos oito filhos de João Silvío de Moura Rangel e Clara Augusta Gorgulho Rangel.

Alfabetizado muito cedo, logo demonstra interesse pelos muitos livros disponíveis na biblioteca doméstica — literatura, ciências, geografia, história, religião. Procura *decifrar* textos literários em inglês e francês, leitura preferencial de seu pai, o que o leva a procurar aprender esses e outros idiomas.

Vivendo a liberdade própria de menino de cidade do interior mineiro, divide seu tempo entre brincadeiras, estudos escolares, experiências científicas. Cria um teatrinho de bonecos para encenar suas histórias. Participa de peças teatrais encenadas por grupos locais. Aos 10 anos começa a *editar* um jornalzinho manuscrito, no qual é redator, diagramador, ilustrador. Além disso, é ele também o distribuidor. O noticiário pescado nos jornais e em conversas familiares, as *charges* e comentários críticos fazem parte da pauta do periódico, no qual demonstra verve humorística e atenção para com os acontecimentos sociais e políticos, para além do âmbito local. Publica contos e poemas. Esse empreendimento

tem a duração de 11 números, que são mostrados aos familiares e amigos, em tiragem de um único exemplar.

Reside com a família nas cidades de Três Corações e Silvestre Ferraz (Carmo de Minas).

Seu pai, que fora próspero comerciante, sofre reveses financeiros e vem a falecer em 1896. Godofredo tem, então, 12 anos.

Em 1902, transfere-se para São Paulo, a fim de continuar os estudos. Mora por uns tempos com a irmã Lavinia, já casada.

Concluídos os estudos preparatórios, matricula-se na Escola de Direito. Para custear os estudos, passa a trabalhar como escrivão da subdelegacia de um posto policial no Brás. Em um de seus plantões, conhece o jornalista e poeta Ricardo Gonçalves. Estabelece-se entre os dois uma forte camaradagem. Ricardo sugere-lhe uma pauta de leitura, orientando-o na escolha da melhor literatura disponível à época.

Transferido para o posto da delegacia no Belenzinho, Rangel aluga o sótão de um chalé que vai se transformar no ponto de encontro de diversos jovens estudantes. Com Ricardo Gonçalves, chegam Monteiro Lobato, também estudante de Direito, José Antônio Nogueira, Cândido Negreiros, Hilário Tácito, Lino Moreira, Tito Lívio Brasil, Albino Camargo, Raul de Freitas, todos aspirantes a escritor. Dadas as particularidades da arquitetura do chalé, o espaço recebe o nome de “Minarete” e passa a ser local de grandes e prolongadas conversas, fantasias, aspirações, em torno da literatura e da vida. A essa *confraria* dão o nome de “Cenáculo”, e Rangel, por suas qualidades de liderança, se torna o natural coordenador do grupo.

É nesse estimulante espaço de criatividade que se estende para outros locais da cidade que se dá início a

uma reformulação estética, protomodernista, que lança um olhar mais realista para a terra, para questões sociais e políticas.

Em 1903, criam em Pindamonhangaba, interior de São Paulo, o *Minarete*, um jornal de feição política e literária no qual publicam seus contos, crônicas, poemas e artigos.

Ao mesmo tempo, outro jornal alternativo, *O Combatente*, abre suas páginas para o grupo, que irá ter uma atuação mais incisiva e com maior liberdade para a manifestação política, humorística e literária. O jornal, bastante irreverente, acaba sendo fechado pela polícia.

Concluído o curso de Direito, Lobato vai residir em Taubaté e pouco depois é nomeado promotor em Areias (SP).

Inicia-se entre Rangel e Lobato uma correspondência, que se prologará por 43 anos.

Com o tempo, o grupo do Minarete vai se dispersando. Rangel inicia carreira como professor, paralelamente aos estudos do curso de Direito, que conclui em 1906.

Trabalhador compulsivo, nessa época já havia produzido e publicado muitos de seus contos e iniciava a elaboração de romances e novelas.

Em 1904, regressa a Minas, fixando-se em Silvestre Ferraz.

Em 1906, casa-se com Bárbara Pinto de Andrade, com quem terá quatro filhos — Nello, Túlio, Caio e Duse. Nessa época sua atividade principal será a de professor de português no colégio local.

Em 1907 visita Monteiro Lobato em Areias, e esse será um dos poucos encontros que terão ao longo da vida. Serão “amigos escritos”, como definiu Lobato,

pois a amizade permanece ao longo dos mais de 40 anos de assídua correspondência.

Nomeado juiz municipal, atua, entre 1909 a 1918, em Machado e Santa Rita do Sapucaí.

Entre 1918 a 1937, exerce as funções de juiz de direito das comarcas de Três Pontas, Lavras, Estrela do Sul e Passos, continuando suas atividades como professor. Publica a obra didática *Estudo prático de português*, como apoio às suas aulas.

Mantém relações com o meio intelectual de São Paulo e publica contos e artigos na imprensa paulistana.

Inicia atividades como tradutor, tornando-se conhecido por essa atividade, trabalhando por muitos anos para a Companhia Editora Nacional, de Lobato, a Editora Globo, de Erico Verissimo, a José Olympio e a Civilização Brasileira.

Em 1917, o “Estadinho”, edição vespertina do jornal *O Estado de São Paulo*, publica em capítulos seu romance *Falange gloriosa*, que obtém ótima repercussão. Da mesma forma, o jornal publica capítulos de *Vida ociosa*, que sairá em livro em 1920, em edição da Revista do Brasil, de Monteiro Lobato & Cia. Editores.

Em 1922 a mesma editora publica o livro de contos *Andorinhas*, bela edição em formato de bolso.

Em 1924, em Três Pontas, recebe visita do escritor Milton Campos, então advogado em Boa Esperança, cidade próxima.

Em 1929 sai a novela *A filha*, em edição da Imprensa Oficial de Belo Horizonte.

Em 1937, Rangel aposenta-se como juiz de direito de terceira entrância da comarca de Lavras (MG) e passa a residir em Belo Horizonte, onde é recebido com muito apreço pela intelectualidade local.

Em 1939 é eleito para a Academia Mineira de Letras (AML), ocupando a cadeira de número 13, cujo patrono é Xavier da Veiga.

Em 1943 lança os livros infantis *Um passeio à casa de Papai Noel*, *Histórias do tempo do onça* e *A banda de música do onça* pela Companhia Editora Nacional (SP).

Nesse mesmo ano, Rangel e Lobato decidem devolver as cartas que escreveram, nas quais registram, em vivo diálogo, substancioso panorama da vida e do tempo de dois amigos intelectuais. Não os perturbam as diferenças de personalidade e os diferentes modos de conduzir a vida. Lobato, inquieto, pragmático e corajoso, mobilizado por diferentes demandas profissionais e existenciais; Rangel, aquietado em sua vida no interior mineiro, imobilizado pelas circunstâncias da profissão em meio de modesta contextura intelectual, mas compensando a irredutível vocação de escritor com trabalho incessante e pesquisa.

No ano seguinte, depois de uma revisão crítica, Lobato publica em dois volumes as suas cartas para Rangel, com o título *A barca de Gleyre*. A repercussão dessa obra suscita interesse pelas cartas de Rangel, como o contraponto necessário para a melhor compreensão do diálogo mantido pelos dois amigos. Mas Rangel recusa-se a publicar suas cartas, alegando que elas não possuíam outro mérito senão o de provocar as de Lobato.

Em 1944, sai o segundo livro de contos de Godofredo Rangel, *Os humildes*, pela Editora Universitária, de São Paulo, com prefácio de Lobato.

O período em Belo Horizonte, apesar das dificuldades financeiras e das doenças que o acometem, é muito estimulante. Continua escrevendo contos e artigos, que são publicados em diversas revistas e jornais de Minas,

do Rio e de São Paulo. Muitos dos textos passam a integrar antologias do conto brasileiro.

Continua sua atividade de tradutor, atendendo à demanda de várias editoras.

Recebe escritores que lhe solicitam opinião sobre sua produções, mantendo com eles longas conversas. Acolhe com a mesma simpatia jovens autores que buscam sua orientação, entre os quais Mário Garcia de Paiva, Autran Dourado e Guimarães Rosa, os quais viriam a dar depoimentos sobre a influência exercida pelo velho escritor sobre suas obras. Mantém correspondência com outros escritores de São Paulo, oferecendo-lhes também aconselhamento e fazendo revisão de suas obras, como foi o caso de Menotti del Picchia.

Em 1948 falece Monteiro Lobato. Rangel publica artigos em sua homenagem, lembrando a amizade de toda uma vida.

No dia 4 de agosto de 1951, três anos após a morte de Monteiro Lobato, Godofredo Rangel falece em Belo Horizonte, aos 66 anos, deixando para seu filho Nello Rangel um acervo de centenas de manuscritos, com anotações, diários, um dicionário em cinco volumes, rascunhos de romances e as cartas que escreveu para Lobato, com a recomendação de que só fossem publicadas depois de uma seleção rigorosa e destruição do que não fosse de interesse literário.

Em 1955, a Editora Melhoramentos, de São Paulo, publica edições póstumas dos romances *Os bem-casados* e *Falange gloriosa*, junto com *Vida ociosa*, obras integrantes da série Ficção Nacional.

O escritor Edgar Cavalheiro descreve com precisão os primeiros tempos de Rangel em São Paulo, e o

historiador Décio de Vasconcelos elabora a primeira biografia de escritor.

O escritor catarinense Enéas Athanázio vem se dedicando à divulgação e revisão da obra de Rangel, tendo publicado vários ensaios, entre os quais *Godofredo Rangel* (1977) e a biografia crítica *O amigo escrito* (1988).

O professor Lutiane Marques é outro pesquisador persistente, que tem feito descobertas em arquivos no país e no exterior, recuperando e restaurando documentos fundamentais para o conhecimento mais amplo do escritor e de sua obra. Em sua dissertação de mestrado estudou a correspondência entre Rangel e Lobato. Em *O visitante*, executa uma montagem surpreendente de textos de Lobato e Guimarães Rosa, como um diálogo entre os dois escritores, no qual o autor revive visitas efetivamente acontecidas.

Em 1984, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* publica edição especial, em comemoração do centenário de nascimento de Rangel e é feita uma exposição no Palácio das Artes, em Belo Horizonte.

Em 2000, a Editora Casa da Palavra e a Fundação Casa de Rui Barbosa, do Rio, publicam *Vida ociosa*, com introdução de Autran Dourado, prefácio original de Hilário Tácito, posfácio de Enéas Athanázio e estabelecimento de texto por Adriano da Gama Cury.

Nas duas últimas décadas, a obra de Godofredo Rangel tem despertado maior interesse no âmbito acadêmico, reconsiderando sua posição no quadro da literatura brasileira do século XX, por sua obra literária e por sua influência sobre outros escritores.



Godofredo Rangel com a esposa, D. Bárbara, e a família, em foto de 1946. Acervo Márcio Sampaio.



TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Desembargador Gilson Soares Lemes
Presidente

Desembargador José Flávio de Almeida
1º Vice-Presidente

Desembargador Tiago Pinto
2º Vice-Presidente
Superintendente da Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes

Desembargador Newton Teixeira Carvalho
3º Vice-Presidente

Desembargador Agostinho Gomes de Azevedo
Corregedor-Geral de Justiça

Desembargador Edison Feital Leite
Vice-Corregedor-Geral de Justiça

AMAGIS

Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos
Presidente

Juíza Rosimere das Graças do Couto
Vice-Presidente Administrativa

Juíza Roberta Rocha Fonseca
Vice-Presidente Financeira

Juiz Jair Francisco dos Santos
Vice-Presidente de Saúde

Juiz Lourenço Migliorini Fonseca Ribeiro
Vice-Presidente do Interior

Desembargador Maurício Pinto Ferreira
Vice-Presidente Sociocultural-Esportivo

Desembargadora Aposentada Heloísa Helena de Ruiz Combat
Vice-Presidente dos Aposentados e Pensionistas

Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira
Diretora-Secretária

Juiz Evandro Cangussu Melo
Diretor-Subsecretário

Juiz Jorge Paulo dos Santos
Diretor de Projetos Culturais Especiais

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Rogério Faria Tavares
Presidente

Caio Boschi
Vice-Presidente

Jacyntho Lins Brandão
Secretário-Geral

Luís Giffoni
Tesoureiro

Realização:



© Godofredo Rangel
© Antonio Candido
© Autran Dourado
© Carlos Drummond de Andrade

COORDENAÇÃO EDITORIAL Márcio Sampaio & Rogério Faria Tavares
PREPARAÇÃO E REVISÃO Leonardo Mordente
DIGITALIZAÇÃO DE TEXTOS Tiago Mozer de Moura Rangel
PRODUÇÃO EXECUTIVA Bruno Gontijo
DIREÇÃO DE ARTE E DESIGN Marconi Drummond
PROJETO GRÁFICO Gladston Costa

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

R154v Rangel, Godofredo, 1884-1951.

Vida ociosa / Godofredo Rangel – Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais: Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis) : Academia Mineira de Letras (AML); 2022.

2 v.

ISBN: 978-65-87273-06-8

Conteúdo: v.1: A filha . – v.2: Falange gloriosa. Os bem-casados.

Inclui artigos sobre o autor de Rogério Faria Tavares; Autran Dourado; Antonio Candido, Márcio Sampaio e Carlos Drummond de Andrade.

1. Ficção brasileira. 2. Rangel, Godofredo 1884-1951 - Autobiografia.
I. MINAS GERAIS. Tribunal de Justiça. II. Associação dos Magistrados Mineiros.
III. Academia Mineira de Letras. IV. Título. V. Título: A filha. VI. Título: Falange
gloriosa. VII. Título: Os bem-casados.

CDD: B869.3
CDU: 82.3(81)

Ficha catalográfica elaborada pela Coordenação de Biblioteca (COBIB)
Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS
Rua da Bahia, 1.466 – Lourdes
Belo Horizonte – MG – 30160-011
(31) 3222-5764
contato@academiamineiradeletras.org.br

Tipografia: Perpetua e Cera
Papéis: Supremo Alta Alvura 250 g/m² e Pólen Bold 70 g/m²
Tiragem: 500 exemplares
Impressão e acabamento: Gráfica Rede
Impresso em Belo Horizonte (MG), em junho de 2022.



EJEF
Escola Judicial
Escola Superior do Poder Judiciário



TJMG
Tribunal de Justiça do
Estado de Minas Gerais



AMAGIS
ASSOCIAÇÃO
DOS MAGISTRADOS
MINEIROS

